

ARCHER TAYLOR

MUSIC LIBRARY
UNIVERSITY
OF CALIFORNIA
BERKELEY



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF CALIFORNIA

THE
ARCHER TAYLOR COLLECTION
OF FOLK SONGS & BALLADS

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

II

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I — *Historia da Poesia popular portugueza* (3.^a edição)..... 2 vol.
1.^o As Origens.. De xvi-480 p., 1902. 800 réis
2.^o Cyclos épicos. De vi-570 p., 1905. 800 réis
- II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.^a edição) .. 2 »
- III — *Romanceiro geral portuguez* (2.^a edição) .. 3 »
1.^o Romances heroicos, Novellescos e de Aventuras. De viii-640 p., 1906. 1\$000 réis
2.^o Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. De 588 p., 800 réis
3.^o Romances com fórma litteraria, do seculo XVI a XVIII. Notas comparativas. (No prelo.)
- IV — *Theatro popular portuguez* : Reisadas — Lapi-nhas — Mouriscadas — Jogos figurados..... 1 »
- V — *Adagiario portuguez* 1 »
- VI — *Contos tradicionaes do Povo portuguez* (2.^a edição)..... 2 »

THEOPHILO BRAGA

ROMANCEIRO

GERAL

PORTUGUEZ

ROMANCES DE AVENTURAS, HISTORICOS,
LENDARIOS E SACROS

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA
MANUEL GOMES, EDITOR
Livreiro de Suas Majestades e Altezas
61 - RUA GARRETT (CHIADO) - 61

1907

**PRESERVATION
COPY ADDED**
MF 3/90

**MUSIC LIBRARY
UNIVERSITY
OF CALIFORNIA
• BERKELEY**

PQ 9155
B7
1906
v. 2
MUSIC
LIBRARY

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

II

ROMANCES DE AVENTURAS

§ II— *Cyclo da Esposa infiel*

1

O CONDE DE ALLEMANHA

(Versão-da. BEIRA ALTA)

Já lá vem o sol na serra,¹
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta,²
A infanta sua filha.

—Não n'as chegue eu a romper³
Mangas da minha camisa,

- 1 Já o sol dá na vidraça—*Ribatejo.*
- 2 Sabia-o Dona Silvana—*Minho.*
Sabia-o Dona Bernarda—*Beir'alta.*
- 3 Mangas da minha camisa,
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo meu pae da missa
Logo lh'o não fôr dizer—*Minho.*

Se em vindo meu pae da caça
 Eu logo lh'o não diria.
 «Cal'-te, cal'-te lá, infanta,
 Não digas tal, minha filha,
 Que o conde de Allemanha
 De oiro te vestiria.

— Não quero vestidos de oiro; ¹
 Máo fogo em quem n'os vestira!
 Padrasto com meu pae vivo,
 Nunca eu o consentiria.

Palavras não eram ditas,
 El-rei que á porta batia.

— Deus venha c'o senhor pae
 E o traga na sua guia!
 Tenho para lhe contar
 Um conto de maravilha.
 Estando eu no meu tear ²
 Sêda amarella tecia,
 Veiu o conde de Allemanha
 Tres fios d'ella me tira. . .

— «Cal'-te d'ahi, minha filha,
 Ninguem te oiça dizer tal:
 Que o conde de Allemanha
 E' menino, quer brincar.

— Arrengo dos seus brincos ³

-
- 1 Não quero vestidos de oiro,
 Pois os tenho de damasco;
 Inda tenho meu pae vivo,
 Já me querem dar padrasto—*Ribatejo, Traz-os-Montes, Beir'*
- 2 Estando eu no meu tear *alta.*
 Tecendo sêda amarella,
 Veiu o conde d'Allemanha
 Tres fios me tirou d'ella—*Porto*
- 3 Arrengo de tal conde—*Beira-baixa*

Mais do seu negro folgar!
 Que me tomou nos seus braços,
 A' cama me quiz levar.
 —«Cala-te já, minha filha,
 Ninguem te oiça mais fallar;
 Que antes que o sol se ponha
 Vae o conde a degolar.

Veis-lo conde de Allemanha,
 Veis-lo, vae a degolar;
 Ao rabo do seu cavallo
 Lá o levam a arrastar.

—Venha cá, senhora mãe,¹
 Venha ao mirante folgar,
 Veja um conde tão formoso
 Que ahi vae a degolar.
 «Mal haja, filha, o meu leite,
 Mais quem t'o deu de mamar,
 Que a um conde tam bonito
 A morte foste causar.
 —Cal'-se d'ahi, minha mãe,
 Ninguem lhe oiça dizer tal,
 Que a morte que o conde leva
 Não lh'a faça eu levar.²

¹ Aqui as variantes são innumeradas:

Venha cá, senhora mãe,
 Para á janella do meio,
 Vêr o conde de Allemanha
 Enfeitado de vermelho.
 Venha cá, senhora mãe,
 A' janella do quintal,
 Vêr o conde de Allemanha
 Como vae a degolar.

Venha cá, oh minha mãe,
 Venha á janella do canto,
 Venha vêr o senhor conde
 Como lhe parece o branco.
 Venha vêr, oh minha mãe,
 A' janella do pôço,
 Venha vêr o senhor conde
 Com uma corda ao pescôço.

² Algumas cópias, especialmente as da Beir'alta e Ribatejo:

N'uma campa raza e triste
 Já o deixam enterrado;

Conde de Allemanha

(Versão da BEIRA-BAIXA)

Já o sol nasce na serra,
 Já lá vem o claro dia,
 Inda o Conde de Allemanha
 Com a rainha dormia;
 Não o sabia o rei,
 Nem quantos na côrte havia,
 Sabia-o só a princesa
 Juliana, sua filha.

—Juliana, se o sabes,
 Não o queiras descobrir;
 Porque o Conde é muito rico,
 De ouro te hade vestir.
 Não quero seus fatos de oiro,
 Já os tenho de damasco;
 Inda meu pae não é morto,
 Já me querem dar padraсто!
 As prégas d'esta camisa
 Eu não as chege a fazer,
 Quando meu pae vier da missa
 Se eu lh'o não fôr dizer.
 As prégas d'esta camisa
 Não as chegue eu a acabar,
 Em meu pae vindo da missa
 Se lh'o eu não fôr contar.

Pozeram-lhe á cabeça
 Um letreiro bem lavrado,
 Para quem passar que diga:
 =Aqui jaz o malfadado,
 Que morreu de mal de amores,
 Que é mal desesperado.=

Estando n'estas rasões
 O pae á porta batia :

- «Oh, que rasões serão essas
 Entre uma mãe e a filha ?
 «Com bem venha, senhor pae,
 Com Deus seja a sua vinda ;
 Tenho para lhe contar
 Um conto de maravilha :
 Estando eu no meu tear,
 Tecendo cambraia fina,
 Veiu o Conde de Allemanha . . .
- «Algum fio te quebraria ?
 Não te zangues, minha filha,
 Nem me faças tu zangar,
 Porque o Conde é divertido,
 Talvez fosse por brincar.
 «Mal o hajam os seus brincos,
 Mais o seu negro brincar ;
 Que me pegou por um braço
 E á cama me quiz levar.
- «Accommoda-te pois, filha,
 Não me faças mais zangar,
 Amanhã por estas horas
 Vae o Conde a degolar.
 «Levante-se, minha mãe,
 Venha vêr a bizzarria !
 E o Conde de Allemanha
 Tambem vae na companhia,
 Com a cabeça n'um prato,
 E o sangue n'uma bacia.
- «Mal o hajas tu, oh filha,
 Fóra o leite que mamaste ;
 Sendo o Conde tão bonito
 A morte que lhe causaste.
 «Accommode-se, minha mãe,

Não me faça mais zangar,
 A morte que o Conde leva
 Não lh'a faça eu levar.
 — Bem hajas, oh minha filha,
 Mais o leite que mamaste;
 Menina de doze annos
 Da morte que me livraste.



O Conde de Allemanha

(*Variante de TRAZ-OS-MONTES*)

Já o sol dava na côrte,
 E já era o claro dia,
 Inda o Conde de Allemanha
 Com a rainha dormia;
 Não no saberia el-rei,
 Nem quantos na côrte havia,
 Sabia-o a Dona Infanta,
 Filha da mesma rainha.

— «Infantinha, se o sabes,
 Não me queiras descobrir,
 Que o Conde é mui brioso,
 De ouro te hade vestir.
 «Não quero vestidos de ouro,
 Que os tenho de damasco,
 Meu pae ainda é bem novo,
 Já me querem dar padraço.
 As mangas d'esta camisa
 Não as chege eu a romper,
 Se quando vier meu pae
 Eu lh'o não fôra dizer.
 Venha, venha, senhor pae,
 Santa seja a sua vinda,

- Um conto quero contar,
Um conto á maravilha.
- Conta, conta, minha filha,
Que eu gosto de te ouvir!
«Estando eu na miuha cella,
Dobando sêda amarella,
Veiu o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.
- Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que o Conde é rapaz novo,
É menino, quer brincar.
«Mal hajam os seus brinquedos,
Mal haja do seu brincar,
Que pegou em mim nos braços,
A' cama me foi lançar.
- Dize pois, oh minha filha,
Que castigo lhe heide dar?
«Quero escadas dos seus ossos
Para o jardim passear.
- Cala-te lá, oh filha,
Vamos para a mesa jantar,
Que ámanhã por estas horas
Vae o Conde a degolar.
- «Arrenego-te, Marianna,
Mais o leite que mamaste,
Oh que Conde tão bonito
E a morte que lhe causaste!
«Minha mãe, minha mãesinha,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor Conde
Todo vestido de branco.
Venha vêr, oh minha mãe,
A' janellinha do pôço,
Venha vêr o senhor Conde
Com uma corda ao pescôço.

- Venha, venha, minha mãe,
 Venha p'ra sala do meio,
 Vêr o Conde de Allemanha
 Feito n'um cravo vermelho.
- «Mal o hajas tu, oh filha,
 Fóra o leite que mamaste,
 Sendo o Conde tão bonito
 A morte que lhe causaste.
 «Cale-se ahi, minha mãe,
 Ninguem a ouça fallar,
 Que a morte que leva o Conde
 Não a vá você levar.

— ● —

O Conde de Allemanha

(Versão de Celorico de Basto)

- Com o Conde de Allemanha
 Amores tem a rainha ;
 Ao pae quer contar
 A filha que o sabia.
- Escuita, minha filha,
 A teu pae não o digas,
 Que o Conde de Allemanha
 De seda te hade vestir.
 «Não quero da seda d'elle,
 Que os tenho de damasco ;
 Ainda tenho meu pae vivo,
 E já me querem dar padraсто !
-
- «Ora venha, meu pae, venha,
 Pelo corredor acima ;
 Que lhe tenho para contar
 Uma nova maravilha.

- Estando eu a coser
Na minha seda amarella,
Veiu o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.
- «Ora, deixa, minha filha,
Anda-me pôr o jantar,
Que elle é rapazinho novo,
Fal-o-ia por brincar.
«Mal haja os brincos d'elle,
Mais d'elle o seu brincar,
Que me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.
- «Ora, deixa, minha filha,
Anda-me pôr o jantar,
Que ámanhã ás tantas horas
Vel-o-has ir a degolar.
- «Saia fóra, minha mãe,
A' janella do quintal,
Vêl-o Conde de Allemanha,
Que lá vae a degolar.
- Amaldiçoada filha,
Fóra o leite que mamaste,
Pois um Conde tão bonito
Tu a morte lhe causaste.
«Escuite, escuite, minha mãe,
Que a não ouçam na rua,
Pois a morte que elle leva
Não vá causar a sua.

O Conde de Allemanha

(*Versão de Elvas* — ALEMTEJO)

Já bate o sol na vidraça,
 Já lá vem o claro dia,
 Já o conde de Allemanha
 Com a rainha dormia.
 Nem criados, nem criadas,
 Ninguem na côrte o sabia;
 Sabe-o Dona Bernarda,
 Filha da mesma rainha,

— Tu que o sabes, oh Bernarda,
 Não me queiras descobrir,
 Que o principe é muito rico,
 De ouro te hade vestir.

« Não quero um vestido de ouro,
 Que eu tenho os meus de damasco;
 Inda tenho meu pae vivo,
 Já me querem dar padrasto!
 As manguinhas da camisa
 Não as chegar a romper,
 Se em meu pae vindo da missa
 Eu não lh'o fôr a dizer.

Palavras não eram ditas,
 O rei á porta a bater.

« Deus vos salve, senhor pae,
 Bôa seja a vossa vinda,
 Que succedeu aqui um caso,
 Um caso que maravilha.

— « Que tendes, Dona Bernarda,
 Que estaes agoniada?

« Que heide ter, oh meu pae,
 Tudo vos será contado:

- Estando no meu tear,
 Fiando ouro e tela,
 Veiu o conde de Allemanha
 Dois fios me quebrara d'ella.
- «Cala-te, Dona Bernarda,
 Ninguem te oiça tal fallar,
 Que o Conde é muito môço,
 Fal-o-hia por brincar.
 «Mal o haja a sua brinca,
 Mais tambem o seu brincar,
 Que me pegou pela mão,
 E á cama me quiz levar.
- «Cala-te, Dona Bernarda,
 Ninguem te oiça tal dizer ;
 Que antes do sol se pôr
 O Conde hade pađerer.
- Oh, que entërro é aquelle
 Que vae além a enterrar?
 «E' o Conde de Allemanha,
 Que meu pae mandou matar.
- «Mal o hajas tu, Bernarda,
 Mais o leite que mamaste ;
 Sendo o principe tão bonito,
 A morte que lhe causaste.
- «Cale-se, senhora mãe,
 Não me faça aleivosia,
 Que a morte que o principe leva
 Vossa alteza é que a merecia.
 Cale-se, senhora mãe,
 Não me faça arrenegar,
 Morte que o principe leva
 Inda vós a hav'reis de levar. ¹

¹ A versão da Régoa, apenas com variantes de palavras, tem este final:

- Que é isto, oh minha filha ?
 Em que estás tu a fallar ?

A Rainha descoberta

(*Versão de Elvas, do Conde da Allemanha*)

Já lá vem o claro sol,
 O claro luzeiro do dia,
 E o Conde de Allemanha,
 Com a rainha dormia.
 Não o sabia El-rei,
 Nem quantos na côrte havia;
 Sabia o só Juliana,
 Filha da mesma rainha.

—O que te peço. Juliana,
 Não me queiras descobrir;
 Que o Conde de Allemanha,
 De ouro e prata ha-de-te vestir.
 «Eu dou o seu ouro ao demo,
 Também dou os seus damascos,
 Pois se tenho o meu pae vivo,
 Para que quero eu padraço?
 As manguinhas da camisa
 Não as chege eu a romper,
 Quando meu pae vier da missa
 Eu lh'o heide ir dizer.

Palavras não eram ditas,
 O pae que á porta chegava :

—«O que é isto, oh Juliana,
 Que estás tão apaixonada?
 «Estando eu no meu tear,
 Tecendo ouro e tela,
 Veiu o Conde de Allemanha
 Tres fios me quebrov d'ella.

«Com a fivella do sapato,
 Que me não quer assentar.

- «Deixa-te d'isso, Juliana,
Que isso seria a brincar;
Tu es nova, elle é novo,
Isso seria zombar.
«Eu não gosto de tal brinco
Nem de uma tal zombaria,
Porque o Conde me levou
A' cama onde eu dormia.
- «Cavalleiro que tal faz
Merece ir a enforçar.
«P'ra maior vingança minha,
Mande-o, meu pae, degolar.
- Oh, que sinos são aquelles
Que eu oiço a dobrar?
«E' o Conde d'Allemanha,
Que já lá vae a enterrar.
- Mal o haja a Juliana,
Mais o leite que a alimentou;
A morte de um tão bom Conde
Juliana é que a causou.
«Cale-se, oh minha mãe,
Cale-se com cortezia,
Que a morte que o Conde leva,
Vossa mercè é que a merecia.
- Mal o haja minha filha,
Mais o leite que mamou,
Que a separação de mim e o Conde
Juliana é que a causou.
«Cale-se, oh minha mãe,
Cale-se por seu bel estar;
Que a morte que o Conde leva
Não lh'a faça eu levar.
- «Oh que rasões são essas
Entre a mãe e entre a filha?
«Quebrou-se-me um fio de ouro,
Endireital-o não podia.

Conde de Allemanha

(*Versão de Loule* — ALGARVE)

Já lá vem a luz da aurora,
 Já lá vem o claro dia,
 Inda o Conde de Allemanha
 Com a rainha dormia,
 Sabia-o a Dona Infanta,
 Filha da mesma rainha.

— Cala-te, oh minha filha;
 Não vos queiraes descobrir,
 Que o Conde é muito rico,
 De ouro te hade vestir.
 «Não quero vestidos de ouro,
 Nem de seda ou de damasco,
 Que eu tenho ainda pae vivo,
 Não me queiram dar padrasto.
 As mangas d'esta camisa
 Não as chegue eu a romper,
 Se meu pae quando chegar
 Tudo lhe não fôr dizer.

Estando n'estas rasões,
 Seu pae á porta chegava : ¹

1

(*Versão de Lagos*)

.....
 N'estas rasões em que estavam
 O seu pae que alli chegava :

— «O que é isto, senhora ?
 — E' uma mãe e uma filha...
 «E' o conde, oh meu pae,
 Que commigo quer zombar.
 — «Deixa-te lá, minha filha,
 Que o conde é zombador,
 Comtigo gosta de zombar.

—«O que é isso, oh minha filha,
Por que estás tão enfadada?

«Estava no meu tear,
Tecendo sêda amarella,
Vem o Conde de Allemanha
E tres fios me tirou d'ella.

—«Deixa lá, oh minha filha,
Que elle é novo e quer brincar.

«Mal haja esse seu rir,
E tambem o seu brincar;
Elle me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.

—«Cala-te lá, oh minha filha,
Vamos ao nosso jantar;
Quando derem duas horas
Eu o mandarei matar.

«Venha cá, oh minha mãe,
Venha á janella terceira,
Vêr o Conde de Allemanha
Que lá vae na dianteira.
Venha cá, oh minha mãe,
Venha á janella do canto,
Vêr o Conde de Allemanha
Todo vestido de branco.
Venha cá, oh minha mãe,
A' janellinha do pôço,
Vêr o Conde de Allemanha

«Não gosto do seu zombar,
Nem tão pouco da zombaria!
Se eu fosse pelo seu zombar,
Não era Dona Maria.

—«Filha, se isso é assim,
Dá cá um côpo de agua,
Que antes do sol raiar
Vae o Conde a degolar

.....

Com uma corda ao pescôço.
 Venha cá, oh minha mãe,
 A' janellinha do meio,
 Vêr o Conde de Allemanha,
 Parece um cravo vermelho.
 Venha, venha, minha mãe,
 A' janella do quintal,
 Vêr o Conde de Allemanha
 Que já se vae a enforçar.
 — Mui maldita sejas, filha,
 Mais o leite que mamaste!
 A um Conde tão bonito
 A morte que lhe causaste.
 « Cale-se, oh minha mãe,
 Não me faça arrenegar!
 Que a morte que o Conde leva
 Não lha faça eu levar.
 — Mui bemdita sejas, filha,
 Mais o leite que mamaste,
 És menina de quinze annos,
 E da morte a mãe livraste.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Conde Dom Germano

(Versão da Camacha)

Bate lo sol na janella,
 Impina já p'ra meio dia,
 Inda Conde Dom Germano
 Mail'a rainha dormia!
 Na côrte ninguem no sonha,
 Na côrte ninguem sabia,

Senão sua filha mesma,
Que de ciúmes ardia.

- «Oh filha d'estas entranhas,
E a quem eu tanto queria,
Se de vós eu tal soubesse
A ninguem lo descobria :
Que lo conde Dom Germano
Pezo d'oiro te daria ;
Da cabeça até los pés
Damasco te vestiria.
—Pezo d'oiro tenho eu,
E visto fino damasco ;
Inda tenho meu pae vivo,
E já vós me daes padrasto ?
Mangas da minha camisa,
Eu rompel-as não chegasse,
Se, em vindo meu pae da guerra,
Lo treidor não castigasse.

Palavras não eram ditas,
El-rei á côrte volvia,
E, entrado em palacio,
La infanta se carpia.
E el-rei lhe perguntava :

- «Que tens tu, oh minha filha ?
—Ouvi, pae, se qu'reis saber
Um caso á maravilha :
Estava eu ao meu tear
E fina tela tecia,
Veiu lo conde Dom Germano
Tres lanços d'ella desfia !
—«Cal'-te, cal'-te, minha filha,
Não tenhas d'isso pesar ;
Que lo conde Dom Germano

- É mocinho, quer brincar.
 —Leve o deabo taes brincos
 Mail lo seu rudo brincar,
 Se elle me pegou do corpo,
 E saltou a me beijar.
 —«Alto lá, senhor condinho,
 N'isso, então, devagar;
 Paço real é sagrado,
 Vou-te mandar degolar.
 —Eu vos peço, senhor pae,
 Que venha elle a matar
 No terreiro d'este paço,
 Onde elle me quiz affrontar.

Inda lo sol na janella,
 Passante já do meio-dia,
 E lo conde Dom Germano
 Vae a morrer, não dormia.
 La rasão ninguem na sonha,
 Ninguem na côrte sabia,
 Senão la infanta mesma,
 Que de ciumes ardia.

- «Arrenego de vós, filha,
 Que do meu leite mamastes!
 Estando vós sempre ao tear,
 Por que livro estudastes?
 —Arrenego de vós, mãe,
 Que nem lagrima chorastes!
 Livro por onde estudei.
 Fostes vós que lo ditastes.
 E calae-vos, mãe senhora,
 Que de bom quinhão ficastes;
 Tende vós a mesma culpa,
 Lo mesmo fim não levastes.

Conde de Germanha*(Versão de Campanario)*

Já lo sol dá na janella,
Impina já a meio dia,
Inda Conde de Germanha
Com a rainha dormia ;
La Infanta bem lo sabe,
E ninguem mail lo sabia.

—Minha filha, que eu beijava,
Que eu no colo dormecia,
Guardae-me filha, segredo,
Que ninguem descobriria ;
Esse Conde é tão rico,
Que de ouro te vestiria.
« Não quero vestidos de ouro,
Tenho-los de bom damasco,
Ainda meu pae está vivo,
E não quero ter padraсто.
Las mangas d'esta camisa
Eu não las chegue a rômper,
Se, vindo meu pae da caça,
Eu não lhe fôra dizer.

Da caça lá vem el-rei ;
Sua benção deu á filha.

« Ouvide vós, pae, ouvide,
Um caso á maravilha :
Estava no meu tear
Lavrando na fina tela,
Passou conde de Germanha
E tres fios quebrou d'ella.
— « Calae-vos, filha, calae-vos,

Deixae vós isso passar,
 Não vol-o fez elle a mal
 Se não sómente a brincar.
 «Tambem assim lo cuidava,
 E lo mandei arredar;
 Mas agarrou-me das mãos
 E ao chão me quiz levar.
 — «Isso agora, filha minha,
 Não se póde perdoar;
 Defronte do meu palacio
 Vá lo conde a degolar.

Vem el-rei mail la rainha,
 La infanta em seu logar,
 Com toda la fidalguia
 Lo Conde ver acabar.

«Vinde cá, senhora mãe,
 Olhae aqui d'este lado,
 Se qu'reis vêr lo senhor conde
 Como vae tão descórado!
 Vinde cá, senhora mãe,
 Olhae aqui d'outro lado,
 Se qu'reis vêr lo senhor conde
 Como ficou de encarnado!
 — De viva peçonha fôra
 Meu leite que vós mamastes!
 Vós, sem aprender a lér,
 Que cartilha estudastes!
 — «Fallae, mãe, devagarinho,
 Não oiçam vosso fallar;
 Que da morte qu'elle teve
 Não vades tambem penar.

O Conde d'Aramanha

(*Variante de Caniço*)

Já dos altos dos telhados
 Lo sol p'ra baixo descia,
 Inda conde d'Aramanha
 Mail la rainha dormia!
 Não lo sonhava el-rei,
 Nem quantos na côrte havia,
 Só la princeza real
 Este segredo sabia,
 Que da janella da alcôva
 Velou la noite á vigia.

«Mangas da minha camisa
 Não nas chegue eu a romper,
 Se, vindo meu pae da missa,
 Lhe não fôr tudo dizer.
 — Calae-vos 'hi, rica filha,
 Nada lhe vades dizer;
 Que lo conde vos dará
 Telas d'oiro p'ra romper.

«Não quero tamanhas galas,
 Tenho linho e damasco;
 El-rei meu pae não morreu,
 Não me venhaes dar padraço.
 Mangas da minha camisa
 Não nas chegue eu a romper,
 Se, vindo meu pae da missa,
 Lhe não vou tudo dizer.

«Subi, pae, vinde cá'riba,
 Muito vos tenho a contar;
 Conde d'Aramanha veiu

- Vossa casa devassar :
 Estava eu a tecer tela
 Nos pentes do meu tear,
 Lo atrevido do conde
 Tres fios me foi quebrar !
- «Filha, não faças monta ;
 Coisa é de perdoar :
 Fôra talvez o acaso
 Ou foi talvez por brincar.
 «Não lhe perdôo tal caso,
 Tão pouco lo seu brincar ;
 Que elle agarrado a mim,
 Debaixo me quiz levar.
- «Isso leva outra volta,
 Que bem quero castigar.
 Correi correi, meus fidalgos,
 Minhas justiças chamar.
- «Vinde cá, velhos letrados,
 Sentença no caso dar ;
 Que lo conde d'Aramanha
 Bem lo quero castigar.
- «Pena tamanha da culpa
 La culpa tem de pagar.
 Mandae-lhes vasal los olhos
 Que tão alto vão olhar :
 Mandae-lhe quebral las pernas
 Com que se foi ao logar ;
 Mandae-lhe quebral los braços
 Com que la quiz agarrar ;
 Mandae-lhe, por derradeiro,
 La cabeça degolar ;
 Todo lo corpo, n'um feixe,
 Em cinzas se vá tornar.
- «Meirinhos, predam lo conde,

Frades lo vão confessar ;
 Mas basta, p'ra sua pena,
 Que só vá a degolar.

Entrementes la princeza
 E la rainha fallavam :

- «Senhora mãe, vinde vêr,
 Vinde cá fóra ao balcão,
 Lá vae conde d'Aramanha
 Nos braços d'um capellão.
- Pol a vida que te dei,
 Pol o leite que mamaste,
 Não zombes, filha treidora,
 Da morte que lhe causaste.
- «Senhora mãe, vinde vêr,
 Depressa, devagar não :
 Lá está conde d'Aramanha,
 Já no poder do sayão.
- Pola vida que te dei
 Polo leite que mamaste,
 Não zombes, filha treidora,
 Da morte que lhe causaste.
- «Senhora mãe, vinde vêr,
 Vinde cá a este lado ;
 Lá está conde d'Aramanha
 A rezar agiollhado.
- Pol a vida que te dei,
 Pol o leite que mamaste,
 Não zombes, filha treidora,
 Da morte que lhe causaste,
- «Consolae-vos, minha mãe,
 Que tudo esta acabado :
 Foram dois na mesma culpa,
 E só um lo degolado

Conde de Allemanha

(Variante do San Gonçalo)

Vinha lo sol dos oiteiros,
 Já era claro lo dia,
 E lo conde d'Allemanha
 E la rainha dormia.
 La princeza que isto soube,
 De sua mãe e rainha,
 Foi ter com ella dizer-lhe
 Que tal feito não convinha.

- Filha minha, já que sabes,
 Não descubras meu segredo ;
 Que só d'el-rei lo sonhar
 Toda eu tremo de medo.
- « La camisa do meu corpo
 Não na chegue eu a romper,
 Se, vindo meu pae da guerra,
 Logo lh'o não fôr dizer.
- Filha de minhas cntranhas,
 Não me sejas desleal ;
 Aqui me tens de gíolhos,
 Não lhe vás tu dizer tal,
 E te darei minhas joias,
 Que são do rico metal ;
 E vestido de brocado,
 Que não ha outro igual ;
 E te prometto marido
 Nado de sangue real ;
 E mais te darei em dote
 Todo lo meu cabedal.
- « Erguei-vos d'ahi, mãe minha,
 Não sou eu la desleal :

Não quero las vossas joias,
Meus oiros têm bom metal :
Não que vossos brocados,
Los terei d'oiro equal :
Meu pae me dará marido,
Nado de sangue real ;
Tambem dote me dará
De mais grosso cabedal.
La camisa do meu corpo
Não na chegue eu a romper,
Se, vindo meu pae da guerra,
Logo lh'o não fôr dizer.

Palavras não eram ditas,
Las trombetas a tocar ;
E nas torres da egreja
Los sinos a repicar,
E las portas do castello
Abertas de par em par !
É el-rei com sua tropa
Pelo portal a entrar ;
E, chegando a palacio,
El-rei logo a desmontar ;
Todos contentes em roda,
Só sua filha a chorar.

— «Porque carpís, filha minha,
Em tão pruvico logar ?
«Senhor pae, são tristes novas
Que só a vós vou contar ;
Tomae ânimo de ouvil-as ;
Mal lo tenho de las dar,
Que lo conde d'Allemanha
Vos venho denunciar :
Emquanto, vós pae, na guerra,
Andastes a batalhar,

Elle cá mail la rainha
 Na alcôva se iam deitar !
 — « Não los haver eu colhido
 Em seu peccado mortal !
 Que logo lo pagariam
 Na ponta do meu punhal.
 Mas d'essa tamanha culpa
 Que me daes vós por sinal ?
 « Que só elles aqui faltam
 A vos saudar no portal.

E el-rei ficou calado,
 Só comsigo a pensar,
 Quantos lo viam tremem
 Do que elle iria mandar.

— « Venham los meus saiões,
 Venham los dois matar ;
 Ao rabo do meu cavallo
 Irá lo conde a arrastar :
 E tambem a ti, má filha,
 Não te quero perdoar ;
 Em pruvico lo dixeste,
 Minha affronta vaes penar.

Presos foram todos tres,
 Todos tres a degolar ;
 Lo conde, por ser vassallo,
 Foi levado a arrastar.
 El-rei nunca mais se riu,
 Em frade foi acabar.

✻

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Conde de Allemanha

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Já o sol dá na vidraça,
 Ai Jesus! tão claro dia!
 Ainda o Conde de Allemanha
 Com a rainha dormia!
 Não o sabia el-rei,
 Nem quantos na eôrte havia;
 Sabia-o Dona Bernarda,
 Filha da mesma rainha.

— Senhora Dona Bernarda,
 Bem nos podeis encobrir;
 Que este Conde é muito rico,
 De ouro vos hade vestir.
 «Não quero vestido de ouro,
 Que eu o tenho de damasco;
 Ainda tenho meu pae vivo,
 Já me querem dar padraсто!
 Mangas da minha camisa
 Não as chegue eu a romper,
 Se meu pae vier p'ra casa,
 Se lh'o eu não fôr dizer.

Estando com este verso,
 O pae á porta a bater:

— «Que tendes, Dona Bernarda,
 Que tendes, oh. filha minha?»

- Conta-me das tuas magoas,
 Que eu contarei maravilhas.
 «Estando no meu tear,
 Bordando ouro e tela,
 Veiu o Conde de Allemanha
 Dois fios me furtou d'ella.
- «Calae-vos, Dona Bernarda,
 Andae p'ra meza jantar,
 Que o Conde é pequenino,
 E' menino. quer brincar.
 «Leve o diabo seus brincos,
 Mais o seu lindo brincar ;
 Que me pegou pela mão
 A' cama me quiz levar.
- «Calae-vos, Dona Bernarda,
 Vinde p'ra meza jantar,
 Que o pagem de Allemanha
 A'manhã vae a matar.

«Meu pac, se o mandar matar
 Não o enterrem em sagrado ;
 Enterre-o em campo verde
 Onde se apastou o gado,
 Com um letreiro na testa,
 Um letreiro bem lavrado.
 Que o letreiro vá dizendo :
 =Já morreu o namorado.=
 Senhora Dona Maria,
 Andae, chegae á janella ;
 Vêde o Conde de Allemanha
 A companhia que leva !
 Oh minha mãe, vinde vôr
 O Conde da bizzarria ;
 Elle acolá vae morto,
 Levã toda a fidalguia.
 Chegue-se, senhora mãe,

Chegue á janella do mar,
 Vêr o Conde de Allemanha
 Como vae a desbancar.
 Chege-se, senhora mãe,
 Chegue a vidraça do meio.
 Vêr o Conde de Allemanha
 Como lhe fica o vermelho.
 —Eira-má te leve, filha,
 Mais o leite que mamaste!
 Era um Conde tão perfeito,
 A morte que lhê causaste!
 Oh que corpo tão pequeno,
 Maldito te seja, filha;
 Oh cadella, que mataste
 Minha leal companhia!
 Calae-vos, senhora mãe,
 Calae-vos, por cortezia;
 Se o senhor pae tal soubera,
 Outro tanto lhe faria.

2

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

DONA ALDA

(Versão da Calheta)

Dom Aldonso foi á guerra,
 Lá p'ra bandas de Leão;
 Em sua casa Dona Alda
 Está sentada no balcão:
 E passou pol o caminho
 Lindo conde, Dom Roldão.

—Senhora, daes-me pousada,
 Por esta noite, mais não?
 «Vinde, vinde, lindo conde,
 Por uma só noite, não...
 Meu marido foi p'r'a guerra,
 Onde tantos morrerão;
 Que lá lhe dê pelas pernas
 Mão pelouro de falcão;
 Má lança lo atravesse
 No lado do coração.

N'isto, chega Dom Aldonso
 Em seu cavallo, ao portão:

- «Alda linda, Alda linda,
 Alda linda, rica flor,
 Má réstia de sol te deu,
 Que demudaste la côr;
 Ou isso é mal de morte,
 Ou máo peccado de amor.
 «Não me sinto mal de morte,
 Nem máo peccado de amor,
 Fui eu que perdi la chave
 Do meu forte contador.
 —«Não fôra ella de prata,
 De prata eu la daria;
 Se de prata ella fosse,
 De bom oiro se faria...
 Que cavallo é aquelle
 A rinchar na estrebaria?
 «E' vosso, senhor Aldonso;...
 Meu pae vol lo mandaria
 —«E que armas são aquellas?
 Quem las aqui despiria?
 —«São vossas, senhor Aldonso;...
 Que meu irmão las traria.

—«E que bargante é aquelle,
 Na alcôva em que eu dormia?
 «Ai, não no mateis vós lo conde,
 Não mateis lo conde, não!
 Matae-me vós só a mim,
 Que vos armei la treição.

—«Alda linda, vae-te embora.
 Onde eu te não veja mais: ,
 Que fica na minha alcôva)
 Quem me pagará lo mais.

—●—

Dom Aldonso

(Versão de San Roque)

«Meu marido foi á caça,
 Pelos montes de Leão;
 Que má dôr lhe dê nos pèrros,
 Má dôr lhe dê no falcão.
 Dormide commigo, conde,
 Que os montes longes são.

Mal lo conde entra na alcôva.
 Dom Aldonso no portão.

—Alda linda, Alda linda,
 Lo que tendes, linda flôr,
 Que, de inda agora p'ra cá,
 Vós demudastes de côr?
 Isso é sina de morte,
 Ou tendes outro amor.
 «Sina de morte não é,
 Nem tenho outro senhor . . .

Foi que eu perdi la chave
 Da porta do toucador.
 — Se fosse chave de prata,
 Ou de oiro e de lavor,
 De prata ou de oiro la dera,
 No dôbro do seu valor.

Palavras não eram dictas,
 Cavallo que relinchou :

— Que ginete será aquelle,
 Se nenhum aqui ficou ?
 « Vosso é, senhor Aldonso,
 Que . . . meu pae vol lo mandou,
 — E que armas serão estas,
 Se nenhuma aqui ficou ?
 « Vossas são, senhor Aldonso ; . . .
 Meu irmão las enviou.
 — E quem aquelle galante,
 Que esta alcôva devassou ?

Palavras não eram ditas,
 Corre de punhal na mão . . .

Não mateis lo Conde lindo,
 Não mateis lo Conde, não ;
 Não mateis se não a mim
 Que sou quem vos fez treição
 — Pois então morrei, traidora,
 Que do crime vos gabaes :
 Cá no toucador me fica
 Quem me pagará lo mais.

●

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

—

Dom Alberto

(Variante da Ilha de S. Jorge — Rosales)

«Dom Alberto foi a caça
Lá á terra de Leões,
Lá lhe apodreçam os ossos,
Mais tambem os seus falcões.

Estando n'estas rasões
Dom Alberto a chegar.

- Que tendes, Dona Maria,
Que estaes tão descorada?
Alguma traição se armou,
Ou está p'ra ser armada!
- «Não é nada, senhor Alberto,
Traição nenhuma é armada;
Fui eu que perdi as chaves,
As chaves do cadeiado.
- Calae-vos, minha senhora,
Calae-vos Dona Maria,
Que se ellas são de prata
Eu de ouro vol-as daria.
Que cavallo á aquelle
Que em minha loja rinchou?
- «E' o nosso, senhor Alberto,
Meu irmão vol-o mandou.
- Pois que selim é aquelle
Que no meu cabido está?
- «E' vosso, senhor Alberto,
Meu irmão o mandou cá.

- Que espingarda é aquella
Que no meu quarto está?
«E' vossa, senhor Alberto.
Meu irmão a mandou já.
- Que esporas são aquellas
Que na minha meza estão?
«São vossas, senhor Alberto,
Mandou-vol-as meu irmão.
- Que cavalleiro é aquelle
Que em meu logar se deitou?
«Matae-me, senhor Alberto,
Gram traição se vos armou.
- Não te mato, minha rosa,
Pelo muito que te quero!
Vou mandar chamar teu pae
Para dê ti ser entregue.
- «Você se a não confessou,
Trate de se confessar,
Que eu sou caçador do rei
E mato caça real.
Vim apanhar uma pomba
Que pousou n'este logar.

—●—

Flor de Marília

(Variante da Ilha de S. Jorge)

- Marília, flor das Marílias,
Mais bella que o sol e a lua;
Quizera dormir contigo
Uma noite e mais nenhuma.
- «Suba, suba, cavalleiro,
Uma noite e mais nenhuma;
Meu marido foi p'ra caça
Para as partes de Aragão;

Disse que ia matar mouros,
Os mouros o matarão.

Estando ella n'estas práticas,
Seu marido ao portão :

- «Que cavallo branco é aquelle
Que está aqui no meu saguão?
«Aquelle cavallo é vosso,
E meu pae vol-o mandou.
- «Que espada nova é aquella
Que está n'aquella janella?
«Aquella espada é vossa
Para vós venceres guerras.
- «Que cavalleiro é aquelle
Que está no meu dormitorio?
«Elle é um irmão meu,
Irmão meu, cunhado vosso!
- «Se elle é um irmão teu
Porque me não vem fallar?

Pegara no seu punhal
Logo para o ir matar.

«Não no mateis, meu marido,
Não no mates, Dom João,
Matae-me antes a mim
Que vos ando com traição.

Pegara no seu punhal
Metera-lh'ó no coração;
Sangue que d'ella corria
Fazia poças no chão.
Elle o mandou ajuntar
Com dôr do seu coração,
E o mandou enterrar

Ao pé do manjarição.
 Quebradas tivesse as mãos
 E as cordas do coração,
 Quando viu as carnes bellas
 Derramadas pelo chão,

3

BERNAL-FRANCEZ

(Versão Alemtejana)

«Quem bate á minha porta,
 Quem bate? oh! quem 'stá ahí?
 —Sou Bernal-Francez, senhora,
 Vossa porta, amor, abri.
 «Ai! se é Bernal-Francez,
 A porta lhe vou abrir;
 Mas se é outro cavalleiro,
 Bem se póde d'ahi ir.

Ao saltar de minha cama
 Eu rompi o meu frandil;
 Ao descer da minha escada
 Me caíu o meu chapim;
 Ao abrir a minha porta
 Me apagaram o meu candil...
 Pegára-lhe pela mão
 E o levei ao meu jardim;
 Fiz-lhe uma cama de rosas,
 Travesseiro de jasmíns,
 Lavei-o em agua de flôres
 E o deitei a par de mim...

«Meia noite já é dada

Sem te voltares para mim;
 Que tens tu, amor querido,
 Que nunca te vi assim?
 Se témel-os meus criados,
 Não virão agora ahi;
 Se témel-os meus irmãos,
 Elles não moram aqui;
 Se de meu marido temes,
 Longes terras foi d'aqui,
 Por má traça o matem moiros, ¹
 E a nova me venha a mim!...

— Não temo de teus irmãos
 Que bem sei que são por mim, ²
 Não temo dos teus criados
 Que mais me querem que a ti;
 A teu marido não temo,
 E d'elle nunca temi...
 Teme tu, falsa traidora,
 Pois o tens a par de ti!
 «Ai! se tu es meu marido,
 Quero-te mais do que a mim...
 Oh que sonho! tão máo sonho,
 Que eu tive agora aqui!
 Ergamo-nos já, marido,
 Deixa-me vestir d'ahi.

— Calla-te, falsa traidora,
 Que não me enganas assim.
 Deixa tu vir a manhã,
 Que eu é que te heide vestir:
 Dar-te-hei saia de grana ³.

¹ Má traça! moiros o mattem,
 Novas me venham a mim. — *Ribatejo*.
 Más cutiladas o matem — *Beir'alta*.

² Pois cunhados são de mim — *Alemtejo*.

³ Dar-te-hei saia de guarane — *Extremadura, Beir'alta, etc.*

E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois tu o quizeste assim.

- «Deixa-me ir por qui abaixo ¹
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me vêr a minha dama
Se ainda se lembra de mim.
- «—Tua amada, meu senhor,
E' morta, que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava
Eu t'os digo agora aqui:
Levava saia de grana
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lh'as cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a acompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Saíram-lhe sete condes, ²
Cavalleiros mais de mil,
As donzellas a chorar.
Os pagens iam a rir;
Levaram-na a enterrar
A' egreja de San Gil.

¹ Deixa-me ir por'qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada

² Se é morta ou se ainda é viva.— *Minho, Ribatejo.*
Foram ao seu sahimento

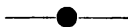
— «Palavras não eram ditas,
 Por morto no chão cahi;
 Passaram-se horas e horas
 Quando me tornei a mim.
 Fui-me áquella sepultura
 Queria morrer alli:
 Abre-te, ó campa sagrada,
 Esconde-me a par de ti!

Do fundo da cova triste
 Ouvi uma voz sahir: ¹

«Vive, vive, cavalleiro,
 Vive tu, que eu já morri:
 Os olhos com que te olhava
 De terra já os cobri;
 Bôcca com que te beijava
 Já não tem sabor em si;
 O cabello que entrançavas ²
 Jaz cahido a par de mim;
 Dos braços que te abraçavam
 As cannas vèl-as aqui!
 Vive, vive, cavalleiro,
 Vive tu, que eu já vivi.
 A mulher com quem casares
 Chamem-lhe *Anna* como a mim,
 Quando chamares por ella
 Hasde-te lembrar de mim:
 Conta-lhe os nossos amores,
 Que apprenda na minha fim.
 Filhas que d'ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim,

¹ Uma triste voz ouvi — *Extremadura*.
² As tranças com que folgavas — *Açôres*.

Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.



Dom Francisco

(*S. João d'Airão—MINHO*)

A' minha porta troparam :
—Truz, truz! «Quem está ai?
Se é o senhor Dom Francisco,
A porta le vou abrir.
Se é outro cavalleiro,
Lá fóra não posso ir,
Que estou a lavar os pés
Com aguinha de alecrim.

Ao descer da minha escada
Me caiu o meu chapim ;
Ao abrir da minha porta
Se me apagou o candil.

Já deu meia noite em ponto,
Outra meia está p'ra dar,
E o senhor Dom Francisco
Sem se para mim virar !
Se é medo dos meus meninos,
Eu não os tenho aqui ;
Se é medo dos meus criados
Elles já estão a dormir.
Se é medo do meu marido
Anda por esse Brasil,
Mãos lobos por lá o comam,
Más novas cheguem aqui.

—Ai de mim! e ai de ti,
Na hora em que nascestes!
Estás co' marido na cama
E tu não o conheceste.
«Perdôa-me, meu marido,
Que eu tambem te perdoei;
Que isto agora foi um sonho
Que eu esta noite sonhei.

—Deixa vir a madrugada
Que te darei que vestir;
Darei-te camisa alva,
E cordões de cramezim,
Gargantilha p'r'o pescôço,
Que a causastes assim;
Te mandarei enterrar
No convento de Landim.

«Onde vás, oh Dom Francisco,
Seguir a tua jornada?
Se vaes vêr a tua ama,
Já está amortalhada,

—Corre, corre meu cavallo,
A quanto possas correr,
A' porta da minha ama
Eu te darei de beber.
Avança, cavallo, avança,
Quanto puderes avançar;
A' porta da minha ama
Eu te darei de jantar.

«Que fazes, oh Dom Francisco.
Que estás a adorar por mim?
Dois filhos lá ficaram
D'antre ti e mais de mim;
Ordena um para padre,
P'ra dizer missa por mim,

Outro põe-no na eschola
 P'ra ser homem como a ti.
 Se encontrares outra Anna
 Não tão tola como a mim,
 Que se perca pelos homens,
 Como eu me perdi por ti.

—●—

Bernal-Francez

(Versão da Foç e Villa Nova de Gaya)

«Oh quem bate á minha porta,
 Quem bate? oh quem está ahí?
 —São cravos, minha senhora,
 Flores lhe trago aqui!
 «Eu não abro a minha porta
 A taes horas de dormir.
 —Se me não abres a porta,
 Morto me acharás aqui.
 «Ai se é Bernal-Francez,
 A porta lhe vou abrir...
 Se fôr outro cavalleiro
 Bem se póde d'ahi ir.
 Ao abrir a minha porta
 Se apagou o meu candil!
 Ao subir a minha escada
 Me cahiu o meu chapim.
 Peguei n'elle nos meus braços
 Levei-o pelo jardim,
 Mandeí lavar pés e mãos
 Em água de alecrim;
 Vestir camisa lavada,
 Deital-o ao par de mim.

Era meia noite dada:

- «Não te viras para mim?
Se tu temes a meu pae,
Elle longe está de ti;
Se temes os meus criados,
Elles estão a dormir;
Se temes o meu marido,
Más novas venham aqui.
- Eu não temo a teu pae,
Que elle sogro é de mim;
Não me temo dos criados,
Que mais me querem que a ti;
Não me temo da justiça,
Que a justiça é por mim.
A teu marido não temo
E d'elle nunca temi...
Teme tu falsa traidora
Pois o tens ao par de ti.
- «Coitada de mim, coitada,
Na hora em que eu nasci,
Ter o marido na cama,
E não saber parte de mim!
- Cala-te ahi, oh maldita,
Deixa-me agora dormir,
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir;
Te darei saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois que tu o queres assi.
- «—Deixa-me ir por'qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero vêr a minha amada
Se é morta ou se inda viva.
- Que fazeis, oh cavalleiro,
A taes horas por aqui?

- «Venho vêr a minha amada
Que ha dias que a não vi.
—A tua amada, senhor,
É morta que eu bem na vi!
«—Se me desses os sinaes
Havia de cuidar que é assim.
—Os sinaes que ella levava
Eu te los direi aqui :
Levava saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois o ella o quiz assim.
A tumba em que ella ia
Era de ouro e marfim ;
Quatro condes que a levavam
Eram mais do que a ti.
Outo arrôbas de cêra,
Allumiavam o seraphim.
Isso de frades e clerigos,
Não tinham conto nem fim;
Ella lá foi enterrada
Na capella de San Gim.
- «Monta, monta meu cavallo,
Quanto poderes montar.
Só n'aquella sepultura
É que eu posso descansar :
Abre-te, oh penha constante,
Que me quero lá meter,
Já que fui o causador
Da minha amada morrer.
Abre-te, penha constante,
Serás minha sepultura :
Se meus ais te não abrandam,
Digo-te, penha, que és dura.
Abre-te, oh penha sagradà,

Esconde-me ao par de ti!
Do fundo da sepultura
Uma triste voz ouvi:

«A mulher com quem casares
Seja Anna como a mim;
E as filhas que tu tiveres
Tem-as sempre ao pé de ti,
Para que não aconteça
O que aconteceu a mim.

(Variante de Santo Ovidio)

De tres filhos que eu tive
Entre ti e entre mim,
Mette um a frade, outro clérigo,
Que digam missas por mim;
A menina a mettas freira
No convento de Bomfim,
Que se não perca por homens,
Como eu por ti me perdi.

Bernal Francez

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Era meia noite em ponto,
A uma porta batiam.

—Se é Bernardo Francez
A porta lhe vou abrir;
Se é algum dos meus criados,
Todos já se podem ir.

«Sou eu, sim, minha senhora,
A porta me queira abrir.

Ao descer da sua cama,
Lhe cahira o manguil;
Ao abrir da sua porta
Se apagara o candil.
Pegara-lhe pela mão,
E o levara ao seu jardim,
E mui bem o levara
Em agua de alecrim;
Pará a sua cama ò levara;
E o deitara a par de si.

- Que tendes, Bernardo Francez,
Que tanto pensas em ti,
Que meia hora é passada,
Sem te viraes para mim?
Se tens medo aos mouros,
Elles não te combatem aqui.
Se tens medo a meus irmãos,
Elles não estão por aqui.
Se tens medo a meu marido,
Elle longe está de ti;
Mil facadas o matem,
Más novas me tragam d'elle,
E boas m'as tragam de ti.
- «Eu não tenho medo aos mouros,
Que elles estão longe de mim;
Nem medo de teus irmãos,
Que cunhados são de mim;
Nem tampouco a teu marido,
Que o tens a par de ti.
- Foi um sonho que sonhei,
Ai, desgraçada de mim!
Que tinha meu amor nos braços

Sem saber que o tinha aqui.
«Socega, que ainda é de noite,
Deixa vir a manhã, sim;
Vestirás saia de lhama,
Roupinha de cramezim.
—Peço-te que me enterres
No adro de San Crispim,

—
«Aonde vaes, Bernardo Francez,
Tão pensativo em ti?
—«Vou vêr a minha dama,
Que ha dias que a não vi.
«A tua dama é já morta,
E morta foi por mim;
As facadas que dei n'ella
Quem m'as dera dar em ti.
—«Eu heide ir áquelle entêrro,
Aonde acostumava ir;
Tanto lhe heide bradar
Que ella me hade acudir.
—Adeus, Bernardo Francez,
Vive tu, que eu já vivi;
Olhos com que te olhava
Já de terra os cobri;
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem vigor em si.
Se chegares a ter filhas
Ensina-as melhor que a mim,
P'ra que se não percam mulheres
Como eu me perdi por ti.

Bernardo Francez

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Estando eu na minha cama,
 No melhor de meu dormir,
 Espadas ouvira tocar,
 Espadas ouvira tinir:
 Se elle é Bernardo Francez
 Minha porta vou abrir,
 Se elle é outro cavalleiro
 Já se pode despedir.

—Sou Bernardo Francez, senhora,
 Sua porta vinde abrir.

Indo pela escada arriba
 Candieiro se apagaria;
 Sentara-o n'uma cadeira
 Forrada de panagim;
 Lavara-o de pés e mãos
 Com rica agua de alecrim;
 Vestira-lhe uma camisa
 Das que tinha para mim;
 Agarrara-o pela mão,
 E deitara-o ao pé de mim.
 Meia noite que era dada
 Sem se elle voltar para mim.

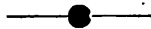
«Que tendes, Bernardo Francez,
 Que não vos voltaes para mim?
 Ou tendes dama em França,
 Ou vos dizem mal de mim?
 —Não tenho dama em França,
 Nem me dizem mal de ti.

- «Se tens medo á justiça,
Ella já hoje esteve aqui.
—Não tenho medo á justiça,
Que eu com ella já falli.
«Se tens medo a meus filhos,
Chiquititos são de ti.
Não tenho medo aos teus filhos,
Que chiquititos são de mim.
«Se tens medo a meu marido,
Elle lá está no Brasil;
Má peste lá o mate,
As novas me venham aqui.
—Não tenho medo a teu marido,
Pois que o tens a par de ti.
«Perdõa-me, meu marido,
Que foi máo sonho que eu sonhi.
—Cala-te lá, oh tyranna,
Que me não lévas por ahi.

—
Inda o sol não raiava,
Nem a manhã esclarecia,
Mil facadas lhe daria;
Lá a mandei enterrar
Na egreja de San Penim.

- «Eu vou vér a minha amada,
Que ainda hoje a não vi.
—A sua amada é já morta,
Porque eu a mati;
As facadas que eu dei n'ella,
Havia eu de dar em ti.
Lá a mandei enterrar
Na egreja de San Penim.
—«Abre-te, cova de flores,
Não te cerres para mim.
«Vive tu, meu namorado,

- Vive tu, que eu já morri.
 Se tu filha tiveres, bota-lhe
 Anna, como a mim;
 Quando bradares por ella
 Te alembrares de mim.
- «Abre-te, cova de flores,
 Não te cerres para mim.
 «Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já morri.
 Se tu filho tiveres,
 Bota-lhe o nome de Mathéus,
 Quando chamares por elle
 Te lembrares dos meus.
- «Abre-te, cova de flores,
 Não te cerres para mim.
 «Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já morri.
 Braços com que te abraçava
 Na sepultura se quebraram;
 A bocca com que te beijava
 De terra se me arrazava,
 Os ollos com que te eu via
 De terra se me cobriram;
 Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já morri.



Bernal Francez

(*Versão de Estoi*)

- «Oilá, oilá! Quem está?
 Oilá, oilá, quem está ahi?
 —E' Bernal Francez, senhora.
 «A porta eu vou abrir.
 —Vindes abrir, senhora,

Pelos ladrillos descalça !
 —Apagaste o meu candil
 Pelo canudo de prata.
 —Que me importa a mim, senhora,
 Se a luz dos seus olhos basta.

Para o seu jardim o leva,
 Levou-o para seu jardim ;
 Lavou-o de mãos e pés
 Em aguas de alecrim ;
 Fez-lhe uma cama de rosas,
 Deitou-o em par de si.
 Era meia noite em pino
 E ell' sem se virar para si.

«Que tendes, Bernal Francez,
 Que te não viras para mim?
 Se tens medo de meus filhos,
 Elles estão dormindo ;
 Se tens medo de meus criados,
 Elles não estão por ahi ;
 Se tens medo de meu marido
 Longas terras está de mim ;
 Os mouros o cativem lá,
 E más novas me venham aqui.
 —Não tenho medo a meus filhos,
 Que elles filhos são de mim ;
 Não tenho medo de seus criados,
 Que elles criados são de mim ;
 Não tenho medo a seu marido
 Que aqui o tem a par de si.
 «Matae-me, senhor, matae-me,
 Em sonho eu sonhei isto !
 —Que te mate Deus do céu,
 Que te creou para isso ;
 Mas deixa vir a manhã

Que eu te darei de vestir,
 Bom sapato, boa meia,
 Gargantilha colorada
 E saia de carmezim.

Manhã que chegada era,
 Elle que a degolava;
 A toda a brida partiu
 Montado no seu cavallo;
 Indo lá mais adiante,
 Um lanceiro que encontrava :

- Adonde vás, oh lanceiro,
 Que vas tão cuidadoso em ti?
 —«Vou vêr a minha amada,
 Que ha muito que a não vi.
 —A tua amada já é morta,
 E morta, que eu a matei;
 Se p'ra isso viesse preparado
 O mesmo fizera a ti.
 —«Anda, anda, meu cavallo,
 Vamos vêr se isto é assim.

Indo lá mais para diante
 Uma alvisão que encontrava;
 Elle teve tanto medo
 Que fez modos de fugir.

«Não fujas, Bernal Francez,
 Não fujas tu já de mim;
 Olhos com que te olhava,
 Já de terra os cobri;
 Bocca com que te beijava
 Já de terra a cobri.
 Braços com que te abraçava
 Já não tem força em si.

A mulher com quem casares
 Que se chame Anna, como a mim
 Para quando chamares por ella
 Te lembrares de mim.

—●—

Bernal Francez

(Versão de Faro)

—Já é meia noite dada
 Sem te voltares para mi;
 Se temes a minha mãe,
 Ella não está aqui;
 Se temes a meu pae,
 Tambem não está aqui;
 Se temes os meus criados,
 Estão a dormir ali;
 Se temes os meus filhos,
 Fechei-os com sete chaves;
 Se temes aquellas armas,
 Vou-as já tirar d'ali;
 Se temes a meu marido,
 Eu na guerra o deixei;
 Trinta facadas lhe dêem,
 As novas vinham aqui.

«Não me temo á tua mãe,
 Que ella sôgra minha é;
 Não me temo a teu pae,
 Que elle sôgro meu é;
 Não me temo aos teus creados,
 Que quem n'os paga sou eu;
 Não me temo dos teus filhos,
 Que elles filhos são de mim.

—Perdôa-me, meu marido,
 Que isto foi foi sonho que tive.

Inda bem não era dia.
 Muito bem que o sol raiava
 Já elle a tinha matado
 Com o corpo da sua espada.
 Levou saia de crama,
 Roupinha de carmezim;
 Lá foi para a sepultura
 P'r' á igreja de San Gil.
 Encontrou um cavalleiro,
 E assim lhe perguntou;

«Que procuras cavalleiro?

—«Procuro a minha amada.

«Tua amada já é morta,
 Eu mesmo é que a matei;
 Levou saia de crama,
 Roupinha de carmezim,
 Lá foi para a sepultura,
 P'r' á igreja de San Gil.

—«Anda, meu cavallo, anda,

Quanto puderes andar,
 P'r' á igreja de San Gil,
 Lá iremos descansar.
 Abre te, oh sepultura,
 Abre-te, campa sagrada,
 Que me quero ir deitar
 Ao lado da minha amada
 Aquelle lindo cabello,
 Que ella o penteava,
 Está todo reduzido
 A pó, terra, cinza e nada.
 Aquelles seus lindos olhos
 Com que ella me olhava,
 Agora estão reduzidos
 A pó, terra, cinza e nada.
 Aquella linda boca

Com que ella me beijava
 Agora está reduzida
 A pó, terra, cinza e nada.
 Aquelles lindos braços
 Com que ella me abraçava
 Agora estão reduzidos
 A pó, terra, cinza e nada.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Bernal Francez

(Versão de Camara de Lobos)

«Quem bate á minha porta,
 A ést' hora de dormir?
 —Sou Bernal Francez, senhora,
 P'ra vos bem qu'rer e servir.
 «Pois que és Bernal Francez,
 Minha porta vou abrir.

E saltei da minha cama,
 Sem cuidar de me vestir;
 E fui abrir minha porta
 (Nunca la fosse eu abrir):
 Apagou-me la candêa,
 Lo vento por' li a vir;
 Deu-me uma rabanada,
 Que estive quasi a cahir;
 Meu chapim lá me ficou,
 Quando volvi a subir.

Pois que és Bernal Francez,

Minha porta vim abrir.
 E lo levei pola mão
 A' volta do meu jardim ;
 Por entre cravos e rosas,
 Fui deital-o par de mim.

«Meia noite vae passada,
 Outra meia vae em fim:
 Bernal Francez, não me fallas,
 Nem te voltas pera mim?
 Ou dama tens tu em França,
 Ou já não gostas de mim.

— Bem sabes, não tenho outra :
 Sabes se gostei de ti.

«Se te temes de meu pae,
 Mora bem longe d'aqui.

— Não me temo de teu pae ;
 Quasi pae elle é de mim.

«Se temes de meus irmãos,
 Andam bem longe d'aqui.

— Não temo de teus irmãos,
 Que são quasi irmãos de mim.

«Se temes de meu marido,
 Longes terras foi d'aqui.

Teme tu, mulher treidora,
 Poil lo tens a par de ti.

«Ai, que sonho ! feio sonho
 Eu sonhei agora aqui!

Inda bem que és meu marido ;
 Mais te quero que a mim.

Ergâmo-nos já da cama ;
 Deixa-me vestir d'ahi.

— Cal'-te lá, mulher treidora,
 Que não me enganas assim:
 Antes do nascer do sol,
 Eu te visto de setim ;

Gargantilha de coraes,
Que hão de sahir de ti.

«Meu marido me matou
De morte que bem mer'ci.
Quem me vir Bernal Francez
Diga-lhe qu'eu já morri.

- «Aonde ides, cavalleiro,
Tão risonho e gentil?
—Vou-m'a vél la minha dama
Na egreja de San Gil.
—«Vossa dama lá 'stá morta,
Que morta eu bem na vi.
Entérro que ella levava
Eu vos vou dizer aqui:
Mortalha que ella vestia
Era de rico setim;
Gargantilha de coraes,
Que lhe saíam de si;
Lo esquife do seu corpo
De veludo e marfim;
Damos que l'acompanhavam,
Tantos que não tinham fim.
Seu marido la matou,
Por 'môr de vós, não de mim.

Palavras não eram ditas,
Por morto no chão cahi;
Passaram horas e horas
Quando eu do chão m'ergui;
E lhe fui á sepultura,
Que qu'ria morrer ali:
=Abre la campa sagrada.
Esconde-me, a par de ti.

Do fundo da cova triste,
 Sua voz então ouvi:
 «Vive tu, Bernal Francez,
 Vive tu, que eu já morri:
 Olhos com que te mirava,
 Já de terra los cobri;
 Bocca com que te beijava,
 Já de terra la enchi:
 Cabellos, que me entranchavas,
 Já cahiram par de mim;
 Dos braços, que te abraçavam
 Las canas vê-las aqui;
 Corpo, em que te revias,
 Já na terra lo perdi.
 Mulher com quem tu casares
 Tenha lo nome de mim;
 Quando tu chames por ella,
 Lembrada serei de ti:
 Conta-lhe nossos amores,
 Aprenda na minha fim.
 Vive tu, Bernal Francez,
 Vive tu, que eu já morri.

—●—

Dom Francêsko

(Versão do Funchal)

«Quem bate á minha porta,
 Estas horas de dormir?
 —Meu amor, sou Dom Francêsko.
 Só agora pude vir.
 «Se soubesse, minha porta
 Já tinha ido abrir,
 Da poeira do caminho
 Lavou-se no meu jardim ;

Dei-lhe camisa lavada,
E deitei-lo par de mim,

«Meia noite já é dada,
Meia noite pervigil;
Dom Francésco, não me fallas,
Nem te voltas pera mim?
Conta-me cá, Dom Francésco,
Disseram-te mal de mim?

—Ninguem; nem eu consentia
Me dissessem mal de ti.

«Se temes los meus irmãos,
Muito ha que los não vi;
Se temes lo meu marido,
Longe foi elle d'aqui.

—Não temo los teus irmãos,
Que são cunhados de mim;
Nem temo lo teu marido,
Que lo tens a par de ti.

«Matae-me, senhor, matae-me,
Que morrer bem lo mer'ci.

—Deus do céo assim lo quer;
E' quem tem poder em ti,

«Antes de morrer, deixae-me
A San Gil uma vez ir:
Lá me estão já pae e mãe,
D'elles quero m'espedit.

—Eu sou mestre caçador,
Não me quero desmentir;
Caça que tenho na mão
Não na vou deixar fugir.,

«Antes de morrer, senhor
A confessar deixae-me ir.

—Caça que tenho na mão
Não na vou deixar fugir.

«Deixae-me, senhor, ao menos,

Las minhas roupas vestir.
 —Chamem-me lá um coveiro,
 Que vá uma cova abrir;
 Antes que rompa a manhã,
 Terra te hade cobrir;
 Cuida tu só da tua alma,
 Que vae do corpo sahir;
 Manda chamar Dom Francêso,
 P'ra de confissão te ouvir.
 «Dom Francêso não é padre;
 Deus lo guarde de cá vir.

Ella então disse ao coveiro,
 Quando estava a abrir a cova:
 «Escuita cá, oh coveiro:
 Por caridade de mim,
 Vae procurar Dom Francêso,
 Dize-lhe que eu já morri.
 (Lo coveiro foi, e encontrou-se
 Com ell', que vinha de caminho):
 —«A que vindes, Dom Francêso,
 P'ra estas bandas d'aqui?
 =«Venho vêl la minha dama,
 Que esta semana não vi.
 —«Vossa dama já é morta,
 Sua cóva eu lh'abri;
 Que la matou seu marido,
 Tudo por amor de si.
 Com estes ouvidos meus
 De sua bocca ouvi
 Este recado, que dou
 Como d'ella recebi:
 «Escuita cá, oh coveiro:
 Por caridade de mim,
 Vae procurar Dom Francêso,
 Dize-lhe que eu já morri.

Cramou então Dom Francêscó :

—Corre, corre, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.

E lhé fui á sepultura ;
E agiolhei ahi.

—«Ai, dama d'esta minh'alma,
Appar'cei-m' agora aqui.
«Ai, damó d'esta minha alma,
Não tomes medo de mim ;
Que sou eu aquella mesma
Que por teu amor morri.
Dos olhos, que te miravam,
Las covas só estão aqui ;
La bocca, que te beijava,
Só queixadas tem de si ;
Dos braços que te abraçavam,
Las canas só não perdi ;
Sómente ossos me restam ;
Todal las carnes despi.
Não fujas, damo, não fujas ;
Por teu amor 'stou assim ;
E penas, que vou penando,
Peno-las por amôr de ti :
Eu, de dia, junto lenha,
De noite, qneimo-me a mim
Nas fogueiras infernaes,
Pera sécula sem fim.
Esse filho, que tivemos,
Manda-lhe ensinar latim ;
Que vá aprender a padre,
P'ra rezar missas por mim.
Vive, vive, cavalleiro
Vive tu, que eu já morri.

—«Palavras não eram ditas,
 Por morto no chão cahi;
 Passaram horas e horas,
 Acordei, já não na vi.
 E, por dôr de meu peccado,
 Com que dôr me arrependi!
 E, de triste, que fiquei,
 Só de tristeza morri.
 E, por não ir confessado,
 Eu no inferno cahi.
 Dama qu'rida da minh'alma,
 Aqui estou, vós 'staes aqui;
 Ao menos, ardemos juntos
 N'estas fogueiras sem fim!



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Bernal Françaílo

(Versão da Ilha de S. Jorge)

—Francisquinha, Francisquinha,
 D'esse corpo tão gentil!
 Abri-me lá essa porta,
 Que m'a costumaes abrir.
 «Não abro a minha porta,
 Que são horas de dormir.
 —Abri ao homem de França,
 Que lh'a costumaes abrir.
 «Se é outro no seu logar,
 Digo que não quero ir;
 Se elle é o Bernal Françaílo,
 Descalsa lhe vou abrir;
 Lhe pegarei pela mão,

O levarei ao jardim.
 Lavei-lhe pernas e braços
 Com agua de alecrim.
 Tornei-lhe a pegar na mão,
 O deitei a par de mim.

- Era meia noite em ponto,
 Outra meia por venir,
 E vós, Bernal Françoilo,
 Sem vos virares para mim?
 Ou tendes dama em França,
 A quem queiraes mais que a mim?
 — Não tenho dama em França
 A quem queira mais que a ti...
 « Não te temas de meu pae
 Que é velho, não vem aqui;
 Não temas de meus irmãos,
 Que inda agora vão d'aqui.
 Não temas o meu marido,
 Longas terras está d'aqui:
 Oh, máos mouros o cativem,
 Novas me venham á mim.
 — Eu não temo a teu pae,
 Homem que nunca temi,
 Eu não temo a teus irmãos,
 Que são homens com'a mim:
 Teme-te do teu marido,
 Que o tens a par de ti!
 « Se tu és o meu marido,
 Que é que me trazes a mim?
 — Trago-te saia de grana,
 E *bajú* de carmezim;
 Gargantilha de cutello,
 Pois a mereceste assim.
 « Oh lua, que vás tam alta,
 Que não quer amanhecer,

Para esta triste coitada
Acabar de padecer.

—Nem com essas, nem com outras
Pois tu me hasde vencer;
Antes da manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.

—Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?

—«Vou a vêr a minha dama,
Que ha muito que a não vi.

—Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi.
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim.
Sete cirios accenderam,
Todos sete eu accendi.

—Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé de uma ermida
Lá um vulto preto vira:

«Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não têm vistas em si;
Beijos com que te beijava
Já não têm sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não têm forças em si.
A mulher com quem casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres

Põe-lhe o nome de mim ;
 Quando para ella olhares
 Para te lembrares de mim.
 — Quer eu case, quer não case,
 Heide-me lembrar de ti ;
 Abre lá já essa campa,
 Quero-me enterrar contigo.
 « Vive, vive, cavalleiro,
 Por amor de ti morri.



Dom Pedro Françoilo

(Variante da Ilha de S. Jorge—Rosaes)

« Alecrim bateu á porta,
 Manjerona, quem está aí ?
 — E' um cravo d'Arrochela,
 Oh Rosa, mandae-lhe abrir !
 « Se elle é Dom Pedro de França,
 Descalsa lhe vou abrir.

Pois se erguera d'onde estava
 Descalsa lhe fôra abrir,
 Lhe pegara pela mão
 O levará ao seu jardim ;
 Lhe lavara pés e mãos
 Com bella agua de alecrim :
 Uma gota que ficara
 Lavara tambem a si,
 Vestira-lhe uma camisa
 Como quem vestira a si,
 Fizera cama de rosas,
 O deitara a par de si.

- «Era meia noite em ponto,
 Outra meia por dormir,
 E tu, Dom Pedro Françoilo,
 Sem te virares para mim!
 Se temes o meu marido,
 Longes terras 'stá d'aqui;
 Más balas frias o passem,
 Novas me venham aqui.
 Se tu temes meus irmãos,
 Inda agora vão d'aqui!
- Eu não temo o teu marido,
 Que o tens a par de ti;
 Eu não temo os teus irmãos,
 Que são homens como a mim.
 Manda chamar teus irmãos
 Que te venham a carpir,
 Manda chamar thezoureiro
 Que dobre os sinos por ti!
 Manda chamar o coveiro
 Que a cova te venha abrir.
 Antes da manhã nascida
 Eu quero voltar d'aqui,
 Tenho navio no porto
 E n'elle me quero ir.
- «Oh que sonho seria este
 Que agora sonhei aqui?
 Se tu és o meu marido
 Que me trazes para mim?
- Trago saia de brocado,
 Vestido de carmezim.
 Também trago um punhal de ouro,
 Que o quizestes assim;
 Quando vier a manhã
 Tu já morta jazerias.
- «Matae-me, senhor, matae-me,
 Pois a morte mereci!

Quando viu coisas tão bellas,
 É o sangue pelo chão,
 A's mãos tivera quebrado
 As cordas do coração.

Elle que vinha saíndo
 O cavalleiro encontrou :

- Onde vás, tu, cavalleiro?
 Tão penoso vás em ti!
 —«Eu vou vêr a minha amada,
 Que ha dias que a não vi!
 —Tua dama já é morta,
 E' morta que eu bem a vi;
 Sete frades a levaram
 N'uma tumba de marfim!
 Com sete tochas accezas,
 Todas sete lhe accendí;
 Sete missas lhe disseram,
 Todas sete eu as ouvi.
 Aqui levo pá e enxada
 Com que de terra a cobri!
 —«Volta, volta, meu cavallo,
 Vamos vêr se isto é assim?
 Abre-te, campa sagrada,
 Quero vêr quem está em ti:
 Francisquinha da minha alma,
 Tu já moras por aqui?

Indo pelo adro dentro,
 Vira um vulto para si:

«Não temas tu, cavalleiro,
 Não tenhas medo de mim;
 Que eu sou a tua dama,
 Sete annos te servi!

Pernas com que te aguentava
 Já calor não têm em si;
 Braços com que te abraçava
 Já força não têm em si;
 Bocca com que te beijava
 Já de terra a enchi!
 Olhos com que te mirava
 Já de terra os cobri.
 Mulher com quem tu casares
 Não lhe queiras mais que a mim:
 Filha que d'ella tiveres
 Põe-lhe o nome como a mim;
 Quando por ella chamares
 Que te alembres de mim.
 Filho que d'ella tiveres
 Seja lindo como ti,
 Que se perca o mundo por elle
 Como me eu perdi por ti;
 E a esmola que fizeres
 Fal-a por ti mais por mim;
 Quando puzeres a mesa
 Resa-me uma Ave-Maria,
 Para bem de me pagares
 Sete annos que te servia.



O caso da Francisquinha

(Versão da ilha de S. Miguel—Ponta Delgada)

Rosmaninho bate á porta,
 Manjerona: Quem está ahi?
 Se elle é Bernaldo Francez
 A porta lhe vou abrir;
 Se é outro em seu logar
 Digo que não quero ir.

Ergui-me da minha cama
 Em roda do meu fraldique,
 E fui á minha cosinha
 Accender o meu candil.
 No patim da minha escada
 Meu candil se apagou.
 Levei o amor pela mão
 Ao jardim do atemil;
 Lavei-o de pés e mãos
 Na agua de alecrim;
 Vesti-o de roupa lavada
 E deitei-o ao pé de mim.
 Era meia noite dada,
 Outra meia para vir:

- «Bernaldo Francez não falla,
 Nem se vira para mim!
 Ou elle tem dama em França,
 Ou lhe dizem mal de mim.
 —Eu não tenho dama em França,
 Nem me dizem mal de ti!
 «Se temes a minha mãe
 Ella não hade cá vir;
 Se temes a meu pae
 Inda agora vae d'aqui;
 Se temes a meus irmãos
 Elles não hão de cá vir;
 Se temes a meu marido,
 Longes terras está d'aqui;
 Peixes do mar o comam,
 E novas me venham a mim.
 —Não me temo a tua mãe,
 Que ella sogra é de mim;
 Não me temo a teus irmãos
 Que cunhados são de mim;
 Não me temo o teu marido

Pois o tens ao pé de ti!
 «Se tu és o meu marido,
 Eu te quero mais que a mim!
 —Call'-te d'ahi, falsa Nera,
 Não me estejas lijunjando!
 Deixa cá vir a manhã,
 De ouro te heide vestir,
 Hei-te dar saia de gala,
 Colete de carmezin,
 Gargantilha aclarada,
 Pois tu quizestes assim.

«Oh lua, que vás tão clara,
 Acaba de amanhecer,
 Que a pobre da Francisquinha
 Está para ir a morrer.
 Quem não tem graça no mundo
 Não devia de nascer.

—Levanta-te d'aí para fóra,
 Que já basta de dormir;
 Vae-te dizer ao coveiro
 Que a cova te pode abrir;
 Vae-te dizer ao sineiro
 Que toque signaes por ti!
 Vae dizer a tua mãe
 Que te venha a carpir;
 Vae-te dizer ás visinhas
 Que tomem exemplo por ti,
 Que não façam aos maridos
 O que me fizeste a mim

.....
 Sete Condes la levavam
 N'um esquite de marfim ;

—Onde vaes tu, cavalleiro,
 São cioso vaes de ti?

- «Eu vou vèr a minha dama,
 Que ha dias eu a não vi.
 —A tua dama é morta,
 E' morta, que eu bem a vi,
 Aqui levo a pá e o sacho
 Com que eu a cova lhe abri.
 —«Se a minha dama é morta,
 A' cova lhe vou fallar.

A' entrada da agua benta,
 Principava a soluçar :

- «Abre te, campa de flôres,
 Que eu me quero enterrar
 Nos braços de minha querida,
 Que me quero sepultar.
 «Viva, viva o cavalleiro,
 Viva, pois, eu já morri?
 Eu estou em graça de Deus,
 Não cuides que me perdi.
 Olhos com que eu te mirava
 Já de neve eu os cobri ;
 Bocca com que eu te beijava
 Já de terra eu a enchi ;
 Braços com que eu te abraçava
 Já em mim os não sinto.
 Mulher com quem tu casares
 Não lhe queiras mais que a mim,
 E filha que d'ella tiveres
 Põe-lhe o nome de Francisquinha ;
 P'ra quando chamares por ella
 Logo te lembrares de mim.
 —«Eu não quero casar,
 Que eu vou-me metter a frade
 No convento de San Gil ;
 Missas que eu disser

Serão por mim e por ti;
 Quando eu por aqui passar
 Resarei uma estação
 Por alma da Francisquinha
 Que morreu sem confissão.
 «Adeus, adeus, vae-te embora,
 Que me quero despedir,
 Que os diabos do inferno
 Já estão a puchar por mim.

— ● —

Bernaldo Francez

(Variante de Ponta Delgada)

— Oh Anninas, oh Anninas!
 O teu corpo tão gentil!
 Abre a porta ao teu amor,
 Como costumás abrir.
 «Se isso é Bernaldo Francez,
 A porta lhe vou abrir;
 Se é outro em seu nome
 Elle escusa de cá vir.

Ergui-me da minha cama
 Em roda do meu fraldico,
 Fui p'ra minha fuminé
 Accender o meu candil;
 No tópo da minha escada
 Meu candil se apagou;
 Eu o tornei a accender,
 Elle se tornou a apagar!
 Ou isto vae de aporfia
 Ou alguém me quer matar;
 Ou isto é Bernal Francez

Que commigo quer brincar?
 Peguei na mão ao amor,
 Levei-o para o jardim,
 Lavei-o mui bem lavado
 Na agua do alecrim;
 Vesti-lhe uma alva camisa,
 Deitei-o a par de mim.
 Era meia noite em ponto,
 Outra que estava p'ra vir:

«Que tens tu, Bernaldo Francez,
 Que te não viras p'ra mim?
 Ou tu tens outros amores,
 Ou te dizem mal de mim?
 Se tu temes a meu pae,
 Elle não pode cá vir;
 Se temes a minha mãe,
 Inda agora vae d'aqui;
 Se temes a meu marido,
 Longes terras está d'aqui;
 Mil adagadas leve elle,
 Novas más venham a mim.
 —Eu não temo a teu pae,
 Que elle sôgro é de mim;
 Nem temo a tua mãe
 Que ella sôgra é de mim.
 «Pois se meu marido és,
 Quero-te mais que á alma minha.
 —Cal'-te d'ahi, falsa traidora,
 Que isso não vem por ahi;
 Vae chamar tuas visinhas,
 Que tomem exemplos de ti
 Que não façam aos maridos
 O que me fizeste a mim.

—Onde vaes tu, cavalleiro,

- Tão enchido vaes em ti?
- «Vou-me vêr a minha amada,
Ha dias que a não vi.
- A tua amada é morta,
É morta que eu bem a vi;
Aqui trago pá e enchada
Com que a campa eu lhe cobri.
- «Se a minha amada é morta,
A' campa lhe vou fallar.
Abre-te, campa de flôres,
Que me quero enterrar.
- «Vive, Bernaldo Francez,
Vive tu, que eu já morri?
Olhos com que te eu mirava,
Já de terra se encheriam;
Braços com que te abraçava
Já de terra se encubriram;
Bocca, com que te beijava,
.....
Mulheres que tu tiveres
Não lhe queiras mais que a mim;
Filhas que d'ellas tiveres
Chama-lhe Anna, como a mim,
P'ra quando chamares por ellas
Para te lembrares de mim.
Adeus. Bernaldo Francez,
Já estão puchando por mim.



BRASIL

O Bernaldo Francez

(Versão do Rio de Janeiro)

- «Quem bate na minha porta,
Quem bate? Quem está ahí?

—E' Dom Bernaldo Francez,
A sua porta mande abrir.

No descer da minha cama
Me cahiu o meu chapim ;
No abrir da minha porta
Apagou-se o meu candil.
Eu levei-lhe pelas mãos,
Levei-o no meu jardim ;
Me puz a lavar a elle
Com agua do alecrim,
E eu como mais formosa
Em agua de Alexandria.
Eu lhe truxe pelas mãos,
Levei-o na minha cama.
Meia noite estava dando,
Era Dom Bernaldo Francez ;
Nem sonava, nem movia,
Nem se voltava p'ra mim.

«O que tendes, Dom Bernaldo ?
O que tendes ; que imaginas ?
Se temes de meus irmãos,
Elles estão longe de ti ;
Si temes de minha mãe,
Ella não faz mal a ti ;
Se temes de meu marido,
Elle está na guerra civil.
—Não temo dos teus irmãos,
Que elles meus cunhados são ;
Não temo da tua mãe,
Que ella minha sôgra é ;
Não temo de teu marido,
Que elle está a par contigo.
«Matae-me, marido, matae-me,
Que eu a morte mereci ;

Si tu eras meu marido
 Não me dava a conhecer.
 —A'manhã, de p'ra ámanhã,
 Eu te darei que vestir ;
 Te darei saia de ganga,
 Sapato de berbatim ;
 Trago-te punhal de ouro
 Para te tirar a vida....

«Aonde vae, cavalleiro.
 Tão apressado no andar ?
 —Eu vou vêr a minha dama
 Que já ha dias não vêjo.
 «Volta, volta, cavalleiro,
 Que a tua dama já é morta,
 E bem morta que eu a vi :
 O tumulo que a levava
 Era de ouro e marfim ;
 As tochas que a acompanhavam
 Eram cento e onze mil,
 Não fallando de outras tantas
 Que ficou atraz p'ra vir.
 A tua dama já é morta,
 Bem morta que eu a vi,
 Se não queres acreditar
 Vae na capella San Gil.

—Abre-te, terra sagrada,
 Quero-me lançar em ti.
 «Pára, pára, Dom Bernaldo,
 Por 'mo'de ti já morri.
 —Mas eu quero ser frade
 Da capella de San Gil ;
 As missas que eu disser
 Todas serão para ti.
 «Não quero missas, Bernaldo,

Que são fogo para mim :
 Nas filhas que vós tiver
 Botae nome como a mim ;
 Nos filhos que vós tiver
 Botae nome como a ti.



GALLIZA

.....
 Chegando á ver a capilla
 de Rodomi.....
 o cabalo se m'espanta ;
 eu também m'espulñei.
 Oin a voz que decia :

- «Non teñas, non teñas medo,
 non me teñas medo á min,
 que son a dama e doncella
 qu' algún tempo te servin.
- Se és a dama e doncella
 qu' algun tempo me serviches,
 por qué non falasm' á min ?
 Se algún tempo me serviches
 por qué non bicas'm á min ?
- «Os labios que te bicavan
 n-a terra xa os metin.
 «Abur, caballero. abur,
 non podó estar máis aqui,
 porque os infernos están
 agardando xa por min,
- Se t'agardan os infernos
 venderei o meu cabalo
 e terei misas por ti.

«Non vendas o teu cabalo,
 non teñas misas por min ;
 cantas mais misas me teñas
 mais penas son para min.
 —Se por ti agarda o inferno
 Venderéi as minhas rentas
 e terei misas por ti.
 «Non vendas as tuas rentas
 nin teñas misas por min,
 cantas mais misas me teñas
 mais tormentos son para min.
 O dia d'a miña morte
 mal dia che foi pra min,
 por olvidarme de Dios
 e por membrarme de ti.
 Se te casas, meu soldado,
 cástate em Valladolid ;
 á primer filla que teñas
 poñeraslle com' 'a min,
 Pra que cand' a chames sepas
 acordarte ti de min.

4

A MORENA

(Versão de Castello Branco)

Fui-me á porta da Morena.¹
 Da Morena mal casada :

i Ergueu se frei Joanico
 Um dia de madrugada,
 Vestido de ponto em branco
 E tngendo sua guitarra,
 Foi-se a porta de Morena,
 A morena etc.—*Extremadura*

«Abre-me a porta, Morena,
 Abre-m'a, por tua alma!
 —Como te heide abrir a porta,
 Meu frei João da minha alma,
 Se tenho a menina ao peito
 E meu marido á ilharga?

Estando n'estas rasões,
 O marido que acordava:

«—Que é isso, mulher minha,¹
 A quem dás as tuas fallas?
 —Digo á môça do fôrno,
 Que veio vêr se amassava,
 Se amassasse pão de leite,
 Que lhe deitasse pouca agua.
 «—Ergue-te, oh mulher minha,
 Vae cuidar da tua casa;
 Manda teus môços á lenha,
 Teus escravos buscar agua.
 —Ergue-te d'ahi, marido,
 Vae ao monte pela caça;
 Não ha coelho mais certo
 Do que é o da madrugada.

O marido que sahia,
 Morena que se enfeitava:
 Seu mantéo de cochonilha²
 De dôze tostões a vara,
 Meia de seda encarnada
 Que na perna lhe estalava,

1

Que é isso, Morenita—*Alemtejo*

2

Com seu mantilho da lustro

Que o vento lh'o levava,

Seu sapatinho picado

Que no pé lhe rebentava—*Extremadura*.

Sua bengalla na mão
 Que mal no chão lhe tocava.
 Foi-se direita ao convento,
 A' portaria chegava ;
 O porteiro é frei João ¹
 Que pela mão a tomava ,
 Levou-a á sua cella,
 Muito bem a confessava...
 Penitencia que lhe deu
 Logo alli mesmo a resava.

A' sahida do convento
 O marido que a encontrava :

- «—D'onde vens, oh mulher minha,
 D'onde vens tão arreiada?
 —Venho de ouvir missa nova,
 Missa nova bem cantada ;
 Disse-a o padre frei João,
 Que assim venho consolada.
 «—Consolar-te heide eu agora
 Com a ponta d'esta espada... ²

Deu-lhe um golpe pelos peitos,
 Deixou-a morta deitada.

- Não se me dá de morrer,
 Que o morrer não custa nada,
 Dá-se-me da minha filha,
 Que a não deixo desmamada.
 «—Fôras tu melhor mãe que és,
 Não fôras tam mal casada,

¹ Frei João que a viu chegar,
 Em vez de correr saltava.—*Beir'alta.*
² Com o ôlho d'esta enchada.— *Idem*

Não havias de morrer
D'esta morte desastrada.

Levaram-n'a ao convento,
N'uma tumba amortalhada :
Sorria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

A Moreninha

(Versão do Porto)

Frei João se levantou
N'uma bella madrugada,
Chega á porta de Morena,
Da Morena engraçada :

—Abre-me a porta, Morena,
Morena da minha alma.
«Como te heide abrir a porta,
Frei João da minha alma?
Tenho o menino nos braços,
O meu marido á ilharga.

—«Com quem fallas, mulher minha,
A quem dás as tuas fallas?
«Fallo com o padeirinho,
Se cozia? se amassava?
Se cozia pão de trigo,
Que lhe não, deitasse agua;
Se cozia pão de ló
Uma pinguinha bondava.
Levantae-vos, meu marido,
Levantae a vossa casa ;

Mandae as môças á lenha,
 E as creadas buscar agua;
 Que o melhor coelhinho
 É o que sae de madrugada.

Seu marido que saía,
 Ella muito se aceiava;
 Seu sapato de setim,
 Que de polido estalava;
 Sua mantinha de seda,
 Que o ventinho levantava.
 Chega á porta do convento,
 Por Frei João perguntava;
 Frei João que tal ouvia,
 Por vir a correr saltava;
 Pegou-lhe pela mãosinha
 E para a cella a levava;
 Deu-lhe muito de comer,
 Deu-lhe muita marmelada,
 Deu-lhe um copinho de vinho
 Do melhor que a Ordem dava :

—Fica-te embora, Morena,
 Morena da minha alma.
 Vou á Igreja de San Pedro
 Dizer a missa cantada.

No meio do Evangelho
 O calix cahiu da mão;
 Acudiu o Provincial
 E toda a Religião :

—O que isto ? meus peccados !
 O que é isto, Frei João ?
 —São amores da Morena
 Que trago no coração.

Moreninha que tal viu,
 Safu muito apaixonada,
 Já no meio do caminho
 Seu marido encontrava :

- «D'onde vindes, mulher minha?
 Que vindes tão arrejada?
 «Venho de fazer visitas
 A quem veiu á nossa casa.
- «D'onde vindes, mulher minha,
 Que vindes tão isentada?
 Ou tu me temes a morte,
 Ou tu não és bem fadada!
- «Eu a morte não a temo,
 Pois d'ella heide morrer;
 Temo só os meus meninos,
 D'outra mãe podiam ser.
- «Confessa-te, mulher minha,
 Faz acto de contrição,
 Que te não tornas a vêr
 Nos braços de Frei João.

—●—

Frei João

(Versão de Rebordainhos—TRAZ-OS-MONTES)

- Abre-me a porta, Maria,
 Maria, linda casada.
- «Como te heide abrir a porta,
 Oh Frei João da minha alma,
 Se meu nino tenho nos braços,
 Meu marido á ilharga?
- Teu nino deita-o no bérço,
 Marido acorda-o p'ra caça,

Pois não ha melhor coelho
Do que é o da madrugada.

Estando n'esta rasão,
Seu marido acordava :

«Quem é esse, mulher minha,
Que contigo fallava?
«E' a filha da forneira,
Que pergunta se amassava :
Se amassava pão de ló,
Que lhe deite pouca agua,
E que guarde uma bôla
D'aquell' que mais levedava.
Levanta-te, oh meu marido,
Chama os pèrros, vae á caça,
Que não ha melhor coelho
Do que é o da madrugada.

Desde que o homem sahiu
Mariquinhas se aceiava ;
Vestiu vestido de seda,
Calçou sapatos de prata ;
Cobriu mantinha de seda
Que pelo chão lhe arrastava ;
Foi á porta do convento,
Por Frei João procurava.
Elle desde que a viu,
Não corria, que saltava,
Dava salto como côrça,
Caminhava como cabra ;
Pegara-lhe pela mão
P'ra sua cella a levava,
Dava-lhe pão de ló,
Cachinhos e marmelada.

A' sua volta p'ra casa
Com o marido se encontrava.

- D'onde vens, oh mulher minha,
Que vens tão acaida?
«Venho de ouvir missa nova,
Que Frei João a resava.
- Confessa-te, oh mulher minha,
Faz acto de contrição,
Que te não tornas a vêr
Nos braços de Frei João.
- «Eu não temo a morte
Não tenho medo de morrer;
Só tenho pena dos filhos,
Que outra mãe me vão a ter.
- Tiveras tu lealdade
A quem a devias ter.



Frei João

(Versão de Oliveira de Azeitões)

Frei João se levantou
Por uma manhã de geada;
Em procura da Morena
O Frei João caminhava.
Chegou á porta da Morena:

- Se me não abres a porta,
Não és Morena nem nada.
- «Não te posso abrir a porta,
Que estou muito occupada,
Co'os meus meninos nos braços
E meu marido á ilharga.

- «Quem falla ahi, oh Morena?
 «É o moleiro co'a fornada.
 Cala-te ahi, oh marido;
 Não fazes uma caçada?

O marido logo foi;
 Morena se aprontava,
 De mantéo, saia de seda,
 Do melhor que ella trajava.
 Frei João quando a viu
 Muito contente ficava;
 Dava pulos como a côrça
 E saltinhos como cabra.
 Pegou n'uma cadeirinha
 E logo se assentava;
 Bons copinhos de gelèa,
 Bons pires de marmelada;
 Pegou n'ella pela mão
 A sua cella a tirava.
 Ao sair da sua cella
 Seu marido encontrava.

- «Que fazes por aqui, Morena,
 Que vens tão aceiada?
 «Venho da ouvir missa nova
 Pelo Frei João cantada.
 — «Que missa seria ella
 Que nem os sinos tocaram?
 Eu passei pelo convento,
 As portas estavam fechadas.
 «Cala-te ahi, oh marido,
 Cala-te não falles nada,
 Que a missa de Frei João
 É dita á porta fechada.
 — «Pega lá uma facada
 No lado do coração,

Para que mais não tornes
 A' missa de Frei João.
 «Não se me dá da morte,
 Não se me dá de morrer ;
 Dá-se-me dos meus meninos
 Sem uma mãesinha ter.



Mulher Falsa

(*Granja Nova—Mondim da Beira*)

Indo eu para a campanha,
 Esqueceu-me a espingarda,
 Tornei para traz por ella,
 Achei a porta fechada.

—Oh mulher, abre lá a porta,
 Que me esqueceu a espingarda.

Arrombei-a c'o hombro esquerdo,
 Atirei co'ella ao meio da casa :

—Que é isto, oh mulher?
 Que vae cá por nossa casa?

«Cala-te lá, oh marido,
 Temos a vida arranjada ;
 Que um senhor religioso
 Prometteu capote e saia.

—Mulher que tal falla dá
 Merece ser queimada,
 Em trinta carros de palha
 E outros tantos de ramalha.

Frei João

(Versão de Elvas—ALEMTEJO)

Levantou-se Frei João
 N'uma manhã de geada,
 Abotoando os calções,
 Tocando em sua guitarra,
 Foi á porta da Aurora.
 Morenita malfadada.

- Abre-me a porta, Aurora,
 Pelas cordas da tua alma
 «Como te heide abrir a porta,
 Frei João da minha alma.
 Se tenho meu filho ao peito,
 O meu marido á ilharga.
- «Quem é esse, mulher minha,
 Que contigo ora fallava?
 «E' o môço do fôrno
 Que pergunta se amassava;
 Se amassasse pão de leite
 Que lhe deitasse pouca agua,
 Se amassasse pão de trigo
 Uma pinga só bastava.
 Levanta-te, marido meu,
 Vae fazer tua caçada,
 Que não ha melhor hora
 Que a hora da madrugada,
 Manda-me de lá uma lebre
 P'ra noite t'a ter guisada.
- «Levanta-te, mulher minha,
 Vae tratar da tua casa;
 Manda tuas filhas á fonte
 Com jarras de ouro e prata.

O marido que sabia,
Ella que bem se enfeitava:
Bom sapato, bella meia,
Que na perna lhe estalava,
Foi á porta do convento
Por Frei João perguntava.
Frei João assim que a viu,
Em vez de correr saltava,
Pegava-lhe pela mão,
A' sua cella a levava;
Dá-lhe cópos de gelêa,
Talhadas de marmelada.
Ella que vinha p'ra casa
Co' marido se encontrava :

- Onde foste, mulher minha,
Que vens tão enfeitada ?
• Venho de dar parabens
Pertencentes a nossa casa,
A nossa prima Francisca
P'lo filho que Deus lhe dava.
— Fizeste bem, mulher minha,
Fizeste tu como honrada ;
Agora o que tu mereces
E' que te dê uma saia.

A primeira que lhe deu
Foi com a tranca da porta ;
A segunda que lhe deu
Foi co'a tumba já á porta.

Frei João

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

— Abre-me a porta, morena,
 Abre-me a porta, minha alma!
 « Como te heide abrir a porta,
 Meu Frei João da minha alma,
 Se tenho meu filho aos peitos,
 E meu marido áilhaga?

Estando n'estas rasões,
 Seu marido que acordava :

— « O que é isso, mulher minha,
 A quem daes as vossas fallas?
 « Dou á filha da forneira,
 Que veio vêr se eu amassava,
 Se amassasse pão de leite,
 Que lhe não deitasse agua;
 Se amassasse pão de ló
 Qualquer pinga lhe bastava.

— « Levanta-te, mulher minha,
 Levanta-te a amassar;
 Mulher que tem casa e vida
 Tem sempre que a governar.
 As duas filhas que temos
 Ambas já a levantar;
 Uma, que vá buscar agua,
 Outra que vá enfornar.
 « Levanta-te, homem meu,
 Vae fazer uma caçada,
 Que não ha melhor coelho
 Que o coelho da madrugada.

O marido que sahia,
 Ella logo se enfeitava,

Com vestido de côr viva,
 Que no corpo lhe brilhava ;
 Com sapatos de setim
 Que no chão mal tocava ;
 Com meiasinha de seda
 Que na perna lhe estalava ;
 E com mantinho de rendas
 Que o ventinho levantava.
 Logo chega á portaria,
 Por Frei João perguntava ¹.
 Frei João, assim que a viu,
 Em vez de correr saltava ;
 Pega-lhe logo p'la mão,
 Para a cella a levava ;
 Dá-lhe fructas saborosas,
 Tijellas de marmelada,
 Deu-lhe ainda bellos doces,
 Doces de que ella gostava ².

—Vae-te embora, moreninha,
 Que teu marido não tarda,

Moreninha que saía,
 O marido encontrava.

—D'onde vindes, mulher minha,
 Que vindes tão enfeitada ?

Na versão de *Lagos* :

- ¹ Com seu lencinho na mão
 Pelo Frei João acenava.
- ² —Vae-te embora, morena,
 Vae-te embora, mal casada,
 Pode vir o teu marido
 E achar a porta fechada.

- «Venho de ouvir missa nova,
Que me regalou esta alma.
- «Confessa-te, mulher minha,
Que te vou tirar a vida.
- «Não tenho medo da morte,
Que eu a morte a Dens mer'cia;
Tenho pena de meus filhos,
Outra mais não na teria.
- «Confessa-te já, mulher,
Faz acto de contricção,
Para não tornares a vir
À cella de Frei João.



A Morena

(Versão de Faro)

- Abre la porta, morena,
Abre la porta, minha alma!
- «Como te heide abrir a porta,
Meu frei João da minha alma?
Tenho meus filhos ao peito
E meu marido á ilharga!
Levanta-te, meu marido,
Pega nos cães, vae á caça,
Não ha caçada melhor
Que a da madrugada.
- Seu marido que saía,
Morena que se aprontava:
Com sua meia de seda
Na perna lhe estalava;
Com sapato de setim
Que no chão não lhe tocava;

Com seu vestido de seda
 Que a todos esmagava ;
 Com uma capa de moiré
 Que o vento levava.
 Chegando ao convento,
 Por Frei João perguntava.
 Frei João que isto ouviu,
 Se havia de correr saltava ;
 Pegou-lhe na sua mão
 Levou-a para a sua cella,
 Dando-lhe beijos e abraços
 E bocadinhos de marmellada.

=Vae-te embora, morena,
 Vae-te embora, minha alma,
 Pode teu marido vir
 E achar a porta fechada.

A morena que saía,
 Seu marido que a encontrava :

=D'aonde vens, oh morena,
 Que vens tão orvalhada ?
 «Eu venho da missa nova,
 Com ella venho consolada.
 =Anda lá mais para diante,
 Que uma facada levarás.
 «Não se me dá de morrer
 Nem tão pouco de acabar,
 Só se me dá das contas
 Que a Deus tenho de dar ;
 E tambem dos meus filhos
 Que outra mãe não hãode ter.
 =Toma lá esta facada
 Do lado do coração,
 P'ra não dar beijos e abraços
 Outra vez em Frei João.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Frei João

(Versão de Ponta da Cruz)

- Onde irás tu, Frei João,
Por tão fria madrugada,
N'esse demudado trajo,
Guitarra encordoada?
«Vou passado de convento,
Comprida é la jornada.

Mas onde foi? Foi á porta
Da Morena malcasada :

- Abre-me a porta, Morena,
Olha que estou na geada;
Se me não abres a porta,
Não és Morena nem nada.
« Bem quizera, Frei João,
Metter-te na minha cama;
Mas tenho cá meu marido,
Tenho la filha na mama.

Palavras não eram ditas,
Seu marido acordava :

- « Dizei-me cá, mulher minha,
Alguem comvosco fallava?
« Foi lo filho da padeira
Que n'esta hora me avisava,
Que p'r'amassar nosso pão,
Agua e lenha faltava.

Lo marido suspeitou,
Se de antes não suspeitava;
E posto de má tenção,
Las suspeitas disfarçava.

—«Erguei-vos, então, mulher,
La casa a governar;
Mandae los pretos á lenha,
Las pretas agua buscar;
Que eu, como caçador,
Longe vou hoje caçar;
La caça de manhãsinha
É mais certa de encontrar.

E logo se ergueu Morena
La casa a governar:
Mandou los pretos á lenha,
Las pretas agua buscar.
E seu marido lá foi
Dizendo que ia caçar;
Caça, n'esta manhãsinha,
Certo conta de encontrar.
Morena, mal se viu só,
Logo se foi aceiar:
La boa meia de sèda,
Na perna a estalar;
Seu vestido de cabaia,
No corpo a requebrar;
Seu fino lenço nos hombros,
Pouco los pode tapar;
Por cima curto mantéo,
A esconder e mostrar:
Assim se foi ao mosteiro
Por Frei João perguntar.

Bem la ouviu Frei João,

Que estava alli á portada ;
 E logo la recolheu
 Na sua cella fechada :
 Deu-lhe fôfo pão de ló,
 Fatias de marmelada ;
 Ao despois, larga conversa,
 Que não monta ser contada.
 Frei João, por despedida,
 Que não quiz faltar a nada,
 Deu-lhe da arca das missas
 Grossa moeda contada.

—«Ora adeus, meu Frei João,
 Frei João da vida airada :
 Que Deus nos deixe chegar
 Outra manhã de geada.

Sáe Morena do mosteiro,
 Seu marido na estrada ;

—«Vós por aqui, mulher minha,
 E assim ataviada ?
 «Vim á missa da matina,
 Que se diz de madrugada ;
 Sempre fui muito devota
 D'estas missas da alvorada.
 Mas vós, marido, aqui ?
 La missa já foi resada ;
 E ou ella foi comprida,
 Ou curta foi la caçada.

—«Seria então la missa
 Que foi muito delongada ;
 La caça, que eu quiz, cacei,
 Que la tomei descuidada.
 Andae lá, andae mulher,
 Minha caça, estás caçada ;

- Armei-te um laço, cahiste,
 Vou-te apertar la laçada.
 «Matae-me embora, marido,
 Não se me dá d'isso nada;
 Só me pesa minha filha,
 Que inda não é destetada.
- «Foreis vós como quer Deus,
 Commigo bem maridada,
 Que não terieis, treidora,
 Morte nem já, nem penada.

●

Morena

(*Versão de Machico*)

- Abre la porta, Morena,
 Que estou de pés na geadá;
 Se me não abres la porta,
 Morena, não vales nada.
- « Como te heide abrir la porta,
 Meu Frei João da minh'alma?
 Tenho lo filho á teta
 E lo marido na cama.
- Lo marido não dormia,
 Mas fingiu-lhe que acordava:
- «Jurára eu, mulher minha,
 Alguem comvosco fallava?
 «Foi la môça da forneira
 A perguntar se amassava:
 Se amassasse pão de leite,
 Que leite e lenha faltava.
- «Seja como vós quizerdes,
 (Lo marido reprecava.)

E ella, de má tenção,
Fingidas fallas lhe dava :

«Se fôra eu vós, marido,
Já d'aqui me alevantava ;
Um ao leite e outro á lenha,
Preto e preta mandava :
E depois, sem mais delonga,
A' caça me caminhava,
Pollo luzir da manhã,
No covil eu l'apanhava.

Elle, então, já tenção feita,
Esta sentença lavrava :

— «Será como vós dizeis.

E logo se alevanta ;
Logo, em altos apupos,
Preto e preta chamava ;
Ella, a ordenhar leite,
Elle, á lenha mandava ;
E logo, sem mais delonga
Elle *a caçar* caminhava,
Deitando los seus futuros
Que no covil l'apanhava.
Marido fóra da porta,
Ella da cama a saltar ;
E logo que se viu só,
Eil'a se foi asseiar :
La boa meia de laia
Na perna a estalar ;
De sarja lo bom vestido
Na cintura a esgarçar ;
Mantilha de lâ nos hombros.
Que nem los póde tapar !

E lá se foi ao mosteiro
 Por Frei João perguntar,
 Frei João, que la bispou,
 De contente já saltava,
 E, lá por portas travessas,
 A' sua cella a levava ;
 Fatias de pão de ló
 E marmelada lhe dava ;
 Ao depois, largas conversas
 Com Morena conversava.
 Quando mal se precataram,
 La manhã que lhe acclarava :

- Adeus, adeus, oh Morena !
 (E Morena se abalava.)
 —Adeus, adeus Frei João !
 (E Frei João se ficava.)
 —Sabe Deus quando teremos
 Outra manhã conversada.

Morena fóra da porta,
 Seu marido na estrada :

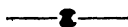
- «Morena, vós d'onde vindes
 Tão cedo, tão assejada ?
 «Vim á missa da matina,
 Que é antes da madrugada.
 E vós, marido, aqui ?
 Fizestes curta caçada.
 —«Vossa missa, mulher minha,
 É que foi mui delongada.
 La caça que eu procurei
 Foi no covil apanhada ;
 Caiu-me viva nas mãos,
 Tanto estava descuidada ; . . .

E, como quero não fujas,
Vaes já já ser degolada.

Morena então desatou
A chorar, e a dizer:

«La morte eu la mereço;
Só me pesa de meu filho,
Que outra mãe não póde ter.

E no adro do mosteiro
Seu marido la matou;
Ella deu contas a Deus...
Ao frade quem las tomou?



Morena e Frei João

(*Versão do Funchal*)

—Abre ta porta, Morena,
Oh, que noite de geadal
Se me não abres la porta,
Nunca mais te darei nada.

«Vae-te embora, Frei João,
Que esta noite é aziaga;
A mamar tenho lo filho,
Lo marido á ilharga,

Palavras não eram ditas,
Lo marido a acordar:

«—Dizei-me cá, mulher minha,
Com quem estaes 'hi a fallar?

«La padeira, que pergunta
Como hade ella amassar ;
Que no pote não tem agua,
Tão pouco, lume no lar.
«—Ficae, pois, mulher, na cama.
Que eu me vou alevantar ;
Duas filhas, que ahi temos,
Ambas las vou acordar ;
Uma que vá pedir lume,
Outra vá agua buscar ;
E despois vou por 'hi fóra,
Além ás serras caçar.

Morena lhe respondeu,
Cuidando lo enganar :

—«Lo mais está de minha conta ;
Podeis ir já montear.
—«Pois, adeus. Ficae, mulher,
Nossa casa a governar ;
Que la hora da manhã
É la melhor de caçar.

Lo marido que sabia,
Ella que se alevantava ;
Las filhas ficam dormindo,
E ella que se enfeitava :
Boa meia, alva de neve,
Que na perna lhe estalava !
Sapato de cordovão
No seu pésinho calçava ;
Deitando la capa aos hombros,
Ao mosteiro caminhava ;
E, chegada á portaria,
Por Frei João perguntava.
E elle, posto de janella,

Sua guitarra tocava ;
 Mas, avistando Morena,
 Se houvera correr voava :
 E' aberto lo postigo,
 Morena por 'hĩ entrava,
 E d'ahi se foi á cella
 Onde Frei João morava.
 Frei João deu-lhe um vestido,
 De sete reaes a vara ;
 Item, um lenço de sêda,
 Que meio sequim custara ;
 E mais Frei João lhe deu,
 Que sua freira mandára,
 Bocetinhas de confeitos,
 E bom vinho que guardara.

«Adeus, qu'rido Frei João,
 Da minha alma prenda amada,
 Que Deus nos deixe gosar
 Outra manhã tão folgada.
 —Morena, que Deus nos dê
 Outra manhã invernada.

Já fóra da portaria,
 Lá vae ella na estrada ;
 E poucos passos andados,
 Logo se vê salteada
 Do marido, que pergunta :

—«D'onde vindes apressada ?
 «Venho do santo mosteiro,
 Fui á missa da alvorada.
 —«E eu, mulher, aqui mesmo
 Vim fazer minha caçada.
 Missa má que tu ouviste
 Pollo diabo resada,

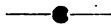
Aqui te mata n'esta hora,
Sem siquer ser confessada.

E, puxando de uma faca,
Poz-se a pregoar então :

- «Hoje é uma sexta feira,
Vou deitar alto pregão :
Eu mato minha mulher,
Barregan de Frei João ;
Duas facadas lhe dou,
E ambas ao coração :
Deus, se quer, que lhe perdõe,
Que de mim não tem perdão.

Virou-se para seus visinhos,
E disse, a casa chegado :

- «Aqui estou na minha casa,
De meu gabão encarnado ;
Saiba Deus e todo o mundo
Que eu sou um villão honrado.



Frei João Sem cuidados

(Versão de Funchal)

A mulher mail'o marido
A dormir já estão deitados,
Quando, polla noite velha,
Ouvem andar nos telhados,

- Ai, mulher, isto que é ?
«Serão almas de finados,
Que andam aqui penando
A' conta de seus peccados.

Mas quem, de verdade, foi,
Foi Frei José Sem-cuidados,
Que, como por barra livre,
Vinha entrar pol los eirados.

—Ai, mulher, que mêdo tenho
D'estas almas dos penados!
«Eu las vou afugentar
Com meus responsos resados:
Oh almas do outro mundo,
Que vindes remir peccados,
Meu marido está em casa,
Vossos passos são baldados.

Palavras não eram ditas,
Já Frei José Sem-cuidados,
Dando de pôpa no vento,
Los deixou assocegados.



Marianna

(Versão do Funchal)

—Marianna, Marianna!
«Quem é você, que me falla?
—Bem no cuidas, Marianna.
«Veja você se se cala.

—Marianna, Marianna!
«Que quer você, que me chama?
—Padeço de mal de amor.
«Você que se cur' na cama.

—Marianna, Marianna!

- «Diga você lo que quer.
 —Abre la porta, Marianna.
 «P'ra frade não sou mulher.
- Morro aqui, Marianna!
 «Morra você n'outro cabo.
 —Morro por ti, Marianna!
 «Vá morrer pol lo diabo.

O Frade caçador

(Versão de Caniço)

Lo Frade la váe de bragas
 Na Mangerona caçar;
 Qual la caça a que elle foi
 Bem será de adivinhar.
 E por lá perdeu as bragas...
 Mangerona a caçar.
 Quem nas ache não las dê,
 P'ra lo frade envergonhar.
 Ai, meu frade reverendo,
 Olha não te vão caçar;
 Não te vão ás linhas brancas
 Algum remendo deitar.

●

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Xacara da Morena

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Erguera-se Frei João
 Um dia de madrugada,
 Atacando seu calção,

Tocando sua guitarra,
Chegou á porta da dama
Um romance lhe cantára :

—Abre-me a porta, Morena,
Abre-m'a pela tua alma.
«Como te hei de abrir a porta,
Meu Frei João da minha alma,
Se estou c'o meu filho ao peito
E meu marido á ilharga?

—«Dize-me tu, mulher minha,
A quem dás as tuas fallas?
«É ao môço da padeira,
Que vem saber se amassava ;
Se o pão era de leite
Que lhe não deitasse eu agua.

—«Ergue-te d'ahi, mulher minha,
Vae reger a tua casa,
Manda os cativos á lenha,
Manda os criados á agua,
Para mais descanso vosso
Vos irei varrer a casa.

«Erguei-vos d'aí, homem meu,
Chamae os cães, ide á caça,
Que o mais certo coelho
E' esse da madrugada,
Que não ha caça mais certa
Do que a da madrugada.

Assim que elle caminhou,
Ella toda se arreiara,
Com sua saia de seda
Pela cidade arrastava,
Com sua capinha nova,
Seu nó de fita roçada,
Com seu chapéo na cabeça

Que o seu ouro lhe abanava.
Chegara á portaria,
Por Frei João perguntára?
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;
Pegára-lhe pela mão
Levara-a p'ra sua sala,
Com galinhas e capões
Nada de comer faltava...
Déra-lhe pão e vinho
Do que a sua Ordem dava;
Comprou-lhe saia de seda
De cem mil reis cada vara.

Ao saír da portaria,
Seu marido encontrára:

- «D'onde vens tu, mulher minha,
Que vens tão arrejada?
«Venho de ouvir missa nova,
Que venho bem regalada.
- «Qual foi o padre que a disse,
Qual foi o que a cantou?
«Foi Frei João da minha alma,
Que tão bem me regalou.
- «Quem me te dera, mulher,
N'uma fogueira queimada,
Com cem carradas de lenha,
Todas cem t'eu atiçava.
- «Quem me te dera, bem meu,
N'umas meias laranjadas,
Todas lavradas em sangue
Com duas mil adagadas.

Frei João

(Variante da Ilha de S. Jorge)

Erguera-se Frei João
 Uma manhã de geadá,
 Penteando o seu cabelo,
 Tocando sua guitarra,
 Foi á porta da Morena,
 Da Morena mal casada :

- Abre-me a porta, Morena,
 Que estou c'ó pé na geadá,
 Se me não abres a porta
 Não és Morena, nem nada.
 «Como te posso abrir,
 Frei João da minha alma,
 Se tenho um filho ao peito
 E meu marido á ilharga.
- «Dizei-me, minha mulher,
 A quem daes as vossas fallas?
 «Dou á filha da padeira,
 Que me veiu perguntar :
 Se amassava pão de milho
 Que lhe deitasse pouca agua,
 Se amassava pão de trigo
 Qualquer gotinha bastava.
- «Levantae-vos, oh mulher,
 Arranjae a vossa casa,
 Chamae as vossas criadas
 Para vos vir ajudar.
- «Levantae-vos, homem meu,
 Ide p'ra caça caçar,
 Que a caça da manhã
 E' mais certa que a da tarde.

Seu marido caminhando,
 A Morena se aceiara,
 Calçara meia de seda
 Que na perna lhe estava,
 O seu vestido de seda
 Que no corpo desbancava ;
 O seu lencinho de seda
 Que o ventinho lhe abanava ;
 Chegou ao portão dos frades,
 Por Frei João perguntara ?
 Frei João que tal ouviu
 Se havia de correr saltava ;
 Pegara-lhe pela mão
 Levara-a p'ra sua sala,
 Deu-lhe um copinho de vinho,
 Talhada de marmelada,
 Deu-lhe um vestido de seda
 De cem mil reis cada vara.
 Chegou ao meio do caminho
 Seu marido encontrára :

- «D'onde vindes, mulher minha,
 Que vindes tão arreiada ?
 «Venho de ouvir missa nova,
 D'isso venho regalada.
- «Qual foi o padre que a disse,
 Quem foi o que a cantou ?
 «Foi o padre Frei João,
 Que muito me regalou.
- «Deixae estar mulher, minha,
 Temos contas para ajustar.
 «Não se me dá de morrer,
 Que eu nasci para acabar ;
 Importa-me os meus filhinhos
 Que me ficam por criar.
- «Não te importes c'os teus filhos,

Que outra mãe lhe heide dar.
 «Não se me dá de morrer,
 Que eu nasci para acabar,
 Dá-se-me da triste conta
 Que a Deus tenho para dsr.
 —«Pega lá uma facada
 Do lado do coração,
 P'ra t'eu não tornar a vêr
 Em braços de Frei João.

«Se vires a Frei João,
 Dizei-lhe que digo eu,
 Que não ponha chapéo pardo,
 Que a Morena ja morreu.

5

O CORDÃO DE OIRO

(Versão ribatejana)

Lá se vae o capitão
 C'os seus soldados á guerra,
 Duzentos eram quintados,
 Eram duzentos de léva.¹
 Se todos elles vão tristes,
 Um mais que todos o era;
 Baixa traz a sua espada,
 Seus olhos póstos em terra.
 Lá no meio do caminho
 O capitão lhe dissera:

1

Duzentos quintados eram *Tras-os-Montes*.

- Porque vaes triste, soldado,
Essa paixão por quem era?
«Não é por pae nem por mãe,
Nem por irmã que eu tivera,¹
E' pela esposa que deixo
Lá tão só na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sete arrateis bem péza,
Mais me péza a mim levál-o,
Que ao partir lh'ó não dera!
- Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vél-a.
Se a encontrares chorado,
Fieas sete annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.

Quem saltava de contente
O meu soldadito era.
Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettèra;
Inda não é meia-noite,
A' sua porta batèra.

- «—Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?
«E' um soldado. senhora,
Que vos traz novas da guerra.
- «—Mal haja a nova que traz,
E mais quem veiu trazèl-a!
Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado

¹ Nem por minha irman mais velha — *Tras-os Montes*

Que a tam má hora aqui chega.
 «—Amigo, vindes errado
 Co'as vossas novas da guerra :
 Deixae-nos dormir em paz,
 Que bem precisamos d'ella.

Foi-se d'alli o soldado
 Mais prompto do que viera.

«Bem haja o meu capitão
 Pelo bem que me fizera!
 Com sete dias de aguardo...
 Nem sete horas carecêra
 Para me quitar saudades
 Livrar-me de toda a pena!
 Tomae lá, meu capitão,
 Os mimos da minha terra :
 Este cordão de oiro fino,
 Que agora ainda mais me péza.
 Minha mulher não presisa,
 Que os primos podem mantê-la.
 —Pois tua mulher tem primos,
 E tu vinhas com dó d'ella!...

O Soldadinho

Versão de Urros — TRAZ-OS-MONTES)

—Que tens tu, oh soldadinho,
 Que andas tão triste na guerra?
 Se te alembra pae ou mãe
 Ou gente da tua terra?
 «Não me alembra pae nem mãe,
 Nem gente da minha terra ;

Só me alembra uma menina,
 Que era linda e donzella.
 —Se tu a quizeres vêr
 Sete annos te eu déra,
 Ao cabo dos sete annos
 Jura armas e bandeira,

Estando n'estas rasões,
 O soldadinho marchou :
 Lá no meio do caminho
 Um pulv'rinho se armou.

«Não te espantes, meu cavallo,
 Não te espantes ora aqui ;
 Eu vou vêr a minha amada,
 Que ha muito a não vi.
 =A tua dama é morta,
 Já é morta, que eu bem na vi ;
 Se tu queres sinaes d'ella
 Eu t'os dou agora aqui.
 «Se me deres sinaes d'ella
 Eu me fiara em ti.
 =Levava saia de cambraia,
 E jaqué de carmezim ;
 O cinto que a apertava
 Era de ouro e marfim ;
 Uma touca de oleado
 Foi coisa que eu nunca vi !
 Os padres que a acompanharam
 De tantos não tinham fim.

Fui ao cemiterio santo,
 Sem susto algum entrei ;
 Adorei a sepultura,
 Os olhos ao céo levantei.
 Disse para a terra sagrada :

«Venho aqui a este fim,
 A vêr se a minha anuada
 Eu encontro n'este jardim.
 Venderei o meu cavallo,
 Para missas para ti;
 Não chegando o meu cavallo,
 Até me vendo a mim.

— «Não vendas o teu cavallo
 Nem missas digas por mim;
 Estou mettida no inferno,
 Tudo por amor de ti.
 Quanto mais missas me dizem,
 Mais penas são para mim.
 Os olhos com que te via
 De chorar não têm fim;
 Os braços com que te abraçava
 Já não tem vigor em si;
 A bocca com que te beijava
 Já de terra a enchi.
 Deus queira que vás casar
 Para as bandas de Sandim,
 Com uma mulher mui linda
 Que não te alembres de mim.
 As filhas que tu tiveres
 Leva-as diante de ti,
 Que se não percam por homens,
 Como eu me perdi por ti.

—●—

Entrada de Maio

(*Versão de TRAS-OS-MONTES*)

Na entrada de Maio,
 E na saída da primavera,
 Principiou el-rei Dom Fernando
 A deitar quintos na terra.

- Dize-me, oh soldadinho,
 Que tão triste váes na guerra,
 Se te lembra pae ou mãe,
 Ou ausencia da tua terra?
 «Não me lembra pae ou mãe,
 Nem ausencia da minha terra;
 Lembra-me a minha namorada,
 Que é bonita e donzella.
- Se a tu queres ir vêr,
 Sette annos te darei;
 Pega arma e cavallo
 Tua namorada vae vêr.

Indo ao cabo do caminho:

- = Onde vás, oh soldadinho?
 «Vou vêr minha namorada,
 Que ha dias que a não vi.
- = Tua namorada é morta,
 E' morta, que eu bem na vi.
 «Diz'-me que sinaes levava,
 Darei credito a ti.
- = Levava vestido crépe,
 Jaleco de carmezim,
 A touca de oleado,
 O caixão de ouro e marfim;
 Sette damas a chorar
 Todas por amor de ti.

Indo ao cabo do caminho,
 Levantou-se um borborinho:

- «Não te espantes, oh soldado,
 Não te espantes tu de mim,
 Que eu sou tua namorada,
 Que algum tempo te servi.

«Se tu és minha namorada,
 Porque não fallas tu a mim?
 —«A bocca com que fallava
 Já não a trago aqui,
 Nem a terra me comera,
 Meus amores, ai de mim!
 O dia da minha morte
 Foi mui triste para mim;
 Se me havia lembrar de Deus,
 Lembrei-me, amor, de ti.
 Agora vivo em penas
 Por seculos sem fim.
 «Venderei o meu cavallo
 Para te dizerem missas;
 Se não bondar meu cavallo,
 Venderei tambem a mim.
 «—Não vendas o teu cavallo,
 Nem tão pouco a ti;
 Quanto mais missas me dizem
 Mais penas são para mim.
 Soldadinho, se casares,
 Casae em Badahim,
 Com uma môça bonita,
 Não se chame como a mim;
 Quando por ella chamares
 Que te não lembres de mim.
 As filhas que tiveres
 Leva-as diante de ti,
 Que não se percam como eu
 Perdi por via de ti.

(Versão abreviada : Duas Igrejas)

O Maio, era por Maio,
 No tempo da primavera,
 Quando el-rei Dom Alonso

Mandava quintal a terra ;
 Debaixo das suas bandeiras
 Quinhentos soldados leva,
 Quinhentos eram quintados
 E os demais quintados eram.
 Na dianteira de todos
 Vae um gram cabo de guerra ;
 Seu chapéo levava baixo,
 E os olhos póstos na terra.
 Pergunta-lhe o general :

- Por quem levas tanta pena ?
 Se la has por páe ou mãe,
 Que ficasse em tua terra . . .
 « Não la hei por páe ou mãe
 Que ficasse em minha terra ;
 E' pela minha esposa Helena

- Tres dias te dou de alargo,
 Que te vás estar com ella,
 Ao cabo de quatro mezes
 Cavalleiro para a guerra.

●
 GALLIZA

—
 (*Versão da Coruña*)

Xeneroso capitán
 O que ven á esta guerra,
 pra quintar os soldados
 e leváno-los d'a terra.
 Cento lévaos quintados,
 trinta voluntarios foron.
 D'os quintados
 un moi triste vai á guerra !

—Porqué vas triste, soldado,
porqué te vas triste á ela ?
«Eu non vou por pai nin nai,
nin cormanceiros que teña ;
vou por medo que me morra
a minha dama e doncella.

—Sete annos te dou ausolto,
que te volvas pr'ond'a ela :
o cabo d'os sete annos
de que te botes á guerra.

.....

«Volta, meu cabalo, volta,
volta antes que morra ela.

§ III — *Cyclo de Peregrinos e Cativos*

1

CONDE PREZO

(*Versão de TRÁS OS-MONTES*)

Prezo vae o conde, prezo,
Prezo vae a bom recado;
Não vae prezo por ladrão;
Nem por home' haver matado,
Mas por violar a donzella
Que vinha de San Thiago.
Não bastou dormir com ella,
Se não dal-a ao seu criado!
Accommetteu a na serra,
Mui longe do povoado;
Por morta ali a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.
Foi é presença do rei
Onde o Conde era levado:

«Eu te requeiro, bom rei,
Pelo Apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado:
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado;
Não ha fôro ou privilegio
Onde Deos é o aggravado.

Disse o rei aos do conselho,
Com semblante carregado:

- Sem mais detença este feito
Quero já desembargado!
- «Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado;
Ou hade casar com ella,
Ou senão.. ser degollado.
- Pois que me praz, (disse o rei)
O algoz seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.
- «—Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Antes morrerei mil vezes,
Antes que ser deshonorado!
Não me enterrem na egreja
Nem tampouco em sagrado;
N'aquelle prado me enterrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado;
De cabeceira me ponham
A pelle do meu cavallo,
Que digam os passageiros:
=Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal de amores,
Que é um mal desesperado.=

—●—

Dom Garfos

(Variante da Covilhã — BEIRA BAIXA

Lá abaixo vem o conde,
Prezo vem, arreitado,
Não por furtos que haja feito,

Nem por homens que ha matado ;
 Foi por zombar da romeira
 Que vinha de San Thiago.
 A romeira era nobre.
 A el-rei se ha queixado.

«Mando que case com ella,
 Ou que seja enforcado !
 — Não heide casar com ella.
 Nem heide ser enforcado !
 Quem me dera aqui meus pretos,
 Ou meus velozes cavallo,
 Ou meu sobrinho Dom Garfos,
 Que eu me vira bem vingado.

Palavras não eram ditas,
 Dom Garfos era chegado :

— «Quem vos trouxe aqui, meu tio,
 Tão prezo e arreatado,
 Não por furto que h:ja feito,
 Nem por homens que ha matado ?
 — Foi por zombar com a romeira
 Que vinha de San Thiago ;
 A romeira era nobre
 A el-rei se ha queixado.
 Manda que case com ella,
 Ou que seja enforcado.
 Vae tu fallar com el-rei,
 A vèr se me ha perdoado.

Entrou por palacio dentro :

«Deus vos salve, meu bom rei !
 Mandae-me soltar meu tio,
 Se não eu o soltarei.

— «Vae, Dom Garfos, para casa,
 Dorme um somno descansado;
 Das onze p'r'a meia noite
 Teu tio será soltado.

Lá pela noite adiante
 Acordou sobresaltado!
 Disse p'ra sua mulher,
 Que um sonho tinha sonhado:

«Lá no Terreiro do Paço
 Está meu tio enforcado!
 — Não digas isso zombando,
 Que esta noite ouvi um brado.

Com uma mão veste a capa,
 Com outra sela o cavallo;
 A um pretinho que tinha
 Uma lança lhe ha dado.
 Foi-se ao Terreiro do Paço
 E viu seu tio enforcado!

«Deus te perdôe, meu tio,
 Deus te tenha perdoado!

Sete condes caminhavam
 A vêrem o enforcado;
 A um mata, outro degolla,
 Só um lhe ha escapado,
 E esse mesmo que escapou
 Foi á unha de cavallo,

— «Oh Dom Garfos, oh Dom Garfos,
 Não sejas desatinado!
 Mataste-me já seis condes,
 Os melhores do meu reinado.
 «E a vós tambem, proprio Rei,

Se cá estivesses em baixo ;
Mas como estaes de ventana,
Palraes nem um papagaio !
Mas n'uma filha que tendes
Eu me verei bem vingado.

Vae Dom Garfos para casa,
Quatro facadas lhe ha dado :

Uma é á honra de tu padre,
Outra á honra de tu madre ;
Outra por minha saúde,
Que te as haja mui bem dado !
Outra por seres traidora,
Que me não has acordado.

Justiça de Deus

(Variante da BEIRA-ALTA)

Prezo vae o conde, prezo,
Prezo vae a bom recado ;
Não vae prezo por ladrão,
Nem por homem ter matado,
Mas por violar a donzella
Que vinha de San Thiago :
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado !
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado :
Por morta ali a deixara,
Sem mais dó, nem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Se não que Deus sempre acode

A amparar o desgraçado.
 Passou por ali um velho,
 Um pobre velho soldado,
 As barbas brancas de neve,
 Em sua espada abordoado.
 Vieiras traz na esclavina,
 O chapéo d'ellas cercado;
 Chegou-se á pobre romeira
 Com muito amor, muito agrado :

— Não chores mais, filha minha,
 Filha; de mais tens chorado;
 Que esse villão cavalleiro
 Prezo vae a bom recado.

Levou comsigo a donzella
 O bom velho do soldado;
 Vão á presença d'el-rei,
 Onde o conde era levado :

— Eu te requeiro, bom rei,
 Pelo Apostolo sagrado,
 Que n'esta tua romeira
 O fôro seja guardado :
 Da lei divina é casar-se,
 Da humana ser degollado :
 Que não valem fidalguias
 Onde Deus é o aggravado.

Disse el-rei aos do conselho,
 Com semblante carregado :

— Sem mais detença, este feito
 Quero já desembargado.
 — Visto está o feito, visto,
 Julgado está, bem julgado :
 Ou hade casar com ella,

- Ou senão, ser degollado.
— «Pois que me praz, disse o rei,
O algoz que seja chamado ;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.
«Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Mas antes morrer mil vezes,
Que viver envergonhado.

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado :

- Fazeis, bom rei, má justiça,
Máo feito tendes julgado ;
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.

Palavras não eram ditas,
A espada tinha arrojado ;
Despe o gaivão de romeiro,
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um santo Bispo
Apparece transformado !
Sua mitra de pedras finas,
De ouro puro o seu cajado ;
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Ali os tem desposado.
Choravam todos que viam,
Chorava mais o culpado ;
Chorando, pedia a morte,
Por não ficar deshonorado.
O santo Bispo o absolvía

Contricto do seu peccado :
 D'ali o levam por morto,
 Que nem o algoz foi chamado ;
 Justiça de Deus foi n'elle,
 Antes de uma hora é finado.

—●—

A Romeira

(*Versão de Duas Igrejas — TRAS-OS-MONTES*)

Oh! qué linda rosa branca
 N'aquelle prado se passeia!
 Leva touca valenciana,
 O traje é de romeira.
 Passava alli El-rei,
 Logo se namorou d'ella:

— Deus vos guarde, rosa branca,
 Deus vos guarde, oh romeira!
 Que mal parece a senhora
 Andar só por esta terra!
 « Mais parece mal a El-rei
 Baixar-se a fallar com ella;
 Eu aqui não ando só,
 Meu marido atraz queda.

Foi-se El-rei para o palacio
 Mui triste, com muita pena;
 Assim que chegou ao palacio
 Logo mandou pôr a mèsã;
 Cada bocado que comê
 Suspira pela romeira.

— « Porque suspira, meu Rei,
 Porque tendes tanta pena?

- Suspiro pela romeira
Que atraz no prado me queda.
—«Dae-nos vós as senhas d'ella,
Que nós nos vamos por ella.
—Leva touca valenciana.
O trajo é de romeira ;
Nem por ouro nem por prata
Não venhaes aqui sem ella.

Andariam sete leguas
Sem acharem novas d'ella ;
Acharam-na descansando
Debaixo de uma oliveira ;
O fresco do seu cabelo
Faz crescer as oliveiras.

- «Deus vos guarde, rosa branca,
Deus vos guarde, oh romeira !
«Venhaes com Deus, cavalleiro !
Quem vos trouxe a esta terra ?
—«Aqui nos mandou El-rei,
Que viessemos por ella :
Nem por ouro, nem por prata
Nós fossemos lá sem ella.
«Dizei lá ao vosso rei
Que eu não sou quem elle pensa ;
Elle é o rei do seu reinado,
Eu sou dos céos e da terra.
Ide com Deus, cavalleiros,
Deus vos leve á vossa terra.

Branca-Flor

(*Versão da EXTREMADURA*)

—Á guerra, á guerra, moirinhos,
Quero uma christã cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-me a christã cativa,
Que é para a nossa rainha.

Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima;
Os que foram mar abaixo
Não encontraram cativa;
Os que foram terra acima
Tiveram melhor atina.
Deram com o conde Flores,
Que vinha da romaria:
Vinha lá de San Thiago,
San Thiago da Galliza.
Mataram o conde Flores,
A condessa vae cativa;
Mal que o soube a rainha
Ao caminho lhe sahia:

«Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da dispensa e da cosinha;
Que me não fio de moiras,
Que me não dêem bruxaria.

—«Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha!
Hontem condessa jurada,
Hoje môça da cosinha.

A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha ;
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha :
Mas as pèrras das comadres,
Para ganharem alviças,
Deram á rainha o filho,
E á escrava deram a filha.

— «Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria ?
As lagrimas dos meus olhos
Te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca-Flor de Alexandria,
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha.
Cativaram-n'a os mouros
Dia de paschoa florída,
Quando andava a apanhar rosas
N'um rosal que meu pae tinha.

Estas lastimas choradas
Veis la rainha que ouvia,
E co'as lagrimas nos olhos
Muito depressa accudia :

«Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta cativa ;
Que se eu não fôra de cama
Eu é que a regalaria.

Mal se alevanta a rainha,
Vae-se ter com a cativa :

- «Como estás, oh minha escrava,
Como está a tua filha?
- «A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.
- «Se estiveras em tua terra
Que nome lhe chamarias?
- «Chamava-lhe Branca Rosa,
Branca-Flor de Alexandria;
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha:
Cativaram-n'a os mouros
Dia de paschoa florida,
Quando andava a apanhar rosas
N'um rosal que meu pae tinha.
- «Se vira'la tua irmã,
Se tu a conhecerias?
- «Assim eu a vira núa
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um lunar preto ella tinha.
- «Ai, triste de mim, coitada,
Ai, triste de mim, mofina!
Mandei buscar uma escrava,
Trazem-me uma irmã minha.

Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia.
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mãe com o filho nos braços
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,

Uma á outra se dizia :

«Quem se vira em Portugal,
Terra que Deos bemdizia!

Juntaram muita riqueza
De ouro e de pedraria; .
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa Maria,
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.



A Cativa

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Foram o Conde e a Condessa
Fazer uma romaria,
A pedir a Deus d'Arcelo
E mais á Virgem Maria,
Que lhes desse filho ou filha
Herdeiro da gerarchia.
O Conde, como era velho,
Depressa adormeceria;
Logo uma zebra de mouros
Alli o cativaria.
Levaram-na de presente
A' rainha da Turquia,
Permissão de Deus d'Arcelo,
E mais da Virgem Maria,
A rainha era pejada,
Condessa pejada ia.
Permittiu o Deus d'Arcelo,

E mais a Virgem Maria,
 Que parissem á mesma hora
 E até no mesmo dia.
 A parteira, como moira,
 Oh que trocas não faria !
 Deu á rainha o menino,
 A menina á christania ;
 Esta embalava a menina,
 E muito bem lhe dizia :

«Se eu fôra na minha terra,
 Filha, te batizaria ;
 Lá punha-te os santos óleos
 E agua benta da pia ;
 Chamava-te Flor das flores
 E Rosa de Alexandria,
 Que assim se chamava d'antes
 Uma irmã que então eu tinha :
 Cativaram-na os mouros
 Dia de paschoa florida.

A rainha, que isto ouvira,
 Logo lhe perguntaria :

—Que cantiga essa, tão linda,
 Que cantas a tua filha.
 Repete a tua cantiga,
 Que muito me folgaria.
 «Se eu fôra na minha terra,
 Filha, te batizaria ;
 Lá punha-te os santos óleos
 E agua benta da pia ;
 Chamava-te Flor das flores
 E Rosa de Alexandria ;
 Que assim se chamava d'antes
 Uma irmã que então eu tinha : .

Cativaram-na os mouros
Dia de Paschoa florída.
—E essa irmã que tu tinhas;
Se a visses a conhecias?
«Não conhecia, senhora,
Porque eu era pequenina;
Sómente se a visse núa
Da cintura para cima,
Debaixo do peito esquerdo
Signal preto ella teria,
E tinha o cabello louro
Que a cintura lhe cobria.
—Ai, triste de mim, coitada,
Ai, triste de mim, mofina!
Mandei comprar uma escrava
Trazem-me uma irmã minha!
Se tu eras minha irmã
Porque é que m'o não dizias?
«Eu não sabia quem eras,
Porque não te conhecia.
Quem se vira em Portugal,
Terra que Deus bem dizia!

Juntaram grandes riquezas
De ouro e pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da mouraria,
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa Maria:

As duas irmãs

(Versão de Lagos — ALGARVE)

Partiu-se o Conde de Arcelo
 P'ra uma grande romaria,
 D'onde foram descansar
 Em uma praia mui fria.
 O Conde estendeu a capa,
 Condessa sua mantilha;
 Lá por essa noite a dentro
 Galé de mouros havia;
 Quizeram cativar o Conde,
 Ell' como homem não queria;
 Já o Conde fica morto,
 Já a Condessa vae cativa.
 Condessa vae pelo mar,
 Condessa pelo mar ia,
 Foram-na levar de presente
 A rainha da Turquia.

— Tomae, senhora, a christana,
 Esta christana cativa,
 Dae-lhe as chaves da dispensa

 Que ella é de alta linhagem,
 De Condessa para cima.

A Rainha se achava,
 E a Condessa se sentia;
 Ao cabo de nove mezes
 Ambas pariram n'um dia.
 A parteira, como falsa,
 A traição lhe armaria:
 Deu o macho á rainha,
 Para reinar em Turquia;

Deu a fêmea á christana
Para sua companhia.

- «Com a agua dos meus olhos,
Filho, eu te estou lavando ;
Com a fita de meu cabello
Eu te estou apertando.
Com que agua eu te lavara,
Se estivesse na minha terra !
Com a agua de alecrim,
Que essa é a agua mais bella.
Com que cinto te apertava,
Se estivera na minha terra !
Com cinto de diamantes
Com córte de primavera.
Se estivesse em minha terra
Que festas eu não faria ?
Que te punha os santos óleos
Que na minha terra havia.
Se estivesse em minha terra
Que lindo nome te poria ?
Que te punha Branca-Flor,
Branca Flor, vida minha.
Que te punha Branca-Flor,
Como uma mana que eu tinha,
Que a cativaram os mouros
Sendo ella bem menina,
Estando ella colhendo rosas
No rosal de sua tia.
- «Sóbe christana cá cima,
Canta lá tua cantiga !
«Sim, cantaria, senhora,
Se me desse a alforria. . .
- «Pelos signaes que me daes,
E's vós uma mana minha !
Toma lá o teu filho,

Que é gerado em christandia,
 Dá-me cá a minha filha,
 Que é gerada em Berberia.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

A Captiva rainha

(Versão de Funchal)

Na minha terra de França,
 Menina me divertia ;
 Era na Paschoa florida,
 Rosas no rosal colhia.
 Andarem moiros na costa
 Quem então lo cuidaria ?
 Mas, quando mal me precato,
 Captiva d'elles cahia !
 «Ai, adeus, terra de França,
 Onde eu vi la luz do dia ;
 Ai, adeus, meu rosal verde,
 Das rosas que eu só colhia ;
 Ai, adeus, oh padre e madre,
 De quem eu era alegria ;
 Ai, adeus, irmã chiquita,
 Com quem la noite eu dormia !
 Cá me levam p'ra Moirama ;
 Valei-me, Virgem da Guia !

Chegados lá, fui mandada
 A' real alcaçaria.
 Lo rei moiro, que me viu,
 Logo p'ra mim se sorria ;

E eu, logo que lo vi,
 Toda de medo tremia:
 E fui posta a sete chaves,
 Quer de noite, quer de dia;
 Mas lo rei, louco por mim,
 Rainha de mim fazia.

Oh, que lagrimas chorei
 Das soidades que sentia!
 E sósinha las chorava,
 Que lo rei não gostaria;
 Nem eu tinha a quem fallar
 No fallar que eu entendia.
 Mas lo rei, que me espreitou,
 De repente vem um dia,
 E, voz branda, me pergunta
 Porque é que eu choraria?
 Levada de minha dor,
 Sem mais cuidar, respondia:

«Chóro la terra de França,
 Onde vi la luz do dia;
 Chóro lo meu rosal verde,
 Das rosas que eu só colhia;
 Choro lo meu padre e madre,
 De quem eu era alegria;
 Chóro la irmã chiquita,
 Com quem la noite eu dormia...
 Mandae-me p'ra minha terra,
 Que Deus vol lo pagaria.
 —Que não, que não, (voz é gesto,
 Lo rei moiro repetia.)
 E eu, cahindo em mim,
 La verdade retorcia:
 «Nas palavras que me ouvistes,
 Rei senhor, eu vos mentia;

Que só las disse p'ra vèr
 Se inda amor eu vos mer'cia.
 Se vós me vistes chorar,
 Era.... porque vos não via.
 Eu lá na terra de França
 Rainha nunca seria.

Lo rei moiro, mal me ouviu,
 Logo p'ra mim se sorria ;
 Mas eu, vendo-lo sorrir,
 Inda assim mesmo tremia :
 E, voz branda, me pergunta :
 Se de França algo qu'eria?
 Eu, por não ficar calada,
 Sem mais cuidar, respondia :

- «Lo que de França eu quero...
 Só uma serva seria.
 —E la tereis, não malata,
 Nem raça de villania.

Palavras não eram ditas,
 Lo rei que se despedia,
 E chamou lo capitão,
 Que sua galera regia :
 La galera logo, logo,
 Rumo de França seguia.

Lo capitão, que lá chega,
 Vê vir uma romaria
 Que lo conde Branca-Flor
 Com sua mulher fazia,
 Por lhe estar p'ra ter um filho.
 Herdeiro á fidalguia.

- ==«Al arma, al arma, moiritos

(Lo capitão-mór dizia) !
De tanta gente que hi vae
Aquella dama só qu'ria ;
Que não é mulher malata,
Nem raça de villania.

Foi la gente da galera
Calada, que nem tugia ;
Uma vae por debaixo,
Outra por de riba ia :
Los moiros assim commettem .
La devota romaria :
Cae lo conde logo morto,
La condessa esmor'cia ;
Toda la sua mais gente
A ferro frio morria.
Quando la condessa acorda,
Já na galera se via :

— «Cá me levam p'ra Moirama ;
Valei-me, Virgem da Guia !

Chegada lá, foi mandada
A' real alcaçaria :
Lo rei moiro, que la viu,
Logo de la vér sorria ;
Ella, que vê lo rei moiro,
Toda de medo tremia.
E lo rei não manda, vae
Me dizer, em cortezia.
Que de França alli chegava
Cativa de alta valia,
Que não de raça malata,
Tão pouco de villania ;
Mas uma nobre condessa
Da melhor da fidalguia ;

Que me la dá por offerta,
Que promettida devia.

Vem la condessa 'póz elle,
La triste nem se sustinha:
Eu senti la sua dôr
Tamanha, irmã da minha;
Quanto mais que do seu mal
Culpa tambem a mim vinha;
Mas calei-me por escrava,
Com me chamarem rainha.
E, depois, assim lhe fallo,
Quando lo rei caminha:

«Ouvide, triste condessa,
Vós aqui não sois sósinha;
Por vos ter a meu cerviço,
Por vos ter de mim visinha,
Vos entrego n'estas chaves
Ucharia e cosinha;
Servireis de cosinheira
D'esta cativa... rainha.

La condessa respondeu,
Como escrava que vinha:

—«Los pés vos beijo, senhora,
Por me qu'ardes ser madrinha;
Mas eu vêr-me quem eu era
Feita bicho de cosinha!
Nem na casa de meu pae,
Nem, depois, com casa minha,
Eu nunca temp'rei panella,
Que isso a mim não convinha.
Como pod'rei cosinhar
Manjares d'uma rainha?

Mas la condessa é pejada ;
 Pejada é la rainha ;
 E, na dor por que passavam .
 La dôr dos partos lhes vinha !
 Cada qual, á mesma hora,
 Pariu sua creancinha ;
 La condessa, seu rapaz,
 E la outra, sua ninha ;
 Mas las falsas das parteiras,
 Por mór lucro que lhe vinha,
 Dão la filha á condessa,
 Dão lo filho á rainha ;
 E tal segredo guardaram,
 Que ninguem lo adivinha.
 Então la triste condessa,
 A chorar, assim dizia :

— «Fôra eu na minha terra,
 Filha, te baptizaria,
 Não com agua d'estes olhos,
 Mas da egreja na pia ;
 E por nome te puzera
 Lo nome que eu gostaria :
 De appllido Branca-flôr,
 Clara te chamaria ;
 É lo nome de mi madre
 E da irmã que eu tenia,
 Se dos moiros da Moirama
 Ella cativa não ia,
 Quando, na Paschoa florída,
 Rosas no rosal colhia.

Palavras não eram ditas,
 Las vão dizer á rainha,
 Que logo córre á escrava,
 Não la escrava á rainha :

«Venho saber como estaes,
Vós e la vossa filhinha.

—«Senhora, vou tendo leite
Para esta creancinha.

«E que nome lhe ei de pôr,
Eu que serei la madrinha?

Em resposta, la condessa
Lo já dito repetia :

—«Eu por nome lhe puzera
Lo nome que eu gostaria :
De appellido Branca-flor,
Clara lhe chamaria ;
É lo nome de mi madre
E da irmã que eu tenia,
Se dos moiros da Moirama.
Ella cativa não ia,
Quando na Paschoa florída,
Rosas no rosal colhia.

«E, vós senhora, sabeis
Que signal ella teria?

—«Nhôra, sim, eu bem lo sei,
Ella commigo dormia :
Tinha entre ambol los peitos
Cruz, que de sangue par'cia.

La rainha, logo, logo,
'Té la cinta se despia :

«Serei eu la irmã vossa?

—«Essa é la cruz que eu via!

Uma na outra abraçadas,
Nem palavra se lhe ouvia.
Entremente, lo rei moiro
Alli tambem acudia :

—Rainha, que grande caso
A vir aqui vos traria?
«N'esta condessa de França
Minha irmã descobria;
Fui eu quem la fiz viuva,
Quem cativa la fazia,
Quando, por peccados meus,
Uma serva vos pedia!
Ai de mim, arrenegada!
Valei-me, Virgem da Guia!
Tamanha desventura,
Quem remedio lhe daria?

Lo rei moiro, com ser moiro,
Compadceido dizia:

—La vossa irmã condessa
Livre é desde este dia;
E podei-vos ir com ella,
Ambas vós de companhia;
Eu vos dou riqueza a monte,
A carregar sem contia;
Mais vos dou minha galera
De cem remos á porfia;
Com duzentos christãos dentro
E a todos alforria.

Lo rei moiro se lo disse
Inda melhor lo cumpria;
La galera já lá vae,
Rumo de França seguia.

BRASIL

Flores-Bella*(Versão do Ceará)*

—Mouro, se fôres á guerra
 Trazei-me uma cativa,
 Que não seja das mais nobres,
 Nem tambem da villa minha ;
 Seja das escolhidas
 Que em Castilhana havia :

Sahiu o Conde Flores
 Fazer uma romaria ;
 A condessa como nobre
 Foi em sua companhia.
 Matam o Conde Flores,
 Cativaram Lixandria,
 E trouxeram de presente
 A' rainha da Turquia.

«Vem cá, vem cá, minha moura,
 Aqui está vossa cativa.

—Já vou entregar as chaves,
 As chaves da minha cosinha.
 —«Entregae, entregae, senhora,
 Que a desgraça foi minha :
 Ainda hontem ser senhora,
 Hoje escrava de cosinha.

Ao cabo de nove mezes
 Tiveram os filhos n'um dia :
 A moira teve um filho,

A cativa uma filha.
 Levantou-se a moura
 Com tres dias de parida,
 Foi á cama da escrava :

- Como estaes, escrava minha?
 — « Como heide estar, senhora?
 Sempre no vossa cosinha.

Foi olhando para a criança,
 Foi achando muito linda :

- Si estivesse em tua terra,
 Que nome tu botarias?
 — « Botaria Flores-Bella,
 Como uma mana que tinha,
 Que os mouros carregaram,
 Sendo ella pequenina. ¹
 — Si tu a visses hoje,
 Tu a reconhecerias?
 — « Pelo signal que tinha

¹ Na Versão do Recife :

- « Si fôra na minha terra
 Filha te batizaria :
 O nome que eu te botava
 Rosa, flor de Alexandria,
 Que assim se chamava
 Uma irmã que eu tinha,
 Que os moiros carregaram
 Desde pequenina.
 — Si tu visses essa irmã,
 Tu a conhecerias?
 Que sinal me davas d'ella?
 — « Um signal de carne tinha,
 Em cima do peito trazia,
 Que ella assim se chamava
 Rosa, flor da Alexandria.

- Só assim a conhecia.
 —Que tinha um lirio rôxo
 Que todo o peito cobria!
 —«Pelo signal que me daes,
 Bem parece mana minha.
 «Vem cá, vem cá, minha moura,
 Que te diz tua cativa.
 —«Eu já estou bem agastada,
 E já me vou arrojtar;
 Tu mandaste lá buscar
 E o teu cunhado matar.
 —Se eu matei meu cunhado,
 Outro melhor te heide dar.

- «Farei tua irmã senhora
 Da minha monarchia!
 —«Eu não quero ser senhora
 Da tua monarchia,
 Quero ir para a minha terra
 Aonde eu assistia.
 «Aprontae. aprontae náó,
 Mais depressa em demasia,
 Para levar Lixandria,
 Ella e uma filhinha.
 —Adeus, adeus, Flor-Bella!
 Vae-te embora, Lixandria
 E dae lá muitas lembranças
 A nossa particularia;
 Que eu fico como moura
 Entre tanta mouraria.

4

O CATIVO

(Lição garretiana: Versão de Lisboa)

Eu vinha do mar de Hamburgo ¹
 N'uma linda caravella;
 Cativaram-nos os moiros
 Entre la paz e la guerra:
 Para vender-me levaram ²
 A Salé, que é sua terra.
 Não houve moiro nem moira
 Que por mim nem branca dera; ³
 Só houve um pèrro judio
 Que ali comprar-me quizera;
 Dava-me uma negra vida,
 Dava-me uma vida pèrra;
 De dia pisar esparto,
 De noite moèr canella,
 E uma mordaçã na bocca
 Para lhe não comer d'ella
 Mas foi a minha fortuna
 Dar c'uma patroa bella,
 Que me dava do pão alvo,
 Do pão que comia ella.
 Dava-me do que eu queria,
 E mais do que eu não quizera,

¹ Meu pae era de Hamburgo,
 Minha mãe de Hamburgo era — *Ribatejo*.

² Me levaram a vender
 A Salé, que é má terra — *Extremadura*.

³ *Ni blanca* é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros
 nossos escriptores se encontra.

Que nos braços da judia
 Chorava — que não por ella.
 Dizia-me então : — Não chores ;
 Christão, vae-te á tua terra.
 « Como me heide eu ir, senhora,
 Se me falta la moeda ?
 — Se fôra por um cavallo,
 Eu uma egua te dera ; ¹
 Se fôsse por um navio.
 Dera-te uma caravella. ²
 « Não fôra por um cavallo,
 Não fôra, senhora bella,
 Que está longe Mazagão,
 Ceuta tem voz de Castella ;
 Nem por navio não fôra,
 Que eu fugir não quizera,
 Que era roubar a teu pae
 Dinheiro que por mim dera.
 — Toma esta bolsa, christão,
 Feita de seda amarella ; ³
 Minha mãe quando morreu
 Me deixou senhora d'ella.
 Vae-te, paga o teu resgate,
 E ás damas de tua terra
 Dirás o amor da judia
 Quanto mais vale que o d'ellas.

Palavras não eram ditas,
 O patrão que era chegado.

« Venhaes embora, patrão,

¹ Eu te daria uma egua — *Ribatejo*.
² Dar-te-hia uma galera — *Lisboa*.
³ Com mil dobrões dentro d'ella.
 Co'as mil doblas que estão n'ella — *Ribatejo*.

- E vinde com Deus louvado,
 Que agora recado tenho
 Que o meu resgate é chegado.
- «—Christão, christão, que disseste!
 Olha que é muito cruzado.
 Quem te deu tanto dinheiro
 Para seres resgatado?
- «Duas irmans m'ò ganharam,
 Outra m'ò tinha guardado,¹
 E um anjo do céo m'ò trouxe,
 Um anjo por Deus mandado.
- «—Dize-me, oh christão, dize
 Se queres ser renegado;
 Que te heide fazer meu genro,
 Senhor de todo o meu estado.
- «Eu não quero ser judio
 E nem turco arrenegado,
 E não quero ser senhor
 De todo esse teu estado,²
 Porque trago no meu peito
 A Jesus crucificado.
- «—Que tens tu, filha Rachel?³
 Dize-me cá, filha amada,
 Se é pelo christão maldito⁴
 Que ficaste desgraçada
- Meu pae, deixe o christão, deixe,
 Que elle não me deve nada;
 Deve-me a flôr de meu corpo,
 Mas de vontade foi dada.

1 Que por mim estão a soldada — *Ribatejo*.
 2 De todo esse teu reinado — *Extremadura*.
 3 Anda cá, oh filha Angelica, — *Lisboa*.
 4 Se é pelo christão que choras,
 Que te deixou deshonrada — *Ribatejo*.

Mandou fazer-lhe uma torre
 De pedraria lavrada;
 Que não dissessem os moiros:
 =A judia é deshonrada.=

—Viola, minha viola,
 Fica-te aqui pendurada,¹
 Que lá vão os meus amores
 Por essa agua salgada.

—●—

Cativo de Argel

(Lição manuscripta do seculo XVII)

—Mi madre era de Hamburgo,
 Mi padre de l'Antequera;
 Nu hubo perro, ni mouro
 Que por mim ni blanca dera,
 Si no um pèrro Judio
 Que alcançar-me não debera.
 Daba-me una vida mala,
 Daba-me una vida perra,
 De dia a moèr esparto,
 De noche a pizar canella,
 Com uma mordaçã na bocca
 Para lhe não comer d'ella.
 Quiz Deos e Santa Maria
 Dar-me uma Ama tam bella;
 Quando pèrro ia a caçar
 Cataba-me na cabeça,

¹ Aqui te deixo por mão,
 Que os amores da judia
 Pelas ondas do mar vão. — *Ribatejo.*

Daba-me a comer pan blanco
Del que el-rey moro comia,
Daba-me a beber bon vino
Del que el-rey moro bebia.
Muitas vezes me decia :

«Christiano, vae p'ra tu tierra.
— Como me heide ir, mi señoira,
Dexar una Ama tam bella?»

«Mais vale tu liberdade,
Que amores em terra alheia.
— Como me heide ir, mi señoira,
Se me falta la moneda?»

«Mete a mão en tu faltriquera,
Docientos dobrões te dera,
Cento para teu resgate,
Cento para tua terra.

— «Vem ali, oh Christiano,
Quem te dió tanta moneda?»

— Fue un vecino mio
Venido de minha tierra.

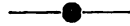
— «Queres tu, oh Christiano,
Seres mouro arrenegado?
Dera-te os mais lindos olhos
Que em Argel foram criados.

— Como me tornarei mouro,
E mouro arrenegado,
Se eu já tenho em mi pecho
A Jesus crucificado?»

— «Se eu soubera, Christiano,
Que eras assim avisado,
Em dias de tua vida
Nunca fôras resgatado.

«Oh, mi padre, oh mi padre,
Dexe ir el Christiano,

Que el no me deve nada,
 Debe-me a flor de mi bocca,
 Dou-lh'a por bem empregada.



O Cativo

(Versão de Tavira — ALGARVE)

O meu pae era de Hamburgo,
 Minha mãe de Hamburgo era ;
 Os moiros os cativaram
 N'uma linda caravella,
 E a mim me foram vender
 Á fronteira de mi terra.
 Não houve moiro nem moira
 Que por mim dinheiro déra,
 Apenas um vil judio
 Então comprar-me quizéra :
 A vida que elle me dava
 Já me parecia eterna ;
 Dia e noite trabalhava,
 Dava-me uma vida pèrra ;
 De dia pisava esparto,
 Á noite moía canella,
 C'uma mordança na bocca
 Porque não provasse d'ella,
 E que se d'ella tirasse,
 Seis mil açoites me déra.
 Deu-me Deus boa ventura ¹
 De encontrar patrôa bella,
 Que em o pèrro indo á caça

¹

Quiz Deus, e a Virgem Maria
 Que achasse patrôa bella.

Da prisão me desprendêra; ¹
 Dava-me a comer bom pão,
 Melhor que o pèrro comêra;
 Dava-me a beber bom vinho,
 Melhor que o pèrro bebêra;
 Catava minha cabeça ²
 Como mãe que me tivera.
 Deitava-me em sua cama,
 O que ao pèrro não fizera;
 E sempre ella me dizia

—Christão, vae-te á tua terra. ³

«Eu sim iria, senhora, ⁴
 Se la moeda tivera.

—Se la moeda te falta, ⁵
 Mil dobrões te dar quizera:
 Se é por falta de cavallo, ⁶
 Bem melhor egua te dera,
 Que de sete em sete passos
 Anda uma boa légoa;
 Se é por falta de companha,
 Ir-me contigo pudêra.

N'estas rasões em que estavam,
 O pèrro que era chegado.

-
- ¹ Bom prezillo me trouvéra.
² Tratava de mi cabeça
 Como mãe que Deus me déra.
³ Bom christão, vae à tua terra.
⁴ Como me heide ir, senhora,
 Se não tenho lá moeda.
⁵ Se fazes pela moeda,
 Seis mil dobrões eu te déra.
⁶ Se fazes pelo cavallo,
 Eu te daria uma egua.

- «Que é isto, filha, que é isto,
 Que tem teu rosto mudado?
 Que é isto na nossa casa,
 Com o christane a teu lado!
 «Perdôe-me, senhor meu amo
 Ou eu seja castigado.
- «Valha-te Deus, bom christane,
 Que a tanto me has obrigado;
 Diz-me, christane, sé queres
 Ser judio arrenegado?
 «Como heide eu, senhor amo,
 Ser judio arrenegado.
 Se tenho aqui no meu peito
 Um Senhor crucificado?
- «Valha-te Deus, bom christane,
 Que a tanto me has obrigado;
 Diz-me, christane, se queres
 Ser judio arrenegado;
 Dar-te-hei tanta riqueza,
 Que te forme um grande estado.
 «Como heide eu, senhor amo,
 Ser judio arrenegado,
 Se tenho aqui no meu peito
 Um Senhor-crucificado?
- «Valha-te Deus, bom christane,
 Que a tudo me has obrigado;
 Diz-me, christane, se queres
 Ser judio, arrenegado,
 Dar-te-hei um leito de oiro
 Por cima com cortinado;
 Já te não fallo na cama,
 Que tu bem a tens mirado... ¹
- «Eu não quero ser judio,

1

Que tu bem a tens provado...

Não quero ser renegado,
 Pois tenho aqui no meu peito
 Um Senhor-crucificado;
 Se tal cousa hoje fizera
 Logo fôra castigado.

— «Treme então, se isto não queres,
 Que irás a ser açoitado.

«É tarde, senhor, é tarde
 Para ser tão maltratado...
 Já de ha muito vos espero,
 Tenho por vós suspirado.
 Que la moeda já tenho
 Por fazer-me resgatado;
 Um anjo do céo m'a trouxe
 Dentro de um vaso doirado.

— «Porque choras, filha minha, ¹
 Rica filha da minha'alma?
 É pelo christane, filha,
 Que te deixa deshonorada?

— Deixe, meu pae, o christane, ²
 Que elle não me deve nada,
 Mais que a flor da minha vida,
 Que a dou por bem empregada!
 Hei-de-me ir vestir de luto
 Com saia de lana branca,
 Quero vêr o mar salgado
 De cima d'essa muralha.

— «Que não digam pârros moiros
 Que tu ficas deshonorada!

¹ Anda cá, filha querida,
 Dá-me aqui uma palavra;
 Conta-me isso do christane,
 Se acaso estás deshonorada.

² Pae, deixe ir o bom christane.

—Digam tudo ; pouco importa ¹
 N'uma hora tão minguada !
 As náos á vela já vejo
 Para a cruel despedida :
 Com que coração direi
 Adeus, oh alma ! adeus, vida,
 Espelho da claridade,
 Clara luz onde me eu via !
 Se a tua lei fôra outra,
 De ti não me apartaria !
 Viola, minha viola,
 Mais te não quero na mão,
 Que já vae de barra em fóra
 A flor do meu coração !

—●—

O Christiano

(*Versão de Lagos — ALGARVE*)

De manhã pisar pimenta,
 De tarde cravo e canella;
 A noite que era chegada
 Me deitei no collo d'ella.

«Diz-me cá, oh christiano,
 Porque não vás para a tua terra ?
 —Como heide ir, senhora,
 Se me falta a moeda !

¹ Corre em Tavira uma versão, com este acabamento :

Mas coitadinha d'aquella
 Que cáe ras boccas do mundo,
 Que é como barca sem leme,
 Que se anaga, e vae ao fundo !

«Mette a mão á flaldiqueira,
Trinta mil duros te dera;
Diz'-me cá, oh christiano,
Se vás por mar ou por terra?
Que se tu fôres por mar
Companhia eu te fizera,
E mal que tu lá chegares
Caso de mim não fizesas.

—Pelo contrario, senhora,
Lhe chamarei minha bella.

«Vae áquella cavallariça.
Vae buscar aquella egua;
Se encontrares o rei turco,
Diz-lhe que vás para a erva.

Palavras não eram ditas,
O rei turco era chegado.

—Bemdito e louvado seja
O Senhor seja louvado;
Já chegou a minha hora,
De eu, senhor. ser resgatado.

—«Vinde cá, oh christiano,
Vinde cá, oh meu escravo;
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?

—De tres irmãos que eu tenho,
Todos tres me tem ganhado.
E me mandaram agora
Pelo correio passado.

—«Vinde cá, oh christiano,
Vinde cá, o meu criado;
Se te queres tornar turco,
Mouro pèrro, arrenegado,
Eu te farei general,
General do meu reinado.

- Não me quero tornar turco,
 Mouro p'erro, arrenegado,
 Que Christo por mim morreu
 N'uma cruz crucificado.
 Se eu d'elle mer'cer castigo
 D'elle serei castigado.
- «Vinde cá, oh christiano,
 Vinde cá ao meu chamado;
 Se te queres tornar turco,
 Mouro turco arrenegado,
 Eu te farei alferes-mór,
 Andarás sempre a meu lado,
 Casarás com os melhores olhos
 Que tem este meu reinado.
- Não me quero tornar turco,
 Mouro p'erro, arrenegado;
 Que Christo por mim morreu
 N'uma cruz crucificado.
- «Vinde cá, oh christiano,
 Vinde cá ao meu chamado;
 Se te queres tornar turco,
 Mouro p'erro, arredgado,
 Casarás com minha filha,
 Pois bem a tens ensinado;
 E tu pela minha morte
 Ficarás um rei coroadado.
 Vinde cá, oh minha filha,
 Vinde cá, ao meu chamado;
 Dize-me se o christiano
 Se elle te tem deshonorado,
 «Mande embora christiano,
 Que elle não me deve nada,
 Leva a alma dos meus olhos,
 Dou-la por bem empregada.
- «Vae-te embora, oh christiano,
 Vae-te para a tua terra,

Pede-me lá ao teu rei
Que me não arme mais guerra.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Historia do Cativo

(Verão do Funchal)

Fui captivo p'ra Moirama,
Pollo triste azar da guerra ;
Que por mim moneta desse
Não houve pèrro, nem pèrra ;
Comprou-me um arrenegado,
Rico d'aquella má terra.
Metteu-me n'uma enxovia,
Onde vida se desterra ;
De noite, moèr esparto ;
De dia, pisar canella,
E de mordaga na bocca,
P'ra que não comesse d'ella.
Uma filha tinha elle,
Que, por bem meu, bem me qu'ria,
Quando seu pae estava fóra,
Todo lo bem me fazia :
Dava-me a comer bom pão,
Do que lo pèrro comia ;
Dava-me a beber bom vinho,
Do que lo pèrro bebia ;
Dava-me fina camisa
Das mesmas que elle vestia ;
Deitava-me em boa cama,
Na mesma onde elle dormia.

Catando-me a cabeça,
Assim me fallou um dia :

«Se fosses p'ra tua terra,
Eu tambem contigo ia.
—Pagado lo meu resgate,
Isso melhor ser pod'ria.

Então ella foi e veiu,
E me deu grossa contia:

«Não delates a meu pae
Quem te deu tanto dinheiro;
Dize, que la tua gente
Lo mandou do mealheiro.
E vae, anda, meu christão,
Acaba teu cativoiro.

N'isto, lo pèrro chegando,
Bem longe de máo cuidado,
Se foi vêr do seu cativo
Duro trabalho cansado.
E, então, de mim a elle
Isto assim foi fallado :

—Ouvi cá, meu senhor turco,
Meu turco arrenegado,
Eu já tenho lo meu preço
Pera ir ser resgatado.
—«Dize-me cá, bom christão,
Pollo Deus crucificado,
D'onde houveste la moneta,
Com que ser descativado?
—Tenho pae e tres irmãos,
Cada um foi ser soldado;
Tres irmãs foram a ganho,
Tudo p'ra me vêr forrado.

- «Ouve-me cá, bom christão,
Vem ser turco renegado;
Que te darei minha filha,
Com quem tu serás casado.
- Não me falleis em ser turco,
Da santa fê arredado;
Tenho posto na minha alma
Jesus Christo retratado.
- «Fizera-te meu herdeiro
Do tanto que eu hei ganhado.
- Nem la filha, nem herdança,
Só me quero resgatado:
Aqui tendes lo meu preço
Em dinheiro de contado.
- «Lá se vác p'ra nunca mais
Quem eu qu'ria para mim!
Lo mar lhe seja de rosas,
La terra lhe seja jardim.
Vou pregar minhas janellas,
Calafetal-las de chumbo,
P'ra que não digam os mouros
Que eu seja mulher do mundo;
Ou então melhor será
Calafetal-las de prata,
P'ra que não digam los mouros:
Vêde la filha ingrata.
- «Oh, filha minha, vem cá,
Falla-me tu, confessada:
Se te deve lo christão,
Eu te juro bem vingada.
- «Da minha honra la flôr
Fôra n'elle mal empregada...
Deixae vós ir lo christão,
Lo christão me deve... nada.
Já lá se vae, mar em fóra,
Quem não era para mim!

A nada lhe eu disse *não* !
A nada me disse *sim* !
Sejas-me, terra, desterro,
Sejas-lhe, terra, jardim.



O Cativo

(*Variante de San Gonçalo*)

Eu fui cativo de moiros
Entre la paz e la guerra.
Feio logar la Moirama ;
Eu nunca vi tão má terra !
Não houve moiro, nem moira
Que por mim moneta dera ;
Um turco excommungado
De mim fez quanto quizera ;
Dava-me muito má vida,
Muito má morte me dera :
Eu, de noite, pisei cravo,
De dia, moí canella,
E sempre freio na bocca,
Para nada provar d'ella.
Tinha lo moiro uma filha ;
La filha muito me qu'ria
Quando elle se ausentava,
Com ella me divertia :
Ella me dava bom pão
D'aquelle que lo pae comia ;
Ella me dava bom vinho
D'aquelle que lo pae bebia ;
Catava minha cabeça,
Ao perro não lo fazia ;
Deitava-me em catre de oiro,
Onde nem elle dormia.

- «Vae, christão, p'ra tua terra,
(Ella me disse n'um dia.)
—Mas como d'aqui sahir?
(A' moirinha eu respondia.)
«Aqui tens tu esta lança,
(La moirinha me dizia):
Se tu encontras mulheres,
Cuidarão que vaes á serra ;
Se homens tu encontrares,
Cuidarão que vaes á guerra ;
Assim tu irás passando,
'Té chegar á tua terra.

Indo assim por 'hi fóra,
Sua mãe que me appar'cia ;

- «Onde vaes tu, oh christão,
Onde é a tua romaria?
—Vou-me á serra caçar caça,
Que hi p'r' além já não n' havia.

Eu me fui mais adiante,
E seu pae que me sahia :

- «Onde vaes tu, oh christão,
Onde é tua romaria?

Fiquei-me de voz tomada,
Sem saber lo que diria,
E me volvi de caminho
Ao logar d'onde fugia,
A trabalhar na atafona,
Como d'antes eu fazia.
La filha do perro moiro
De cada vez mais me qu'ria :

—«Vae, christão, p'ra tua terra,
(Ella me diz n'outro dia.)

—Mas, como sahir d'aqui?
(Eu á moira respondia.)

Foi-se ella ao contador,
Duzentas moedas trazia :

—«Não no digas a meu pae
Quem te deu esta contia;
Pago d'aqui teu resgate,
P'ra viagem ficaria.
La mulher com quem casares
Será de mais fidalguia,
Mas fazel-o que eu fe faço
Outra nenhuma faria.

N'isto, lo moiro chegou,
Ficou tudo conchavado,
Meu resgate lhe paguei
Em dinheiro de contado.

—«D'onde te veiu, christão,
Tanto dinheiro cruzado?

—Tenho solar, tenho terras,
Tenho muito grande estado;
Esse dinheiro e mais
Tinha-lo eu enterrado.

—«Bem pudéras tu, christão,
Ser turco arrenegado;
Eu te fizera herdeiro
De quanto tenho ganhado.

—Não quero ser turco moiro,
Tampouco arrenegado,
Que Jesus de Nazareth
É lo Deus crucificado. .

- «Se te quizeras fazer
Arrenegado christão,
Bem pudéras governar
Quantos n'este reino são.
- Não quero ser turco moiro,
Arrenegado christão,
Que Jesus da Nazareth
Padeceu morte e paixão.
- «Bem puderas tu, christão,
Arrenegar Jesus Christo;
Eu te dera minha filha;
Tu bem na hasde ter visto.
- Não quero ser turco moiro,
Arrenegado de Christo;
Que Jesus da Nazareth
Está ouvindo tudo isto.

Mas lo moiro, suspeito,
Disse de voz carregada :

- «Vem cá filha, ouve cá,
Falla verdade, jurada;
Este moíno christão
A ti não te deve nada?
«La flôr da minha honra
Fôra n'elle mal empregada...
Deixae vós ir lo christão;
A mim não me deve nada.

E eu sem olhar para traz,
A caminhar na estrada;
E eu, sem esperar maré,
N'uma barca, navegada:

- Cá me vou p'ra minha terra;
Adeus, moira namorada.

La moira ficou dizendo
A uma sua creada :

«Lo christão já vae andando
Por aquelle mar além...
Mal haja lo meu pae moiro,
Que na sua lei me tem!
Las janellas d'esta casa
Mandem-las forrar de tela,
Não venham dizel los moiros:
Lo christão lá vae á veia.
Las janellas d'esta casa
Mandem-lhe deitar calafêto;
Não venham dizel los moiros
Que só casarei c'um preto.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

O Cativo de Argel

(Versão da Ilha de S. Jorge—Vellas)

Os mouros me cativaram
Entre a paz e a guerra;
Me levaram a vender
Para Argelim, que é sua terra.
Não houve pèrro nem pèrra
Que comprar-me quizera;
Só o pèrro de um moiro
A mim só comprar haverá.
Dava-me tanta má vida,
Tanta má vida me déra!
De noite moèr esparto,

De dia pisar canella ;
 Punha-me um freio na bocca
 Para eu não comer d'ella ;
 Mas parabens á ventura,
 Da filha ser minha amiga,
 Quando o pèrro ia á caça
 Commigo se divertia ;
 Dava-me a comer pão branco
 Do que o pèrro comia,
 Deitava-me em catre de ouro,
 Junto commigo dormia.

«Christiano vae a tua terra,
 Christiano, eu bem t'o digo.
 — Como posso ir a mi terra,
 Se sou escravo e cativo ?

Um dia pela manhã
 Mil branquinhas me trouxera :

«Toma lá, meu bom christiano»
 Resgate para tu terra;
 Pelo Deus que tu adoras
 Tu não digas a meu pae :

Palavras não eram ditas,
 O patrão era chegado.

— Vem-te cá, oh meu bom turco,
 Vem-me agora aqui ouvir:
 Toma lá este dinheiro
 Para me eu redimir.
 — «Vem-te cá, meu bom christiano,
 Dize-me aqui a verdade :
 Quem te deu esse dinheiro
 Para tua liberdade ?
 — Meu pae é um pobre velho,

- Por mim anda desterrado ;
 As manas que eu tivera
 Por mim andam assoldadas;
 Um irmão que eu tivera
 Sentou praça de soldado,
 Me mandaram o dinheiro
 Para minha liberdade.
- «Oh vem cá, meu christiano ;
 Vem agora aqui ouvir :
 Eu te faria alferes,
 Capitão d'este reinado,
 Dera-te a cara mais Linda
 Que em Argel ha afamado.
- Como posso eu ser alferes,
 Capitão do teu reinado,
 Se eu trago a Jesus Christo
 No coração retratado?
- «Vem-te cá, Angela, filha,
 Dize-me aqui a verdade :
 Se o bom do christiano
 A ti deve a liberdade?
- «Deixae vós ir o bom christiano,
 Que elle a mim não deve nada,
 Se não a flor de mi bocca,
 Que a dou por bém empregada.
 Abre-me aquella janella,
 Fecha-me aquelle postigo,
 Deus que me fez tão bella,
 Deus me hade dar marido.

O Cativo

(Variante da Ilha de S. Jorge—Ribeira d'Areias)

Meu pae era de Hamburgo,
 Minha mãe de Hamburgo era;
 Cativaram-me os mouros
 No canal de Inglaterra.
 Foi fortuna, sorte minha
 Dar com patrôa tão bella.
 De dia moía pimenta,
 À noite cravo e canella;
 D'aquella hora em diante
 Dormia no collo d'ella!
 Ella por vezes me disse:

«Christiano, vae p'ra tu terra.
 —Como m'eu heide ir, senhora,
 Se me faltára a moeda?

Meteu a mão na algibeira,
 Trinta mil d'oiro me déra.

«Vae-te embora, Christiano,
 Vae-te p'ra tua terra.
 Dize-me, oh Christiano,
 Se vaes por mar ou por terra?

—Por terra irei, senhora,
 Por mar não póde ser,
 O canal é mui comprido
 N'elle me posso perder.

«Vem-te cá, oh Christiano,
 Monta aqui na minha egoa,
 Se encontrares os soldados
 Diz'-lhe que vaes para a guerra;
 Se encontrares a meu pae
 Diz'-lhe que vaes para a erva.

Rasões não eram ditas,
Seu pae ali chegára:

- «Dize-me, oh Christiano.
- Dize-me, oh meu escravo :
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?
- Tres irmãos que eu tinha.
Todos para mim ganharam ;
No primeiro paquete
Para aqui m'õ enviaram.
- «Tu ou te hades tornar moiro
Ou turco arrenegado.
- Não me quero tornar moiro,
Nem turco arrenegado,
Que aqui trago commigo
Um Senhor crucificado ;
Quem a mim me oflender
D'elle será castigado.
- «Se casasses co'a princeza
Te faria rei coroadado,
Te faria commandante
Das minhas tropas reaes.
- «Deixae ir o Christiano,
Que a mim não deve nada,
Senão a vista dos olhos,
Dou lh'a por bem empregada.
- «Vae-te embora, Christiano,
Vae-te para a tua terra,
Dize a el-rei de Portugal
Que me não arme mais guerra.
- Adeus, oh alta princeza,
Adeus, oh rei da Turquia ;
Que eu me vou d'aqui embora
Com Deus e a Virgem Maria.
- «Deixae-me ir para a janella

Tocar na minha guitarra ;
Que não digam os mouriscos
Que eu fiquei anojada :
Por aquelle mar abaixo
Vae o meu amor João ;
Já não quero mais viola,
Nem mais guitarra na mão.

5

VIDA ALEGRE

(Versão de Valpassos)

Quem quizer viver alegre
Não busque companha minha,
Que me pariu minha mãe
Em uma escura montinha.
Encontrou-me um ermitão,
Levou-me p'ra sua ermida;
Sete annos me deu leite
De uma leona parida,
Outros sete me deu pão
Do que rendia a ermida :

«Sete e sete são quatorze,
Já podeis ganhar a vida.

Entregou-me armas, cavallo,
Impontou-me serra acima.
Encontrei-me com os moiros,
Puzeram-me guerra viva.
Quatrocentos lhe matei,
Outros tantos lhe ferira;

Prisionaram-me e levaram-me
P'ra a maior prisão que havia.
Sete annos estive n'ella,
Inda hoje lá estaria,
Se não fôra a boa gente
Que n'aquella terra havia.

O CÉGO

(*Lição garretiana — MINHO*)

— Abre a porta, Anna, abre de mansinho, ¹
Que venho ferido, morto do caminho.

« Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho.

— Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tam cego venho, não vejo o caminho.

« Porta nem postigo não abro ao céguinho;
Vá-se na má hora pelo máo caminho.

— Ai do pobre cégo, que anda sósinho
Cantando e pedindo por esse caminho!

« Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho ²

Como canta o cégo que perdeu o caminho.

« — Se elle canta e pede, dá-lhe pão e vinho:
E o pobre cégo que vá o seu caminho.

— O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas me ensine o caminho.

¹ — Abre a porta, Anna, abre o teu postigo.
Dá-me um lenço, amor, que venho ferido.

« Se vindes ferido, vinde muito embora,
Porque minha porta não se abre agora. *Extremadura.*

² « Minha mãe, acorde do doce dormir,
Venha ouvir o cego cantar e pedir. *Extremadura.*

«—Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vae-te com o pobre cégo, põl-o a caminho.

«Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cégo, que este é o seu caminho
—Anda mais. Anninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cégo, não vejo o caminho.
«Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que ahí vêm cavalleiros por esse caminho.
—Se vêm cavalleiros, vêm de vagarinho,
Que ha muito me tardam por este caminho.
«A cavallaria passou de mansinho...
Cégo, lo meu cégo já via o caminho.
Montou-me a cavallo com muito carinho...
Um cégo me léva... e vejo o caminho!

O Cego fingido

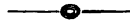
(Versão de Celorico de Basto — MINHO)

—D'onde vens, oh Anna!
«Eu venho da missa.
—Retira-te, oh Anna.
Que lá vem a justiça.
«Se lá vem a justiça,
Deixae-me ir embora;
Que a minha portinha
Não se abre agora.
Qual é o vadio
Que a esta hora anda?
Que eu estou em faixinhas
Para me ir á cama.
—Se estás em faixinhas,
Eu assim te quero;

Se hasde ser minha,
Eu por ti espero.

- «Acorde, minha mãe,
Do doce dormir ;
Venha vêr o cêgo
Tocar e pedir.
- «Se toca e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para que o cêgo
Siga seu caminho.
- Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho ;
Queria que a menina
Me ensinasse o caminho.
- «Ora, vae, filha ! vae,
Leva roca e linho,
E o caminho ensina
Ao triste ceguinho.
- «Espera lá, oh cego,
Que eu estou-me vestindo,
Minha saia roxa,
Meu gibão de linho,
Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho ;
Adiante, cego,
Lá vae o caminho,
Lá mais adiante
Está um verde pinho.
- Ora, venha, menina,
Mais um bocadinho,
E o caminho ensine
Ao triste ceguinho.
- «Valha-me Deus
E a Virgem Maria ;
Que vejo tanta gente

De cavalleria.
 Nunca eu vi cego
 Com tal phantasia,
 Sua espada de ouro
 À cinta trazia!
 De Condes e Duques
 Era pretendida,
 Agora de um cego
 Me vejo perdida!
 —Escute, menina,
 Não tenha agonia:
 Que eu sou o mesmo Conde
 Que a pretendia.
 «Adeus. minhas casas,
 Adeus, minhas terras!
 Adeus, minha mãe.
 Que tão falsa me eras.



Cego andante

(Versão da Covilhã — BEIRA-BAIXA)

—Abre a porta, Anna,
 Abre o teu postigo;
 Dá-me um lenço, amor,
 Que venho ferido.
 «Se vindes ferido,
 Vinde muito embora;
 Porque a minha porta
 Não se abre agora.
 —Abrí-me vós a porta,
 Ao menos o postigo;
 Venham dar esmola
 Ao pobre ceguinho.

- «Acorde, minha mãe,
Acorde de dormir;
Ande ouvir o cego
Cantar e pedir.
- «Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho;
E o pobre cego
Que vá a seu caminho.
- Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho,
Só quero que a menina
Me ensine o caminho.
- «Pega, minha filha,
Na tua roca e linho,
Vae ao triste cego
Ensinar o caminho.
- «Espiou-se a roça,
Acahou-se o linho,
Agora adiante, cego,
Lá vae o caminho.
- Ande a menina
Mais até alem,
Que ainda sou cego
E não vejo bem.
Ande a menina
Mais um bocadinho;
Ande mais até
Áquelle verde espinho.
- «Espiou-se a roca,
Acabei a estôpa;
Agora, adiante, cego,
Ahi vae a cangosta.
- Ande a menina
Por este carreiro;
Ande até áquelle
Verde centeio.

Ai, arreda, arreda
 Para este altinho ;
 Que aí vêm cavalleiros
 Por esse caminho.
 «Adeus, minhas casas,
 Adeus, minhas terras,
 Adeus, minha mãe,
 Que tão falsa me eras ;
 De Condes e Duques
 Me vi pretendida ;
 Agora de um cego
 Me vejo vencida.
 Que gente é aquella
 De cavalleria?...
 —Ai, arreda, arreda
 Para este altinho.
 Se vêm cavalleiros,
 Vêm devagarinho,
 Que ha muito me tardam
 Por este caminho ;
 É a minha mãe
 Mais sua madrinha,
 Que a vêm buscar
 Para a terra minha.

●

O Cego de amor

(*Versão de Elvas* — ALEMTEJO)

—Donzella, abre a porta,
 Ao cego perdido ;
 Deita-me um lenço,
 Que venho ferido.
 «Se tu vens ferido,

- Venhas, embora ;
A porta não abro,
Não dou lenço agora.
Venha, minha mãe,
Venha cá ouvir,
Um cego tão bello
Cantar e pedir.
- «Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
E ao pobre cego
Ensina o caminho.
- Eu não tenho sêde,
Nem quero beber ;
Preciso da guia
P'ra me não perder.
- «Oh, vae, minha filha,
Pega na meada,
E ao pobre cego
Ensina a estrada.
- «Adeus, minha aldeia,
Tão querida e amada ;
Adeus, minha mãe,
Vou ser desgraçada.
- Por Deus, oh donzella,
Não vertas o pranto ;
Segue o pobre cego,
Que te ama tanto.
- «Dizes que me amas,
Não o posso crêr,
Pois sendo tu cego
Como me has de vêr ?
- Com os olhos da alma,
Por Deus, nosso Senhor,
Segue e acompanha
O cego de amor.

Seguiram os dois
 Pela estrada adiante,
 Sem querer descansar
 Sequer um instante.
 Depois disse o cego :

— Queres ser minha amada ?
 « Sim ! (Disse a donzella
 Meia atrapalhada.)

Passado outos dias,
 Oh, que esplendor !
 Casou-se a donzella
 Com o cego de amor.



O Cego pedinte

(*Versão de Loulé e Lagos — ALGARVE*)

— Abre a porta, Anna,
 Abre o teu postigo,
 Dá-me esse teu lenço,
 Que eu venho ferido.
 « Se tu vens ferido,
 Vinde muito embora,
 Porque a minha porta
 Não se abre agora.
 — Abre já a porta,
 Ou só o postigo,
 Vinde dar esmola
 Ao triste ceguinho.
 « Qual é o vadio
 Que a estas horas anda ?
 Vou já para a cama

Estou de anagua branca.

- Se tu estás em anagua,
Mesmo assim te quero:
És meu amor,
Eu lograr-te espero,

*

«Minha mae, não durma,
Não queira dormir,
Ouvirá o cego
Cantar e pedir.

- «Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho;
Se elle não quizer,
Segue o seu caminho.
- Não quero o seu pão,
Nem tampouco o vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
- «Pega na tua roca.
Tambem no teu linho,
Vae, ensina ao cego
O triste caminho.

*

«Espiou-se a roca.
Reabriu-se o linho,
Vae-te embora, cego,
Segue o teu caminho.

- Anda mais abaixo,
Anda um pouquinho;
Sou curto da vista,
Não vejo o caminho,
«Vae-te embora, cego,
Vae por essa estrada;
Quem quizer creados

- Paga-lhe soldada.
—Ande a menina
Mais até alem:
Que eu sou muito cego
E não vejo bem.
Corrâmos, corrâmos
Para este altinho,
Pois ahi vem gente
Por este caminho.
«Adeus, minhas casas,
Adeus, minhas terras,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.
De Condes e Duques
Eu fui pretendida,
Só de um triste cego
Me vejo vencida.
—Dá as despedidas,
Se acaso queres dar,
A' Virgeu Maria
Que está no altar.
Eu já vejo terras,
Tambem côrte minha,
Anda p'ra palacio
E serás rainha
«Eu donde estou vejo
Os palacios de elrei!
—Anda p'ra adiante, Anniea,
Que eu te coroarei.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Estoria do Cego*(Versão de San Roque)*

Lo treidor chegando, meia noite em pino,
Tres vezes bateu na porta, mansinho.

- Dae-me gasalhado, que sou um ceguinho ;
Tirou-me los olhos um pelourosinho.
«Se tu não tens olhos, vae de vagarinho ;
Não podes perder-te no d'reito caminho :
Minha mãe já dorme nos lençóes de linho ;
Eu 'stou meio nua, já sem vestidinho.
- Se vossa mãe dorme, fallae vós baixinho ;
Se 'stês meia nua, eu sou um ceguinho ;
La noite é tão fria, dae-m'hi gasalhinho ;
Qu'eu m'irei embora, manhã bem cedinho.
«Acordae, vós mãe, mãe ; é forte somninho !
Não ouvis lo cego que está no caminho ?
- «Se elle pede esmola, dá-lhe pão e vinho ;
Põe-no a carreiro, se vem perdidinho.
- Não quero o seu pão ; tampouco o seu vinho .
Guiae-me. menina, que vou perdidinho.
- «Leva tu la roca, vae fiando linho,
E vae-me, tu filha, põl-lo a caminho.
«Espiei la roca, acabei meu linho ;
Deixae, mãe, lo cego seguir seu caminho.
«Deixa tu la roca, se já não tens linho,
E vae-me, tu filha, põl-lo a caminho.
- Tende dó, menina, do triste ceguinho :
Andae vós commigo só um bocadinho.
«Ou serás, ou não, um triste ceguinho ;
Não vou mais além, 'hi vae lo caminho.

—Quer eu seja, quer não, um triste ceguinho,
Menina, commigo é vosso caminho.

.....

«Adeus, alegrias de nosso cantinho ;
Eu fui la perdida além no caminho !
Oh tola mãe minha, oh falso ceguinho,
Aqui me meteram n'este caminho.
—«Não me queixo, filha, do falso ceguinho ;
Só de mim me queixo, mandar-te ao caminho.

(Variante de Santa Maria Maior)

«Acordae, vós madre, do doce dormir ;
Vinde ouvil lo cego cantar e pedir.
—Se elle pede e canta, dá-lhe pão e vinho :
E que vá, com Deus, seguir seu caminho.
—«Não vejo carreiro, sou triste ceguinho ;
Menina, guiae-me no d'reito caminho.
—Pega tu na roca ; e fiando linho,
Vae, filha, co' cego pôl-lo a caminho.
«Espiei la roca, não tenho mais linho.
Até 'qui vim eu ; 'hi vae lo caminho.
—«'Stou cego, bem cego, cegueira me tem...
Oh linda menina, vindc mais além.
«Ai, gente, acudi-me ; acudi, vós mãe !
N'este descampado acuda-me alguem !
—«Caluda, menina ; não virá ninguem.
Vós fostes la cega ; fui eu quem vi bem.

.....

«Adeus, minha casa ; adeus, minha terra ;
Uma falsa mãe assim me desterra !
—Eu não fui falsa, que bem te dizia
Tratasses lo cego com mais corteziã.

«Que mais cortezia houvera eu ter,
Se lo falso cego me foi commetter?

.....

- Embal' la criança, que ella quer dormir;
Não vás, filha minha, estar-te a consumir.
«Eu não me consumo; Deus me la deu.
De me deixar ir... la culpa tive eu.



ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

O Cego

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Era meia noite, quando o ladrão veiu,
Bateu tres pancadas á porta do meio:

- Abre a tua porta, cerra o teu postigo,
Deita cá um lenço, que eu venho ferido.
«Se tu vens ferido, ferido embora,
Que a minha portinha não se abre agora;
Qual é o vadio que a estas horas vem?
Eu estava em anágoa para ir a Belem.
—Se estavas em 'nágoa, em 'nagua te quero,
Has ser meu amor, n'esse lugar te espero.
- «Minha mãe, acordae do vosso dormir,
Escutae o cego a cantar e pedir.
«—Se o cégo pede, dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cégo passar o caminho.
—Não quero o seu pão, nem tambem o seu vinho,
Quero que a menina, me ensine o caminho.

- «—Pega n'uma roca, carrega-a de linho,
 Vae c'ó pobre cego, ensina-lhe o caminho.
 «Minha roca espiada, acabou-se o linho;
 Adiante cégo, que aí vae caminho.
 —Ande a menina mais um bocadinho,
 Sou curto de vista, não vejo o caminho;
 Ande a menina, vamos mais além
 Que eu era ceguiho, mas já vejo bem.
 «Adeus, minhas vinhas, adeus minhas terras,
 Adeus, minha mãe, que tão falsa me eras.
 —«Adeus minha filha, que eu bem te dizia,
 Que ao cego fizesses uma cortezia.
 «Uma cortezia lhe quiz eu fazer,
 O ladrão do cego me quiz 'cometter.
 De fidalgos e duques eu fui 'comettida,
 Agora de um cego me acho rendida.



BRASIL

O Cego

(Versão de Sergipe)

- Sou um pobre cego,
 Que anda sósinho,
 Pedindo uma esmola,
 Sem errar caminho:
 Aqui está um cego
 Pedindo uma esmola,
 Devotos de Deus
 E de Nossa Senhora.
 «Minha mãe, acorde
 Do seu bom dormir,

- Que aqui está um cego
A cantar e pedir.
- «Si elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego
Seguir seu caminho.
- Não quero seu pão,
Nem tambem seu vinho ;
Só quero que Anna
Me ensine o caminho.
- «Já larguei a róca
E tambem o linho ;
Já me vou com o cego
Ensinar o caminho.
O caminho ahi vae
Mui bem direitinho,
Se fique ahi,
Vou fiar mais linho.
- Caminhe, menina,
Mais um bocadinho ;
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho,
- «Caminhe, senhor cego,
Que isto é bem tardar,
Quero ir-me embora,
Quero ir-me deitar.
- Aperta as passadas
Mais um bocadinho ;
Sou cego da vista
Não vejo o caminho.
- «Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.
Adeus, minha patria,
Adeus, gente bôa !

Adeus, minha mãe,
 Que me vou á tóa.
 Valha-me Deus,
 E Santa Maria.
 Que eu nunca vi cego
 De cavallaria,
 —Se eu me fiz cego
 Foi porque queria ;
 Sou filho de conde,
 Tenho bizzarria.
 Cala-te, menina,
 Deixa de chorar ;
 Tu inda não sabes
 O que vaes gosar.
 —Deus lhe dê bom dia.
 Senhora visinha,
 Esta meia noite
 Me fugiu Anninha.
 =Deus lhe dê o mesmo,
 Senhora visinha,
 De cara mui feia ;
 Tres filhas que tenho
 Vou pôl-as na peia.



O Cego

(Versão do Ceará)

—Sinhá da casa,
 Venha vêr seu pobre,
 Nem por vir pedir
 Deixa de ser nobre.
 «Não pode ser nobre
 Quem vem cá pedir ;

- Não ha que lhe dar,
Já póde seguir.
- Não uzes commigo
Tanta ingratição;
D'este pobre cego
Tende compaixão.
«Eu não sou dona,
Nem governo nada;
A dona da casa
Ainda está deitada.
- Se está deitada,
Ide-a chamar,
Que o pobre cego
Lhe quer fallar.
- «Acordae, senhora,
Do doce dormir;
Vinde vêr o cego
Cantar e pedir.
- «Se elle canta e pede,
Dae-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego
Seguir seu caminho.
Larga, Anninha, a roca,
E tambem o linho;
Vae ensinar o cego
Seguir seu caminho.
- «Aqui fica a roca,
Acabou o linho;
Marchae adiante, cego,
Lá vae o caminho,
- Anda, anda, Anninha,
Mais um bocadinho,
Sou curto de vista,
Não enxergo o caminho.
- «De Conde e fidalgo
Me vi pretendida;

Agora de um cego
 Me vejo rendida.
 —Cala-te, condessa,
 Prenda tão querida!
 Eu sou este conde
 Que te pretendia.
 «Cala-te, conde,
 Não digas mais nada,
 Só quero que saíamos
 D'aqui d'esta estrada.
 Infinitas graças
 Vos dou, meu senhor,
 Já ter vencido
 Um cruel amor.



GALLIZA



O Cego

(Versão da Corunha)

—Abrem' as portiñas,
 Abrem' o postigo,
 Dame d'o teu lenço
 Que veño ferido.
 «Pois si ves ferido
 Ves á mala hora,
 Qu' as miñas portiñas
 Não s'abren agora.
 —Se á ninguem as abres,
 Abrem'as a min;
 Sou un pobre cego,
 Que veño pedir.

- «Dalle pan ó cego,
Dalle pan e viño,
Dalle pan ó cego,
Que siga o camiño.
- Eu não quero pan,
Nen tampouco viño;
Quero qu' a tua filla
M'amostre o camiño.
- «Anda, vay, menina,
Colle roca e liño;
Vai co' pobre cego
Mostralle o camiño.
- «Adios, miña casa,
Adios, miña terra,
Adios, miña nay,
Ay, meu ben,
Qu' este bóo passar era.

2

LINDA-A-PASTORA

(Versão de Lisboa)

- Linda pastorinha, que fazeis aqui?
«Procuro o meu gado que por ahí perdi.
- Tam gentil senhora a guardar o gado!
«Senhor, já nascemos para esse fado.
- Por estas montanhas em tão grande p'rigo!
Diga-me, oh menina, se quer vir commigo.
- «Um senhor tão guapo dar tão máo conselho ¹
Querer que se perca o gado alheio!

¹ Não deve ser nobre quem dá tal conselho — *Minho, Beira-Baixa.*

- Não tenha esse medo que o gado se perca ¹
 Por aqui passarmos a hora da sésta.
- Tal rasão como essa não na ouvirei. ²
 Já dirão meus amos que de mais tardei.
- Diga-lhe, menina, que se demorou
 Co' esta nuvem d'agua que tudo molhou.
 «Fallarei verdade, que mentir não sei:
 À volta do gado eu n e descuidei.
- Pastorinha, escute, que oiço balar gado...
 «Serão as ovelhas que me têm faltado.
- Eu lh'as vou buscar já muito depressa,
 Mas que me espedace por essa charneca.
- «Ai como vae grave, de meias de seda!
 Olhe não as rompa por essa resteva. ³
- Meias e rapatos, ⁴ tudo romperei ⁵
 Só por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.
 «Eil-o aqui vem; é todo o meu gado.
- Meu destino foi ser vosso criado.
 «Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,
 Que hade vir meu amo trazer-me a merenda.
- Se vier seu amo, venha muito embora;
 Diremos, menina, que cheguei agora.
 «Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
 Já não quero vê-lo nem por pensamento.
- Pois adeus, ingrata da Linda-a-pastora!
 Fica-te, eu me vou pela serra fóra. ⁶
 «Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...

¹ Eu não digo isso, que o gado se perca;
 Mas que descancemos uma hora de sésta — *Beir'alta, Extremadura.*

² Que dirão meus amos em que me occupei — *Beir'alta.*

³ Por essas estêvas — *Alemtejo.*

⁴ Meias e vestidos — *Ribatijo.*

⁵ Romperem — *Coimbra.*

⁶ Vae guardar teu gado pela serra fóra — *Beir'alta.*

Que o amor é cego, já me está rendendo.

Sentaram-se á sombra . . . tudo estava ardendo . . .¹
Quando ellas não querem, então 'stão querendo.

Rosa

(Versão do Porto)

- Deus te salve, Rosa,
Lá n'esse jardim.
«Deus te salve, cravo,
Lindo seraphim.
—Por aquelle monte,
Um sol, sem abrigo!
Dize-me, oh Rosinha,
Se queres vir commigo.
«Outra como essa
Não vos ouvirei;
Que dirão meus amos,
Em que me occupei?
—Dize-lhe, oh Rosinha,
Em que te occupaste:
N'uma nuvem de agua
Toda te molhaste.

¹ Senta-te a esta sombra, que está o mundo ardendo.

«Eu bem não queria, mas estou querendo.

—Calla-te, pastora, não digas mais nada,
Que a apósta que eu fiz já está ganhada.

«Senhor, vou sertar-me não por má tenção.

—Pois sabe a verdade, que sou teu irmão. — *Baira'lta.*

«Sente-se a esta sombra, passemos a sésta,
Já pouco me importa que o gado se perca.

Oh gente da casa, acudi ao gado,

Que foge a pastora c'o seu namorado. — *Minho.*

- «Fallarei verdade,
 Que eu mentir não sei;
 Procuo o meu gado
 Que eu aqui deixei.
 —Teu gado, Rosinha.
 Eu aqui t'ó trago;
 Ditoso de mim
 Em ser teu criado! ¹
 «Criado tão grave,
 De meias de seda!
 Olhe, não as rompa
 Por esta restêva.
 —Sapatos e meias
 Tudo rompereí,
 Só por te dar gosto,
 Rosinha, meu bem.
 «Senhor, vá-se embora.
 Não me vens dar gosto
 Que lá vem meu amo
 A trazer-me o almôço
 —Vós sois tão ingrata,
 Tão impertinente;
 Teu amo não é lobo
 Que coma a gente.
 «Embora, senhor,
 Não me dê pesar;
 Que lá vem meu amo
 Trazer-me o jantar.
 —Vós sois tão ingrata
 Tão impertinente...

¹ Variante de Villa Nova de Gaia :

- Teu gado, menina,
 Lá o vi no monte,
 Estando a beber
 No cristal da fonte.

- Teu amo não é lobo,
Mas que coma a gente.
«Senhor, vá-se embora,
Não me dê tormentos ;
Não o posso vêr
Nem por pensamentos.
- Já me vou embora,
Eu já vou andando ;
Tu ficas-te rindo,
E eu me vou chorando.
- «Venha ali, senhor,
Venha ali, correndo ;
Que o amor é cego,
Já me vae vencendo.
- Bem sei que querias
De mim um abraço ,
Mas eu não t'o dou,
Que aggravo te faço.
- «Se m'ó hade dar,
Dè-m'ó arrochado,
Para espalhar as magoas
Que commigo trago.
- Eu vou-t'ó dar,
Não com má tenção,
P'ra que saibas, Rosa,
Que sou teu irmão.
- «Por aquelle monte
Com grande calma ;
Mil perdões te peço,
Mano da minha alma.
- Cala-te, pastora,
Tu não digas nada,
Que a apósta que eu fiz
Levo-a ganhada.
- «Pois se tu a ganhaste,
Outrem a perdeu ;

Tua falla meiga
A mim me venceu.

(Final da Variante de Villa Nova de Gaia)

«Olhae, oh pastores,
A fortuna minha;
Já guardei o gado,
Agora sou rainha.
— Oh gente da aldeia,
Acudi ao gado.
Que foge a pastora
Com seu namorado.

— ● —

Linda pastorinha

(Versão da Covilhã — BEIRA-BAIXA)

— Deos te salve, Rosa,
Lindo seraphim!
Linda pastorinha,
Que fazeis aqui?
Que fazeis. pastora,
Por essa ribeira?
Tirac-vos do sol,
Do sol que vos queima.
«O sol não me queima,
Que estou calejada
Do rigor da chuva,
Do rigor da calma.
— Tão gentil senhora
A guardar o gado,
Ao longo do rio
Tão bem repastado.

- «Criado tão nobre
Com meias de seda!
Olhe não as rompa
Por essa restêva.
- Sapatos e meias
Tudo romperei,
Pela pastorinha
Tudo eu farei.
- «Por altas montanhas
Ouço gritar gado;
São as ovelhinhas
Que me têm faltado.
- Dê-me cá a cêsta,
Tambem o cajado,
Que eu lh'as vou buscar
Com todo o cuidado.
- «Vá-se embora, homem,
Não me dê tormento;
Não o posso vêr
Nem por pensamento.
- O que está de ingrata,
Tão impertinente!
Homens não são lobos
Que comam a gente.
- «Eu se sou ingrata
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Assim me convem.
- O teu gado, Rosa,
Eu aqui t'ó trago:
Um formoso môço
Para teu criado.
Não tenha esse medo
Que o gado se perca,
Por aqui passarmos
Uma hora de sésta.

- «Vá-se d'ahí, negro,
 Não me dê mais pena;
 Que aí vem meus amos
 Trazer-me a merenda.
- Isso é que eu quero,
 Que venham seus amos;
 Quero que elles saibam
 Que fallamos ambos.
- «Tal rasão como essa
 Não a ouvirei;
 Já dirão meus amos
 Que demais tardei.
- Diga-lhe, menina,
 Que se demorou
 Com esta nuvem d'agua
 Que tudo molhou.
- «Va-se d'aí, homem,
 Não me dê tormento;
 Não o quero vêr
 Nem por pensamento.
- Que tem a menina
 Que está agastada?
 No meu coração
 Trago-a retratada.
 Uma vez que quer
 Que me vá embora,
 Lá verá o gado
 Que váe serra fóra.
- «Se váe serra fóra
 Pois deixal-o ir;
 Se o não o matarem
 Tornará a vir.
- Por altas montanhas
 Corre grande p'rigo;
 Oh linda pastora,
 Queira vir commigo.

- «Não é de homem nobre
O dar tal conselho;
Pois quer que se perca
O gado alheio.
—O gado alheio
Não quero que se perca;
Quero que tenhamos
Uma hora de sésta.
«Guardemos a sésta
Lá para depois;
Eu quero saber
Quem é que vós sois.
—Sou filho da côrte,
Assisto em palacio;
Linda pastorinha,
Dae-me um abraço.
Já me vou embora
Pela serra acima,
Linda pastorinha
Dae-me a despedida.
«Venha cá, oh homem,
Venha aqui correndo;
O amor é cego,
Já me vae rendendo.
—Se você me chama
Eu me vou andando.
Que a apósta que fiz
Já a vou ganhando.
«Bem sei o que queres.
Queres um abraço;
O abraço se o deres
Dá bem apertado,
O abraço se o deres,
Dá-m'o bem apertado,
Para apagar penas
Que commigo trago.

- O abraço que der
 Não tem má tenção,
 Cala-te lá, Rosa,
 Que sou teu irmão.
 Quer ella, a menina,
 Que demos um brado
 A' gente do povo,
 Que acudam ao gado?
 Oh gente do povo
 Acudi ao gado,
 Que foge a pastora
 Com o seu namorado!
 «Eu quero fugir,
 Que é ventura minha;
 Depois de pastora
 Irei ser rainha.
- Se a pastora foge,
 Deixal-a fugir,
 Nem cravos, nem rosas
 Lhe hão de acudir.
 Digo-te a verdade,
 Do meu coração:
 Não sou teu esposo,
 Mas sou teu irmão.
 Digo-te a verdade,
 Oh meu camarada;
 A apósta que fiz
 Já cá vae ganhada,

—●—

A Pastorinha

(*Versão de Elvas*—ALEMTEJO)

- Que fazes, pastorinha,
 Por essa ribeira?
 Retira-te do sol,

- Que o sol te queima.
«O sol não me queima,
Que ando calejada
Do frio, da chuva,
Do rigor da calma.
—Está tão grande a penha,
Está tão grande o frio!
Quer a menina
Retirar commigo?
«Cale-se lá, maroto,
Não me diga isso!
Logo vem meus amos
Trazer-me a merenda.
—Isso é que eu quero,
Que seus amos venham;
Quero que elles saibam
Que ambos nos fallemos.
«Desejava de saber
Filho de quem sois?
—Sou filho do rei,
Móro em palacio;
Queira a menina
Dar-me um abraço.
«Cale-se lá, maroto,
Não me dê tormentos;
Que não o posso vêr
Nem por pensamentos.
—La cima na serra
Ouço berrar gado.
«São as ovelhinhas
Que me têm faltado.
—Se a menina quer,
Eu as vou buscar.
Já as fui buscar
Já aqui as trago;
Tudo é o gosto

D'este seu criado.
 «Eu não quero criados
 De meias de seda,
 Que se todas rompem
 Por essas estêvas.
 —Sapatos e meias
 Tudo romperei;
 Para lhe dar gosto
 Tudo lhe farei.
 Se a menina quer
 Damos brado ao povo:
 Oh gente do povo,
 Acudi ao gado;
 Váe a pastorinha
 C'o seu namorado,
 «Pois se ella vae,
 Deixal-a ir;
 Que a gente do povo
 Não lhe hade acudir.

—●—

Os dois Irmãos

(Variante de Elvas)

—Que fazeis, menina,
 Por entre a ribeira?
 Tirae-vos do sol,
 Que o sol vos queima.
 «O sol não me queima,
 Já estou avezada,
 O' frio e á chuva,
 E ó rigor da calma.
 —Que gentil mulher
 P'ra guardar gado!

- Dè cá o cèsto
E tambem o cajado,
«Não quero criados
De meias de seda,
Não quero que as rompam
Por essas estêvas.
—Sapatos e meias
Tudo rompereí,
Só para lhe dar gosto
Tudo o mais farei.
«Rasão como esta
Outra não ouvirei ;
Vou buscar meu gado
Que além deixei.
—Menina, é ingrata,
Ingrata com quem...
Se quer ser ingrata
Passe muito bem.
«Volte cá, meu mano,
Voltae correndo,
Que o amor é cêgo,
Já se vae rendendo.
Aqui dou um grito
Aqui dou um brado :
Senhora da Penha,
Guardae o meu gado.

A Pastorinha

(Versão de Campo Maior)

- Deus vos salve, Rosa,
Flor do alecrim !
Linda paŝtorinha,
Que fazeis aqui ?
«Guardo o meu gado,

Que anda por ahi.
 —Tire-se, menina,
 Do pé da ribeira;
 Tire-se, menina,
 Do sol que a queima.
 «Não me queima o sol,
 Que eu estou calejada
 Do frio e da neve
 E do rigor da calma.
 —Que linda menina,
 Para guardar gado.
 «Já nasci, senhor,
 Para este enfado.

 Vá-se já embora,
 Não seja impertinente;
 Que virão meus amos
 Trazer-me a merenda.
 —Seus amos não são bichos
 Que comam a gente.
 Por essas montanhas
 Corre grandes p'rigos!
 Diga-me, menina,
 Se quer vir commigo?
 «Meias e sapatos
 Tudo romperei;
 Amal-o a vossè,
 Isso é que não farei,

—●—

Linda Pastorinha

(Versão de Loulé e Lagôa — ALGARVE)

—Deus te salve, Rosa,
 Lindo seraphim!
 Bella pastorinha,

- Que fazeis aqui?
«Você, que lhe importa
O que faço aqui!
Guiando o meu gado,
Que deixei alli.
- Linda pastorinha
A guardar o gado!
«Senhor, só nasci
Para este fado.
- Diga-me a menina,
Onde pasta o gado?
«Nas altas montanhas,
Que lá ha bom pasto.
- Nas altas montanhas
Corre grande p'riço;
Diga-me, menina,
Se quer vir commigo?
«Não é de homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer que se perca
O gado alheio.
- O gado alheio
Não quero se perca;
Quero estar comvosco
A' hora da sésta.
«A' hora da sésta
Não o ouvirei;
Perguntam meus amos
Em que me occupei.
- Se elles perguntarem
Em que se occupou:
Guardou-se da agua
Que tudo molhou.
«Eu fallo verdade,
Mentir eu não sei;
Vou soltar meu gado

- Que pasce além.
 —Seu gado, menina,
 Eu aqui lh'o trago ;
 Serei venturoso
 Se fôr seu criado.
 «Não quero criados
 De tanta nobreza,
 Calça de veludo
 E meias de seda !
 —Sapatos e meias
 Tudo romperei,
 Para vos dar gosto,
 Minha alma, meu bem !
 «Vá-se embora, homem,
 Não me dê mais pena ;
 Lá vêm meus amos
 Trazer-me a merenda.
 —Que importa, menina,
 Que venham seus amos ?
 Quero que elles saibam
 Que fallamos ambos.
 «Senhor, vá-se embora,
 Não me dê tormentos ;
 Não o posso vêr
 Nem por pensamentos.
 —Pastora formosa,
 Por que és tão ingrata ?
 Homem não é lobo
 Que donzellas mata !
 Tyranna, ingrata,
 Mal agradecida ;
 Só por causa d'ella
 Eu perco a vida !
 «Se eu sou ingrata,
 Faço muito bem ;
 Quero ser ingrata,

- Assim me convém.
- Se quer ser ingrata,
Seja muito embora;
Eu cá vou chorando
Pela serra fóra.
Aqui dou um grito,
Além dou um brado;
Senhora da Penha,
Guardae este gado.
«Volte cá, senhor,
Volte cá, não chore;
Diga-me quem é,
Não se desconsolle.
Volte cá, senhor,
Volte cá, correndo;
O amor é cego.
Já me vou vencendo.
- Digo-lhe a verdade,
Oh meu camarada;
Eu fiz uma apósta,
Tenho-a ganhada.
Volto, voltarei,
Não com má tenção;
Digo a verdade,
Eu sou teu irmão.
«Se eras meu irmão
Porque o não dizias?
Tu, meu claro sol,
Tu, luz dos meus dias!
.....
Oh gente do povo,
Acudi ao gado,
Que foge a pastora
Com seu namorado,
—Se a pastora foge,

Deixem-a fugir :
 Nem cravos nem rosas
 Lhe hão de acudir.

(Final da Versão de Lagôa)

«Pela serra fóra
 Com o rigor da calma,
 Mil perdões te peço,
 Irmão da minha alma.
 —Cala-te, pastorinha,
 Não digas mais nada,
 Que a apósta que eu fiz
 Já está ganhada.

—●—
A Pastorinha

(Versão de Lagos)

—Deus vos salve, oh pastorinha
 Que vosso gado guardaes !
 «Vinde com Deus, cavalleiro,
 Mãe de Deus, salvo sejaes !
 =Eu salvei, e vós salvaes,
 Cumpri bem o meu dever ;
 Foi criação que me deram
 De eu a todos responder.
 Uma bella rapariga,
 Como vós, linda pastora,
 Tao bonita, tão formosa,
 Falla tão encantadora.

 «Adeus, mãe, e adeus, pae
 Adeus, gado que eu guardei ;
 Adeus, manos, adeus manas,

Terra onde m'eu criei!
 Como pode um pae prohibir
 Uma filha a querer bem?
 Os braços de um pae são fortes,
 O amor mais forte os tem.
 Deixa-me ir deitar meu gado,
 Despedir do meu paiz,
 Para ir acompanhar
 Quem a mim fez tão feliz.

.....
 Estando a pastar meu gado,
 Ouço cantar passarinhos;
 Não me posso sustentar
 Senão de abraços e beijinhos.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Pastora Linda

(Versão de Ponta Delgada)

—Irmã da minh'alma, cá me vou embora,
 Soldado nas náos, que vão mar em fóra.
 «Ai de mim, cuitada: sem pae e sem mãe,
 Cá fico sósinha, irmão, sem ninguem.
 —Temos 'hi um tio, com terras e gado;
 Dè favor lhe pede te dè gasalhado:
 E adeus irmã do meu coração.
 «Ai de mim, cuitada; adeus, meu irmão.

(E foi bater á porta do tio.)

«Trus, trus. — «Quem bateu 'hi n'essa minha porta?
 «Sou vossa sobrinha; venho quasi morta;
 Valei-me, vós tio, que sois abastado;
 Lo irmão me levam, dae-me gasalhado.

- «Oh môça, não chores ; deixal-lo lá ir,
 Queres tu, sobrinha commigo dormir?
 «Nem la Virgem santa, nem Jesus lo quer ;
 Ser vossa sobrinha e ser-vos mulher.
- «Sobrinha com tio bem pôde morar ;
 Oh môça, não chores ; vem cá te deitar.
 «Mais quero na serra pastoral lo gado,
 Que ter com meu tio tamanho peccado.
- «Mulher altanada, não és p'ra senhora ;
 Quem rude assim falla que vá ser pastora.

(E foi. Sete annos guardou gado, e sempre na mesma fiuza.)

«Ha sete annos ando atraz d'estas rêzes.
 Manceba d'um tio? Pastora mil vezes.
 Se outrem me quizesse, talvez eu lo qu'ria ;
 Mas de um tio velho nunca eu seria.

(Chegou n'isto lo irmão a casa do tio)

- Trus, trus. — «Quem bateu 'hi n'essa minha porta ?
 — Sou vosso sobrinho, que venho de volta.
- «Sobrinho, que tive, era marinheiro ;
 E vós vestis galas de grosso dinheiro.
 — Ganhei-lo no côrso, que nos mouros dei.
 Qu'é da irmã minha, que vos cá deixei?
- «Pastóra na serra. — Junta com pastores?
 — «Não cuides, sobrinho, que p'rigue de amores.
 Apósto commigo quanto hei de meu,
 Que não na convence christão nem judeu.
- Apósto-vos contra quanto hei de meu ;
 Eu vou ter com ella, convenco-la eu.
- «A trôco de amores, não larga seu gado.
 Lo dito 'stá dito, fico apostado.

(E logo lo rapaz, muito bem vestido e calçado, se foi em busca da irmã.)

- Pastorinha linda, que fazes ahi?
 — «Procuro meu gado, que por 'qui perdi.

- «Menina tão linda a pastorar gado!
«Se eu vim ao mundo p'ra ter este fado!
—Espera, pastora, eu vou d'este lado.
«Senhor, não se cance, eu busco meu gado.
—Menina, lo gado aqui está voltado;
De meia de sêda, eu sou teu creado.
«Creado tão nobre, de meia de sêda!
Olhe não na rompa por essa restêva.
—Sapatos e meias, tudo romperei;
Por te dar gosto, eu tudo farei.
«Senhor, vá-se embora, não me dê destrôço;
Não venha meu amo trazel-lo almôço,
—Oxalá teu amo viesse chegando;
Aqui nos achára nós ambos fallando.
«Senhor, vá-se embora, não me dê pesar;
Não venha meu amo trazel-lo jantar.
—Oxalá teu amo viesse chegando;
Aqui nos achára nós ambos fallando.
«Senhor, vá-se embora, não me dê parlenda;
Não venha meu amo trazel-la merenda.
—Sósinha na serra, estás em grande p'riço;
Vem, linda pastora, vem d'ahi commigo,
«Senhor, vá-se embora, não me dê tormento;
Ouvir não no posso, nem por pensamento.
—Adeus, pastorinha, cá me vou andando;
Outro vae de mim rir, e eu vou chorando.
«Venha cá, espere; lo sol está ardendo,
E se vão las neves no sol derretendo.
—Adeus, pastorinha, cá me vou andando;
Outro vae de mim rir, e eu vou chorando.
«Venha cá, descance á sombra de um ramo;
Que já não m'importa que venha meu amo.
—Adeus, pastorinha, cá me vou andando;
Tu ficas-te rindo, e eu vou chorando.
«Venha cá, descance á beira do mato;
Eu dou-lhe um abraço, dado com recato.

- Adeus, pastorinha, cá me vou andando,
Enganar-me queres, e eu vou chorando.
«Venha cá, escute. Que me está dizendo?
Leve-me comsigo, vencida me rendo.
- Aqui estou, pastora, nemja em má tenção;
Verdade, verdade eu sou teu irmão;
«Ai Jesus, cuitada! Irmão de minha alma.
Eu de mim só qu'ria. . . não fosses á calma.
- Cal'-te, pastorinha, não digas tu nada;
Eu fiz uma apósta, que tenho ganhada.

(Variante de Ponta de Sol)

- Deus vos salve, linda; lindo seraphim;
Tão gentil menina que faz por aqui?
«Falla la verdade, que mentir não sei,
Pastóro lo gado, que eu aqui deitei.
- Tão gentil menina pastorando gado?
«Se naci, senhor meu, p'ra ter este fado!
- Mulheres na serra correm grande p'rigo:
Menina, dizei-me se qu'reis ir commigo?
«Rasão como essa não na ouvirei;
Que dirá meu amo? Eu que lhe direi?
- Dizei-lhe, menina, que vos demorou
Uma nuvem de agua, que tudo molhou.
«Senhor, va-se embora; não me vou tentar.
Se vem 'hi meu amo trazel lo jantar?
- Oxalá viera vosso amo agora;
Aqui nos achára fallando, senhora.
«Senhor, va-se embora; olhe, não me offenda,
Se vem 'hi meu amo trazel la merenda?
- Oxalá viera já n'este repente;
Eu não sou lobo, nem eu como gente.
«Senhor, va-se embora; não me dê tormento;
Por mim não no quero nem por pensamento.
- Cá me irei embora, cá me vou andando;

- Ficae-vos vós rindo, que vou eu chorando.
 «Como está pressado! De meias de sêda,
 Olhe não nas rompa por essa restêva.
 —Só por dar-vos gosto, tudó eu farei;
 Sapatos e meias, tudo rompereí.
 «Eu não valho tanto; sou bruta da serra,
 De meus fatos grossos, e da côr da terra.
 —Serrana, serrana, fatos côr do chão,
 'Ssim mesma vos quero, bem do coração.
 «Senhor cavalheiro,... dê por onde der;
 Levae-me, levae-me, por vossa .. mulher.
 —Commigo vos levo, mas sem má tenção;
 Fallal la verdade, sou vosso irmão.

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

Rosa Pastorinha

(Versão da Ilha de San Jorge)

- Deos vos salve, Rosa, se sois para mim;
 Pastora tão bella, que fazeis aqui?
 «A fallar verdade, que eu mentir não sei,
 Vigio meu gado, que eu aqui deitei...
 —Pastora tão bella vigiando gado!..
 «Sim, senhor, nasci para este fado...
 —Por altas montanhas corre grande p'riço;
 Diga-me a menina se quer vir commigo...
 «Rasão como essa nunca a ouvirei,
 Perguntarão meus amos em que me occupei.
 —Se elles perguntarem em que se occupou,
 Uma nuvem d'agua que a demorou...
 «A fallar verdade, que eu mentir não sei,

- Vou buscar meu gado que acolá deixei...
- Vosso gado, senhora, aqui vol-o trago,
Venturoso moço ser vosso criado.
Deixe ir o gado lá por serra fôra,
Deixe ir o gado, deixe-o ir embora;
Perca-se o gado por serra adiente,
Perca-se o gado, não se perça a gente...
- «Senhor, vá-se embora, não me dê desgosto,
Não venham meus amos trazer-me o almôço...
- Se os amos vierem, comeremos juntos
As boas alcatras, melhores presuntos...
- «Senhor, vá-se embora, não me dê pesar,
Não venham meus amos trazer-me o jantar.
- Pastora tão bella, tão impertinente!
Homens não são lobos, que comam a gente...
- «Homens não são lobos, que comam a gente,
Mas pelearão por estares presente.
Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena.
Não venham meus amos trazer-me a merenda.
- Pastora tão bella e tão rigorosa:
Como está ingrata, como está zelosa!
- «Se eu estou zelosa, faço muito bem,
Se estou ingrata assim me convém.
- Cá me vou, senhora, cá me quero ir,
Eu me vou chorando, vós ficaes a rir,
«Senhor, vá-se embora, não me dê tormento,
Já o não posso vêr nem por pensamento.
- Cá me vou, senhora, cá me vou andando,
Vós ficaes a rir, eu me vou chorando.
- «Como vae bandarro por essa restêva!
Não rompa o sapato, nem meia de seda.
- Meias e sapatos, tudo romperei,
Só por lhe dar gosto eu tudo farei.
- «Sentae-vos á sombra, que o mundo está vendo
Mulheres não querem e estarem querendo.
- Bem sei que quereis de mim um abraço,

- Não vol-o posso dar, tenho um embaraço.
 «Venha cá. meu amo, venha cá correndo,
 Que o amor é cego, já me vae rendendo.
 —Sentar-me-hei á sombra, não com má tenção.
 Que a fallar verdade, sou vosso irmão.
 «Irmão da minha alma, do meu coração,
 D'aqui d'onde estou, vos peço perdão.
 Se sois irmão meu, não de geração,
 Vós sois o amor do meu coração.
 —Cala-te, pastora, não digas mais nada,
 Que a apósta que fiz, tenho-a ganhada:
 Metade de um navio com a sua carga.
 Vinde para baixo, dae cá vossa mão.
 Vinde accetar prendas de vosso irmão.
 «Se tu tens ganhado, eu tenho perdido,
 Que essas tuas fallas já me têm rendido.
 —Já te têm rendido, isso mesmo quero,
 Vae buscar teu gado, que eu aqui espero.
 Oh gente da ilha, acudi ao gado,
 Que foge a pastora com o seu namorado.



A Pastora

(Versão do Bom Despacho Velho — Ilha de Santa Maria)

- Deus te salve. Rosa,
 Lindo seraphim!
 Pastora tão linda
 Que faz por aqui?
 «Procuro o meu gado,
 Que eu aqui perdi;
 Ha vinte e quatro horas
 Que eu o não vi.

- Menina, seu gado
Eu lh'o irei buscar;
Pela serra fóra
Se lh'o eu achar.
- «Senhor, c'o meu gado
Não tenha cuidado,
Que eu sirvo a outro,
Não quero criado.
- Eu já o achei,
Aqui tem seu gado;
Que ditoso moço
P'ra ser seu criado.
- «Senhor, vá-se embora,
Não me dê mais desgosto;
Não venham meus amos
Trazer-me o almôço.
- Oxalá viessem.
Oxalá chegassem!
Aqui nós ambinhos
Aqui nós achassem.
Por altas montanhs
Correm grandes rios.
Diga-me a menina,
Se quer vir commigo?
- «Senhor, vá-se embora,
Não me dê pesar;
Não venham meus amos
Trazer-me o jantar.
- Rosa tão linda,
Sois impertinente;
Elles não são lobos
Que comam a gente.
- «Senhor, vá-se embora,
Não me dê mais pena:
Não venham meus amos
Trazer-me a merenda.

- Oxalá viessem,
Oxalá chegassem;
Aqui nós ambinhos
Aqui nos achassem.
Como vae brilhante
C'um vestido branco!
Olhe não o rompa
Por esse barranco.
«Como vae brilhante
Com meia de seda!
Olhe, não a rompa
Por essa restêva.
- Meias e sapatos,
Quizera eu rasgar,
Só para dar gosto
A quem desejar.
«Era tanta gente
Em guarda do gado!
Já cá me vou
Com meu namorado.
- Sente-se aqui,
Não com má tenção;
Fallo-lhe a verdade
Que sou seu irmão.
«Ai, por tanta chuva,
Ai, por tanta calma;
Mil perdões te peço,
Irmão da minha alma.

BRASIL

A Pastorinha*(Versão de Sergipe)*

—Bella pastorinha,
 Que fazeis aqui?
 «Pastorando o gado
 Que ahí perdi.

—Tão gentil menina
 Pastorando gado!
 «Já nasci, senhor,
 Para este fado.

—Vamos cá, menina,
 P'ra aquelle deserto,
 Que eu pouco me importa
 Que o gado se perca.
 «Sae d'aqui, senhor.
 Não me dê tórmento;
 Eu não quero vê-lo
 Nem por pensamento.

.....

«Olhe, meu senhor,
 Cá volte correndo,
 Que o amor é fogo,
 Que me vae vencendo.
 Olhem para elle,
 Como vem galante!
 Com meias de seda,
 Calção de brilhante.
 Si os manos vierem
 Trazer-me a merenda?...

- Elles não são bichos
Que a nós offenda.
«E si perguntarem
Em que me occupava?
—N'uma manga d'agua,
Que a todos molhava.
«Bem sei que tu queres
Que te dê um abraço,
E á sombra do mato...
Mas isto eu não faço.
—Eu me sento aqui,
Não com má tenção;
Juro-te, menina.
Que sou teu irmão.
«São por um monte,
Que eu saio por outro,
A ajuntar o gado,
Que é nosso todo.



GALLIZA

Mariquiña

(Versão da Coruña)

- Mariquiña hermosa,
ti que fás ahí.
«Estóu gardando o gando,
ben me ves aqui.
—Mariquiña hermosa,
ti, gardál-o gando?
«Xa nacin, Amaro,
para este trabalho.

- Mariquiña hermosa :
 queres vir conmigo?
 n-este monte sola
 corres ti peligro.
- «Eu xa nom che vou,
 eu xa nom che irei;
 que dirá meu amo,
 en que m'ocupeí.
- Si che di teu amo
 en qué t'ocupache,
 que veu nube d'auga
 e que t'abrigache.
- «Eu contar verdá,
 que mentir non sei;
 vou buscal-o gando,
 que o perderei.
- O gando, Marica.
 eu lh'o buscarei;
 o gando, Marica,
 eu ch'o traguerei.
- «Vai-te d'ahi, Amaro,
 non me des mais pena,
 qu'hade vir meu amo
 traerm'a merenda.
- Ai! si él viñera!
 ai! si él chegara!
 ai! si él soubera
 que contigo estaba!
- «Váite d'ahi, Amaro,
 non me des tormento;
 non te quero ver,
 nin n'o pensamento.
- Si me ve, Marica,
 hade ser contigo,
 sinón n-este monte
 quédome solíño,

- O gando, Marica,
eu ch'o botarei.
- «Ai! que ufano ves,
ai! Jesus amado!
cómo ves tan najo
á botál-o gando.
- Mangas e vestidos
Teño de poner,
Mariquiña hermosa,
por darche pracer.
- «Ai! Jesus amado,
voume d'aqui logo,
vou botál-o gando
d'aquel agro fora.
- O gando, Marica,
eu ch'o traerei;
o gando, Marica,
eu ch'o tornarei.
- «E, pois, váite axina,
e vénte correndo,
que d'amores doblas
xa me vou rendendo.
- Mariquiña hermosa,
aqui tel-o gando;
y o aventurado
xá teño ganado.

3

DONA AUSENDA

(Versão garretiana — MINEO)

A' porta de Dona Ausenda
 Está uma erva fadada, ¹
 Mulher que ponha a mão n'ella
 Logo se sente pejada.
 Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda,
 Em má hora desgraçada :
 Assim que pôs a mão n'ella,
 Logo se sentiu pejada. ²
 Vinha seu pae para a mesa,
 Veiu ella muito apressada
 Para lhe dar agua ás mãos,
 Como filha bem criada.
 Pôz-lhe elle os olhos direitos,
 Ella fez-se mui còrada.

— Que é isso, Dona Ausenda?
 Voto a Deus que estás pejada.
 « Não diga tal, senhor pae,
 E' da saia mal talhada ;
 Que eu nunca tive amores
 Nem homem me deve nada.

Mandou chamar dois xastres ³
 Que tinham mais nomeada :

— Vejam-me esta saia, mestres,
 Aonde está ella errada?

1 Cresce uma erva fadada — *Alentejo*.
 2 Sentiu-se logo prenhada — *Alentejo*.
 3 Alfaictes.

Olharam um para o outro :
 — «Esta saia não tem nada ;
 O erro que ella tem
 E' a menina estar pejada.
 — Confessa-te, Dona Ausenda,
 Que ámanhã serás queimada.
 «Ai triste da minha vida,
 Ai triste de mim, coitada !
 Sem nunca ter tido amores, ¹
 Vou a morrer deshonrada !

Foram chamar o ermitão ²
 Da ponte da Alliviada ;
 Era um fradinho velho,
 Que o encontraram na estrada.
 Mal o frade chega á porta,
 Deitou-se á erva fadada,
 Cortou-a pela raiz, ³
 Na manga a leva guardada:

— «Ajoalhae, Dona Ausenda,
 Que a vossa hora é chegada ;
 Confessae o vosso peccado
 A Deus e á Virgem sagrada.
 «Padre, eu nunca tive amores,
 Nem homem me deve nada ;
 Más artes são do demonio
 Ver-me eu donzella, e pejada ! ⁴
 — «Ha quanto tempo, senhora,
 Vos sentis embaraçada ?

1 Sem nunca saber de amores — *Extremadura*

2 Foram buscar confessor.

A' ermida da Alliviada — *Extremadura*.

3 Arranca raiz e tudo — *Alemtejo*.

4 E prenhada — *Alemtejo*.

- «Os nove mezes faz hoje
 Que ali n'aquella ramada,
 Na noite de San João,
 Adormeci descuidada ;
 Sentia o cheiro das flôres
 E da erva rociada,
 Sentia-me eu tão ditosa,
 Tão feliz e regalada,
 Que o despertar me deu pena
 Quando veiu a madrugada.
- «Tomae agora esta erva,
 Que é uma erva fadada :
 Com a benção que eu lhe deito ¹
 Ficar á erva sagrada.
- «Ai ! este cheiro. meu padre,
 É o que senti na ramada.

Não disse mais Dona Ausenda,
 Do somno ficou tomada.
 Virtude tinha aquella erva,
 Outra virtude fadada :
 Mulher pejada que a toque, ²
 Logo fica despejada.
 Alli, sem mais dôr nem pena,
 Em boa hora abençoada,
 Pare uma linda criança
 Bem nascida e bem medrada.
 Metteu-a o frade na manga.
 Foi-se sem dizer mais nada.
 Já desperta Dona Ausenda,
 Já se sente alliviada ;
 De tudo quanto passou

¹ Com as rezas que eu rezo — *Extrimadura*.

² Mulher que ponha a mão n'ella,
 Se está prenhe, é desprehada — *Alemtejo*

Apenas está lembrada :
Um máo sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem talhada,
Foi-se encontrar com seu pae
Que estava na alpendurada ¹
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada :

« Senhor pae, aqui me tendes
Já disposta e confessada ;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.

O pae, que a mira e remira
Tão esbelta e bem pregada,
O seu corpo tão gentil,
Sua saia tão bem talhada :

- Que feitiço era este, filha,
Com que estavas embruxada ?
Como se desfez o encanto,
Que te vejo tão mudada ?
« Fosse elle podèr de encanto,
Ou condão de erva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.
— Metade de quanto eu tenho,
A metade bem contada,

¹ Alpendre cuberto, á entrada da casa.

A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.

Palavras não eram ditas,
O ermitão que chegava : ¹

— Aceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a daes por desposada.

Riram-se todos do frade ;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o habito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada ;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada, ²
Era o conde Dom Ramiro
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pòz a mão na erva fadada !

4

FLOR DO DIA

(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)

Eram trez irmãsinhas,
Todas trez de um parecer ;
Ensinavam umas ás outras

¹ Assomava — *Alentejo*.
² Vestido de capa e espada — *Extremadura*.

A bordar e a coser.

A mais velha, respondeu :

«Irmãs, vámo-nos deitar.

A do meio, respondeu :

—Anda um homem no quintal.

A mais môça respondeu :

—«Irmãs, vámol-o matar.

Foram com tochas accesas
E seus páos ao laranjal ;
Deram-lhe tanta pancada,
Fica em risco de escapar.
Lá pela meia noite
Começou de engatinhar,
Foi ao hospital de San Bento :
Se o queriam confessar !

—Oh amigo, oh tyranno,
Quem te fez tamanho mal ?

«—Foram as trez irmãsinhas,
Que Deus as livre de mal ;
A mais velha, chamam-lhe Anna,
A do meio Lealdade,
A mais môça Flor do Dia,
Com quem eu queria casar.

5

O TOUREIRO NAMORADO

(Versão da Covilhã — BEIRA-BAIXA)

Lá acima em Catalunha,
Junto ao pé de Sevilha,
Correm os môços um touro
Que admirar-se podia.
O touro era tam bravo,
Ninguém esperal-o queria!
Nomearam capitão
Um môço da mesma villa:
Calçava meia de seda,
Seu sapato de palmilha,
Com sen chapéo aprumado
Com tres plumas que tinha.
Volta pela rua abaixo,
Volta pela rua acima,
Ergueu os olhos ao céu
A vêr a hora que seria:
Vae da uma para as duas.
Já passava do meio dia.

—Alerta, álerta, soldados,
Alerta, nobre companhia;
Deitem o touro cá fóra,
Que já passa do meio dia.

O touro era tam bravo,
Ninguém esperal-o queria!
Esperava-o aquelle môço
Para mostrar valentia.
Sete voltas deu ao curro,

Outras sete á mesma villa ;
Metteu-lhe a chave direita
Entre a sóla e a palmilha.
Não lhe accudiu pae nem mãe,
Nem irmã, que a não tinha ;
Accudiu-lhe uma esposa
Pelo amor que lhe tinha,
Accudiu-lhe tode a gente
Pela lastima que via.

— Se eu morrer d'esta morte,
Como d'ella estou esperado,
Não me toquem a campana,
Nem me enterrem em segrado ;
Enterrem-me áquella quina
Aonde foi o namorado.

6

O COMBOIO

(Versão da BEIRA)

A vinte e quatro de julho,
Foi n'uma segunda-feira.
Juntou-se um homem casado
Com a rapaziada solteira.
Aonde haviam de embarcar?
No botequim da Barreira.
No botequim da Barreira,
Venha aguardente e vinho.
Aquelle homem, coitadinho,
O demonio o atentou ;
Quando ouviu o comboio
O seu passo ensarilhou.

O ladrão do maquinista
 O seu juizo foi pouco.
 Que fogo deu ao comboio
 Por cima d'aquelle corpo!
 O camarada que isto viu
 Não tratou de mais nada:
 Mandou vir uma esteira
 Juntamente com uma enxada.
 Sua mulher 'ssim que soube
 Dava suspiros e ais;
 Pela rua da amargura
 Correr não podia mais.

— Anda cá, oh mulher minha,
 Que inda te não perdi o tino,
 Eu te peço vás buscar
 O nosso filho Adelino.
 Anda cá, meu Adelino,
 Eu não te peço mais nada,
 Que empares a tua mãe,
 Que ella fica desamparada.
 «Meu pae, entregué-se a Deus,
 Minha mãe fica amparada.
 Pois emquanto eu fôr vivo
 Minha mãe será estimada.

7

A FREIRA ARREPENDIDA

(*Versão da Covilhã — BEIRA-BAIXA*)

Não sei para que nasci
 De tão bello parecer;
 Formosa e gentil mulher,
 E tão bonita!

Metteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro
 Meus peccados.
Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
 Ao meio dia.
Nunca terei alegria,
Nem no mundo a pode haver,
Em cuidar que heide comer
 Em refeitório.
Lá junto ao dormitório
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
 Cá entre nós.
Em vêr que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
 Já me alevanto.
Agora faço o meu pranto,
Já me desvanço em choro,
Em cuidar que heide ir ao côro
 Resar matinas.
Resando as horas divinas,
Lá por esses corredores
Me lembram os meus amores,
 Por quem morro.
Toda a minha cella corro.
Indo-me vêr ao espelho;
Meu rosto já vejo velho,
 Sem que eu queira
E a abbadeça ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a nôa
 E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que estás metida entre rédes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.
A meu pae tórno a culpa
E a meus irmãos também,
Podendo casar-me bem,
Me desterraram.
A meu pae aconselharam
Que me não desse o meu dote:
Porque era melhor sorte
O ser freira.
Avisaram a porteira,
Tambem a madre abadessa,
Que me metesse em cabeça
Que casaria.
Eu como menina cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.
Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio;
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.
Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.
Mais valera ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.
Quando tudo é solitario
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Mágoa tapianha,

Minha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento,
Deixou no seu testamento
 Que me casassem;
E se bem não me esposassem,
Que me botem d'aqui fóra;
E da casa arrenegasse
 Que não tem homem.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

A vida da Freira

(Versão do Funchal)

Minha mãe, que Deus la tenha
Em santo contentamento,
Dotou-me no testamento,
 Com que eu casar.
E eu me puz a cuidar
Me casassem com meu bem;
Quem um amor assim tem
 Quer ser casada.
Mas por meu pae condemnada,
E tambem por meus irmãos,
Trazida por suas mãos,
 Cá me enterraram.
Que más peitas idearam,
P'ra me pôr n'esta clausura,
Onde sempre é noite escura,
 Noite sem dia!
Fallaram na portaria
A' nossa madre abbadessa,

Mem etesse na cabeça
Eu professor.
E, vindo eu a fallar
A' abbadessa no meu dote,
Respondeu que melhor sorte
Era ser freira.
E voltando á rodeira,
Ella me deu por verdade,
Que melhor que freira e frade
Ninguem vivia.
E eu cri no que dizia
Esta gente mentirosa ;
E, tão menina, formosa,
Morri p'r' amor.
Diante do altar-mór,
Fiz dos tres votos la jura ;
D'aqui vou á sepultura,
Ai, minha mãe!
Podendo casar tão bem,
Longe de freiras e frades,
Aqui só vivo saudades
Por quem eu morro!
Se longe da cella corro,
Ou ando nos corredores,
Vão commigo meus amores,
E eu sósinha!
Se lo sino, manhãsinha,
Me chama á oração,
Praguejo no coração,
Não reso nada.
Se do sino, badalada
Me chama ao refeitório,
Maldigo meu purgatório.
Não como nada.
Na hora ao dormir dada
Quando dormem las mais madres,

Eu espreito d'estas grades ;
 Não durmo nada,
Ergo-me então trasnoitada,
E logo diz lo espelho :
=Como tens lo rosto velho,
 Óh peccadora !=
Casada melhor me fôra,
Tel la dor dos filhos meus,
Do que offender a Deus
 N'este peccar.
Mulher, que ides professar,
Não lo consintaes vós, não ;
Em dois infernos cahis,
 Sem salvação.

(Variante de Santa Maria Maior)

Minha mãe, (que Deus la tenha)
Deixou no seu testamento
Lo dote do casamento
 Para mim.
E dizia mais assim :
Que com meu bem me casasse ;
Que solteira não ficasse.
 Sem ter homem.
Mas meu pae (penas lo comem)
E tambem los meus irmãos,
Cá dentro, por suas mãos,
 Me encerraram,
Que todos se conchavaram,
Por dispôrem do meu dote,
Haverem-se d'esta sorte ;
 Pôr-me freira.
Veiu la madre porteira,
Veiu la madre abbadessa

A metter-me na cabeça
 Tomar véo :
 Que esta vida era do céo ;
 Que era vida de verdade ;
 Que não ha freira nem frade
 Descontente.
 E eu, cuitada, tão crente,
 Como em voz verdadeira,
 Disse que qu'ria ser freira,
 Professar.
 Mas, depois de aqui ficar
 Cativa n'esta clausura,
 Conheci quanto é dura
 Minha algêma.
 Qual será la que não gema
 N'esta via dolorosa !
 Eu sou môça. Fui formosa.
 Quem diria ?
 Aquella minha alegria
 Nunca mais la posso rir ;
 De que serve eu a ti ir,
 Refeitorio ?
 De noite no dormitorio,
 Quando dormem outras madres,
 Vélo eu entre estas grades,
 Tão mofinas !
 Se cantam laudes. matinas,
 Chóro, então, minhas dores ;
 Chóro pelos meus amores,
 Por quem morro.
 E logo á cella corro,
 Onde tenho meu espelho ;
 Vejo lo meu rosto velho,
 Acabado ?
 Mais quizera ter casado,
 Tel'a dor dos filhos meus,

Do que offender a Deus,
 Malfadada.
 Mais quizera ser casada,
 De noite embalar meninos,
 Do que freira a tanger sinos,
 Trasnoitar.
 E, ouvindo-los dobrar,
 Cuidem todos quem morreu :
 Foi que morta para amor,
 Morri eu.



ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Vida da Freira

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Já não ha nem pode haver
 Uma vida tão penosa !
 Sendo eu a mais formosa,
 Me encerraram, me encerraram.

A meu pae aconselharam
 Que me não dêsse o meu dote;
 Que era a minha melhor sorte
 O ser freira, o ser freira.

Meu dote não é ser freira,
 O meu dote é o casar ;
 Que meu pae se aconselhou
 Com a gente do Faial.

O meu dote é casar,
 O meu dote não é freira ;

Que meu pae aconselhou-se
Com a gente da Madeira.

Avisaram a rodeira,
E juntamente a abbadessa,
Que metesse em cabeça
Que casaria, que casaria.

Eu como tolinha cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia, casar podia.

Cuidando que assim seria,
Que depois de professar
Inda podia casar,
Caí no laço, caí no laço.

Agora que aqui me acho
Mettida n'esta clausura,
Parece-me noite escura
O meio dia, o meio dia.

Já não tenho alegria,
Que alegria posso ter :
Lembrar-me eu que heide ir comer
Ao refeitório, ao refeitório.

À sombra do dormitório
Onde dormem outras madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós, cá entre nós.

Cuidar que dormimos sós
Nos causa grande agonia,
Sempre toda a noite fria
Me alevanto, me alevanto.

Acordo, faço o meu pranto,
Toda me lavo em choro,
Em ouvir tocar ao coro
E ás matinas, e ás matinas.

Resando resas divinas
Lá por certos corredora,
Me lembram os meus amores
Por quem morro, por quem morro.

Toda a minha cella corro,
Vejo-me ao meu espelho;
Vejo o meu rosto já velho,
Malfadada! malfadada.

O regalo da casada,
E' lograr os seus amores,
De continuo os seus favores;
Mas eu nada, mas eu nada.

Antes ser mulher casada
De noite embalar meninos,
Do que ser freira professa
Afinar orgão, tocar os sinos. ¹

Meus paes, que Deus lá tem,
Deus lhes dê contentamento;
Deixaram em testamento
Que me casassem.

¹ Versão de Setubal, de 1796:

Mais valia ser casada,
Meninos ouvir chorar,
Do que ser freira professa
Servir Deus, que a Deus penar.

Se me não casassem bem
 Que gritasse em altas vozes,
 É que arrenegasse da casa
 Que não tem homens.

—●—

Vida do Frade

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Triste vida é a de um frade,
 Mais triste que a d'umã freira,
 Andar de noite á carreira
 P'ra penitencia.
 É preciso paciencia
 Em nosso noviciado;
 Viver um anno encerrado,
 Eu não sabia.
 Logo disse que não queria
 Ser frade d'este convento;
 E para maior tomento
 Eu professei,
 Por meu pae querer, fiquei
 Defunto, não sepultado,
 Andando amortalhado
 Com cruel vestido.
 Quando o vejo despido
 Eu estou contente, descanso;
 Se alguma licença alcanço
 Meu pae visito.

.....●

Queixas de um frade*(Versão de Setubal, 1790)*

Se cuidaes, oh gentes todas,
Que o ser frade é ter ventura,
Eu vos direi com lisura

O que se passa.

Se alguém simples por graça
Diz que mui contente está,
E' lôgro, que tal não ha,

Pois tambem sente,

De uma paixão ardente
Os effeitos costumados,
Que inda que estão encerrados

Não estão isentos.

Antes mais os pensamentos
De pesar os atormenta ;
Cuidam sentir noite lenta

Em tal estado.

Cada um desanimado
Olha para os mais, e diz :
Vè como sou infeliz

N'esta figura.

As damas, que com ternura
Pode ser nos attendessem,
Agora me escarnecem ;

Quem tal diria.

Já não tenho alegria,
Vivo na maior tristeza,
Cuidando só na empreza

De me desfradar.

N'isto entro a pensar,
E consigo algum alivio ;
Mas logo pego n'um livro

Quasi obrigado.

Entro a resar com enfado
 De me vèr em sujeição,
 Mandado do guardião
 A ir prègar.
 Vou sempre a suspirar
 Por um constante desgosto ;
 Mas vejo que é sol posto,
 E eu por fóra.
 Vou maldizendo a hora
 Em que frade me fizeram,
 E logo, logo me deram
 Mal de comer.
 Depois vou-me recolher
 Á cella, que antes fôra
 De mim, uma pastora
 Pobre cabana.
 Mas quiz a sorte tyranna
 Que eu maldissem o meu fado,
 Serei sempre desgraçado
 Até morrer.

.....

8

CONFISSAO DO PASTOR

(Versão da Ribeira de Areias — Ilha de S. Jorge)

- Meu padre cura, que eu resar não sei,
 Fui á confissão, não me confessei,
 • Não te confessaste onde não hasde ir;
 És um penitente ; Deus ha-te acudir
 —Deus ha-me acudir não o sei dizer,
 Que me não ensina que lhe heide fazer.

- «Que lhe hades fazer, dizes muito bem ;
Dize-me, pastor, dize d'onde vens.
- Oh meu padre, eu venho c'o suór em bica,
Tudo me ensinaram, em nada me fica.
- «Não te fica nada, o teu corpo sente,
Já me está mentindo este penitente ;
Este penitente eu vou desculpando,
Tu d'hoje em diante já has-de ir resando.
- Já heide ir resando, palavra me destes.
- «O que tu querias, é safar-te d'esta.
- Safar-me d'esta, bem dizia eu ;
Padre como este ainda cá não veiu.
- «Ainda cá não veiu tão bonito caso !
Dize-me, pastor, o mal que t'eu faço.
- O mal que me fazes não é nada bom,
Confessar ao padre, direi que é bem bom.
- «Dirás que é bem bom. cabeça de vento,
Confessar as freiras dentro do convento.
- Dentro do convento faço sentinella,
Meia noite á noite eu durmo com ella.
- «Dorme com ella ninguem te acoite,
Dize-me, pastor, que fazes á noite.
- Meu padre cura, são cousas sem dono,
Deito-me na cama porque tenho somno.
- «Isso não é somno, é grande priguça,
Dize-me, pastor, se assistes á missa.
- Oh meu padre cura, qu'eu não te engano,
Assisto á missa uma vez no anno ;
Uma vez no anno porque sou pastor,
Eu vigio o gado, que é do meu amor.
- «Ajoelha, pastor, dize a confissão.
- Frechada de leite, dentada de pão.

9

A DOENTE

(Cabeço das Mós — Sardoal)

Amava uma donzella
A quem eu queria bem ;
Era uma pomba sem fel,
Vivia com sua mãe.
Sua mãe como não queria
Que a filha amores tivesse,
Amava-a ás escondidas
Onde ninguem o soubesse.
Sete annos que eu a amei
Nunca houve novidade,
Passados os sete annos
Deus lhe deu uma enfermidade.
Uma enfermidade era
Chamada a febre amarella,
Durava uns nove dias,
Tomava a morte posse d'ella.
Ella como levava
No seu peito uma dor,
Não podia dar a alma a Deus
Sem se despedir do amor.
A mãe então lhe procurou
Onde é que é que elle morava ?
Ella até mesmo lhe disse
Como é que elle se chaamava.
A mãe que tal ouviu
Uma criada arranjava ;
Elle quando a criada viu,
Coração lhe palpitava ;
Come de nada soubesse

A criada acompanhava.
Quando chegou ao portão,
Que ouviu um grande gemido :
Isto é grande novidade,
Então disse p'ra comsigo.
Subiu pela escada acima,
N'uma cadeira se assentava ;

— Diz-me lá, oh minha amada,
Se melhorsinha agora estás?
« Quando eu estou para morrer
É que me vens visitar.
Toma lá, se queres, um abraço
Antes que me coma a terra,
Que é o lucro que podes tirar
D'esta infeliz donzella.

10

CARTA DO SOLDADO

(Versão de Lisboa)

Indo pela rua abaixo,
Indo já quasi no fim,
Vejo vir dois rebuçados
Logo direitos a mim ;
Perguntaram-me o meu nome ?
Respondi-lhe : — Raphael.
Disseram-me que estava preso
À ordem do seu coronel.
Perguntei-lhe para o quê ?
Disseram-me para soldado,
Querendo, sem mais demora,

D'ali fosse algemado.
Porém reflecti prudente,
Pois me vi tão perseguido,
D'uma tão rustica gente :

—Eu lhe peço, meus senhores,
Uzem de attenção,
Que eu sou um homem de bem,
Levem-me solto á prisão.

Solto, enfim, me levaram.
Lagrimas e suspiros
Tive eu á primeira ceia ;
Quando entrei para dentro
Até ao logar da cadeia.
Logo no seguinte dia
Fui á mostra ao meu major,
D'onde os meus males cresceram
Cada vez para peor.
Na rigorosa prisão
Vejo romper o dia,
Bem alegre para todos,
Só para mim de agonia.
Mas te juro, clara prenda,
Segundo bem me parece,
Para um pobre desgraçado
Nunca alegre amanhece.

11

CARTA DA MULHER*(Versão de Lisboa)*

Estando eu na minha casa
Livre de todo o cuidado,
Chegaram os Auxiliares,
Meu amor a mim levaram,
Com rigorosas algemas
Nem que fôra um ladrão,
Só para pagar o crime
De roubar meu coração.
Ficando eu assim suspensa,
Sem saber o que faria,
Peguei em papel e tinta
Uma petição fazia ;
Fui com ella a toda a pressa
A casa do general,
Pedi ao guarda da porta
Que me deixasse entrar.
Pondo-me eu de joelhos
A petição lhe apresentava,
E sem o despacho d'ella
D'ali não me levantava ;
Pondo me a esperar
Que despacho me daria,
Disseram-me estava assente
No livro da Vedoria.
Saí pela porta fóra
Chorando sem ter alentos,
Encontrei-o no caminho
N'uma leva de sargentos.
Levava uma farda azul

Por isso não o conhecia ;
Com lagrimas e suspiros
Já d'elle me despedia.
Amor, que vás para a guerra,
Bem sei que vás a morrer,
Saudades de contínuo,
Não te heide tornar a ver.
Emquanto por lá andares
E acabares a vida,
Saibas que eu tambem cá dou,
Amores, a despedida.
Ahi te vae esta carta
Que te mando, lè meu bem ;
Não é justo que eu logre
Depois de ti mais ninguém.

12

ALVORADAS

(Versão da Ilha do Pico — Açôres)

Levanta-te, garça,
Do teu doce estar ;
Pois El-Rei vae á caça,
Já o sol quer arraiar.
Levanta-te, garça,
Do teu doce dormir,
Pois El-Rei vae á caça,
Já o sol quer despedir
As aves todas dizem,
As que andam na ribeira,
Que de todas as plantas
A melhor é a parreira.
Se a parreira é a melhor,

Para que me prende El-Rei?
Se eu não matei nem feri,
Para que me esconderei?

Passou pela minha porta,
Às minhas terras foi caçar;
Matou-me as minhas pombinhas
Que eu tenho no meu pomar;
Matou-m'as uma por uma,
Juntou-m'as de par em par;
Matara-me as mais bonitas
Para mais penas me dar.
Fui eu ter com El-Rei,
Que m'as mandasse pagar;
El-Rei, por eu ser mulher,
Não me quiz escutar.
El-Rei que não faz justiça
Não devia governar,
Nem comer pão do Alemtejo
Nem com a Rainha fallar.
D'esta sorte se castiga
A quem não sabe reinar.

13

REAL CAÇADOR

(Versão de Santo Antonio — MADEIRA)

«Meu papagaio real,
Meu papagaio, quem passa?
—E' el rei de Portugal,
E' el rei, que vae á caça.
«Caçador, que ides buscar?
Vindes só pelo coelho?

- «Eu venho por ti, menina,
De coletinho vermelho.
«Nem de pêlo, nem de penna
Não sou ave de caçar;
Adeus, real caçador.
Não me venhaes attentar.
- «Eu não vim aqui, menina,
Só paro vir e p'ra voltar;
Quem porfia mata caça
A' força de porfiar.

Lá vae real caçador,
Sem levar um só coelho;
Vae 'traz d'elle uma menina
De coletinho vermelho.

14

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

A MULHER DO ALMOCREVE

(*Versão de Funchal*)

La mulher do almocreve
A um frade alcovitada,
'Stando seu marido longe,
Em casa lhe deu entrada,
Quer de dia, quer de noite,
Como com elle casada;
E d'isto la visinhança
Clamava injuriada :

- Deixem chegal lo marido,
Esta lhe será contada.

Palavras não eram ditas,
Seu marido na portada.

«Ai, marido, (lhe disse ella,
Logo com elle abraçada):
D'esta vizinhança má
Anda la gente affrontada;
Dizem que teu chapéo novo
É cousa de gargalhada,
Por não entrar nem sahir
Na tua grenha riçada.

Bem sabia la mulher
Como dava la pedrada;
Acertou com ella em cheio
Onde la quiz acertada.
Seu marido, chapéo posto,
E cabeça levantada,
Salta a meio do terreiro,
E dá falla assim fallada:

—«Que toda la vizinhança
Fique bem desenganada:
Se lo invejam por novo,
Sigam la mesma pisada;
Quer sim quer não, entre ou saia,
Ninguem com isso tem nada;
Ninguem se importe d'eu ter
La minha grenha riçada.

Las vizinhas, que tal ouvem,
Ficaram bocca tapada;
Lo marido, no engano;
E la mulher, descansada.

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

O tio Jorge Coutinho

(Versão de Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel)

«Oh rapaz, que és mui malino,
Queres-me ir a um recadinho?

—Sim, senhora, vou depressa.

«Vae ao tio Jorge Coutinho,
Que a tua tia Guiomar,
Que lhe mandava dizer
Que lhe venha cá fallar;
Que o marido não está em casa,
Pois elle foi trabalhar;
Que te dê lá o convite,
Que eu não tenho que te dar.

—Oh meu tio Jorge Coutinho,
Diz minha tia Guiomar,
Que lhe vá já fallar,
Que o marido não está em casa
Pois elle foi trabalhar,
E que me dê cá o convite,
Que ella não tem que me dar.

—«Rapaz! tu vens-me enganar;
Que ella havia de te pagar!

—Se eu a meu tio engano,
Deus do céu o permitta,
Que o marido d'ella venha
Quando estiver lá meu tio.
«Aqui d'El-Rei, quem me acode,
Que eu morro sem confissão;

- Que aqui vem o meu marido
Mas vem com os pés pelo chão.
— «Se a comadre me encobre,
Ou por artes ou por manha,
Eu heide dar-lhe em janeiro
Cinco quartas de banha.
Deus venha com meu compadre,
Vem com boa ocasião,
Estamos a fazer uma apôsta
Para ganhar um tostão.
= Para eu comprar de tabaco,
E Deus sabe a precisão.
— «É meu compadre metter
A cabeça n'este tálhão.

Safou-se o amigo para a rua
N'essa mesmo ocasião;
E a mulher disse ao marido
Com uma barretina na mão:

- «Toma este barretinho
Põe e tira, e has dizer:
— É muito do meu gosto
E do da minha mulher;
Hade entrar e sahir
Quantas vezes eu quizer.

Dizem agora as visinhas;

- Quem o é e consente,
Nunca tem malvas á porta,
É bem que lhe mamem sempre.

15

O Cabelleira*(Versão de Pernambuco — BRASII.)*

—Fecha a porta, gente,
 Cabelleira ahi vem,
 Matando mulheres,
 Meninos tambem.
 Corram, minha gente,
 Cabelleira ahi vem,
 Elle não vem só,
 Vem meu pae tambem.
 «Meu pae me pedia
 Por sua benção
 Que eu não fosse mole,
 Fosse valentão.
 Lá em minha terra,
 Lá em Santo Antão,
 Encontrei um homem
 Feito um guaribão :
 Puz-lhe o bacamarte,
 Foi pá, pi, no chão.
 Minha mãe me deu
 Contas p'ra rezar ;
 Meu pae me deu faca
 Para eu matar.
 Quem tiver seus filhos
 Saiba-os ensinar ;
 Veje o Cabelleira
 Que vae a enforcar.

 Meu pae me chamou :

- «Zé Gomes, vem cá ;
Como tens passado
No canavial ?
- Mortinho de fome,
Mortinho de sede ;
Só me sustentava
Em caninhas verdes.
- «Vem cá, José Gomes,
Anda-me ensinar
Como te prenderam
No canavial ?
- Eu me vi cercado
De cabos, tenéntes,
Cada pé de cana
Era um pé de gente,

16

MAL DE AMORES*(Versão de Sergipe)*

Si fôres para certa terra
E topares certa gente,
Si por mim perguntar,
Dize-lhe que estou doente.
Si tornar a perguntar
Qual a minha enfermidade,
Dize-lhe que mal de amores
Augmentado de saudades.
Do céo manda-me um barbeiro
Com passada diligente,
Com a lanceta na mão,
Sangrar-me que estou doente.
Barbeiro, tem compaixão

D'este pésinho de neve,
 Faz a cisura pequena,
 Põe a lanceta de leve.
 Se a lanceta fôr de ouro
 E as fitas de mil côres,
 Fique certo, meu bemsinho,
 Que o meu mal é de amores.

17

O MARIDO PASTOR

(*Versão do Campo das Viboras — TRAZ-OS-MONTES*)

Estando eu á minha porta,
 A uma reça de sol,
 Vira vir um caballeiro
 N'um cavallo corredor;
 Perguntou-me se era casada,
 E eu disse-lhe: — Sim, senhor:
 O maroto de meu pae
 Foi-me a casar c'um pastor;
 Tem as pernas muito tortas
 De passar os barrancões;
 Tem as costas offendidas
 De mudar os cancellões;
 Tem os hombros derreados
 Das corréias dos surrões;
 Tem os olhos revirados
 De olhar para o sol se põe;
 Tem nos dentes já mui pôdres
 De comel'os requeijões.
 Inda tem mais uma falta
 A maior falta d'ellas todas
 E não ter.....

18

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

MAL CASADA

(Versão do Campanario)

Lo marido está na cama,
Não ha mais ali que ver ;
Candeia á cabeceira,
Mas ainda quer viver.

—Oh mulher, cuida do linho,
Que heide ajudar a romper.

Elle a dizer isto alto,
Ella, voz baixa, a dizer :

«Tenho meu linho no lago,
Meu marido a morrer ;
Mas eu vou cuidar do linho,
Que não no quero perder :
Ninguem outro me dará,
Se meu linho 'podrecer ;
E marido não me falta,
Assim que este falecer.

E lá foi cuidar do linho,
Que perdel-lo não no quer ;
Cuitado d'este marido,
Casado com tal mulher.
Mas passadas boas horas,
Voltou ella a deitar ais :
«Malventurada de mim ;

Linho meu, não escapaes!
 Tenho meu linho podrido,
 E vós, marido, saraes?
 Apagou-se la candeia,
 Marido, quando findaes?

Nem de vida, nem de luz
 Em casa não ha sinaes;
 Foi achal lo velho morto
 Á cancella dos quintaes.
 E logo se váe correndo
 A do entêrro cuidar:

—« Vinde, visinhas, commigo,
 Vinde-lo amortalhar;
 Tambem as santas mulheres
 Lo venham aqui chorar;
 Bem chorado, mal chorado,
 Elle hade ir a enterrar.
 Vêde, irmãos da confraria,
 Como lo ides levar;
 Ide caminho direito,
 P'ra bem depressa chegar.
 Fazei, coveiro, la cova
 Funda, quanto possa dar;
 Quando mais funda melhor, . . .
 Melhor hade descansar.

Tudo foi dito e feito,
 Sem nada, nada faltar.
 La viuva a rir por dentro,
 Por fóra a se chorar;
 Las visinhas, cóse, cóse,
 Na mortalha a trabalhar;
 A' roda, santas mulheres
 A carpir e a cramar;

Los irmãos da confraria
 Lo foram á terra dar ;
 Em cova de sete braças
 Lá ficou a descansar.
 Isto de um marido velho
 Bem parece um alguidar ;
 Mal lo velho acabou,
 Já outro em seu logar.

- « Viuvinha, viuvinha,
 De que côr qu'reis tomar dó?
 « Encarnado, meu compadre,
 Que não quero dormir só.
- « Viuvinha, viuvinha,
 Encarnado não é dó.
 Casae commigo, comadre,
 Que muito ha durmo só.

Casado com tal viuva,
 Este compadre sandeu
 Só teve um dia feliz,
 Quando ella lhe morreu.

19

O VIUVO

(*Versão de Campo de Viboras*—TRAZ-OS-MONTES)

Da egreja vem o velho,
 Da egreja, de resar ;
 Seus filhos traz pela mão,
 A mulher vem de enterrar.
 Chegaram a sua casa,
 Entram todos a chorar.

Respondera-lhe a mais velha,
Como filha de benção :

— Cale-se lá, oh meu pae,
Mal haja tanto chorar!
Tres irmãos que eu tenho,
Eu os mandarei crear:
Um hade servir o rei,
Outro passará o mar,
O mais pequenino d'elles
Quedará ao meu mandar.
Eu quédo na minha casa
Como a maçã no macial,
Um a quer, outro a leva,
Todos a querem levar.

20

O VELHO GAITEIRO

(Versão de Beja — ALEMTEJO)

— Vossè, velho, quer casar!
Só se fôr com a condição
De eu dormir na minha cama,
E vossè, velho, no chão;
Eu hei-lhe comer pão alvo,
Vossè, velho, de rolão;
Eu heide beber bom vinho,
Vossè, velho, vinagrão;
Eu heide ir á romaria
Onde as outras môças vão.
Sete varas de filó
Quero eu para a cintura,
Em me metendo no baile
P'ra fazer boa figura.

Vindo de lá uma vez,
O meu marido achei morto :

—Oh irmãos da Misericordia,
Levem-no a enterrar,
E bem longe das parèdes,
Não salte elle p'r'o quintal;
Façam-lhe a cova bem funda
Com cem vâras de medir,
Que o velho era maganão,
Não torne elle cá a vir.

Fui p'ra casa, puz meu manto,
Fui meu velho vêr enterrar,
E não houve quem disesse :
=Viuvinha quer casar? =

Maravilhas do meu Velho

(Versão da Granja Nova — Moimenta da BEIRA)

Maravilhas do meu velho
Aqui ás vou a contar :
Daixou-me real e meio
Para vestir e calçar ;
O resto que me crescesse,
Que lh'o tornasse a mandar,
Para comprar de vaca
E no domingo jantar.
Fui lá fóra, fui lá dentro
Mudar o sal da panella ;
Fui dar com o meu velho morto
Entre as pedras da janella ;
Fui chamar as choradeiras
P'ra me ajudarem a chorar ;

Choradas as mais choradas,
Já se pódem acabar.

«Oh meu mestre sapateiro,
Manda cá o seu mocinho,
Que é para tocar a sineta,
Já morreu o meu velhinho.
Enterrae o meu velhinho
Sete varas de medir,
Que elle era amigo de môças
E de môças de servir.
Enterrae o meu velhinho,
E desviae-o dos quintaes,
Que elle era amigo de ameixas
E de pèras carvalhaes.
Venho do Bom Jesus de Braga,
De enterrar o meu velhinho;
No caminho me disseram :

- Viuva, casae commigo.
«Eu por casar, casaria,
Se não fosse a minha gente.
—Olha o diabo da velha,
Tornaram-lhe a nascer os dentes.



A viuva casadeira *

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

Maravilhas do meu velho
Tenho eu para contar:
Que me deu real e meio
Para vestir e calçar:
Comprasse um mantéu novo,
Uma saia côr do mar,

E comprasse tambem carne,
Para domingo jantar ;
E tudo o que sobejasse
Lhe tornasse a entregar.
Levantei-me pela manhã,
Para fazer o meu jantar,
Achei o meu velho morto
Entre as portas do quintal ;
Logo chamei pelas visinhas
Me ajudassem a chorar :

«Oh irmãos da Misericordia,
Que meu marido levaes,
Despegae-o da parede,
Não se me pegue aos portaes ;
Fazei-lhe cova bem funda,
Sete varas de medida,
Que o velho é muito manhoso,
Não torne elle a cá vir.

Puz depois o meu mantéo,
Fui vê-o a enterrar ;
Não sei se ouvi lá dizer :
==A viuva quer casar !==

(Versão de Beja — ALEMTEJO)

A panella da viuva
E' um grande entremez ;
Eram dezoito oleiros,
Gastaram n'ella um mez.
Leva cem porcos de vára,
E outros tantos de comida,
Queima cem carros de lenha
Para a carne ficar cosida.

Não faltando os legumes,
 Porque isso inda passa a mais.
 Pode Beja inteira vir
 Com todos os seus ferragias.
 Volta atraz, que me esqueceu
 Da panella um pontinho:
 Eram duzentas mulheres
 Para lhe pôrem o testinho.
 O testinho da panella
 É onde amassam o pão,
 Leva um moio de farinha
 E outro meio de rolão.

—●—

Viuva resignada

(Versão do MINHO)

- Oh vizinha, tem lá lume?
 «Trépe a riba, venha vêr.
 — Você está bem agastada!
 «Nem tudo nem nada.
 — Tem o seu marido morto?
 «Espichou as canellas
 Hontem ao sol posto.
 — Você, manda-o enterrar?
 «Em, que elle é presunto
 Que se haja de guardar!
 — Você, manda fazer officio?
 «Em, que eu posso,
 Ou tenho modos para isso.
 — Você torna-se a casar?
 «Em, que eu posso assim ficar...
 Mando chamar as choradeiras,
 Que m'o ajudem a chorar;
 Bem chorado, mal chorado,

Vá-se o velho a enterrar.
 Oh irmãos da Misericordia,
 Que na tumba o levaeis,
 Não arrimeis ás paredes,
 Não salte para os quintaes;
 Que elle era amigo de figos,
 Não quero que coma mais.

Pranto da Viuva

(Versão de Loulé—ALGARVE)

- Oh visinha, tem lá lume?
 «Suba acima, venha vêr.
 — Visinha, vossa mercè,
 Tem cá seu homem morto!
 «É que estendeu o canello,
 Hontem mesmo ao sol posto.
 — Visinha, vossa mercè,
 Vae mandal-o enterrar?
 «É que elle não é presunto
 Que se possa ir salgar.
 — Visinha, vossa mercè,
 Manda-lhe fazer officio?
 «Mandarei com certeza,
 Se houver modos para isso.
 — Visinha, vossa mercè,
 Hade estar apaixonada?
 «Nem por isso. minha qu'rida,
 Pouco soffro ou quasi nada.

Que elle era amigo das velhas
 E das môças muito mais;
 Fazei-lhe a cova bem funda
 Com sete varas de fundura,

Que o velho era manhoso,
Não arrombe a sepultura,

21

BRASIL

REDONDO, SINHÁ*(Versão de Sergipe)*

Oh sinhá, minha sinhá,
Oh sinhá do meu abrigo,
Estou cantando o meu redondo,
Ninguem se importe commigo.

Certa velha intentou
Urinar n'uma ladeira,
Encheu rios e riachos
E a lagôa da Ribeira ;
E sete engenhos moeram,
Sete frades afogou,
E a maldita da velha
Inda diz que não mijou.
O cabelo d'esta velha,
É caso de admirar,
Um fio do seu cabelo
Dá prima para tocar.
Esta velha intentou
Vestir pannos de fustão ;
Precisou quinhentos côvados
P'ra fazer um cabeção,
Depois de cortado o panno
Não saú do seu agrado ;
Precisou de outros quinhentos
Para fazer seus quadrados.

Esta velha intentou
Tirar um dente queixal,
Procurou quinhentos bois
E cem cordas de laçar.
O dentinho d'esta velha
É caso de admirar,
Uma junta de bois
Não arredou do lugar.
Não sou pinto de vintem,
Não sou frango de tostão ;
A maldita d'esta velha
Quer fazer de mim capão.
Eu caso contigo, velha,
Hade ser com a condição
De eu dormir na boa cama
E tu, velha, no fogão.
Eu casei contigo, velha,
P'ra livrar da filharada...
Quando entrou em nove mezes
Pariu cem d'uma ninhada !
Trinta e um coiros de sola
Na praça se rematou,
P'ra fazer um sapatinho,
Assim mesmo não chegou.
A velha quando morreu
Eu mandei-a enterrar ;
Comó não coube na terra
Mandei-a lançar no mar.

O FRADE LOYO E O FRANCISCANO*(Lição do seculo XIII)*

Pelas provincias do norte
Frade loyo jornadaeava,
Alli em certa estalagem
Pela manhã almoçava.
O acaso permittiu
Com outro frade encontrar-se ;
Mas como era franciscano
Quiz logo d'elle livrar-se,
Dando-lhe por satisfação
De não lhe offerecer o que via,
De comer c'o franciscano :
O que a Ordem prohibia !
E o pobre do franciscano
Com toda a frugalidade,
Comia apenas pão seco,
Com respeitosa humildade ;
Emquanto o loyo fidalgo
Dos petiscos que levava,
Ia comendo e bebendo
Com santa voracidade.

Quando, depois de partirem
Seguiram equal caminho,
Pediu elle ao franciscano
Se lhe levava o saquinho ?
Ao que este se prestou
Com supposta obediencia ;
Como viu uns petiscos,
E por propria conveniencia,
Dizendo consigo mesmo :

«Não me deste de comer,
Com o pretexto da Ordem,
I lá onde hasde soffrer.

E lá foram caminhando
Sempre, sempre a caminhar,
Té que chegaram a um rio
Que tinham de atravessar.
Ali ficaram preplexos
Em reflexões infinitas.
Resolveu o franciscano
Levar o loyo ás cabritas.
E lembrou-se o franciscano
Onde maior era o perigo
Perguntar ao frade loyo ;

«Trará dinheiro comsigo ?

Persuadido o padre loyo
Que esta pergunta que ouviu,
Era a saber se elle pagava
Esta passagem do rio,
Respondeu-lhe muito ufano :

—Trago aqui certo dinheiro
Para pagar as despezas,
E o fréte ao companheiro.

Isto ouvindo, deita n'agua
De loyo o corpo inteiro,
Porque a Ordem não permite
Carregar com dinheiro.
E sem mais triste nem guar-te
Lá o deixou patinhando,
Emquanto elle nos petiscos
Vae vorazmente trincando.

23

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

MULATONA

(Versão de Caniços)

Era certa noite,
Na porta assentado;
Todos a dormir,
Só eu acordado.
Olhando á lua
Sem ser aluado,
Par'cia sonhar
Mas estava acordado.
Passou pela rua
Fresca mulatinha;
Cabello nastrado
Com sua fitinha;
Colete estalando
Pela cinturinha;
Do pé a saltar
Sua tamanquinha:
Por cima de tudo
Vermelho gibão,
Sua saia azul
É de gorgorão;
Por secia, levava
Seu leque na mão;
Debaixo dos passos
Lhe treme lo chão.
E fui-me atraz d'ella
Com minha chulice,
Tossindo, cantando

P'ra que ella me ouvisse ;
Passei-lhe adiante,
P'ra que ella me visse ;
E tanto lhe fiz,
Que raivosa disse :

« Senhor, que me segue,
Senhor, que me quer ?
— Serei seu amor,
Se acaso quizer.
« Senhor, é casado,
Tem sua mulher.
— Vem cá, mulatinha,
Tenha eu quem tiver.
« Senhor, que me falla,
Lo que me quer dar ?
— Dois tostõesinhos
E um suspirar.
« Com dois tostões
Me quer engodar ?
Procure uma negra,
D'essas vae achar.

Apertei que entrasse,
Seu fato despisse ;
Que tudo lhe dava
Quanto me pedisse.
Respondeu, que sim,
Mas logo me disse
Que não qu'ria luz ;
Que ninguem na visse.
Cachorra mulata,
Era bem ladina !
Mas dentro da porta,
Passada la quina,
'Cendi la candeia

E vi na mofina :
 Tão feio carão,
 Que ninguem magina!
 Largou las tamancas,
 Tolhi-me de mêdo ;
 Descalçou las meias,
 Encolhi-me quêdo :
 Nos pés eram bichos,
 Um em cada dedo!
 Las pernas, . . . vaquetas!
 La fralda, . . . pulguêdo,

 Que barbas par'cia
 De bom conselho!
 E eu me revia
 N'aquelle espêlho :

— Não ha mulher feia,
 Nem ha homeni velho.

BRASIL

A mulatinha

(Versão de Sergipe)

Estava de noite
 Na porta da rua,
 Aproveitando a frêscã
 Da noite de lua ;
 Quando vi passar
 Certa mulatinha,
 Camisa gomada,
 Cabello' entrançadinho.

Peguei no capote,
Sahi atraz d'ella ;
Ella foi dizendo :

«Senhor, que me quer?

Eu já não posso
Estar mais em pé.
Olhei para as orelhas,
Vi-lhe uns brincos finos,
Na rèstea da lua
Estavam reluzindo.
Olhei p'r'o pescôço,
Vi um bello collar ;
Estava a mulatinha
Boa de amar.
Olhei-lhe p'r'os olhos,
Vi bem, vi ramela ;
De cada um torno
Bem dava uma vela.
Olhei-lhe para a cara,
Não lhe vi nariz ;
No meio do rosto
Tinha um chafariz.
Olhei-lhe p'ra bocca,
Não lhe vi um só dente ;
Parecia o diabo
Em figura de gente.
Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de marmota,
Pareciam bem
Peitos de uma porca.
Olhei-lhe p'r'as pernas,
Eram de vaqueta,
Comidas de lepra
E cheias de grêta.

Olhei-lhe p'r'os pés,
 Benzi-me de medo,
 Tinha cem bichos
 Em cada dèdo.

24

QUERO BEM Á MULATINHA

(Versão de Sergipe)

Quero bem á mulatinha
 Por ser muito do meu gosto,
 Si os parentes se arrojarem,
 Um valente topa outro.
 Pelo feixe da espingarda,
 Pelo cano que ella tem,
 Pelo fio da minha espada,
 Que não engeito a ninguem.
 Si puchar por minha espada
 Na beirinha da lagôa,
 Se acaso fico perdido
 Seja por coisinha boa.
 Rompo chuvas e trovões,
 Coriscos. e criminoso
 Ando no mundo queixoso,
 Sem de mim se fallar nada;
 Heide amar a mulatinha
 Pelo feixe da espingarda.

25

A VILLÔA.

(Versão de San Roque—ILHA DA MADEIRA)

Ouvi pregoar,
E fui vêr quem vinha;
Passava na rua
La villôasinha.

—Quem merca los ovos,
E mail'a gallinha?
«Vinde cá, villôa,
Subi vós cá 'cima,

Ao vir á escada,
Na volta da quina,
Cahiram los ovos,
Fugiu a gallinha.
Logo la villôa
Chamou:

«Pia, pia!»

Mas salta-lhe um gallo,
Que por 'li havia.

«Vae-te embora, gallo,
Que não sou gallinha;
Diabo do gallo,
Que esporões que tinha.

—Oh senhora Anna,
Oh senhora Anninhas,

Arrede o seu gallo
 Das minhas gallinhas.
 «As suas gallinhas
 Que tenham juizo,
 Que o gallo procura
 O que l' é preciso.

26

O GALANTE

(*Versão da Ilha de S. Jorge — AÇÔRES*)

Foi-se o galantinho
 Rondar pela vida :
 Eu fui-me atraz d' elle
 A vêr por onde ia,
 Eu vi-o entrar
 P'ra casa da amiga.
 Beijos que lhe dava
 Na rua se ouviam ;
 Abraços lhe dava
 Que os ossos rangiam.
 Voltei para casa
 Mais triste que o que ia,
 Fechei minha porta,
 Melhor não podia.
 Era meia noite,
 Galante não vinha ;
 Os gallos cantavam,
 Galante batia.

—Abre-me essa porta,
 Abre lá, mi vida,

Que ea venho cansado
De rondar na vida.
«Mentes, dom velhaco,
Mentes, meu marido;
Se tu vens cansado
É de casa da amiga.
Beijos que lhe davas
Na rua se ouviam;
Abraços que davas
Ossos lhe rangiam.
—Abre-me essa porta,
Abre lá, que chove,
Que a capa é curta
Não me encobre.
Já os canarinhos
Pelas faias cantam,
Já os meus vizinhos
Por aqui se levantam;
Já os estudantes
Vão p'r'os seus estudos;
Com meias de seda,
Calção de veludo,
Fivellas de prata
Que desbancam tudo.

27

MISSA DO GALLO*(Versão de Ponta Delgada — MADEIRA)*

«Quem me bate á minha porta,
A taes horas de dormir?
—Sou la vizinha, vizinha,
Vinde vós la missa ouvir.

- «Quem bate na nossa porta,
A taes horas de dormir?
» É la visinha, marido;
Que vamos la missa ouvir.
Hoje é noite de natal,
Não é noite de dormir;
Vamos á missa do gallo,
La santa missa ouvir.
- «Vem cá deitar-te, mulher,
Cansado, quero dormir:
Não estás farta de solteira
Missas do gallo ouvir?
«Mal haja quem me casou,
Para contigo dormir;
Que despois que me casei
Bem poucas me alembra ouvir.
- «Oh mulher, dá-me cá fato,
Que me não deixas dormir:
Vigia lá nas estrellas.
Las horas da missa ouvir.
«Já lá vêm las Trez-Marias,
Que não se deixam dormir:
Los Tres Reis já lá vêm naços,
Missa do gallo ouvir.
- «Oh Maria, filha minha,
Estarás tu já a dormir?
- «Hoje é noite de natal;
Lo que eu estou é a ouvir.
- «Santa noite do natal,
Ninguem na deve dormir;
Vinde, marido; vem, filha,
La santa missa ouvir.
- «Esta noite do natal
Não na posso eu dormir;
Deixem-me chegar ao anno,

Melhor missa eu heide ouvir.

La mulher e mail-la filha,
Lo marido sem dormir,
Todos vão mail la visinha
Missa do gallo ouvir.

23

CHAMA RITTA

(Versão de Porto da Cruz)

—Chama Ritta, não, ou sim,
Chama Ritta, sim, ou não:
Compadeces-te de mim?
Aqui tens meu coração.
Aqui tens tu la minh'alma,
Cheia de amor e ternura;
Aqui tens lo rapazinho,
Venho em tua procura.

«Olha agora a confiança
Do rapaz da carapuça!
Já lhe dei lo desengano.
E ainda em minha busca!

—Chama Ritta, chama Ritta,
Olha bem se me não queres;
Olha que por esse mundo
Lo que falta são mulheres.
Chama Ritta, chama Ritta,
Olha bem se não me estimas;
Olha que por esse mundo
Lo que falta são meninas.

Chama Ritta, chama Ritta,
Não desprezes quem te adora ;
Olha que por esse mundo
Não falta uma senhora.
Chama Ritta, chama Ritta,
Chama Ritta do Paul ;
Deitou-se na minha cama...
Veiu branca, vae azul.
Chama Ritta, chama Ritta,
Vae do Paul ao Caniço ?
Por cá não faltam mulheres ;
Que vá ; não se me dá d'isso.

29

AMOR DO SOLDADO

(*Versão de San Martinho — MADEIRA*)

—Eu por aqui vou de ronda,
Annicas, chega á janella,
P'ra saber que triste noite
Um pobre soldado vela.
Esta vida de um soldado
É tel la cama no chão.
Beber agua da cisterna,
Comer pão de munição.
Lo soldado da fileira
Não tem um' hora de seu ;
Nascem-lhe dentes na fórma,
E em soldado morreu.
Coronel dá no major ;
Major dá no capitão ;
Assim vae até lo cabo,
Todos no soldado dão.

«Bem haja eu, que não quero
Ter amor soldado, não;
Não quero á minha porta....
Recados do capitão.
—Annicas, abre la porta
A este pobre soldado,
Abre, da parte d'el-rei,...
P'ra ser teu aquartelado.
Annicas, abre la porta,
Amanhã serei sargento,
Com meu penachinho verde.
E que lindo fardamento!
Annicas, abre la porta;...
Chegarei a capitão.
«Tenho mêdo; eu não quero
Ter amor soldado, não,

30

MORENITA

(Versão de Motella e Vimioso—TRAZ OS MONTES)

Indo eu a passear
Pela tarde ás duas horas,
Vi estar n'uma janella
Duas donzellas formosas;
A maior, é muito linda,
E de cara melindrosa;
A outra é mais morena,
E de cara graciosa.
Namorei-me da morena
Por sel'a mais graciosa:
A branca desque o soube,
Logo se mostrou queixosa.

— Cal'-se, senhora branca,
 Não se mostre tão queixosa;
 Depressa l'ô direi
 Quanto morena se importa:
 De preto veste El-rei,
 E o Padre Santo de Roma,
 Preto era lo manto
 Da Virgem Nossa Senhora.
 De preto são as abelhas,
 A seu dono proveitosas;
 Que de branco vão os mortos
 Quando se levam p'ra a cova.

31

O LARANJAL

(Versão da Junqueira — TRAZ-OS-MONTES)

Indo eu por ahí abaixo,
 A saber dos meus amores,
 Encontrei um laranjal
 Carregadinho de flores;
 Deitei-me á sombra d'elle,
 P'ra que me num queimasse o sol.
 Lá pelo meio da noite
 Ouvi cantar o rouxinol.

— Rouxinol, que tão bem cantas,
 Onde fostes aprender?
 «O's palacios dá rainha,
 D'onde o rei estava a scribeber.
 O rei estava na baranda,
 E a rainha no quintal,
 Atirandô um ó otro

Com pedrinhas de cristal.
Estabam colhendo laranjas
Do seu rico laranjal :
As agras a vintem,
E os doces a real ;
Aquellas mais bonitinhas
Diz que eram p'ra el-rei jantar.

32

SIM E NAO*(Versão de Lisboa)*

Sei de teus novos amores;
Tudo tim-tim por tim-tim ;
Tu dizes que não, que não ;
Eu digo que tal, que sim.
Sei que deste aos teus amores
Um raminho de jasmim ;
Quem te viu dar as flores
Te ouviu dizer que sim.
Esse sim, que tu lhe deste,
Deve ser por algum fim ;
Julgal-o mal, isso não ;
Mas que é por bem, isso sim.
Tem meu bem uma certa teima,
Quando eu choro, ella se ri,
Quando eu me rio, ella chora,
Eu digo não e ella sim.
Heide mandar vir da India
Um boneco de marfim,
Que esteja dando á cabeça
Sempre dizendo que sim.

33

OS FRADES

(*Passacalles cantados pelas ruas de Thomar no seculo XVIII*)

- Os Frades da Graça
 Têm uma cabaça
 De canada e meia
 Que bebem á ceia.
 «Mas os de Christo
 Têm mais poder,
 E têm mais filhos
 Do que eu heide ter.
- E os da Annunciada
 Vão para a adega
 Tomar a socega;
 «Sáem de lá
 Com suas cabelleiras,
 E vão para a fonte
 Laurear com as freiras.
- E os de San Francisco
 Só comem vitella;
 Se vêm môças bonitas
 Pegam-lhe pela mão
 Levam-nas para a cella.
- «E os de Alcobaça
 Mandam apregoar:
 Quem quizer pepinos
 Vá ao seu pepinal.

●

Os Frades da Graça

(*Versão da Ilha da Madeiro*)

- Lo vosso pichel
 Deixal-o 'hi estar;

De frades e freiras
 Não ha que fiar.
 «Não ha que fiar
 Dos Frades da Graça :
 Cada um comsigo
 Traz uma cabaça.
 —Traz uma cabaça
 De canada e meia,
 Que bebe ao jantar,
 Que bebe na ceia.
 «Lo vosso pichel,
 Redondo, redondo,
 Deixal-o 'hi estar
kirie' leizono!

34

O PASSARO

(Versão de Abrantes)

Fui aos passaros de armario
 E apanhei um canario :
 Pelo lindo cantar que tem,
 É passaro que custa caro.
 E mandei-o de presente
 A' condessa da Ribeira ;
 Mandou fazer-lhe a gaiola
 D'esta mais fina madeira.
 Depois da gaiola feita
 Foi o canario p'ra dentro ;
 Quer de noite, quer de dia
 Era o meu divertimento.
 Ainda os senhores não sabem
 O que elle vae fazendo ;

Lá ao pino do meio dia
 No tanque se vae metendo.
 Adoeceu o canario
 Com grande constipação;
 Mandei-lhe fazer a junta
 Por vinte e um cirurgião.
 À primeira lancetada
 O canario esmoreceu;
 A segunda lancetada
 Bateu as azas, morreu.
 Deu-se parte ao sacristão
 Para lhe dar os sinaes;
 O acompanhamento que leva
 Era de vinte e cinco pardaes.

O canario

(Variante de Loulé — ALGARVE)

Armei um laço na serra
 Para apanhar um canario,
 P'lo lindo cantar que tem
 É passaro que custa caro.
 Mandei-o de offerta ao rei
 P'ela condessa da Ribeira;
 Mandei-lhe fazer gaiola
 De delicada madeira;
 Depois da gaiola feita,
 Metti-lhe o canario dentro;
 De dia e noite cantava,
 Era o meu divertivento.
 Adoeceu o canario
 Com uma constipação;
 Mandei-lhe fazer uma junta
 De trinta e um cirurgião.

Veiu o cirurgião mais velho
Com uma lancetá na mão,
Para sangrar o canario
Na veia do coração.
À primeira lancetada
O canario esmoreceu;
À segunda lancetada
Bateu azas e morreu.
Vem de lá um pintasilgo
Cantando com todo o luxo;
Mas o gato da visinha
Bateu com elle no bucho.

35

BANDEIRA DE GUERRA

(Versão da Ilha de S. Jorge — Calhetá)

- D'onde vindes, cavalleiro?
«Senhora, venho da guerra,
—Vistes por lá meu marido?
«Teu marido de lá era.
Não o ví, nem conheci;
Dáe-me os sinaes que elle leva.
—Leva seu cavallo branco,
Com sua sela amarella;
Na ponta da sua lança
Leva bandeira de guerra,
N'uma banda vae Sam Jorge,
Na outra vae João Sem Terra.

36

CAMPESINAS

(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)

Puz-me a ceifar erva,
Ceifei serradella ;
Meu pae não tem gado
Que coma tal erva,
Eu fui ceifar erva
Ceifei alecrim :
Meu pae não tem gado
Que coma erva assim.
Eu fui ceifar erva,
Ceifei mangerona ;
Meu pae não tem gado
Que tal erva coma.

—

As vossas vacas, alcaide,
São formosas e lonçainhas ;
Não bebem se não agua
Lá nas altas montanhas.
Deitae as ovelhas fóra
Que o sol váe declinando,
Deitae uma, deitae duas,
Deitae-as todas em bando ;
Umas vão bem direitinhas,
Outras vão cambaleando.

37

CANDIDINHA

(Versão da Ilha de Santa Maria → AÇÔRES)

- Onde vás, tu, Candidinha,
 Que assim corres tão ligeira?
 Onde vás tão primorosa,
 Tão patusca, feitriceira?
 «Onde vou não me esqueceu;
 Isso não te digo eu.
- Attende, Candidinha, attende,
 Que eu não fallo importuno;
 Dá-me um ár da tua graça,
 Esses labios de loucura.
 «Sou mulher muito doente,
 Dóe-me muito este dente.
- Vem p'ra mim tu, Candidinha,
 Não queiras ser malcreada;
 Vem usar seda e velludo,
 Vem ser minha namorada.
- «.....»

(Fragmentos de Romances)

Era uma bella pastora
 No seu gado a pastar;
 Dizia ella comsigo,
 D'esta maneira fallava:

«De que me serve o dinheiro,
 Se não góso liberdade?»

(Versão do Minho)

Na noite de S. João
 Foi a minha perdição,

Perdi o meu anel de ouro
 Entre as folhas do serpão ;
 Não se me dá do anel,
 Dá-se-me do que dirão,
 Que eu sou uma perdida,
 Perco tudo o que me dão.

(Versão de Guimarães)

Botei-me da janella abaixo,
 Dei com as costas no chão ;
 Dei um vintem á Fazenda,
 Vinte e cinco ao escrivão ;
 Cinco réis que me ficaram
 Foi a minha perdição :
 Fui-os mercar de tremôços,
 Foi a minha matação.

(Versão de Guimarães)

Fui a cas' da senhora Anninhas,
 Com tenção de lá entrar,
 Vem-me um maganão de dentro :
 —O que vem cá buscar?
 «Trago chitas inglezas,
 Se a senhora as quer comprar ;
 Tambem trago meu pintinho
 Para a menina gastar.

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Estas nôites desbaldadas
 Pelas ruas sem estudo,
 A levar quatro pauladas
 Arriscando o triste vulto ;
 Accolhe-se ás madrugadas

Cheias de tristeza e lama,
Sem ter horas para comer
Nem me deixar dormir na cama,
Eis aqui, minha senhora,
Que lucro tira quem ama.

Letreiro de uma sepultura

(Seculo XVI)

Chegados sômos ao porto
D'esta vida mui cansados ;
Fizemos aqui esta casa
Em que estamos agasalhados ;
D'aqui havemos de passar
Onde havemos de ser julgados ;
Levando este signal
Não seremos condemnados.

38

GALLINHA PINTA

(Versão de Penafiel)

A minha gallinha pinta
Põe trez ovos ao dia ;
Se ella puzera quatro
Que dinheiro não fazia ?
Já me davam pela cabeça
Uma vaquinha moresca ;
Já me davam pela crista
Uma vaquinha mourisca ;

Já me davam pelo bico
A renda do senhor bispo ;
Já me davam pela lingua
A cidade de Coimbra ;
Já me davam pelo pescoço ;
Uma dama com seu môço ;
Já me davam pelo papo
Raza e meia de tabaco ;
Já me davam pela moéla
Uma vaquinha moirela ;
Já me davam pelo coração
A renda de San João ;
Já me davam pelas tripas
Duas feixadas de fitas ;
Já me davam pelo rabo
Um cavallo enfreiado ;
Já me davam pelas azas
Na ribeira umas casas ;
Já me davam pelas pennas
Duas vaquinhas morenas ;
Já me davam pelas pernas
Umas meias amarellas ;
Já me davam pelas unhas
Cento e meio de agulhas ;
Já me davam pelo corpo
Toda a cidade do Porto ;
Já me davam pelo ril
Um porrão de sahil.
Gallinha que vale tanto
Vae-se levar ao convento,
Para que as freiras digam :
Chô pr'a fóra, chô pr'a dentro.

Gallinha Pintada

(Versão do Cano — ALEMTEJO)

Tenho uma gallinha pintada
Que põe trez ovos ao dia ;
Se ella me puzera quatro
Melhor conta me fazia.
Já me davam pelo bico
As rendas do senhor bispo ;
Já me davam pela cabeça
Uma menina abbadessa ;
Já me davam pela crista
A renda do organista ;
Já me davam pelas pernas
Umhas meias amarellas ;
Já me davam pelo papo
Uma onça de tabaco ;
Já me davam pelo pescoço
Um cavallo com seu môço ;
Já me davam pelas unhas
Uma caixinha de agulhas ;
Já me davam pelas tripas
Duzentas varas de fita ;
Já me davam pelas azas
Uma morada de casas ;
Já me davam pelos pés
Uma caixinha de anneis ;
Já me davam pelas pennas
Duas meninas morenas ;
Já me davam pelo e...
Um beijinho ; da-lh'o tu.
Gallinha que tanto vale
Vae-se vender ao convento,
Freiras fóra, freiras dentro,
Xinco la brinca, por alma do gato.

39

O GATO BELLA-SAUDE

(Versão de Ponta Delgada — Açôres)

Eu tinha um gato em casa
Chamado Bella-saude,
Chegou o gato a um ponto
Que o quiz suster e não pude.
Um dia pela manhã
A' porta a querer sahir ;
Serviço para fazer,
Era comer e dormir.
O meu linho n'uma mēda
Precisando de amassar ;
O meu milho temporão
Precisando de abarbar ;
O gato a lamber as unhas,
Era comer e brincar.
Mandeí o gato p'r'a terra,
Foi para o mar adanar ;
Quando elle a casa chegou
Muito que o deshonrei ;
Para que não nos cansemos
Até traste lhe chamei.
D'ahi a pouca instança
Fui-o achar no quintal
A chorar como criança,
Como criança a chorar ;
Chamei o gato p'ra mim,
P'ra bem de o aconselhar ;
Desprega-se-me a dizer,
Que estava para casar.
Pego logo n'uma tranca
P'ra lhe dar pela barriga ;

Deu um pulo e fugiu
P'ra casa da rapariga.

O Senhor Dom Gato.

(Versão de Villa do Cano — AIEMTEJO)

Estando o senhor dom gato
Na sua cadeira sentau,
Calçando meia de seda
E seu sapatinho virau,
Sua casaca vestida,
Seu chapésinho embicau,
Cartas novas lhe vieram
Que havia de se casar,
C' uma gatinha morena,
Que tinha o dote no rabo
.....

O Gato da Velha

(Versão da Villa do Cano)

Uma velha tinha um gato.
Debaixo da cama o tinha ;
E o gato miava,
E o cão ladrava,
E o burro zurrava ;
E a velha dizia :

—Más raios te partam,
Mais o bem que t'eu queria.

40

ROMANCES DE CEGOS

(Fragmentos do Porto e Coimbra)

Por aquella serra acima
 Vinte e cinco cegos vão,
 Cada cego com seu môço,
 Cada môço com seu cão;
 O cego dá pão ao môço,
 O moço dá pão ao cão.
 Correga 'Zabel Martins,
 Carrega, tem mão.

(Do Cego d' Abrunheira — Coimbra)

Vamos botar a cantiga
 Ao senhor da estimação:
 Eu sou filho de um letrado,
 Neto de um tabellião;
 Onde quer que o rapaz chega
 Passa letra sem borrão.
 Estudante tem carôço,
 Não dá menos de tostão.

Venho de apanhar cevada,
 Venho de Alter do Chão,
 Meu pae tem lá uma quinta
 Que tem um palmo de chão;
 Tenho uma irmã Jacintha
 Que tambem lá quer quinhão.
 Venha papel e tinteiro
 Faça-se a repartição. etc.

Fui á feira da Ponte
 Só por vêr o que lá ia,

Vi muito carro carr'gado
 De melão e melaneia :
 Vi muito cajado armado
 Para haver pancadaria.
 A um preto mascarado
 Que os dentes lhe luzia.
 Venha junça, trez a atar,
 Póde chover malharia,
 Quem este nó desatar
 Hade ter sabedoria.

.....

41

AMPHIGURI

(Versão de Lagos)

Duzentos gallegos
 Não fazem um homem,
 Senão quando comem
 Meu dinheiro, teu dinheiro.
 Homem trapasseiro
 Que arriscado anda,
 Na sua demanda
 Nunca faz o que el-rei manda.
 Já se lhe pagou
 A'quelle estudante ;
 Se elle é estudante,
 Alfinetes são amores.
 Tenho grandes dôres
 Em te vêr ausente,

Se elle está doente
Cá para mim é patarata.

.....
Já se lhe arremata,
Não anda a fragata,
Se ella anda á vela não precisa riba-havemos.
Ai que nos perdemos
N'estas cariocas,
Anda muito em boccas,
Quem tem bocca vae a Roma.
Quem tiver que coma,
Não passará fome;
Vem de lá um home,
Regula sua barriga.
Como a lombriga,
Ella vem de França,
Ella tem uma trança.
De bocca faz uma arraia,
E a preta na praia
Vende mexilhão,
Pinhão e pinhão,
Salsa verde e caparica.
Ella é bonitica,
E tem mealheiro;
Quem tiver dinheiro
Dê-m'o a mim.
Porque então assim
Eu o guardarei.
Grita: Aqui d'el-rei!
Não ha quem me accuda.
É um caracunda.
Já lá vae p'r'o deserto.
É um céu aberto
Em te vér a ti, menina,
Da salla para a sala,
Da sala para a cosinha.

42

DISPARATES

(Versão de Lagos)

Era uma vez que não era,
E andava lavreando ;
Soube que o pae era morto
E a mãe por nascer,
Poz os bois ás costas
E o arado a correr.
Foi por uma estrada que não via,
Viui uma cabra que não conhecia,
Viui ameixiera com maçãs,
Subiu e colheu romãs.
Veiu de lá o dono e gritou :

— Seu grandissimo patife,
Seu grande brejeiro,
Vir colher pêras em faval alheio !

Pega n'um torrão,
E atirou-lhe ao toutiço :
Feriui-se nos calcanhares,
Deitou sangue pelo embigo.

(Versão de Lagos)

O mestre barbeiro
Affonso de Escama,
E' homem de fama,
Trabalha a vapôr ;
Das bichas que vende,
Das barbas que rapa,
Dos dentes que saca,

Tudo é um primor.
 O sol já vae alto,
 Toca a trabalhar;
 Em vindo os freguezes
 Tudo prompto hade estar
 Quem quizer fatias,
 Fatias de Angola,
 Vá ao botequim
 Do mestre Nicola.

(*Versão de Cuba, Beja — ALEMTEJO*)

Uma vez, era um Era-não-era,
 Andava lavrando na serra,
 Com um boi carrapato
 E outro calhandro;
 Veiu-lhe noticia, que seu pae que era morto.
 E a sua mãe que ia a enterrar.
 Prantou os bois ás costas
 E o arado a pastar.
 Foi lá abaixo,
 Achou um ninho de cartaxo;
 Foi á horta de um outeiro,
 Logo viu um carvalheiro
 Carregado de avelans
 E ameixas temporans
 E nozes barrigudas.
 Foi á vinha e encheu a barriga de uvas.
 Vem de lá o dono dos marmelos:

—Oh sê ladrão! você está-me a comer os meus figos,
 Que o mè pae tem para dar ós mès amigos!

Os homens entraram de rasão em rasão;
 Atirou-me com um pepino e acertou-me com um melão
 Mesmo perto de um arthelho,

Que correu sangue até ao joelho.
—Ai minha perna! ai minhas mãos.

Amphiguri

(Versão de Loulé)

Indo em caminho abaixo,
Por um caminho que não vi,
Encontrei a minha cabra,
Cabra que não era minha.
Eu vi pereiras com maçãs,
Subi, colhi avelãs.
Vem o dono das romãs :

—Que lhe importam essas uvas,
Que estão em faval alheio?

Abaixei-me eu por um torrão,
Joguei-lhe com um melão ;
Foi bater-lhe n'um artelho,
Fez-lhe sangue n'um joelho.
N'esta idade que inda tenho,
Ninguem viu mais do que eu :
Vi até entr'uma hora
A cidade de Viseu,
Vi a torre de Almeirim
Luctar com uma formiga,
Qual debaixo, qual de riba ;
Fez-lhe sangue na barriga,
Accolheu-se a uma tóca,
De lá veiu uma minhoca.
Sete porcos vi na eira,
Debulhar um calcadoiro,
Tudo isto eu vi jogar,

E mais o jogo do Toiro.
Tambem vinha na companhia
Uma loba pedir p'ra prezos,
Com sete sacas de novellos,
Nas ancas de um carrapato.
Tambem no caminho vi
Um porco a vender tabaco.

III

ROMANCES HISTORICOS E LENDARIOS

§ I— *Cyclo Neo-godo e Mosarabe*

1

MONTE MEDULIO

(*Cantado por dansantes — GALIZIA*)

Do foron los homes
Fillas et peculio?
Intra nostras cobas
Do Monte Medulio.
E pois o Romano
A morrer-nos ven,
Morrán elos, canes,
N'as cobas Momao.
No monte Biobra
Campan nostros homes,
Et porque son pocos
Negan aló sobra.
Anxiña Pomares
Fortes nos fecimos,
Et con os paxares
Nos queimarom vivos.
Intra nostras cobas
Et intra os hortos,
Quedaron os homes
Tooños mortos.

Et nostras mulleres
 Et as nostras fillas,
 Queidaron, coitadas!
 Tooñas cautivas.
 Et aqueles loubos
 Do quer las mordian
 Et elas, poubriñas!
 Xemian, xemian.

2

O VELHO MAIORAL

(Versão de Tábua — Serra da Estrella)

Voz: Oh, como traz botas,
 De neve té o Joelho,
 No ingreme atalho
 A gente do Velho!
 Maioral na frente
 Do rebanho andando,
 Com o pezo dos annos
 A rir ou chorando!

CORO: San Ramão! San Ramõesinho!
 Nosso firme advogado,
 Tereis optima offerta
 Se nos escapar o gado.

Voz: Ah, que magna turba
 Vem lá debaixo ahi!
 Direita á jugunda,
 E os nossos por aqui!

Còro: Virgem do Desterro,
 Nossa boa Padroeira!
 Protegei-os, defendei-os
 Da tropa estrangeira.

Voz: Romanos avançam
 Ao cume da Serra;
 E o Luso se passa
 Para detraz d'ella.

Còro: Ai, da Serra! ai da Estrella!
 Ai do Alva! ai do Frecheiro.

Voz: Em mãos de africano
 Na Serra Leòã,
 Antes eu vira
 Nos Montes da Lua:
 Do que estou vendo
 Em Monte de Muro!
 O gado está salvo
 No porto seguro.

(Repetem-se os Còros)

Como é raça de cães,
 Manteigas vão descobrindo,
 Em quanto ficam lambendo,
 O Velho se vae sumindo.
 Maioral vae adiante
 Co'o pezo da giria
 Se vae atrazando;
 Vão todos contentes,
 Já nenhum chorando.
 Velho o chamam,
 Nos autos é tenro.
 Velho elle é, cá p'ra nós

E' o nosso meneno.
 Da Serra da Estrella,
 Do Monte de Muro,
 O gado está salvo
 No porto seguro.

CÔRO: Senhora do Desterro,
 Bem dita sejaes!
 Indo hoje ao templ o
 Nos ouviraes.
 —San Ramão! San Ramõonsinho!
 Nosso melhor advogado,
 Ahi tendel a offerta
 Que é o nosso melhor capado.

3

DOM JULIÃO

(*Versão de Silves* — ALGARVE)

Dom Rodrigo, Dom Rodrigo,
 Rei sem alma e sem palavra,
 Com a vida pagas hoje
 A traição de Dona Cava!
 Dom Julião lá em Ceita,
 Lá em Ceita, a bem fadada,
 A jurar está vingança
 Pelas suas mesmas barbas.
 Não estivera elle enfermo,
 Já com armas se voltara,
 Que onde Julião chega
 Ninguem chega nem chegara.
 Cavalleiro de armadura
 Não se lhe mostre com armas,

Que fadado foi Juliano
Para só vencer batalhas.
Sete noites pensa o conde,
Todas las sete pensára,
Como pudéra vingar-se
De quem tanto o magoára;
Quer escrever, mas não póde,
Por seus servos rebradára :
Ao mais velho escrever manda,
E o conde a carta notava ;
Mal acaba de escrever-se
Ao rei moiro a enviava.
Na carta lhe dava o conde
Todo o reino de Granada,
Se logo ao campo mandasse
Sua gente bem armada,
Para vingar sua filha,
Que el-rei godo deshonorára.
Mal recebe el-rei a carta
Sua gente aparelhava,
Para vingar Juliano,
Para conquistar Granada.

« Triste Hispanha, flor do mundo,
Tão nobre e tão desgraçada !
Por vingança de um trédor
Serás dentro em pouco escrava !
Tuas cidades e villas
Todas te serão ganhadas !
Andaluzia não hade
Dar-te mais vida, mais alma !

Terras bemditas são logo
De pèrros mouros cercadas ;
O triste de dom Rodrigo
Ao campo vae dar batalha,

Mas lo trédor de Dom Oppas
 Tudo alli lhe atraçoára.
 Grande senhor de Moirama
 Commandava grande armada ;
 Pondo o pé em terra firme,
 Toda a terra conquistava.
 O sangue já era tanto,
 Que todo o campo ensanguava.
 Assim perde dom Rodrigo
 A sua grande batalha ;
 Tambem perde Andaluzia,
 E tambem perde Granada ;
 Guadalete outra não vira
 Tão féra e tão pelejada.
 Toda a Hespanha se converte
 Em poderosa Moirama.
 Dom Juliano e dom Oppas
 Dona Cava assim vingavam !

4

DOM RODRIGO

(*Versão de Tavira, Fuçeta — ALGARVE*)

Enfermo el rei de Castella
 Em cama de prata estava :
 Des que seu mal o turgira,
 Sete doutos consultava,
 Qual d'elles de mais sabença,
 Quasi todos de Granada.
 Uns e outros lhe diziam
 Que o seu mal não era nada ;
 Mas o mais velho de todos
 Outras fallas lhe fallava :

—Confessae-vos Dom Rodrigo,
 Fazei bem por vossa alma ;
 Sete horas tendes de vida,
 E uma já quasi passada.
 «Fazer quero testamento
 N'esta hora attribulada ;
 Deixo a Dom Ramiro o burgo,
 A Dom Gaifeiros a barra ;
 A Dona Almansa, a formosa,
 Minha riqueza contada.

A isto acode a princeza,
 Muito triste e magoada :

—Que Deus vos salve, oh meu pae,
 E a mim, filha abandonada,
 Que assim daes a minha herança
 A quem a vós não é nada !
 Uma só filha que tendes,
 Bem que a deixaes desherdada !
 Ai, pobre de minha vida,
 Pobre de mim, malfadada !
 Para as portas de Sevilha
 Irei demandar pousada ;
 Ganharei com triste pranto
 Para ser alimentada !
 «Mulher que taes fallas resa,
 Devêra ser degolada !
 Eu só te deixo em Zamora
 Uma torre por coutada ;
 E a quem fôr procurar-te
 Seja a cabeça cortada.
 Não tenho mais que deixar
 A uma filha deshonorada.

Ao romper do novo dia
 Zamora estava cercada.

«Que parta já Dom Ramiro,
 Leve em punho a minha espada!
 Que parta já Dom Gaifeiros
 Commandando a minha armada!
 E que em Zamora não fique
 Uma torre alevantada.

—Lesto, lesto, Dom Ramiro,
 Com vossa real espada;
 Lesto, lesto Dom Gaifeiros,
 Com a vossa nobre armada;
 Que não fique uma só torre,
 Zamora fique arrazada!
 Dom Ramiro avante, avante
 Com vosso cavallo e malha;
 Minha mãe vos deu vestidos,
 Meu pae dá-vos sua espada,
 E eu vos dou esporas de ouro,
 Pendão de seda encarnada,
 Que de um lado leva o sol,
 De outro a lua prateada.
 Vencei com esta bandeira
 Por minha mão só lavrada:
 De ha muito que eu vol-a déra,
 Se essa mão não fôra dada...
 Hoje é de Ximena Gomes,
 Filha do conde Lousada.
 Não me importára que o fôra.
 Se me não devesseis nada.

—Pois como assim é, senhora,
 Vae ella ser degolada.

—Não o queira Deus bemdito,
 Nem a Virgem consagrada,
 Que união que o céo permite,
 Seja por mim apartada!
 Adiante, oh Dom Ramiro,
 Com vossa real espada,

Que já lá vae Dom Gaifeiros
 Commandando nobre armada.
 Eu só nasci n'este mundo
 Para infanta desgraçada!



Penitencia do Rei Dom Rodrigo

(Versão do Lugo — GALLIZA)

N'aquella serrriña alta,
 n'aquella alta serrriña,
 alli estaba un ermitaño
 haciendo su santa vida.
 Por alli venia un hombre,
 de largas terras venia:

- Por Dios che pido, ermitaño,
 E por la Virgen Maria,
 que me cuentes la verdá
 y me niegues la mentira:
 Un hombre dado á mujeres
 que remedio tenderia?
 «Para todo hay remedio,
 solo para hermana ó prima.
 —Triste y cuitado de mi,
 que eso fué la esdicha mia!
 Esforcé á una hermana,
 y á una prima que tenia.

Estando n'estas razones,
 una voz del cielo oira:

- «Confiéssalo, ermitaño,
 confiéssalo, por su vida.

lé daras de penitencia
 segun do lo merecia :
 lo llevarás a una cueva,
 donde no oya cosa viva,
 no mais lagartin cantando
 culebra le respondia ;
 lo irás á visitar
 todas las horas del dia ;
 una á por la mañana
 y otra á lo medio dia,
 y otra á la media noche
 mientras la gente dormia,

- «Como che vai, penitente,
 c'a tua companhia ?
 —Si á mi muito mal me vai,
 muito mais eu merecia :
 d'a cintura para baixo
 solo los huesos tenia ;
 d'a cintura para arriba
 Já en comenzarme queria.
 «La serpiente está durmiendo,
 yo sé si nos oyria ?
 —Ella oya ó no oya
 n'o corazon me feria.
 «Quédate con Dios, penitente,
 é c'a tua companhia ;
 a tua alma vai n'el cielo...
 Dios me diera allá la mia.

(*Lenda de Castro de Avelãs* — BRAGANÇA)

«O Conde de Ariães sustentou encarniçada lucta
 com o Conde de Rebordães, seu rival em poder.
 Depois de renhida refrega, o fidalgo de Crasto foi
 vencido, o que levou sua alma ao auge do dese-

spero. Regressando ao solar pediu á Condessa, sua mãe, que lhe trouxesse qualquer cousa, que ella recusou. Desesperado como estava, mais se desesperou, e mandou lançar a mãe aos leões, que rapidamente a devoraram. Tão abominavel crime não podia deixar de ser castigado e severamente punido.

Julgado no Convento dos Frades em magno conciliabulo, foi dada a seguinte sentença: Iria ao campo, procuraria uma 'cobra, devia trazel-a para o castello e alimentar-a até que se convertesse em corpulenta serpente. Seguidamente, junto da igreja de Castro ser-lhe-ia erguido o tumulo onde elle devia ser encerrado vivo com o monstro.

—A serpente já me mastigou um braço; o monstro enrola-se e atterra-me; vae-me engulindo; está perto do coração!...

A voz do infeliz ia desaparecendo fraquejando, cada vez mais, soltava gritos e queixumes afflictivos; cá fóra ouvia-se estalar os ossos, ouviu-se o ultimo e abafado gemido agonisante...»¹

5

PODER DA MOIRAMA

(De um Ms. do Convento de Celanova — GALLIZA)

Voz: Pól-o o camiño
ei ven un home;
eu nón sei si anda,
si anda ou si corre.

CÓRO: Ainda ven lonxe,
lonxe, longe ven!

¹ *Instituto de Coimbra*, vol. 53, p. 638. (1906)

Quen fora galgo,
páxaro o vento.
Voz : Fai moito tempo
que nos deixou ;
anda na guerra
pól-o Señor !
Viñeron os Mouros
arrenegados,
todo arrasaron
e estaba acabado (?).
Aqueles homes
eran us demos ;
todo levaron
e nos fuxemos.
O altariño
de noso Diós,
quedou com'a
noitiña sin sol.
Entre penedos
y entre touzas,
levamos ó Cristo
c'outras cousas.
I os mouros,
arrenegados,
subiam o monte
desesperados,
naquelles penedos
rodeados.
Pobre de nós,
todos berraban,
válenos, Cristo,
apelidaban :
Mira que ises
por ti non chaman.
Xá dos penedos
na buratiña

vian-se as caras
 de tal xentiña.
 Cristo! Cristo,
 todos á una
 I esmagade
 aquela xentiña.
 Ben te vi vir
 pól-o camiño!
 o Cristo amparou nos,
 meu queridiño!

CÓRO: Pól-o camiño
 ei ven un home,
 Eu non sei, ven longe,
 si anda, ou si corre.

6

FIGUEIRAL

(Lição Ms. do seculo XV)

No figueiral, figueiredo,
 a no figueiral entrei;
 seis nenas encontrára,
 seis nenas encontrei;
 para ellas andara,
 para ellas andei;
 llorando las achara,
 llorando las achei;
 logo las pescudara,
 logo las pescudei
 quem las maltratara
 e a tan mala ley?
 Uma reprecara:

—Infançom non sei:
 mal ouvesse la terra

que tene o mal' rey !
Se eu las armas usara,
e a mi fé non sei,
se home a mi levara
de tan mala ley.
A Deus vos vayades,
garçom, ca non sei
se onde me fallades
mais vos fallarei.

Eu la reprecara :
«A mi fé non sei ;
cá olhos d'essa cara
caros comprarei ;
a las longas vias
eu trás vós me irei ;
las compridas vias
eu las andarei ;
lingua de aravias
eu las fallarey ;
mourcs se me vissẽ,
eu los matarei.

Mouro que las guarda
cerca lo achei ;
mal las 'mieaçava,
eu mal me anogei ;
trancos desganhara,
trancos desganchei,
todolos machucara,
todolos machuquei ;
las nenas furtara,
las nenas furtei,
la que a mim fallara
na alma la chantei.
No figueiral figueiredo,
a no figueiral entrei.

Santhiago

(*Versão manuscrita do seculo XV*)

Apostolo Santhiago,
Cavalleiro muito honrado,
Contra os Mouros
Muito esforçado.

7

O CAVALLEIRO DA SILVA

(*Versão do ALGARVE*)

—Chega-te cá, minha filha,
Linda filha da minh'alma,
Vae-te por esses sobrados,
Sóbe além aquella escada,
Verás um lindo moirinho
Quando estejas debruçada;
Ái, detem-'o alli, detem-n'ó
Com tuas doces palavras;
Antes que ellas sejam poucas,
Que sejam arrazoadas:
Filha, lá de quando em quando,
Que vão de amores tocadas.
Irei por esses sobrados,
Subirei aquella escada;
Mas que heide dizer, meu pae,
Se de amores não sei nada?

Moriana sóbe ao balcão
Muito bem ataviada,

Logo víra o tal moirinho,
 Que por outra não andava ;
 Assim que assoma seu rosto,
 Muito bem que elle a saudava :

«Que Deus te salve, oh bom moiro,
 Lindo encanto da minh'alma !
 Bons sete annos ha que eu ando
 Por ti louca, enamorada !
 —«Por ti deixei minha terra
 E aqui vim fazer pousada,
 «Se cuidára que assim fôra,
 Por ti tudo abandonára.
 —«Se assim é, ai mesmo agora
 Nos meus braços te aparára.

Ditas que eram taes blandicias,
 Lá muito ao longe assomava
 Cavalleiro todo armado,
 Que sobre a areia voava ;
 Montava rijo alazão,
 Que pela bocca escumava ;
 E com elle tambem vinha
 Uma nobre cavalgada.

«Ai, corre d'ahi, bom moiro,
 Não digas que te eu falsava,
 Que além vem um cavalleiro
 Com espada, lança e malha.

O cavallo inda era lenge,
 E já bem que relinchava ;¹

¹ E muito bem que *rinjava*.

O cavallo, todo branco,
Dom da Silva é que o montava.

- «Bem conheço o cavalleiro
E tambem quem o esperava . . .
Dom da Silva não me importa
Nem da sua gente armada ;
Se por aqui me não queres,
É que és sua apalavrada,
É que por elle tu andas
De amores toda tocada.
«Tem-te, tem-te, oh moirinho,
Escuta-me uma palavra.
- «Como te heide ouvir, senhora,
Se do cavalleiro a espada
Já me atravessa este corpo,
E a lança me entra n'alma !

Era por manhã de maio,
Cavalleiro alli chegava :
Mariana ama o christane
Como ao moiro não amava ;
Nem seu pae com seus conselhos
D'aquelle amor a voltava.
Inda meio dia não era,
Remedio ninguem lhe dava.
Co' o Cavalleiro da Silva
Já Mariana se apartava.

8

RUY CID

(*Versão de San Martinho — MADEIRA*)

Pola veiga de Granada
 El rei mouro passeava,
 De sua lança na mão
 Com que passaros matava :
 Não lhe dava pollos pés,
 Nem pollas azas lhe dava ;
 Dava-lhe certo no bico,
 Que logo los derreava.
 E, n'isto, lhe chegam novas
 Que Alfama lhe era tomada.

—Ai, Alfama, minha Alfama,
 Que me estavas mal guardada !
 Ainda hontem, dos moiros ;
 Hoje, dos christãos ganhada !
 Ai, Alfama, minha Alfama,
 A fogo sejas queimada,
 Se 'ámanhã lo sol raiar
 Sem de moiros ser c'roadá !

E chamou por seus moiriscos,
 Que lhe andavam na lavrada :
 Não lhe vinham um a um,
 Quatro, cinco, de manada.

—Quem é lo aventureoso
 Que me ganha esta jornada ?

Respondeu-lhe um moiro velho,
 De cem annos, menos nada :

«Esta batalha, bom rei,
 Só por vós será ganhada ;
 E lo pèrro de Ruy Cid
 Lo tereis pela barbada ;
 La sua Ximena Gomes
 Será vossa captivada ;
 Sua filha Dona Urraca
 Será vossa mancebada ;
 E la outra, mais chiquita,
 P'ra vos servir, descalçada :

Ruy Cid, que estava ouvindo
 Da torre, sua morada,
 Logo chamou sua filha
 Dona Urraca chamada.

—Veste, filha, teus brocados
 De ir á festas mais honrada ;
 De chapins de oiro, não prata,
 Vem, tu filha, bem calçada ;
 E já, já, põe-te á janella,
 Ao caminho defrontada.
 Enquanto vou cavalgar
 E cingil la minha espada,
 Detem-me tu lo rei moiro,
 Que hade passar na estrada.
 Vae tu palavra em palavra,
 Cada qual bem demorada ;
 Cada uma d'ellas todas
 Que seja de amor tocada.

—«Como lhe hei fallar d'amor,
 Se de amor eu não sei nada ?

—Falla-me d'esta maneira,
 Uma falla bem fallada :
 »Bem appar'cido, rei moiro,
 N'esta hora abençoada !

Ha sete annos, já sete annos,
 Que de vós sou namorada ;
 Já vae correndo nos oito ;
 Quero-me ir por vós furtada.

Vestida de seus brocados,
 De chapins de oiro calçada,
 'Stá Urraca de janella
 Ao caminho defrontada ;
 E deitando olhos ao longe,
 Vè lo rei que vem na estrada.
 E lo moiro, que la viu,
 La saudou, bem cortejada :

==Allá vos guarde, senhora,
 N'esta hora afortunada !

Ella, então, d'esta maneira
 Fallou falla bem fallada ;
 E de palavra em palavra
 Cada qual bem demorada,
 Cada uma d'ellas todas
 Era de amor tocada :

—« Bem appar'cido, rei mouro,
 N'esta hora abençoada !
 Ha sete annos, já sete annos,
 Que de vós sou namorada ;
 Já vae correndo nos oito ;
 Quero-me ir por vós furtada.

==Senhora, n'isso que qu'reis,
 Andaes bem aconselhada :
 De tantas mulheres que eu tenho,
 Só vós sois de mim amada ;
 Sereis rainha dos moiros,
 Em grandes festas c'roadá,

De duzentos mil vassallos
Tereis vossa mão beijada.

Ella então lhe diz, com pena,
Já talvez enamorada :

—«I-vos d'aqui, meu rei mouro,
Não me cuideis refalsada ;
Assomar vi cavalleiros,
Que lá vêm de mão armada
Com meu pae, lo dom Ruy Cid,
A correr á desfilada.

==Não me temo de Ruy Cid,
Nem de sua gente armada ;
Só temo o seu Babieca,
Filho da minha egua baia ;
Perdi-lo n'uma batalha,
Bem lhe sinto la patada.

E lo moiro lá se vae
De carreira desfechada,
Por meio de uma courella
Já do arado cortada :

==Mal haja lo lavrador,
Que fez tamanha lavrada !

Lo moiro sempre correndo
De carreira desfechada,
Vae a caminho do rio,
À barca ahi costumada :

==Tambem mal hajas, barqueiro,
Que tens la barca varada !

E na sua egua baia,
De carreira desfechada,

Logo se meteu ao rio,
Que não tinha que esp'rar nada.

=La mulher mãe de um só filho,
Ai, que mãe tão desastrada!
Espora, que d'elle caia,
Por ninguém será tomada;
Que lo firam, que lo matem,
Não tem la morte vingada;
Mas, se d'esta me vou salvo,
Oh, que desforra tirada!

No comenos, vem Ruy Cid,
Vê lo moiro ir a nado;
E de raivoso, lhe atira
Um dardo bem apontado:

—Guardae-me lá, genro meu,
Este dardo bem guardado.

E, no corpo do rei moiro
Ficou lo ferro cravado.

=Como guardar-te, Ruy Cid,
Esse dardo traçoado,
Se me vae a dentro d'alma,
No corpo atravessado?
Mas não morra d'esta feita,
Que te prometto, sagrado,
Varar-te c'um cento d'elles,
Sem precisar ser rogado.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

O Moiro atraído*(Versão da Ilha de San Jorge)*

—Vesti-vos vós, minha filha,
 Vesti-vos de ouro e prata;
 Detende-me aquelle Moiro
 De palavra em palavra.
 As palavras sejam poucas,
 Sejam bem arrematadas;
 Essas poucas que lhe deres
 Sejam de amores tocadas.

«Bem vindo sejas, bom Moiro,
 Melhor a vossa chegada!
 Ha sete annos, oh bom Moiro,
 Que sou tua namorada.

—«Ha sete annos, vae em oito
 Que por vós cinjo a espada!
 «Se por mim cinjís a espada,
 Comvosco quero ir de casa.

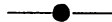
—«Se o fizerdes, senhora,
 Não sereis mal avisada;
 Sereis rainha dos moiros
 Em minha terra estimada.

«Se por mim cinjís a espada
 Não digas que te fui falsa;
 Que eu vêjo vir cavalleiros,
 Sinto-lhe tocar as armas.
 Lá vêjo vir uma armada
 N'ella vêjo vir um homem
 Que se parece meu pae.

—«Eu não temo cavalleiros,
 Nem armas que elles tragam ;
 Não temo senão Gabello,
 Filho da minha egua baia,
 Que o perdi em pequenino
 Andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros,
 Elle se foi na desfilada.

—«Valha-me o Deos dos moiros
 Em tão comprida lavrada.
 —Essa lavrada, pèrro moiro,
 Fôra lavrada em Maio,
 Quando os bois andavam gordos,
 E os mancebinhos em bragas ;
 Eram bois de cinco annos,
 Mancebos de vinte e quatro.
 —«Oh mal haja o barqueiro
 Que não tem a barca na agua ;
 Que a hora da minha morte
 Já para mim é chegada.



Guai Valença

(Fragmento do Romance do Cid—Lição de Gil Vicente)

Ai, Valença ! guai Valença,
 De fogo sejas queimada !
 Primeiro foste de Moiros
 Que de Christianos tomada.
 Alfaleme na cabeça,
 Em la mano uma azagaia,

Guai Valença ! guai Valença,
 Como estás bem assentada ;
 Antes que sejam tres dias
 De Mouros serás cercada.

.....

9

LE MORO

(Versão de Miranda — TRAZ-OS-MONTES)

Passeaba-se l'rei moro
 Pu' les rues de Granada,
 Cû l'respândor de l'sôl
 Le relhumbraba la 'spada.

Passeie-se l'rei,
 Nû puode dormir,
 Pensando ne l'biē
 Que l'hâ de benir :

—Se nũ s' me tiran endando
 Las fatigas de l' mio coraçõ,
 Morreré de mal d'amores,
 E a Dios le pido perdõ.

Passeie-se l'rei
 Nũ puode parar,
 Pensando ne l'biē
 Que l'ha de tchegar.

*

—Se tu quies que t'anrame la puerta
 Bida mie de mio corazõ,

Se tu quies que t' la desanrame
Les teus amores mios sō.

Passeie-se l'moro
Fuora de lhagar,
Fuora los muros
De l'arrabal.

—Se tu quies salir de manhana
A' la tue janela, e de l'tuo balcō,
B'ras cum' arranco
Ū olmo branco,
E le pongo ne l'quiço
De l'tuo servicio ;
Les tous amores mios sō.

*

—Primabera chena d'encantos,
Primabera tiempo d'amores,
Nũ hay tiempo más alegre
Quél maio cū suas flores.

«Se fúrades colher rosas,
Al jardin de mio senhor,
Colhei de las mâss fermosas
O' les de l'tcheiro melhor.

*

Aquel cabalheiro, mái,
Que por mie puerta passó,
S'el me quijo, e gáo le quije,
Como le dirè que nō?

Tres básicos le mandé,
Dar-se-les quiero,
Dar-no-les quiero ;
Por quiẽ se los mandaré ?

10

MOURO PÉRRO*(Versão das Duas Igrejas — TRAZ-OS-MONTES)*

—Canta mouro, canta mouro,
Canta pela tua vida.

«Como cantarei, senhora,
Eu n'esta prisão mettido?

—Quanto deras tu, oh mouro,
A quem d'ella te tirara?

.....
.....

—De quem são aquelles paços
Que tão longe reluziam?

«Um era de minha mãe,
Outro de uma minha tia;
O que mais estrondo mete
Era de uma amiga minha.

—Diz'-me tu agora, mouro,
Oh mouro da Mouraria,
Se me levas por esposa

.....

«Não te levo por esposa

.....

Levo-te para escrava,
Escrava p'ra toda a vida.

—Virgem, Senhora da Lapa!
Ouvi-me, oh Virgem Maria!
Se me prenderes o mouro,
Eu de ouro te vestiria.

Palavras não eram ditas.
O mouro á prisão mettido.

— Bem puderas tu, oh mouro,
 Oh mouro da Mouraria,
 Comeres do melhor pão,
 Assim como elrei comia ;
 Beberes do melhor vinho,
 Assim como elrei bebia ;
 Dormires em boa cama,
 Assim como elrei dormia.
 Stá-te agora preso, mouro,
 Preso para toda a vida.

— « D'onde vens, oh minha filha,
 D'onde vens, oh filha minha ?
 — Venho da Senhora da Lapa
 De cumprir a romaria.
 — « Não mintas, filha, não mintas,
 Não me mintas, filha minha.
 — Não minto, meu pae, não minto,
 Que eu nunca lhe mentiria.

11

DON VELA

(Lição manuscrita do seculo XIV)

Desfiar enviaron
 ora de Tudela,
 filhos de Don Fernando
 al Rei de Castela.
 E disse El-rei logo :
 « Ide a lá, don Vela ;

« Desfiade e mostrade
 por min esta razon :

Se quizeren por cambio
o reino de Leon,
filhen por en Navarra
ou o reino de Aragon!

Ainda lhes fazede
outra preitesia:
Dar-lhe-ei por cambio
quanto hei en Lombardia;
e a questo lhes faço
por partir perfia.

E faço gran direito,
ca meus sobrinhos son:
Se quizeren por cambio
o reino de Leon,
filhen por en Navarra
ou o reino de Aragon.

E veed'ora, amigo,
se prend' eu engano!
E fazede de guisa
que ja, sem meu dano,
se quizeren trégoa
dade-lh'a por um anno.

Outorgo-a por mim,
e por eles Don Gaston.
Si quizeren por cambio
o reino de Leon,
filhen por en Navarra
ou o reino de Aragon.»

§ II— *Cyclo portuguez tradicional e semilitterario*

1

RAINHA SANTA ISABEL

(*Versão de Estremoç*)

Peço graça com fervor
Do divino Manoel,
Para que haja de resar
Da rainha santa Isabel.

*

Em Saragoça nascida,
Segundo a oração diz,
Foi rainha mui querida,
Mulher d'el rey Dom Diniz.
A os pobres socorria
Com entranhas do coração ;
Pois de ninguem se fiava,
Sua esmola apresentava
Com a sua propria mão.

*

Vindo a Santa um dia
Com seu regaço occupado
Pelo thezouro que havia,
Com el rei eis encontrada.

—Que levas aí, senhora?

«Levo cravos e mais rosas
Para mais nossa alegria.

—Bem sei que levas dinheiro

Segundo sois costumada ;
 Antes que muito me cheira
 Que, de rosas em janeiro
 E' de maravilha achal-as.

A senhora *Rainha santa*
 Seu regaço lhe mostrava ;
 Cravos e rosas achou,
 Um cheiro que admirava.

—Oh, rainha excellente,
 Meu thezouro podeis dar ;
 Minha corôa empenhar
 Porque tudo estou contente.

*

Estando a Santa um dia
 Na sua sala sentada,
 Chegou-lhe um pobre chagado :
 Se o podia arremediar ?
 Ella lhe disse
 Com palavras de amor :

«Mandarei chamar o doutor,
 Que vos haja de curar.
 —Senhora, se *vós* queredes
 Ter coração inflammado,
 Deitae-me na vossa cama,
 Que eu serei remediado.

A senhora
 De pés e mãos o lavou,
 Na sua cama o deitou.
 Um cavalheiro que no paço
 Havia encontrado,
 A el rey tudo é contado.

Vindo el rei muito agastado
 Com tenção de a matar,
 Contra a clemencia que usava;
 Na cama onde repousava
 Deitar um pobre chagado!
 A Senhora corre o cortinado,
 Achou Jesus crucificado!
 Muito chorou el rei com elle
 Dos milagres que ella tinha obrado.

Em Estremoz acabou,
 Em Coimbra está sepultada,
 No convento que formou
 De Santa Clara sagrada.



Santa Isabel

(Versão de Campo-Maior — ALEMTEJO)

Rainha Santa Isabel,
 Mulher d'el-rei D. Diniz,
 Muitas esmolas que dava
 A ninguem as entregava,
 P'las suas santas mãos as dava.
 Um dia lhe aconteceu,
 Indo co' sou regaço occupado,
 Com el rei se ha encontrado:

—O que levas vós, senhora,
 Ahi no vosso regaço?

«Eu levo cravos e rosas
 Para vosso desenfado.

—Cravos agora em janeiro
 São maravilha achados.

A santa se humildou,
 Seu regaço lhe mostrou:

Uma capella de rosas,
Outra de cravos achou.

Um dia lhe aconteceu
Ir ao seu palacio pedir
Um pobresinho leproso
Com cinco chagas abertas :
— Dizei-me, oh meu irmão,
Se o vosso mal tem cura ?
« O meu mal não tem cura,
Nem será remediado ;
Eu vos peço, senhora,
Que por vossas santas mãos
Meu corpo seja lavado.

A santa, que isto ouviu,
A seu quarto o levou,
N'uma bacia de prata
Seu santo corpo lavou ;
C' uma toalha bem fina
Seu santo corpo limpou ;
Na cama onde el rei dormia
Seu santo corpo deitou.

Cavalleiro, que isto viu,
Foi mui triste e fatigado :

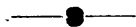
— « Saiba Vossa Magestade,
Saiba, vossa Senhoria:
A Rainha, minha senhora,
Pela clemencia que ousou,
Um pobresinho leproso
Na vossa cama deitou !
— Basta, oh minha senhora,
Pela clemencia que ousaes,

Um pobresinho leproso
Na nossa cama deitaes !

A santa, que isto ouviu,
Os seus olhos pôs no céu,
Os seus joelhos em terra,
El rei as corr'dicas correu ;
Um Senhor crucificado
Achou e lhe appareceu.

— Agora vos dos digo, senhora,
Minha c'róa pode dar,
O meu thezouro empenhar,
Para dar aos peregrinos,
Que eu contente heide ficar.

Em Saragoça nascida,
E em Extremoz finada,
Nas freiras de Santa Clara
De Coimbra enterrada.



Rainha santa

(*Versão de Funchal*—MADEIRA)

Ao Padre-Santo pediu
Lo senhor Dom Manoel,
Que lhe confirmasse santa
La rainha Isabel.

Esta rainha tão santa,
Mulher d'el-rei D. Diniz,
Só fez por servir a Deus ;
E elle fez quanto quiz.
Todal las suas esmolas
Só em secreto las dava :

E uma vez, que escondidas
 No regaço las levava,
 Um cavalleiro privado
 A el-rei la delatava:
 E el-rei, de cubiçoso,
 Accorreu e perguntava:

- Que levas ahí senhora,
 N'esse regaço tamanho?
 «Eu levo cravos e rosas,
 Que outras coisas não tenho.
 —Nem sequer ha maravilhas,
 Menos cravos, em janeiro!
 Ou serão esmolas isso,
 Ou isso será dinheiro?

La rainha não fallou,
 Só lo regaço abriu;
 E eram cravos e rosas,
 Que dinheiro . . . não se viu.

D'outra vez foi recolher-se;
 Seu pobre na alcova achou;
 E logo lo despe e lava,
 E na cama lo deitou.
 Lo cavalleiro privado
 A el-rei la delatou:
 E el-rei, de suspeito,
 Accorreu, e lhe raivou:

- Pelejo vosco, senhora,
 Que sou de vós aggravado.
 Na cama em que eu me deito
 Quem n'ella está deitado?

E, mui iroso, el-rei
 Las roupas alevantou;

Viu Jesus crucificado,
E logo ajoelhou:

—Meu Bom-Jesus do Calvario,
Meu Jesus crucificado,
Emendae la minha vida,
Emendae o meu reinado.

La nossa Rainha Santa
Outros milagres deixou :
A uma cega deu vista,
A outra muda, fallou.
Outra, que não tinha leite
Lo filhinho aleitou ;
E, com tamanhos milagres,
Santa, bem santa ficou.

2

VERSOS

*que as Freiras de Santa Clara de Coimbra,
cantavam junto do tumulo
de Santa Isabel*

CÔRO : Rainha santa, esclarecida,
Rogae a Deus eternal,
Que nos dê graça e dê vida,
Santa Isabel, escolhida
Rainha de Portugal.

voz : Aquelle sceptro e coròa
Só por Deus deixastes vós ;
E viestes em pessoa
Viver aqui entre nós.
Pois o vosso corpo temos
Aqui, por dom celestial,
Graça do Senhor queremos,

Para que nós imitemos
Vossa vida angelical.

Pedi a nosso Senhor,
Que nos dê vida e dê gloria,
E que á alma dê victoria
Quando da vida se fôr.
Fostes, Rainha sagrada
Em santidade real.
Que de honesta e humilhada
E á observancia ligada
Trouxestes sempre o signal.

A's vossas devotas, pois,
Por vossa mão amparae,
E tambem a Deus rogae,
Que nos faça como sois.
De cõtinuo imploraremos
Socorro celestial,
Constantemente nos temos,
E a Deus trino pediremos
Por meio tão principal.

Que assim como heis alcançado
Corôa de vida eterna,
Este convento humilhado
Bem deseja a sempiterna;
E isto com vosso favor,
Com intercessora tal,
Santa Isabel de valor,
Rainha de Portugal,
Rogae por nós ao Senhor.

3

DONA INEZ DE CASTRO*(Lição ms. do seculo XVII)*

Dos ricos paços de Coimbra
 Nobre Intante se partia,
 Com seus pagens e creados
 Para real montaria;
 Vae em ginete formoso,
 Que encantava quem o via;
 Leva seu açôr em punho,
 Falcoeiro a quem cumpria.
 Da mui bella Dona Inez
 Com amor se despedia.
 Mal sabia seu esposo
 Que nunca mais a veria!
 Embuçado no seu manto
 O bello rosto cobria;
 Para não vèrem o pranto
 Que de seus olhos corria.
 No seu ginete alazão,
 Oh que saudoso que ia.

—Onde vaes, senhor Infante?
 Mal haja tal montaria!
 Máo fado, senhor Dom Pedro,
 Te trás essa romaria;
 Volte depressa a teus paços,
 Que matam tua alegria.

Mas em vão! que seu fadario
 Destinado assi o havia!
 Ficou sósinha a esposa,
 Tão exposta a tyrannia.

A sua voz maviosa
Toda a noite se ouvia,
Cantando suas saudades
Com mui triste melodia.
No bandolim abraçada,
Oh que tão doce tangia :
Seu cantar mui lastimoso
N'este sentido dizia :

«Meu Infante, meu senhor,
Que me déste a regia mão,
Escuta d'onde estás.
Da tua Inez a canção.

Já não pódem meus suspiros
Chegar ao teu coração ;
Repitam montes e valles
De tua Inez a canção.

Em prantos mui lastimosos
Está esta habitação ;
Só se houve n'estes paços
Da tua Inez a canção.

Os meus olhos tão quebrados
Sangue choram, que al não !
Sabem de cór este valles
Da tua Inez a canção.

4

TONADILHA DOS POBRES

*Cantada á porta do Convento de D. Nun'Alvares,
o Condestavel. — Seculo XV*

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro,
Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua roupa,
Mail-o seu dinheiro.

A benção de Deus
Cafu na caldeira
De Nun'Alvares Pereira,
Que abondo cresceu
E todo lo deu.

Se comer queredes,
Nom vades além ;
D'on menga nom tem,
Ahi lo comeredes,
Como lo bêdes.

5

ENDECHAS AO CONDESTAVEL*(Versão do seculo XV — De um manuscrito de Azurara)*

I

*Seguidilhas que as mulheres de Lisboa cantavam
pela Paschoa florida
na sepultura do Condestavel*

GUIA, só: *e depois todos:*

No me lo digades. none,
Que Santo he o Conde.

GUIA só: O gram Condestable
Nun'Alves Pereira,
Defendeu Portugale
Com sua bandeira
E com seu pendone.

TODOS: No me lo digades, none...

GUIA: Na Aljubarrota
Levou a vanguarda;
Com bragal e cota
Os Castelhões mata,
E toma o pendone.

TODOS: No me lo digades, none ...

GUIA: Com sua chegança
Filhou Badalhouce,
Sem usar davença
Entrou sua terra
E poz seu pendone.

Todos : No me lo digades, none...

GUIA : Dentro de Valverde
 Venceu os Castelhões,
 Matou bons e máos
 Só co'a sua hoste
 E seu esquadrone.

Todos : No me lo digades, none,
 Que Santo é el Conde.

II

*Cantigas que os moradores do Restello cantavam
 na segunda Outava do Espirito Santo, na sepultura
 do Condestavel.*

UMA VOZ: Santo Condestabre,
 Bone portuguez,
 Conde de Arrayollos,
 De Barcellos, d'Orem.

Todos : Santo Condestabre,
 Bone portuguez.

Voz : Na campanha sondes
 Além d'uma bez.
 E mais outra bez
 E mais outra bez.

Todos : Santo Condestabre,
 Bone portuguez.

Voz : Por faizom da patria
 Todo esto lo fez ;
 Mata os Castelhões,
 Salva a nossa grey.

Todos: E mais outra bez,
E mais outra bez.

Voz: No me lo digades,
Qu' abondo lo sey;
Librou as obelhinhas
Do Leõ de Castél.

Todos: Santo Condestabre,
Bone portuguez.

III

*Cantigas dos moradores de Sacavem, no anniversario
do Condestavel.*

Voz: Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre;
Que lhe prouge e que le praze
Ho fager-nos tanto bem.

Todos: E bem, e bem.

Voz: O rapaz das coberturas
Que morre e cáe pera traz,
Já nom vae á sepultura,
Que otra bez vive o rapaz;
E lo Conde le fizo o bem.

Todos: E bem, e bem.

Voz: A' filha de Joanne Estès,
Que finou por nom mamar;
A do Moinho do cubó,
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem.

Todos : E bem, e bem.

Voz : O mal d'aquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Nom les chega aos coraçons,
Que o Conde Santo los guarda ;
E tudo por fazer bem.

Todos : E bem, e bem.

Voz : E bom Condestabre Santo,
Cobri-nos com vosso manto ;
E com vosso manto de gales,
Defendimento de males,
E faga-nos munto bem.

Todos : E bem, e bem.



Epitaphio do Condestavel

Nun'alvares Pereira,
Condestabre de Portugal,
Jaz aqui d'esta maneira
Qual foi na batalha real,
A mais singular bandeira.

Capitão mui valoroso
E por tal mui conhecido,
O qual nunca foi vencido,
Mas sempre victorioso,
Dos inimigos temido.

6

PADEIRA DE ALJUBARROTA

Pois que Madanella
Remediou meu mal,
Viva Portugal,
E morra Castella.
Seja amor testigo
De tamanho bem ;
Não chegue ningnem
A zombar commigo ;
Que a espada é rodella,
A Forneira sal ;
Viva Portugal
E morra Castella.

7

OH, NOITE MÁ

(Rifão do Cérco de Tanger, em 1460)

—Oh noite má,
Para quem te aparelhas?
«P'r'os pobres soldados
E pastores de ovelhas.
—E os homens do mar
Aonde os deixas?
«Esses, ficam mettidos
Até ás orelhas.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

8

TRISTE NOIVO

(Versão do Campanario)

«Casadinha de tres dias,
'Stava na minha janella :
Chegou uma pomba negra :
Que nova me trará ella ?

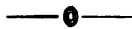
— Má nova trago. senhora,
E mui triste, de chorar ;
Vosso marido é morto.
Ou periga de escapar :
Foi de cavallo ao chão
Nas terras do Arrabal ;
Rebentou lo fel do corpo
Arriba do arenal.

La infanta, mal lo sabe,
Vae a correr, a chorar ;
Tantas damas depós d'ella,
Sem la poder avançar ;
Chegou onde seu marido
A carpir, sem descansar.

— «Onde vindes, infanta,
Acabar de matar ?
Inda sois menina moça,
Inda vos podeis casar.

—«Eu não me quero casar,
 Quero lograr meu marido ;
 Nem outro tal acharia,
 Se vos houvera perdido.
 Chamem-me aquelle barbeiro,
 Que venha aparelhado,
 Que traga lanceta d'oiro
 E liga d'oiro fiado ;
 Dê picada pequenina,
 Dada com todo o cuidado,
 Que não sinta elle dor.
 Mas que fique bem sangrado.
 =Quer sinta, quer nada sinta,
 Seja bem ou mal sangrado...
 Mal de amores não tem cura,
 Matou-se de apaixonado.

Lo triste morto de amores
 Que se enterre no sagrado ;
 Não no enterrem na terra
 Onde vae pastar lo gado ;
 Nem fique braço de fóra,
 Mas só lettreiro pintado,
 P'ra quem lá passar ir lèr :
Morreu triste desgraçado.



Má nova

(*Variante do Caniço*)

—Já casada estava eu,
 Bem sete mezes havia,
 E passou um pombo negro
 Que más novas me trazia.

«Novas, senhora, vos trago,
 Más novas, de grande mal ;
 Que morre vosso marido,
 Infante de Portugal!
 Cahindo do seu cavallo
 Nas ribas do arenal,
 Rebentou lo fel do corpo
 Lo bom infante real!

E, deshi, puz-me a cramar,
 Ouvido lo máo recado ;
 —Ide lá, physico mestre,
 Ide já apparelhado
 Com vossa lançeta d'oiro,
 Sua liga de brocado
 Dae-lhe sangria pequena,
 Não na sinta lo cuitado.

E lá me fui de carreira,
 Las damas me acompanharam ;
 Mas, por muito que corressem,
 Las damas não me avançaram.
 Los meus ais, quando cheguei,
 Lo meu infante acordaram.

--«A que vindes cá, infanta?
 'Stou aqui, estou a acabar :
 Ficareis menina moça,
 Cedo vireis a casar.

Eu, então, alli jurei,
 Polla missa do missal,
 Que não queria outro marido,
 Nem que lhe fóra igual.
 Lo meu infante morreu,
 Infante de Portugal,

Lá perto das aguas frias,
 Nas ribas do arenal.

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

A má nova

(Versão da Ilha de S. Jorge — Urzelina)

Casada de oito dias
 A janella foi chegar;
 Viu vir um cavalleiro
 Tão de contente a mirar.

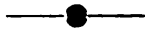
«Que novas me traz, cavalleiro,
 Que novas traz p'ra me dar?
 —Novas vos trago, senhora,
 Má nova é de contar...
 Vosso marido é morto,
 Caiu no areal;
 Rebentou-lhe o fel no corpo.
 Em duvida de escapar;
 Se o quereis inda ver vivo,
 Tratae já de caminhar!

Cobriu o seu manto preto,
 Começou de caminhar;
 Ao pranto que ella fazia
 O chão fazia abrandar.
 Tres Infantes atraz d'ella
 Sem a poder alcançar.
 Chegando á freguezia
 Começou de perguntar:
 Chegando aonde elle estava
 Começou de prantear.

—«Isto são ais da Infanta,
 Quem tal nova lhe foi dar?
 Calae-vos, minha mulher,
 Não me dobres o meu mal;
 D'aqui não vos ficam filhos
 Que vos custem a criar;
 Sondes menina e moça
 Vos tornareis a casar.

Pegam na mão um ao outro.
 Ambos foram acabar.

—Toquem-me harpas e violas
 E sinos á reveria,
 Para entrar a senhora,
 Senhora Dona Maria.
 «Já me não chamem senhora,
 Senhora Dona Maria,
 Chamem-me triste coitada
 Apartada de alegria,
 Que lhe morreu o seu bem
 Capitão de infantaria;
 Elle não morreu em guerra,
 Nem batalha que trazia,
 Morreu no areial
 De poços e agua fria.



O Casamento mallogrado

(Variante da liha de S. Jorge)

Casadinha de oito dias,
 Sentadinha á janella,
 Vira vir um cavalleiro
 Com cartinhas a abanar:

«Que trazeis vós, cavalleiro?
Que trazeis p'ra me contar?

—Senhora, trago-vos novas
Muito caras para as dar.

«Quando vós de as dares,
Que farei eu de aceitar!

—Vosso marido cafu
No fundo do areal;
Rebentou-lhe o fel no corpo,
Está em risco de escapar!
Se o quereis achar vivo,
Tratae já de caminhar.

Cobrira-se com o seu manto,
Tratara de caminhar;
As servas iam traz ella,
Cuidando de a não alcançar
O pranto que ella fazia
Pedras fazia abrandar.
Respondeu-lhe o marido
Do lugar aonde estava;

—Calae-vos, minha mulher,
Não me dobres o meu mal,
Tendes pae e tendes mãe,
Podem-vos tornar a levar;
Ficaes menina e môça,
Podeis tornar a casar.

«Esse conselho, marido,
Eu não o heide tomar;
Heide pegar n'umas contas,
Não farei fim a resar.

—Abri lá esse portão,
O portão da gallardia,
Para a senhora entrar,
Senhora Dona Maria.

«Chamem-me triste viuva,
 Apartada de alegria!
 Que me morreu um cravo
 A quem eu tanto queria.
 Elle não morreu na guerra,
 Nem em batalha vencida;
 Morreu, morreu cá em terra
 N'um pôço de agua fria.

—●—

Novas ruins

(*Versão de Sergipe — BRASIL*)

Estava em minha janella,
 Casada com oito dias;
 Entrou uma pombinha branca,
 Não sei que novas trazia.

—São novas ruins de chorar!
 Teu marido está doente
 Nas terras de Portugal;
 Caiu de um cavallo branco,
 No meio de um areal;
 Arrebentou-se por dentro,
 Corre o risco de finir.

9

LA CANTIGA DEL MIRANDUM

(*Em dialecto mirandez — TRAZ-OS-MONTES*)

Mirandum se fui a la guerra,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella;
 Mirandum se fui a la guerra,
 Num sei quando benerá,

Se benerá por la pasqua,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella :
 Se benerá por la pasqua,
 Se por la trenidade.

La trenidade se passa,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 La trenidad se passá,
 Mirandum num bene iá.

Chubira-se a hũa torre,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 Chubira-se a hũa torre
 Para ber se lo abistaba.

Bira benir um passe,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 Bira benir um passe,
 Que nobidades trairá ?

Las nobidades que tráio
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 Las nobidades que tráio
 Bos ande fazer chorar.

Tirae las colores de gala,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 Tirae las colores de gala, ¹
 Que lhuto heis de botar.

Que Mirandum iá ié muerto,
 Mirandum, Mirandum, Mirandella ;
 Que Mirandum iá ié muerto,
 Jou bien lo bi anterrar,

¹ Variante, ap. Moraes Ferreira, *Dialecto Mirandês*, p. 20 :
 Ponei bestidos de lluto

Antre quatro ouficiaes,
 Mirandum, Mirandum. Mirandella ;
 Antre quatro ouficiaes
 Que lo ibam a lhobar. ¹

10

Á VICTORIA DE SALSETE

(Versão de Góá — Ap. Couto)

Pelos campos de Salsete
 Mouros mil feridos vão ;
 Vae-lhes dando no encalso
 O de Castro Dom João,
 Vinte mil eram por todos

11

DESPEDIDA DE LISBOA

(Versão de Coimbra)

Dom João, que Deos guarde.
 Aviso mandou ao mar,
 Que se aparelhasse o Conde
 Para uma manhã largar.
 O Conde se aparelhou
 De uma maneira tão bella !

¹ Vem mais esta strophe supracitada. Tem modificações graphicas.

Era meia noite em ponto,
Deitou o tiro de leva.
Deitaram a lancha a terra
Para a maruja embarcar,
Uns abordo, outros na praia,
Outros na lancha a chorar.
Deitaram novos apitos
Encaatoados em ouro :
Oh que bello cammandante
Que leva o real thesouro !
Deitaram novos apitos
Encastoados em prata ;
Oh que bello commandante
Que leva a real fragata !
Deitaram novos apitos
Encastoados em latão ;
Oh que mestre e contra-mestre,
Tão malvado guardião.

Adeus oh Beiao Antonio,
Melhor cousa de Lisboa !
Deus nos leve a salvamento
A esta corveta bôa.
Adeus oh Caes do Tojo,
Aonde está o cativo ;
Eu me encommendo ao santo
Que me livre d'este perigo !
Adeus Fundição de cima
Do armamento d'el-rei ;
Eu cá vou n'esta viagem,
Não sei quando tornarei.
Adeus oh Venda do pezo,
Onde se vende o azeite ;
Adeus Praça da Figueira,
Adeus saloias do leite.
Adeus oh Casa da India,

Despacho do alcaide;
 Adeus, oh caixões de assucar,
 E o faiante do torrão,
 Adeus, Terreiro do Paço,
 Adeus do Paço Terreiro,
 Adeus. Memoria real
 Que és de Dom José Primeiro.
 Adeus tamhem, Arsenal
 Onde se fazem navios,
 Adeus Escaler real,
 E's fama dos algarvios,
 Adeus, adeus, Corpo Santo,
 Armazem dos pucarinhos,
 Adeus oh moças bonitas,
 Adeus, quartilhos de vinho.
 Adeus, castellos e torres
 Da cidade de Lisboa,
 Que eu cá vou n'esta viagem
 Na Corveta Nova Gôa.

—●—

Dom Joaquim

(Versão do — ALGARVE)

Sua Alteza, que Deus guarde,
 Aviso ao mar mandaria;
 Que se aparelhasse a armada
 Para largar no outro dia.
 A armada se aparelhára
 Com extrema galhardia;
 Meia noite, que era em ponto,
 Dom Joaquim já não dormia.
 Mal o sol vinha raiando,
 Tudo já manobraria:
 Tirára peças de leva
 Em signal de que saía.

Saindo de barra em fóra,
 Quando já terra não via,
 Forte armada avista ao longe,
 Que em todo o mar se estendia.
 Uma á outra se chegára
 Pelo pinto do meio dia,
 A batalhar se pozeram
 Cada qual com mais porfia ;
 A salva que o pèrro dava,
 Tudo era mosqueteria ;
 Muito tempo já durava,
 Nem um nem outro vencia ;
 Dom Joaquim quasi perdido
 Sem saber o que faria,
 A um Santo Christo abraçado,
 De pôpa á prôa dizia :

— Deus do céo, que me estaes vendo,
 Filho da Virgem Maria ;
 Não permittaes, Deus bemdito,
 Que vamos dar á Turquia !

Palavras não eram ditas,
 Sua voz o céo ouvia,
 Pois passado pouco tempo
 O rei moiro se perdia.
 As galés que elle trouvera
 Todas lo mar engolia ;
 De quatrocentas e oitenta
 Uma só lhe escaparia,
 Essa co'o leme quebrado,
 E a pôpa em grande avaria ;
 Com a bandeira de rastos
 Em desprezo dá Turquia.

— « Que nobre armada era aquella,
 Que tão briosa vencia ?

Commandava-a Dom Joaquim,
Mais valente não a havia.

Já voltava ás suas praias
Com soberba galhardia.
O pèrro moiro vencido
Com muita magoa dizia :

— Não se me dá das galeras,
Nem do que n'ellas havia,
Dá-se-me da minha gente,
Que era la flor de Turquia,
E mais de uma filha môça,
Que era a estrella do meu dia !



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Náo que vae á guerra

(Versão do Porto da Cruz)

— Adeus, vós mãe da minh' alma,
Que já não torno a vêr ;
Lá vae esta náó á guerra
Pelejar até morrer.

Oh, que chôro vae na praia !
Embarcam los navegantes ;
Choram las mães pollos filhos,
Las môças pollos amantes.
Todos são rapazes novos
Que vão á guerra do mar ;
Homens velhos já não podem
Tamanhos p'rigos passar.
Quando já, de mar em fóra,
Capitão terra não via,

Mandou pol la gente prompta,
Safar sua artilheria ;
Porque lá longe avistára
Galera da Grã-Turquia.
Perguntou lo capitão :

—Quem trazeis em companhia?

Ella de lá respondeu :
Que arrenegados trazia.
Elle, c'um Christo nos braços,
De pôpa a pròa dizia :

«Soides neto de Sant'Anna,
Filho da Virgem Maria :
Não deixeis los moiros pèrros
Em pontos de galhardia,
E nós, que somos christões,
Em pontos de cobardia.

E chegaram-se uma á outra,
Uma e outra á porfia ;
Entraram de combater.
Uma nem outra vencia :
Tanto era de cabeças.
Que no convés não cabia,
Já tanto era de sangue
Que todo lo mar tingia ;
La bandeira andava arrastos,
Só la pôpa combatia...
Esta náó, que foi p'ra guerra,
Já na peleja morria.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Dom João da Armada*(Versão da Ribeira do Nabo — Ilha de S. Jorge)*

Sua alteza, a quem Deus guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para de noite largar.
Dom João se aparelhou
N'uma fragata mui bella,
Para em pino do meio dia,
Pegar e largar á vela.
Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra companhia se ajuntar,
Que queria dar á vela.
Uns a saltarem para bordo,
Outros no caes a chorar,
Com saudades da terra
Não ousavam embarcar.

—Deixae-vos ficar em terra,
Homens de maior idade,
Deixae ir a mancebia,
Que vae para o mar brigar.
A partida da galera
Houve taes gritos e chòros!
Capitão e Commandantes
Todos se encheram de dores.
Entrando pelo mar dentro,
Ouviram grandes terrores:

Eram Mestres, Contra-mestres
 Amostrando os seus valores.
~~Indo mais pelo mar fóra~~
 Ouviram tinos de prata :
 Oh que rico commandante,
 Leva esta real fragata !
 Indo mais pelo mar fóra
 Onde terras se não viam,
 Chegou a armada uma á outra,
 Lá em pinos do meio dia.

—Dize-me, alferes da bahitante,
 Que na retagurda vinha,
 Dize-me, alferes habitante,
 Galeras que traz Turquia ?
 «Se me perdôas a morte,
 Dom João, eu t'ô diria ;
 Novecentas e oitenta
 Galeras, que traz Turquia.

Pegara em Jesus nas mãos,
 De pôpa á prôa dizia :

—Sondes neto de Santa Anna,
 Filho da Virgem Maria !
 Vós, Senhor, não permittaes
 Que eu vá parar á Turquia,
 Nem permittaes que alperros
 Se encham de valentia ;
 Nem os fracos portuguezes
 Se encham de cobardia.

Chegou a armada uma á outra,
 Lá em pinos do meio dia !
 As ballas que lhe atiravam
 Tornavam-se mosquetaria ;

As que Dom João lhe atirava
Eram de grande valia.
As cabeças pelos áres
A luz do sol encobriam.
Oh, Jesus! oh tanto sangue,
Nem um pingo de agua havia!
Mandou a gageiro acima
Para vér que descobria?
O gageiro lá de cima
Que em altas vozes dizia:

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras, com alegria!
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Leva a bandeira de rasto,
A pôpa atraz rendida;
E rendida traz a pôpa
Só para desprezar Turquia.

Ainda a Náo não apontava
Lá na barra de Lisboa,
Já diziam: Vem a armada
Com o sceptro mais a corôa.

— Dize-me, Alferes da bitante,
Que na rerta-guarda vinhas,
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi Dom João, rei da armada,
Que é o rei da valentia.
Capitão e Commandantes
Vâmo-nos para a Turquia,
Vâmos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.

“ **Dom João, Rei da Armada**

(Variante da Ribeira d’Arelas — Ilha de S. Jorge)

Dom João se preparou
N’uma fragata mui bella!
Atirou peça de leva,
Que queria gente n’ella.

— Oh, homens do mar mais velhos,
Não vos queiraes embarcar;
Deixae ir a mancebia
P’r’o meio do mar brigar!

Oh, que chôro vae no porto,
Apartamento no caes;
Choram os paes pelos filhos,
Não os tornam a vèr mais.
Oh, que chôro vae no porto
Ao partir das mareantes;
Choram as mães pelos filhos,
As sécias pelos amantes.
Oh, que chôro vae no porto,
Ao embarcar dos soldados;
Choram os paes pelos filhos,
As sécias p’los namorados.
Ao ir das lanchas a bordo
Ouviu-se grandes terrores:
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus amores.
A içar pannos acima
Com seus apitos de prata!
Oh que ricos mandadores
Traz esta real fragata.
Já estavam em mar largo,
Onde terras não havia:

—Acima, acima, gageiro,
 Vae vêr o que descobria!
 «Gageiros da nossa Não
 Alimpem a artilharia,
 Que aqui para a nossa Não
 Vem uma combataria.

Aonde vinha um *belchor* (elche?)
 Que na retaguarda vinha:

1 —Dize-me tu, oh *belchor*,
 Que navios traz Turquia?
 «Se Dom João me perdôa,
 Eu tudo lhe contaria!
 Novecentas e oitenta
 Galeras traz a Turquia,
 Fóra doze náos de linha
 Que trazem a fidalguia.
 Pegara em Jesus nos braços,
 Da ré p'ra prôa dizia:

—Vós sois neto de Santa Anna,
 Filho da Virgem Maria!
 Vós não permittaes, Senhor,
 Que morra tal christandia!
 Morram esses mouros pèrros,
 Bem cheios phantazia.

O que elles de lá botavam
 Tornou-se em mosqueteria;
 O que elle de cá botava
 Lindo emprêgo fazia.

Pelas duas horas da tarde,
 Passado do meio dia:

—Acima, acima, gageiro!
 A vêr o que descobria!

O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia :

- «Tanto sangue derramado,
Já nenhuma agua havia !
Cabeças por esses áres
Sol e lua encobriam.
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia ;
Leva os seus mastros quebrados,
Suas vellas vão rendidas,
Leva bandeira de rastos
Só p'ra desprezar Turquia.
—Leva novas leva novas,
Micheriqueira afamada,
Leva novas a el-rei Turco,
Que sua armada é tomada.
—«Eu não se me dá dos navios,
Eu outros de páo fazia,
Dá-se-me da gente d'elles
Que era a flor da bizzarria.

Dom João mal apontava
Contra a barra de Lisboa :
=Já lá vem Dom João da Armada,
Traz o sceptro mais a corôa.

Batalha de Lepanto

(Variante de Vellas — Ilha de S. Jorge)

Sua alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.

O Conde se aparelhou
Deuma maneira tão bella !
Pela meia noite em ponto
Atirou peça de leva,
As lagrimas eram tantas
Em riba d'aquelle caes ;
Choram as mães pel s filhos
Que vão para nunca^o mais !
Chegando á dita Náo
Ouviram grandes terrores ;
Eram mestre contra-mestre
Amostrando os seus valores.
Oh que rico Commandante
Leva esta real fragata,
Tocando novos apitos
Encastoados em prata.
Oh que rico Commandante
Leva este real thesouro,
Tocando novos apitos
Encastoados em ouro.
Caminhara Dom João
Na sua viagem seguida ;
Era meio dia em ponto
Mandou gageiro acima,
O gageiro subiu logo
Para vêr que descobria ;
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia :

«Safa, safa, Dom João,
Safa a tua artilheria,
Que aqui vem tamanha armada
Que o sol e a lua encobria.

Dentro da mesma armada
Um arrenegado vinha ;

Empenhando as suas barbas,
 Dom João lh'o pagaria !
 Dom João que tal ouvira
 De tristeza se cobria ;
 Pega em Jesus nos seus braços,
 De pôpa á prôa corria :

—Sondes neto de Santa Anna,
 Filho da Virgem Maria ;
 Não permittaes vós, Senhor,
 De eu acabar em Turquia !
 Não permittaes que os mouros
 Se encham de phantasia ;
 Não queiraes que os vossos filhos
 Se encham de cobardia !

Chegou a armada uma á outra
 Em pino do meio dia ;
 A fumaria era tanta,
 Nem uns, nem outros se viam.
 Bala que Dom João botava,
 Era de ferro, rendia ;
 Bala que elles deitavam
 Tornava-se em mosquetaria.
 A sangreira era tanta
 Que pl'os embornaes corria.
 Era tanta a gente morta,
 Os navios empeçariam,
 De setecentos e oitenta,
 Só uma galera havia ;
 Com os seus mastros quebrados,
 O seu garupés rendido ;
 Com a bandeira de rastos
 P'ra desprezo da Turquia.
 Chegando á sua terra
 Ancoram em francaria ;

O seu rei que o ouvira,
Pergunta que succedia.

«Foi o Dom João da Armada
Que a todos meteu a pique.

O rei lhe respondeu :
— «Não se me dá dos navios,
Eu outros melhor faria ;
Dá-se da minha gente,
Que era a flor da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia ?
«Foi o Dom João da Armada,
Que era o rei da valentia.

A Náo de Dom João

(Versão da Ilha de S. Miguel)

O nosso Rei Dom João
Aviso mandou p'r'o mar,
Que se preparasse o Conde
Para á noite vogar.
O Conde se preparou
D'uma maneira tão bella,
Era meia noite em pino,
Logo deu peça de leva.
Tocam os clarinetes
Encastoados em prata ;
Oh que lindo mandador
Leva esta real fragata.

— Esta lancha vae de bordo,
Vae de bordo, arreou vela,

Quando Vossa Alteza queira
 Pode vir a bordo d'ella.
 «Os meus marinheiros novos
 Bem se pódem despedir ;
 Esta manhã em que estamos
 Esta Não hade partir.

Uns a embarcar para bordo,
 Outros no caes a chorar,
 Com saudades da terra,
 Sem se poderem apartar.
 Era meia noite dada
 Foi quando a náó partia ;
 Ainda o sol não era nado
 Já vista a terra perdia.
 Avistaram uma náó
 Que meio mar encobria ;
 Pelos signaes que lhe davam
 Parecia da Turquia.
 Quando o Conde ouviu a nova,
 De tristeza se cobria ;
 Andava de pôpa á prôa
 Abraçado com o Menino :

—Vós sois neto de Santa Anna,
 Filho da Virgem Maria ;
 Não permitaes, meu Menino,
 Morreremos contra a Turquia.
 Não deixeis o pèrro Mouro
 Na mais alta valentia ;
 Não deixeis os vossos filhos
 Na mais baixa cobardia.

Chegam-se as náos uma á outra,
 Era em pino do meio dia,
 Pegaram-se a combater
 A qual mais combateria.

Tres dias eram findados,
 Nem um nem outro vencia ;
 Era tanta a fumaceira,
 Nem uns nem outros se viam.
 Era tanta a sangreira
 Que pelos embornaes saía ;
 Era tanta a mortandade
 Que as náos entorpecia.
 Tres dias eram findados
 Nem um nem outro vencia !
 Subiu gageiro ao tópo,
 Desceu com muita alegria :

«Victoria ! senhor, victoria !
 Victoria contra a Túrquia !
 Cento e oitenta náos,
 Só uma escaparia ;
 Já leva os mastros 'rubados,
 A sua pôpa rendida ;
 Ella vae andando breve,
 Fazendo grande marezia,
 Pela noite vae dar fundo
 Ao porto da Barbaria.

Perguntou o pèrro Mouro
 O que era acontecido ?
 Respondeu o Almirante,
 Que nada tinha vencido :

—Parabens dou á fortuna
 Em de todo não morrer ;
 Com a Náo de Dom João
 Ninguem se vá combater.

Cento e cincoenta náos
 Só uma escaparia,

Suas velas traz de arrasto
 P'ra desprezo da Turquia

— Nada se me dá das náos,
 Que outras melhores faria,
 Dá-se-me da minha tropa
 Que era a flor da Turquia!
 Oh Mafoma desgraçado,
 Não tens nenhuma valia,
 Todo o bem que eu te quizera
 Em raiva se tornaria.

11

TERREMOTO DE VILLA FRANCA DO CAMPO

(Lição do Dr. Gaspar Fructuoso — Seculo XVI)

Em villa Franca do Campo,
 Que de nobre precedia
 Na Ilha de San Miguel
 A quantas villas havia;
 Era de mil e quinhentos
 E vinte e dois que corria,
 Vinte e dois dias de outubro,
 Quarto da lua seria;
 Correu a terra de um monte
 Que da alta serra pendia,
 É com ímpeto furioso
 Sobre a villa se estendia.
 Allí começa a dar gritos
 A gente que se affligia;
 D'elles chamavam por Deus,
 D'elles por Santa Maria.

Quando chegou a manhã
Nenhum d'elles perecia ;
Todos cobertos de terra,
E de grande penedia,
Que correu d'aquella serra,
Que sobre a villa jazia !
Essa gente que escapara,
Como pasmada morria.

Outra que viva ficava,
Vivendo assi, não vivia.
Aqui chega Frei Affonso,
E com a tocha que trazia,
Da Ordem de San Domingos
De Toledo reluzia,
Esse Padre glorioso
Que da gloria parecia.

Para consolar o povo,
Assim fallava e dizia :
—Confessae-vos, irmãos meus,
Emquanto vos tem o dia.

Resae todos o rosario
Da Virgem Santa Maria ;
Edificae-lhe uma Casa,
Indo a ella em romaria ;

Tomae-a por valedora,
Que ella por vós rogaria,
Tende n'ella confiança,
Que certo vos valeria.

Não acaba de fallar,
Quando a Casa se fazia,
Uns acarretando pedra,
Outros madeira á porfia.
Trabalham môços e velhos,
Pessoas de gram valia ;

Até as nobres mulheres
 Serviam sem fantazia.
 Trazem telhas e telhados,
 Que no arrabalde havia,
 Como formigas ligeiras
 Andam a quem mais faria ;
 Tanto que em poucos dias
 A Ermida já servia ;
 Já celebram missa n'ella,
 Já lá vão em romaria.

12

DERROTA DE ALCACER - KIBIR

*(Toada tristissima que se cantou do infelice successo
 desta batalha — Lição de Caminha)*

Postos estão frente a frente
 Os dois valorosos campos,
 Um d'elles é de Maluco,
 Outro de Sebastiano.
 Mõço animoso e valente,
 Robusto, determinado,
 De pouca experiencia
 E não bem aconselhado.
 Quando os Mouros sem conta
 Sua hoste vão cercando,
 Que para qualquer dos seus
 Cabem mais de vinte e tantos ;
 Ardendo em fogo seu peito,
 Arde por lhes pôr a mano ;
 Pensa que todos são nada ,
 Da peleja sóta o bando.

Brama, que invistam os Mouros
E o exercito contrairo,
Já se vão chegando perto
—A elles! — diz : San Thiago!
Dispara a artilharia;
A nossa, mal disparando,
Chovem balas, chovem mortes,
Setas e mosquetãos!
Empunham picas os Mouros,
Já fogem todos rodando,
Os Ventureiros — Victoria!
Pregõam com applauso grande:
Que mataram a Maluco,
E o ha levado o diabo,
Porque junto á sua liteira
O passaram d'um balazio.
E entre tanta artilharia
Bandeiras mil se ganharam,
Com tão pujante victoria
Que semelhou a milagre!
Porém, por peccados nossos
O gosámos pouco espaço,
Que a socorrer a retaguarda
A dianteira ha passado.
Que já pelos lados todos
E' vanguarda o nosso campo,
E com o sangue dos mortos
Está feito um grande lago.
Todo o anda o bom Rei,
Dando mortes, mui galhardo,
De sangue a espada tinta,
Lança rota e sem cavallo;
Que o seu, passado o peito,
Já não pode dar um passo.
A Jorge d'Albuquerque pede
Lhe dê um ruço esforçado.

Dá-lh'ó de boa mente,
 E o Rei cavalga de um salto ;
 Vê-o o Rei como jaze
 De espaldas, quasi expirando.
 Porém, lhe diz que se salve,
 Pois roto é todo em pedaços ;
 E o Rei se vae aos Mouros,
 Aos Mouros Sebastiano.
 Busca a morte com dar morte,
 Sebastiano o Lusitano,
 Dizendo : — Agora é a hora
 Que *Un bel morir tuta la vita honora.*

13

TROVAS DO RAMALHÃO

(Versão de Lisboa — 1822)

A Quinta do Ramalhão
 Ditosa se hade chamar ;
 Escondeu-se dentro d'ella
 Uma pessoa real.
 A nossa Rainha-Mãe
 Fugiu para o Ramalhão,
 Por não querer assignar
 A nova Constituição :

«Dos deputados não fallo,
 Só de vós é que eu me queixo ;
 Assignastes o decreto,
 Por isso é que eu vos deixo.
 —Dizes bem, esposa minha,
 Eu chorando assignei !

Sei o que tenho passado,
Não sei o que passarei;
No meio d'estes malvados
Sou João, não sou rei.
«Eu assignar, não assigno,
Inda que torne ao degredo:
Que eu tenho meu irmão rei,
Tenho meu filho Dom Pedro.
Grande magoa vae commigo,
Entre suspiros e ais,
Vou cumprir o meu degredo,
Vós no degredo ficaes.

IV

ROMANCES SACROS E DEVOTOS

§ I— *Cyclo evangelico popular*

(Natal — Resurreição — Paixão)

1

PRINCIPIO DO MUNDO

(*Versão de Porto da Cruz — MADEIRA*)

Era Deus no principio,
E tudo crear pensou ;
Céo, terra, agua e fogo,
Tudo do nada creou ;
E, assim que fez lo mundo,
Tambem lo homem formou :
Fel-o do barro da terra,
Que sua mão amassou.
Este foi lo pae Adão,
Que logo triste ficou,
Porque Deus no paraiso
Tão sósinho lo deixou ;
E vae Deus, compadecido,
Fundò somno lhe mandou ;
E d'uma costella d'elle
Nossa mãe Eva tirou.
Só da Arvore da Vida
Los fructos Deus lhe quitou ;
Que nunca d'elles comessem
Por lei divina mandou.

Mas contra este preceito
 La Serpente los tentou ;
 Comeu Eva, come Adão,
 Lo peccado começou,
 E cada um d'elles dois
 Logo sentiu que peccou
 Escondeu-se repellido,
 Suas vergonhas tapou ;
 E, d'ali desaforado,
 Servo da morte ficou ;
 Eva pariu na dor,
 Trabalhos Adão penou.
 Geração de ambos nacida
 Pola terra se espalhou ;
 E dos filhos do peccado
 Lo mundo se povôu ;
 E por filhos e por netos
 Este peccado se herdou ;
 Mas Jesus na Cruz morreu
 E nos remiu e salvou.

2

OS SETE SACRAMENTOS

(*Versão de Lagos*)

Todos quantos ha no mundo,
 Oh, valha-me Deus!
 Todos são filhos de Adão;
 Oh, valha-me Deus!
 E a vossa Paixão.
 O crime de Adão causou,
 Oh, valha-me Deus!
 Toda a nossa perdição,
 Oh valha-me Deus!
 E a vossa Paixão.

Ficou-nos os Sacramentos,
Oh, valha-me Deus!
Para nossa salvação.
Oh, valha-me Deus,
E a vossa Paixão.

O primeiro é o — Baptismo,
Oh, valha-me Deus!
Para nossa remissão.
Oh valha-me Deus!
E a vossa Paixão.

Segundo é — Confirmação,
Oh, valha-me Deus!
Para nossa perfeição.
Oh valha-me Deus,
E a vossa Paixão

O terceiro é — Communhão,
Oh, valha-me Deus!
P'ra nossa sustentação.
Oh valha-me Deus!
E a vossa Paixão.

O quarto é a — Penitencia,
Oh, valha-me Deus!
Que os Confessores nos dão.
Oh valha-me Deus!
E a vossa Paixão

O quinto é — Estrema-uncção,
Oh valha-me Deus!
Para o enfermo christão.
Oh valha-me Deus
E a vossa Paixão,

Santo sacramento é — Ordem,
Oh valha-me Deus!
Aos sacerdotes se dão.
Oh valha-me Deus!
E a vossa Paixão.

O septimo sacramento,
 Oh, valha-me Deus !
 P'ra casados é que são.
 Oh valha-me Deus !
 E a vossa paixão.

6

ANGELINA GLORIOSA

(Versão de Porto da Cruz — MADEIRA)

—Angelina gloriosa,
 D'aonde Christo naceu,
 Contae como lo Senhor
 Hi viu luz e padeceu.
 «Vi lo Anjo Graviel
 Perguntar polos pastores :
 =Oh pastorinhos, bom dia,
 Muito bom dia, pastores ;
 A Deus gloria no céo,
 A todos paz, alegria ;
 Bemdito filho pariu
 La santa Virgem Maria. =
 Eu vi tambem los Reis Magos,
 Cada qual com seu thesouro,
 A offerecer ao Menino
 Incenso, myrrha e oiro.
 Mui despois lá vi tambem
 Lo santo Christo Jesus,
 A tres cravos cravejado
 No santo lenho da Cruz.
 E vi n'aquelle Calvario
 Las tres Marias lá estar,
 Los olhos póstos no céo,

Nas continhas a resar.
E vi João, Madanella
Com toalha de alimpar,
Em busca de Jesus Christo,
E lá lo foram achar.
Jesus disse :—«Tem-te, tem-te,
Madanella, deixa estar ;
Que estas são las cinco chagas
Que por mim têm de passar.»
E lo vi, por fim, em Roma,
Lumiado no altar,
No santo calix da missa
Na hostia se alevantar.

(Versão de Carrazeda de Anciães)

Angelina, Angelina,
Formosa como uma rosa,
Quando o dia apparecia
Chamava pelos pastores :

—Oh pastores, oh bom dia,
Bom filho pariu Maria,
Com trez dias de alegria.
Quatro anjos a guardavam,
San Lucas e San Matheus
E tambem o senhor Deus,
Que nos guarde
E a Virgem Maria,
E tudo quanto temos
De noite e de dia ;
E ande sempre
Na nossa companhia.
Padre Nosso e Ave-Maria.

4

NOITE DE NATAL

(*Versão de Castello de Neiva — MINHO*)

Pela noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vae José,
Caminhando vae Maria,
Ambos de dois p'ra Belem
Mais de noite que de dia ;
E chegaram a Belem,
Já toda a gente dormia.

--Porteiros, abri a porta,
Porteiros da portaria.

A porta não quiz abrir
A gente que não conhecia :

«Delatem-se ahi, senhores,
Até que appareça o dia ;
Comam d'essas ervas verdes,
Bebam d'essas aguas frias.

E José foi pelo lume,
Que elle temor lhe fazia ;
Quando José veiu c'o lume
Já a Virge estava parida,
Tal era a sua pobreza,
Que de pannos se temia ;
Deitou a mão á cabeça,
Tirou um véo que trazia,
E em trez p'daços o fez
E Jesus Christo encobria.

Jesus Christo vae chorando,
Sua mãe chorando ia :

- «Porque chora, minha mãe?
Porque chora, madre mia?
Se chora pelos meus pannos,
Para mim pannos havia.
—Choro pelos peccadores,
Que tantos no mundo havia.
—«Aqui tem meu corpo santo,
Que na cruz o pregaria.

E veiu um anjo do céo
Resando uma Avé-Maria.
Perguntou o Padre Aterno :

- =Como ficou lá a parida ?
«—A parida ficou boa,
N'uma sarja recolhida.
=Uma sarja não é nada
Para o que ella merecia ;
Lá se fará um mosteiro
Todo de pedra ladrilha.

San João a arrenguingal-a, (arrancal-a)
E San Pedro a retornal-a, (pical-a)
Antre almenda e almenda
Trez mil anjos ahi estavam. ¹

Quatro cousas tem Nosso Senhor,
Todas quatro a um mandado ;

(¹) Na primeira estava Deus,
Na segunda Nossa Senhora ;
Na terceira estava San Pedro
Na ultima o senhor Santhiago.

A primeira é este mundo
 Com que nos traz enganado ;
 A segunda o Purgatorio,
 Onde se purga o peccado ;
 A terceira é o Inferno
 P'ra onde vae o condemnado.
 — Quem esta Oração souber
 Diga-a quatro vezes ao dia,
 No tempo da quarentena
 Tira quatro almas da culpa e pena :
 A primeira será a sua,
 A segunda de seu pae,
 A terceira de sua mãe,
 A quarta de quem bem fizer,
 Ou do melhor amigo que tiver.

(Versão de Amarante)

N'esta noite de natal,
 Noite de grande alegria,
 Caminhava San José
 E mais a Virgem Maria ;
 Caminhavam p'ra Belem,
 P'ra lá chegar com de dia.
 Quando a Belem chegaram,
 Já meia noite seria.
 San José foi buscar lume
 Por ser p'ra Virgem Maria.
 Quando San José chegava
 Já o filho da Virgem nascia ;
 Nasceu entre umas palhinhas,
 Que nem uns panninhos teria ;
 Deitou as mãos á cabeça
 O' toucado que trazia,
 Fêl-o em quatro pedaços,
 O Menino Deus cobria.

Desceu um anjo á terra
 Que panninhos lhe trazia ;
 Uns eram bordados a ouro,
 Outros de cambraia fina.
 Foi o anjo para o céo
 Cantando Ave-Maria !
 E no céo lhe perguntaram :

—Como ficou tal Maria ?
 «A Maria ficou boa,
 Na sua cella recolhida,
 Que lhe fizeram carpinteiros
 Da divina carpint'ria,
 Obra do Padre Eterno,
 Por ser p'ra Virgem Maria.
 Gloria seja a Deus filho,
 E a Deus Padre tambem :
 Gloria seja ó Sprito santo
 Por todo o sempre, amen !

(Versão gallega)

Caminando vai José,
 Caminando vai Maria,
 Caminando vai José
 Pra ver se chega con dia.
 Cuando llegan a Belen
 Toda la gente dormia ;
 Fueronse a arrumar
 A un pie de agua fria.

«Abre las puertas, portero,
 A José y a Maria.
 —Como he de abrir las puertas,
 Si las llaves no tenia ;

Si las tuviese de oro
 De prata no las daria ;
 Estimaba de saber
 Cuando el niño nacia.

Cuando era alta noche
 El niño nacido habia,
 Un hijo como un cristal
 Que solo un dios parecia.

Pasó por alli San Juan,
 Y la bendita Madlena:

—Como vais, Virgem parida ?
 Como vais, Virgem doncela ?
 «A mi me vai ben, San Juan ;
 No digo de no tener pena
 Por ver al hijo de dios
 Nado em tanta pobreza,
 Sin tener en que lo embolva
 Si no en una poca de yerba ;
 El buei manso se la yunta,
 La mula bien se la lleva.

Bajó el angel del cielo,
 Que lindos paños traía ;
 Unos eran de bretaña,
 Otros de olanda fina.

(*Versão do Alemtejo*)

A Virgem vae caminhando
 Por aquella serra escura ;
 Lá p'r'o meio do caminho
 Se ha espantado a mula.
 A Virgem a amaldiçôou:

«Maldita sejas tu, ave!»

O Niño ha respondido:

—La pluma e non la carne;
Porque la carne se come
Y la pluma leva-a o ár.

A Virgem vae caminhandu,
Caminha para Belem,
Lá p'r'ó meio do caminho
O Ninho lhe pediu agua,

«Menino, não pidas agua,
Que se não pode beber.

Além mais a delante
Ha um grande laranjal,
O guarda que lo guarda
E' cego no puede ver.

«Cego, dá-me uma laranja
P'ra este Ninho entreter!»
Cego ha respondido:
—Leve osté as que houver mister.

A Virgem, por mais humilde,
Não colheu mais que trez;
Uma que deu a seu Ninho,
Outra a seu esposo San José,
Outra que levou na mão
P'ra seu Niño se entreter.
Entre as portas de Belem
Está uma arvore de Jassé,
Com'mas letrinhas que dizem:
Jesus, Maria, José.
Esta noite é noite buena,
Não és noche de dormi:
Que está a Virgem de parto,
A' las doze hade pari.

Hade parir um infante
 Ruvio, branco e calorau ;
 Hade ser um pastorito
 P'ra guardar o seu ganau.

A' las poertas de Belem
 Hacem lumbre los pastores,
 Para acalhentar o Menino
 Que ha nacido entre as felores.
 Entre as portas de Belem
 'Stá um Menino deitado,
 E' o filho de Maria
 P'los pastores ádorado.
 Já la vêem os pastores
 Mais a preta e a cigana,
 A adorar o Deus-menino
 Que é Jesus, neto de Anna.
 O Menino está na neve,
 A neve o faz tremer :

—Meu menino. da minha alma,
 Quem vos podera valer
 Com sopinhas da panella
 Sem a minha mãe o saber.

(Versão de Traç-os-Montes)

Lá se bai Nossa Senhora
 D'Agito para Belem,
 Leba seu ninho nos braços,
 Que é Jesus de Nazarã.
 Lá no meio do caminho
 O ninho pediu de comer.
 Lá adiante está ũa horta,
 Que ricas maçanas tem ;
 O guardador que a guarda
 É cego e num bê bem.

«Dá-me uma maçana, cego,
 Para este ninho comer.
 —Entre lá, minha senhora,
 Colha as que você quizer.

O ninho come a maçana
 E o cego impeça a ber.

«Quem te deu a bista, cego?
 Quem te deu tão grande bem?
 —Deu-m'ó Nossa Senhora
 E o Menino que ella tem.

—●—

O Presepio

(Versão de S. João d'Airão)

Este dia de Janeiro,
 Por ser o dia primeiro,
 É de grandes merecimentos
 Onde Deus passou tormentos.
 Os tormentos são passados
 Jesus Christo derramado.
 Lá vem a estrella da guia
 Onde a Virgem pariria;
 Foi parir a Belem,
 A uma propria mangedoura,
 Mangedoura do boi bento,
 Onde o boi bento comia;
 O boi bento aquentava
 E a mula arrefentava.

—Maldição te boto, mula,
 Que não páras vez alguma,
 É alguma que parires
 Não veja sol nem lua.

Caminho de Belem

(Versão de Loulé)

Quando San José partiu
E mais a Virgem Maria,
Andavam tanto de noite
Como p'la força do dia.
Quando chegaram a Belem
Já toda a gente dormia;
Viram uma lapa aberta,
Entrou a Virgem Maria.
San José foi buscar lume,
Porque lume não havia;
Quando San José voltou
Já o Menino nascia.
Uma mula o destapava
Com a sua ferradura;
Mas o boi logo tapava
Com a sua cornadura.

— Maldita sejas, oh mula,
E mais essa ferradura;
Serás maldita p'ra sempre,
Não parirás criatura.
Bemdito sejas, oh boi,
A terras farás dar pão;
Cada trigo dê um cento,
E cada cento um milhão.

5

ADORAÇÃO DOS PASTORES*(Versão de Villa Nova de Gaya)*

Entrae, pastores, entrae
Por esse portal sagrado;
Lá vereis estar Deus menino
N'umas palhinhas deitado.
Entrae, pastores, entrae,
E vinde vêr e vereis,
Em pobres palhas deitado
O soberano Rei dos reis.

—Tão pobresinho nasceste,
Meu adorado Jesus!
O pago que recebeste
Foi pregado n'uma cruz.
Bem puderas, meu Jesus,
Nascer em leito de ouro fino;
Mas para dares o exemplo
Nasceste tão pobresinho!
Gloria seja dada ao Padre,
E a Deus Filho também,
Gloria ao Espirito Santo
Para todo sempre. Amen.

Olhae lá para o alto céo,
Lá vereis uma cruz,
Com travesseiro e cama
Para o Menino Jesus.
O Menino está no berço,
Embala-o San José,
Os anjos lhe estão cantando:
Gloria tibi, Dominé!

Embala, José, embala,
 Com a mão, namja com o pé;
 Esse menino que embalas
 É Jesus de Nazareth.
 Oh, meu Menino Jesus,
 Amar-vos é um regalo;
 Nascestes á meia noite
 Ao primeir' cantar do gallo.

6

INFANCIA DE JESUS

(Versão de Loulé)

Encontrei Nossa Senhora
 Lá junto do rio Jordão;
 Nossa Senhora lavava
 E San José estendia:
 O Deus-Menino chorava
 P'lo grande frio que fazia.

— Não chores, oh meu menino,
 Não chores, oh meu amor;
 As lagrimas que choraes
 Cortam vossa mãe de dôr.
 Os filhos de homens pod'rosos
 Nascem em berço dourado;
 Só vós, meu querido menino,
 N'essas palhinhas deitado!
 Cala, cala, meu menino,
 Que tua mãe já ahi vem,
 Foi lavar os cueirinhos
 Á fontinha de Belem.

(Variante)

Estando a Virgem
À borda do rio,
Lavava os panninhos
Do seu bento filho.
A Virgem lavava,
José estendia ;
Chorava o menino
De frio que fazia.

—Não choreis, menino,
Não choreis, amor ;
Isso são peccados
Que cortam sem dor.
Os filhos dos homens
Em berço dourado :
Só vós, meu menino,
Em palhas deitado.

(Variante de Coimbra)

Filhos de homem rico
Em bons cobertores,
Só vós, meu menino,
Coberto de d'ôres.
Filhos de homem rico
Em bons lençóes finos ;
Só vós, meu menino,
Cercado de espinhos.
Em palhas deitado,
Em palhas nascido,
Filho de uma rosa,
Cravo escolhido.
Filho de homem rico
Em bom travesseiro ;

E vós, meu menino,
Preso a um madeiro.

(Variante do Alemtejo)

—Arre, burriquito,
Carregadinho de lenha,
Vamos vêr o Ninho
Que nasceu na penha.
A Senhora lavava,
San José estendia,
O Menino chorava
De frio que havia.
A Virgem lavava
No rio Jordão,
San José estendia
Cueirinhos no chão.
A Virgem lavava
No rio hespanhol;
San José estendia
Cueirinhos ao sol.
A Virgem lavava
Sus preciosos panales.
San José estendia
Por aquelles mirales.
A Virgem lavava
No rio da Penha,
San José estendia
Cueirinhos na lenha.

7

NASCIMENTO DO SENHOR*(Versão de Celorico de Basto)*

Valha-me Nossa Senhora,
Valha-me o seu Redemptor.

«Que pariu nossa Senhora ?
—Bento filho sem dolor.

—«Oh filho, para que nasceste,
Se havias de padecer!

Os peitos que leite davam
Eram da Virgem Sagrada ;
Os pannos que alimpavam
Eram de fina hollanda.
Pois o sol esprandecente,
Estrellas e lua cercastess,
Lá no dia da Ascensão
Para o céu assubirão ;
Lá verão os Santos padres
Que de boino sangue são.
Por aquelle verde pendão
Vae um cordeiro sagrado ;
Sua lanceta que leva
Vae no seu santo costado.
Sangue que d'elle cahia
No seu santo Calix ia ;
Quem este sangue beber
Victorioso se acharia.

Jesus pequenino*(Versão de Coimbra)*

«Oh meu menino Jesus.
 Quem vos deu? Por que choraes?
 —Foi a minha avó Sant'Anna,
 Oxalá me dera mais.

«Oh meu menino Jesus,
 Quem vos fez a casaquinha?
 —Fel-a minha avó Sant'Anna,
 Com botões de prata fina.

8

OFFERTAS AO MENINO*(Versão de Coimbra)*

Menino Jesus,
 Tenho que vos dar;
 Pelos vossos pés
 Heide começar:
 O primeiro dado
 Hade ser sapatos;
 Hemós de ir á feira
 Compral-os baratos.
 Já tendes sapatos,
 Precisaes meínhas:
 Eu vol-as darei
 De linho bem finas.
 Já meínhas tendes,
 Precisaes liguinhas,
 Eu vol-as darei
 De Salvè-Rainhas.

Já liguinhas tendes,
Precisaes camisa,
Eu vol-a darei
De cambraia fina.
Já tendes camisa,
Precisaes jaleque,
Eu vol-o darei
De panno de crepe.
Já tendes jaleque,
Precisaes casaco,
Eu vol-a darei
De botões de prata.
Já casaco tendes,
Precisaes gravata,
Eu vol-a darei
De ouro e de prata.
Já tendes gravata,
Precisaes chapéo;
Menino Jesus,
Levae-me p'r'o céo.
Menino Jesus,
Que mais heide dar?
Uma rica cama
Para te deitar.

O meu Menino

(Versão de Coimbra)

Nossa Senhora da Lapa
Quer que eu seja sua nóra;
Só se me der o Menino,
Que está no altar de fóra,
Em manguinhas de camisa
Tocando n'uma viola.

A viola é de prata,
 As cordinhas são de arâme,
 O meu Menino é discreto,
 Já não ha quem o engane,

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

9

O NATAL

(*Versão de Machico*)

Em dezembro, vinte e cinco,
 Meio da noite chegado,
 Um anjo ia no ár
 A dizer: «Elle é já nado.
 Pergunta lo boi: »Aonde?
 La mula pergunta: »Quem?
 Canta lo gallo: »Jesus.
 Diz la ovelha: »Belem.

Uns pastores, acordados,
 P'ra outros, que já dormiam:

—Arrenego de vós, gente.
 (Em altas vozes diziam):
 N'esta hora em que dormís,
 Um anjo aqui passou,
 Que de Jesus em Belem,
 Lo Natal annunciou.

—«Ó gente, seria anjo,
 Ou vinha de páo e cesta?
 Algum cego, de cajado?
 Algum côxo de muleta?

- «Nem cajado, nem muleta,
Tão pouco páo, nem cèsta ;
Vinha nos áres voando,
Por sobr' a nossa cabeça.
- Vamos, vamos, pastorinhos,
Vamos todos a Belem
Vamos visitar Maria,
Seu bento filho tambem.
Em dezembro, vinte e cinco,
À meia noite nasceu
Um Deus que, p'ra nos salvar,
Seu corpo e sangue deu :
- «Não nasceste em palacios,
Nem n'um leito de cortinas ;
Fostes nascer em Belem,
Sobre umas pobres palhinhas.

—●—

A meia noite

(Versão do Porto da Crnz)

- Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lo gallo cantando,
Chorou lo Menino.
E la mãe lhe disse
Com muita dor :
- «Calae-vos, meu filho,
Jesus, meu amor ;
Dormide no feno,
N'esta lapa fria ;
Que não tenho berço,
Nem no furtaria.

Ai, Senhor do mundo.
 Tão pobre que estaes,
 Deitado no feno,
 E entre animaes !

10

O MENINO DEUS

(Versão do Funchal)

—Um pastor vindo de longe
 À nossa porta bateu ;
 Trouve recado que diz :

«Lo Deus Menino nasceu.

Este recado tivemos,
 Já meia noite seria ;
 Estrellas do céo, lá vamos
 Dar parabens a Maria.
 Mas que lhe hemos de levar.
 A um Deus que tanto tem ?
 —«Ainda que muito tenha,
 Sempre gosta que lhe dêem.
 —Eu lhe levo um cordeirinho,
 Lo melhor que eu encontrei.
 —«E eu levo um requeijão,
 Lo melhor que eu requeije.
 —Pois tambem eu aqui levo
 Fofinhos, p'ra lhe off'recer,
 Bons merendeiros de leite,
 Favo de mel, p'ra comer.
 —«Vamos ter c'os mais pastores,
 Não se percam no caminho ;

Vamos todos, e depressa,
Adoral lo Deus Menino.
—Vinde tambem, pastorinhas,
Vinde, correi a Belem;
Vinde visitar Maria,
Que divino filho tem.
—«Esta noite é santa noite,
Inda assim, mesmo tão fria;
Vamos todos a Belem
Visitar Jesus, Maria.

==Ai. que formoso Menino;
Ai, que tanta graça tem!
Ai que tanto se parece
Com sua Senhora mãe!

Os pastores

(Versão de Machico)

—Pastores, alaiç'ras,
Que eu vi lo Menino,
Nacido de um' hora
Do ventre divino;
Eu mesmo lo vi
Em suas carninhas,
Todo nusinho,
Sobl' umas palhinhas.
«Vamos já, depressa,
A' Virgem levar
Roupinha bem alva,
P'ra lo abafar.
Levemos cintinho,
P'ra-lo apertar;

Lo bello Menino
 Não hade quebrar.
 Camisinha fina
 Hemos de levar;
 Lo bello Menino
 Não hade nu eŝtar,
 Levemos-lhe touca,
 P'r'a mãe lo toucar;
 Ao bello Menino
 Bem hade ficar.
 La verde fitinha
 Hemos de lhe atar;
 Lo bello Menino
 Não hade chorar.
 Lençóes e coberta
 Lhe hemos de dar;
 Lo bello Menino
 Ha-se-de tapar.
 Lã branca, da nova,
 Tambem lhe hemos dar;
 Lo bello Menino
 Ha-se-de deitar,
 Levemos tambem
 Berço de embalar;
 Lo bello Menino
 Vamos animar.

— «Vamos já, depressa,
 A' Virgem levar
 Las roupas bem alvas
 P'ra lo abafar.

Chegados ao presepio, entregam los dões, e cantam todos :

== «Ná, ná, Nino Deus,
 Dormi descansado;

Só p'ra vos ir vèr
Deixámos lo gado.

11

ORAÇÃO DE SAN JOSÉ*(Versão da Calheta)*

Poz-se San Joseph a andar.
La noite depois do dia ;
Quando chegou lá ao céo,
Toda la gente dormia ;
Só estava lo padre Eterno
Resando l'Ave Maria;
E ao Santo perguntou :

—Como fica lá Maria?

«Maria lá ficou boa
Mail lo seu bento filhinho ;
Lençóes da caminha d'elle
São do mais fino do linho ;
Bercinho, em que se embala,
É de oiro, não de latão :
Maria e seu Menino,
Em Belem bonsinhos 'stão.

Aqui acaba, meu santo,
Esta santa oração :
Seja para gloria vossa,
E p'ra nossa salvação.

Nossa Senhora tecedeira

(Versão do Porto da Cruz)

La Virgem Nossa Senhora
 'Stava á sua janellinha,
 Lo seu Menino no colo,
 E fiando na rôquinha.
 La roquinha era de oiro ;
 Lo fuso de prata fina ;
 Linho que n'ella fiava
 Era p'ra obra divina.
 Se la tèa que deitou
 Fosse das que vão á feira,
 Oh meu Deus, quem na comprasse
 De tão santa tecedeira !

La Virgem 'Nossa Senhora
 Vae depressa, logo vem ;
 Vae talhal las camisinhas
 Com Sant'Anna, sua mãe.



ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

12

NOITE DE NATAL

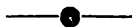
(Versão da Ilha de S. Jorge)

O gallo bateu as azas
 Quando o Salvador nasceu,
 Os anjos todos cantaram,
 Glorias ao céu descendeu.

Deos andava pelo mundo,
Mas San Pedro assim dizia :

— Quem não quer pobres em casa
Tambem me não quereria ?

Vinte quatro de Dezembro,
Foi a noite do Natal,
Que rompeu a primavera
Meia noite do signal.
Vamos, vamos, nossa gente,
Que aqui não fica ninguém,
Vamos visitar Maria.
Teve o Menino em Belem.
Em Belem nasce o Menino,
O bom Jesus verdadeiro,
Que desceu do céu á terra
A livrar do cativoiro.



Natal

(Versão da Ilha de S. Jorge)

A Virgem Nossa Senhora
Está no portal de Belem,
C'o seu Menino nos braços,
Jesus! que está tanto bem!
Cantou-lhe uma cantiguinha :

Filho meu, que te farei?
Não tenho cama, nem berço,
Em braços te embalarei,
C'o as lagrimas dos olhos,
Filho meu, te lavarei!

Na manguinha da camisa,
 Filho meu, te alimparei ;
 Nas mantilhas do meu rosto,
 Filho meu, te embrulharei.

(Versão da Ilha de S. Jorge)

A lua vae tanto alta
 Como o sol ao meio dia ;
 Mais alta ia a Senhora
 Quando p'ra Belem corria.
 San José ia atraz d'ella
 Nem alcançal-a podia ;
 Quando chegou a alcançal-a,
 Já seu menino nascia.
 San José foi para o céo,
 Os anjos lhe perguntaram :

—Como ficou lá Maria?
 Como rainha a trataram?

Respondeu-lhé San José,
 Cantando a Ave Maria :

«Maria lá ficou bem,
 Ficou n'uma estrebaria,
 Com suas portas de prata,
 E paredes de ouro fino.
 —Quem seria o lavrador,
 Que taes portas lavraria?
 «Era o Menino Jesus,
 Filho da Virgem Maria.

13

FUGIDA PARA BELEM

(Versão de Velar — ILHA DE S. JORGE)

P'ra Belem parte a Senhora
Com o seu esposo amado;
Sempre foi e hade ser
O seu rosto delicado.

• Oh Belem tão rigoroso,
De gente tão desastrada!
Nem á Rainha da gloria
Vós quizestes dar pousada.
Não tiveram dó da Virgem,
Da Virgem n'aquella hora!
Não quizeram obrar com Deus
As obras de Misericordia.
A Virgem se recolheu
A um curral de animaes,
Para haver as estalagens,
Que o logar não deu p'ra mais.
San José muito sentiu
De vêr tão fraco amparó...

— Quem será este menino?
Qual será pae que se atreva
Não deitar esta senhora
Na mais amorosa cama?
Senão, dê-m'o cá, que o levo,
Minha mãe lhe dará mama.
Tambem me offereço, senhora,
Para o embalar no berço:
O senhor é mui poderoso,
Não sei se será travesso.
Essas vossas travessuras,
Senhor, bem vol-as entendo:

Vós viestes dar allivio
A quem estava padecendo.

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Caminhava San José
E a Virgem d'Alegria,
Iam para Nazareth
Com Jesus em companhia.
San José e mais a Virgem
Ambos vão pelas montanhas,
A Virgem vae mui contente,
Leva Jesus nas entranhas.

*

A Virgem Senhora
Subiu ao monte ;
Onde descançou
Nasceu uma fonte.
Nasceu uma fonte
Ao pé da macella ;
Cantam os anjos :
—Oh agua tão bella !

14

OS SANTOS REIS

(Versão de S. João d'Airão—MINHO)

Aqui estão os Reis á porta
E nós para os cantar ;
Se os senhores dão licença,
Nós vamol-os começar :

Caminhando vae José,
 Caminhando vae Maria,
 Todos vão para Belem,
 Mais de noite que de dia.
 Quando a Belem chegaram
 Já toda a gente dormia.
 Chamaram pelo porteiro :

«Porteiro da portaria !

—Minha porta não se abre
 Menos que não venha o dia.
 Era meia noite em ponto
 Minha porta aberta ia.

San José foi buscar lume
 Ao tójo da brucharia,
 Quando San José chegou,
 Estava a Senhora parida,
 Sem ter lençóes para a cama
 Nem paninhos p'r'o Menino.
 Lançou as mãos á cabeça,
 Rasgou um véo que trazia,
 Pol-o em trez pedacinhos,
 Jesus Christo envolvia.
 Veiu um anjo do céo á terra,
 Panninhos de ouro trazia ;
 Fel-os em trez pedacinhos,
 Jesus Christo envolvia.
 Tornou a subir ao céo
 Cantando a Ave-Maria.
 Perguntou-lhe o Padre Eterno :

—Como fica lá Maria?

«Maria lá ficou bem
 N'uma cella recolhida :

—Uma cella não é nada
P'ra o que Maria mer'cia.

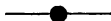
Mandou fazer trez conventos,
Todos de pedra ladria :
Um era o Purgatorio,
Onde se pena o peccado ;
Outro era o Inferno
Para onde vão os condemnados ,
Outro era o Paraizo
Para os bemaventurados.
Onde nasceram trez rosas,
Todas pegadas n'um pé,
Uma para Nosso Senhor,
Outra para San José ;
Outra para o meu Menino,
O Jesus de Nazareth.

Nós vimos buscar os Reis,
Se nol-os quizerem dar ;
Nós sômos de muito longe,
Não podemos cá tornar.
Sômos lá d'alem do Douro,
Partimos com beira-mar ;
Nós sômos rapazes novos,
Não le queremos o dinheiro,
Quero maçãs e chouriços
E antrecostos do fumeiro.
Oh sobreiro ramalhudo
Com a pelle cáe a bolota,
Se nos hãode dar os Reis,
Mandem-nos abrir a porta.

Os Reis Magos

(Versão de S. João d'Airão)

Partiram os trez Reis Magos
De noite pelo luar,
Em busca de Jesus Christo,
Nunca o poderam achar.
Foram dar com elle em Roma,
Revestido no altar,
Com Calix de ouro na mão
Missa nova quer cantar.
Trez anjinhos a ajudar,
Outros trez a alumiar.
Sobreirinho ramalhudo
Co'a pelle cae a bolota,
Se nos hão de dar os Reis,
Mandem-nos abrir a porta.



Os Santos Reis

(Arredores do Porto.)

São chegados os trez Reis
Da parte do Oriente,
A visitar Deus Menino
Alto Deus omnipotente.
Sem no vêr nem conhecer,
Lhe tinham tanto amor;
Correram montes e valles
Só por vêr seu Creador.
Foram a casa de Herodes
Por ser o maior reinado,
Que lhe ensinasse o caminho
Onde Jesus era nado.

Herodes, como malvado,
 Como perverso maligno,
 Os Santos Reis ensinou
 As avéssas o caminho.
 Os Reis, como eram santos,
 Estrada foram seguindo :
 Quando Deus dos altos céos
 Viu tão grande desatino,
 Mandou pôr uma estrella
 Que lhe guiasse o caminho.
 A estrella se foi pôr
 Em cima de uma cabana,
 Onde os trez Reis adoraram
 A Jesus, neto de Anna.
 A cabana era pequena
 Não cabiam os trez Reis,
 Adoraram o Menino,
 Cada um por sua vez.
 Quando o santo José viu
 Trez Reis na sua mansão,

 Sua alma ficou triste
 E tambem seu coração.
 Perguntou á Virgem Mãe :

—Senhora, que homens são ?
 «Acceitae-os como Reis,
 Pois que elles os Reis são.

Logo lhe foram offerecer
 Ouro, myrra e incenso ;
 Não lhe offereceram mais nada,
 Por que era a Deus immenso.
 Deram-lhe ouro como Rei,
 Como Rei celestial ;

Incenso como a Deus,
E myrra como mortal.
Os anjos do céo cantavam,
Cantavam com alegria;
Gloria *eniseses* Deus,
Bemdita sejas, Maria.

Dia de Reis

(Variante de Airão)

Oh da casa, gente nobre,
Escutae e ouvireis
Umás cantigas tão lindas,
Que se cantam pelos Reis.

Os trez Reis do Oriente
Já foram para Belem,
Para casa do Rei Herodes
Onde seu palacio tem.
A estrella resplandecente
N'este logar os deixou;
Entram em casa de Herodes,
Este rei lhe perguntou.

—Para onde ides, meus senhores?
Para onde quereis caminhar?
Que eu desejava saber,
Para vos acompanhar.
«Dizei-me rei, se souberes,
Aonde estava o Menino,
Que hade ser Rei dos Judeus,
Ha poucos dias nascido?

Herodes lhe respondeu :

«Que de tal rei não sabia ;
Que fossem e se o achassem
Que lhe trouxessem a noticia.

Tornaram os santos Reis
A seguir sua jornada ;
Ali logo lhe appareceu
A estrella que os guiava.
Animosos e contentes
Seguiram o seu caminho,
Pela estrella foram dar
Onde estava o Deus Menino.
Nossa Senhora lhe disse
Que adorassem o Menino,
Que tambem o adorava
Como a Deus e seu filho.
Logo. prostrados por terra
Lhe deram adoração,
Renderam-lhe muitas graças
De todo o seu coração,
E tambem lhe offereceram
Um grandioso presente,
Ouro, incenso e myrra,
Ouro muito excellente.
Das sellas dos seus cavallos
Os Santos Reis tiraram
Ouro, incenso e myrra
O Menino incensaram.
Nossa Senhora acceitou
O que os Santos Reis lhe davam,
Para repartir ós pobres
Que sempre a acompanhavam.
Sendo já perto da noite,
Ó depois d'isto fazer,
Montaram os seus cavallos
E se foram recolher.

Com intento de tornar
 Outra vez ó outro dia,
 Onde estava o deus Menino
 A mais a Virgem Maria.

Levanta-e-vos, Santos Reis,
 Que está o sol arraiando,
 Vinde outra vez a Maria
 Que ella está esperando.
 Tornaram os Santos Reis
 A ver a Virgem Maria
 E mais o Menino Deus,
 Que em seus braços trazia.
 Encarecidos de affectos,
 Na lapa querem ficar ;
 Pedem a nossa Senhora
 Que ali os deixasse estar.
 Nossa Senhora lhes disse
 Que ainda havia de tornar
 Outra vez á sua terra
 O seu povo governar.
 Ali logo se despediram
 Os Reis da Virgem Maria,
 Muito tristes por deixar
 A tão doce companhia.
 Gloria seja a Deus padre,
 E a Deus filho tambem,
 Gloria seja ao Espirito Santo
 Para todo sempre — àmen.

Vesitação dos Pastores

(Versão de S. João de Airão)

Os trez Reis do Oriente
 Partiram para Belem,

Visitar o Deus Menino
 Que nossa Senhora tem.
 Nossa Senhora lhe disse :

—Filho meu, que te farei!
 Não tenho cama nem berço,
 No braço te acolherei.
 Oh J sus, olhae p'r'o céo,
 La vereis uma Cruz ;
 Já tenho cama e berço
 Para o menino Jesus.

Entrae, pastores, entrae,
 Por esses portaes sagrados,
 Lá vereis estar o Menino
 Antre as pallinhas deitado,
 As pallinhas botam mel
 Ao divino Manoel ;
 As pallinhas botam cravos
 Ao domingo dos agrados ;
 As pallinhas botam flores
 Ao domingo dos senhores.
 Ao sobreiro ramalhudo
 C'o a pele cae a bolota,
 Se nos hãode dar os Reis,
 Mandem-nos, abrir a porta.

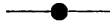
—●—
Os Reis

(Versão de Villa Nova de Gaya)

Oh da casa, nobre gente,
 Escutae e ouvireis :
 Da parte do Oriente
 São chegados os trez Reis.

São chegados os trez Reis
Da parte do Oriente,
Adorar o Deus menino,
Alto Deus omnipotente.
Antes das culpas de Adão,
Resavam as prophcias,
Que havia de vir ao mundo
O verdadeiro Messias.
Chegando aquelle tempo,
Que era determinado,
Nasceu a melhor flor
D'aquelle jardim sagrado.
N'aquella noite ditosa
Nasceu o divino Verbo
Nas entranhas de Maria.
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça ;
Pariu e ficou donzella
Maria, cheia de graça !
Logo mandou o Padre Eterno
Com poder omnipotente,
A inspirar no coração
Dos trez Reis do Oriente.
Elles que já esperavam
Por aquelle grande amor,
Em vêr que era nascido
O monarcha superior :
Como humildes vassallos
Se deitaram a caminho,
Chegaram á côrte de Herodes,
Perguntaram de repente :
Aonde era nascido
O monarcha omnipotente,
Tem Herodes em seu peito
Uns desejos bem differentes ;
Desembainhou seu cutello

No sangue dos Innocentes.
 Herodes como malvado,
 Como perverso maligno
 Aos Santos Reis ensinou
 Às avéssas o caminho.
 Deus que estava no céo
 Vendo tão grande desatino,
 Mandou a estrella da guia
 Que lhe ensinasse o caminho.
 Guiados pela estrella
 Foram ter logo a Belem,
 Adorar o Deus menino,
 Que nasceu para nosso bem.
 A estrella se poisou
 Em cima de uma cabana,
 Aonde todos adoraram
 A Jesus, neto de Anna.
 A cabana era pequena,
 Não cabiam todos trez ;
 Adoraram o Menino,
 Cada um por sua vez.
 Os trez Reis lhe offereceram
 Ouro, myrra e incenso ;
 Não lhe offereceram mais nada,
 Porque era a Deus immenso.



Santos Reis

(Versão de Loulé)

—Quem são os trez cavalleiros
 Que fazem sombra no mar?
 «São os trez Reis do Oriente,
 Que a Christo vem adorar.

Lá das bandas do Oriente
Os trez Reis Magos se partem,
Guiados por uma estrella,
Vem vêr outro sol que nasce.
Esse sol dizem que é Christo,
Filho do Eterno Pae,
Que vem salvar este mundo
Revestindo humana carne.
Aquelle Herodes malvado,
Como perverso e damninho,
Mandou ensinar aos Reis
As avéssas o caminho.
Os trez Reis eram trez santos,
Uma estrella os guiava,
Sobre la casa cahida
A mesma estrella parava.
Elles não buscam pousada,
Nem aonde irão noitar,
Procuram peio Deus Menino
Sem o puder encontrar.
Encontraram-no em Belem
Revestido no altar,
Missa nova quer dizer,
Missa nova quer cantar!
Um menino tão pequeno
Todo o mundo quer salvar.

San José, Virgem Maria
Foram ambos a Belem;
Se elles vão cantar os Reis,
Cantemol-os nós tambem.

(Variante de Elvas)

—Quem foram os trez cavalleiros
Que fizeram sombra no mar?

«Foram os trez Reis do Oriente,
 Que a Jesus foram buscar ;
 Foram-o achar a Belem
 Revestido no altar ;
 'Stava dizendo Missa nova,
 Missa nova quer cantar.
 San João ajuda á missa,
 San Pedro muda o missal,
 Com trinta mil almas á roda,
 Todas estão por commungar.
 Depois que a communhão deu,
 Para o céo as foi levar,

Dando graças e louvores,
 Dando graças infinitas,
 A esmola não é para nós
 É para as almas bemitas.
 Levanta-te, pomba branca,
 Do logar d'onde estaes,
 E vem dar a esmolinha
 Por alma de mães e paes.

(Versão de Elvas)

Já os Reis Magos chegaram
 A' porta do Oriente ;
 Oh meu Deus Omnipotente,
 Vae por uma estrella guiada.
 A Belem foram postar.
 Onde San José estava.
 San José quando o viu,
 Trez Reis em sua pousada,
 Sua alma ficou truvada.

—Esse Menino quem é ?
 «É o filho de Maria,

Que ella nossa mãe é,
Acceitae-nos como rézes,
Elles estrangeiros são :
Dá-lhe myrra e incenso,
Tira-lh' o do coração,

●

Os Reis Magos

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achou o mar em bonança,
Em Belem descarregou.
Ella parece que é pobre,
Traz fazendas excellentes,
Para ir vender á India
A partes do Oriente.
Marinheiros que vão n'ella
Levam um tão doce cantar,
As aves dos altos céos
Nos mastros lhe vêm poisar !
Os peixinhos do mar fundo
A' borda vêm escutar.
Os tres Reis do Oriente
Todos tres em romaria,
Foram visitar Deus-homem,
Filho da Virgem Maria ;
Guiados por uma estrellá,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam vêr outra mais bella
Que era o menino Jesus.

Reis Magos

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Partiram os Reis Magos
Das partes do Oriente,
Visitaram o Deus-homem,
Nosso Deus omnipotente.
Em caminho de um anno
Gastaram só treze dias,
Com favor muito soberano
Do infante rei Messias.
Guiados d'uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam vêr outra mais bella,
Que era o Menino Jesus.
Elles ouviram dizer :
Ha presepio em Belem,
Onde estava Deus nascido,
Remedio p'ra nosso bem.
Herodes, como malvado,
Como perverso inimigo,
As avéssas ensinou
Aos trez Reis o caminho.
A estrella se escondeu
Chegada a uma cabana,
Logo os trez reis adoraram
A Jesus, neto de Anna.
Oh meu menino Jesus,
Em palhas 'staes deitado,
Sendo vós um Creador
Que o mundo tinhas creado !
Offereceram-se ao Menino,
Cada um por sua vez,
Por a lapinha ser pequena
Não couberam todos tres.

Offereceram-lhe ouro fino
 Como rei oriental,
 Incenso como divino,
 E myrra como a mortal.
 Porta aberta, meza posta,
 Cantemos com alegria,
 Nado é o rei da gloria,
 Filho da Virgem Maria,
 Que nasceu pobre em Belem
 Para a todos nos salvar,
 Entre a mula e o boi bento,
 Que o estava a bafejar.
 Patriarcha San José
 Pegae no nosso menino,
 Que entre palhas 'stá deitado
 A chorar, que é pequenino.
 Os anjos com alegria
 Musicas lhe vão cantando,
 É o rei dos altos céos
 Que na gloria está reinando.

15

ORAÇÃO DAS ENDOENÇAS

(*S. João de Ayrão* — MINHO)

Estando eu na minha cella
 Fazendo oração,
 Chegou Madanella
 E mais San João :

—Senhora, Senhora,
 Que fazeis aqui?
 Vosso filho vae prezo,
 Vae prezo por mim.

Cheguei á janella
 E já o não vi.
 De porta em porta,
 De rua em rua,
 Meu Deus da minha alma,
 Sem culpa nenhuma!
 Esse homem que buscaes
 Se chama Jesus,
 Elle está cravado
 Com tres cravos na cruz.

«Vossa cruz de páo pezada,
 Que nem sete a levarão!
 —Ajudaê-m'a a levar,
 Ajudaê-me aqui, Simão.
 «Sim senhor, ajudarei,
 Mas vós heis la de levar,
 Correndo toda a cidade
 As pedras a quebrantar.

Choraê, Menino, choraê,
 Se vos disserem por quem?
 Foi Jesus, do nosso bem,
 Que morreu crucificado
 Antre Jerusalem.
 Se em Christo não quizer crêr,
 Suba-se aqui ao outeiro
 Para vêr ruas regadas
 Do seu sangue verdadeiro.
 Por uma corre agua,
 Por outra corre vinho,
 Por outra corre sangue
 Do seu coração ferido.
 Com tres cravos encravado;
 San João está ao lado;

A Virgem com tanta dor ;
Oh meu Deus, Nosso Senhor !

Quinta feira de Endoenças,
Sexta da morte e Paixão,
Sabbado da Alleluia,
Domingo da Resurreição,
Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carnal,
Do fogo do purgatorio
Quatros almas tirará :
A primeira é sua,
A segunda de seu pae,
A terceira de sua mãe,
De seus parentes a quarta
Os mais chegados, Amen.

(Versão de Campo Maior)

Indo eu para o Calvario,
Nas minhas contas resando,
No caminho me disseram
Que a Virgem estava chorando.
Chorava a Virgem, chorava,
Chorava ao pé do Horto,
Que não tinha uma mortalha
Para Jesus, que está morto.
A mortalha já está feita,
Falta agora a sepultura,
A sepultura está feita
Nos braços da Virgem pura.

(Versão da Aldeia de S. Vicente)

Já os anjos vão p'r'o céo,
Estam disposto em procissão,

San Pedro leva a Cruz,
 San João leva o pendão;
 Dentro d'aquelle pendão
 Vae *vermento* armado.
 Dentro d'aquelle *vermento*
 Vae Jesus Crucificado,
 Morto de pés e mãos
 Seu santo sangue cahindo
 Para o Calix consagrado!
 Todo o homem que o bebesse
 N'este mundo seria rei,
 No outro será coroado.

(*Versão da Beira Alta*)

De rastos vae Jesus Christo
 Pela rua da amargura,
 Nunca poude encontrar
 Nenhuma só pessòa.

.....
 Lá ao cimo de uma quêlha
 Encontrou uma mulher
 Procurando por seu filho:

—Vistes por aqui meu filho,
 Bem querido e bem amado?
 «Oh minha Senhora bella,
 Eil-o além vae todo esflorado.

Andando o Senhor assim,
 Até ao monte Calvario.

.....

(*Versão de Campo Maior*)

—Que gritos ha no Calvario!
 Magdalena, que será?

«Crucificam a Jesus ;
São ais que a Senhora dá.

(Versão de Villa Fernando)

—Cal'-te, cal'-te, Magdalena,
Não vivas desconsolada,
Que no Reino de meu pae
Tenho uma prenda guardada
Para te dar, Magdalena,
Santa bemaventurada.

Foi-se d'ali a Senhora
Muito triste, desconsolada,
Direita á Calvaria montanha
Onde o bemdito filho estava.

(Versão de Elvas)

—Virgem mãe, assupremada,
Virgem pura, escolhida,
Chega-se a minha partida,
De fazer minha jornada,
As prophcias da vida.
«Filho meu e meu amor,
Que jornada será essa?
Como poderei eu passar,
Senhor, sem vós esta festa?
Depois dos filhos ausentes
As Paschoas são festejadas
Entre paes, mães e parentes ;
Mas não posso dispensar
Irdes vós e eu ficar.

—Isto certo pode ser.
Prenderão-me a um pilar,
Nas minhas faces darão
Bofetadas sem temor ;

Meus cabellos 'rancarão
 Com raiva e com rigor.
 Meus amados amigos
 Nenhum apparecerá ;
 Os tormentos tão esquivos
 O meu corpo passará.
 Nada te dará João,
 Que é tempo de caminhar.
 «Deitae-me a vossa benção,
 Filho de pae singular.

Aqui se aparta Jesus,
 A Jerusalem passou ;
 Para a salvação da gente
 A' morte se entregou,

(Versão de Campo Maior)

—Além vae Jesus ;
 Que lhe quereis vós ?
 «Quero ir com elle,
 Porque leva a cruz.
 Seus braços abertos,
 Seus pés encravados,
 Derramando seu sangue
 P'los nossos peccados.
 A terra tremia
 Do pezar da cruz ;
 Resemos tres vezes :
 Salvae-nos, Jesus.
 Salvador do mundo,
 Que a todos salvaes,
 Salvae-me a minha alma,
 Bemdito sejaes.

16

AS DOZE PETIÇÕES*(Versão de Elvas)*

Oh Senhor do Calvario,
Tendes a Cruz de oliveira,
Sois o mais formoso cravo
Que nascestes na craveira.
Vosso nome lindo é
De Jesus da Nazareth,
Em vós tenho confiança
De morrer pela fé
Vossos sagrados cabellos,
Mais finos que o puro ouro,
Dae-me licença, Senhor,
Que entre no vosso thesouro.
Vossa sagrada cabeça
Coroadada de espinhos,
Por amor dos meus peccados
Passastes tantos martyrios.
Vossos sagrados olhos,
Inclinados para o chão
Por amor dos meus peccados
Passastes morte e paixão.
O vosso sagrado rosto
Cheio de escarros nojentos,
Por amor dos meus peccados
Passastes tantos tormentos.
Vossa sagrada bocca
Cheia de fel e amargor,
Por amor dos meus peccados
Perdoae, meu bom Senhor.

Vossa sagrada garganta
Enleuada n'uma corda,
Por amor dos meus peccados
Santo Deus, misericordia!
O vosso sagrado hombro
Arrumado a um madeiro,
Por amor dos meus peccados
Padeceu um Deus verdadeiro.
Vosso sagrado lado
Aberto a fio de uma lança,
Entre minha alma por elle
Dae-me, Senhor, confiança.
Vossa sagrada cintura
Com uma toalha cingida,
Por amor dos meus peccados
Perdeu o Senhor a vida,
Vossos sagrados joelhos
Todos ensanguentados,
Por amor dos meus peccados
Senhor Deus crucificado.
Vossos sagrados pés,
Mais alvos que a neve pura,
Correndo rios de sangue
Pela rua da Amargura.
Oh que ditosa mulher
Foi aquella do Calvario,
A quem destes a prenda
De vosso santo Sudario.
Estas doze petições
A vós, Senhor, as entrego,
Para que á hora da morte
Me tenhaes o céo aberto.

17

MARTYRIOS DO SENHOR*(Versão de Juromenha)*

Hoje é segunda feira,
É principio da semana,
Prenderam a Jesus Christo,
Aquella luz tão soberana.
No outro dia é terça,
Está mè Dês prezo á cluna,
Por causa dos mè peccados
Mè Dês sem culpa nenhuma.
No outro dia é quarta,
De espinhos o coroaram ;
Aquella corôa de espinhos
Mè peccados a causaram.
No outro dia é quinta,
Na toalha o retrataram,
Da baranda de Pilatos
Mè divino pae mostraram.
No outro dia é sexta
Vae mè Dês para o Calvario,
Com cinco chagas abertas,
E a peor é a do lado.
No outro dia é sabbado,
É sabbado da Alleluía,
Vamos vèr a Jesus Christo
Que veiu da morte p'ra vida.
No outro dia é domingo,
Domingo da Surreição,
Vamos vèr a Jesus Christo
Que veiu da morte e paixão.
Oh meu divino Senhor,
Eu vos cantei a Paixão,

Tambem espero alcançar
Das minhas culpas perdão.

18

A RESURREIÇÃO

(Versão de Celorico de Basto)

San José e mais Maria,
San Joaquim, Sant'Anna,
O nosso Mestre, Senhora,
Começou a quarentena.
Subindo a Cruz ao alto,
De golpe vos deixaram cahir;
Nem em lençóes vos embrulharam!
Fostes descido da Cruz,
Posto em braços de Maria.

«Que gritos vão no Calvario!
—Magdalena, que seria?
«É Jesus crucificado,
São ais da Virgem Maria.

Magdalena não dormia
E mais as suas amigas;
Oh que bella madrugada
Tiveram as tres Marias!
Foram juntas ao Sepulchro,
Mas já era sol nascido;
Viraram-se para o sepulchro
Todas cheias de terror;
Viraram-se para traz
Todas cheias de resplendor.
Veiu um Anjo e lhes disse:

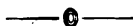
— «Vós, mulheres, não temaes,
Que eu vos darei boas novas
Do homem que vós buscaes.
Esse homem é Jesus,
É Jesus crucificado,
Vêdes ali o sepulchro,
Mas já é resuscitado.

10

AS TREZ MARIAS*(Versão de Villa Boim)*

Além vão as tres Marias,
Todas tres vão pelo ár,
À cata de Jesus Christo
Sem o poderem achar;
Foram-no achar em Roma
Revestido no altar,
C'o seu livrinho na mão,
Missa nova quer cantar.
Ergui-me de madrugada,
Só por ir á Surreição;
Encontrei Nossa Senhora
C'o raminho de ouro na mão;
Eu lhe pedi uma folhinha,
E ella me disse que não;
E eu tornei a pedir,
E ella deu-me o seu cordão,
Que me dava sete voltas
Ao redor do coração,
E a pontinha que sobrava
Chegava do céu ao chão.

Santo Antonio e San Francisco,
 Aceitae-me este cordão,
 Que m'õ deu Nossa Senhora
 Domingo da Surreição.



A Eucharistia

(*Versãa de Elvas — ALEMTEJO*)

Jesus Christo foi dizer missa
 N'uma grande solidão,
 Ia em sua companhia
 San Pedro e San João ;
 Já lá estão os Doze Apostolos
 A' mesa, comendo pão.

—Vinde cá, oh filhos meus,
 Que vos quero confessar ;
 A'manhã pela manhã
 Vos darei de commungar,
 O meu corpo será por hostia,
 O meu sangue por agua real.

(*Variante de Elvas*)

Andorinhas gloriosas,
 Sois mais lindas do que as rosas !
 Quando Deus aqui nasceu,
 Todo o mundo esclareceu.

—Pastorinhas, bom dia,
 Vistes por aqui Maria ?
 «Aqui ia mais abaixo,
 Seu corpo levava santo

E sem ninguem lhe acudir ;
E junto d'aquelle logar
Lhe acudiu a Magdalena,
E seu sobrinho San João.
Quem esta oração disser
Sexta feira de Paixão,
Tem cem annos de perdão
Para a sua salvação.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

20

ENDOENÇAS

(Versão de Porto da Cruz)

Quinta feira de Endoenças
Esteve o Senhor ceando,
Com santa benignidade
Los Discipulos ensinando.
Ninguem lhe dissera então
Lo que depois succedeu ;
Levado pela cidade,
Lo filho de Deus morreu,
Pelo caminho da luz,
Las pedras a quebrantar,
Lo Filho de Deus morrer,
Morrer, para nos salvar !

—Se vós sois la Virgem pura,
Assubi áquelle oiteiro ;
Vereis prezo á columna
Lo innocente Cordeiro.

E, se lo não podeis crêr,
 Descei-vos cá p'ra terreiro,
 Vereis la rua regada
 Do seu sangne verdadeiro:
 Que lo sangue d'essa rua
 Ha-vos dar certos signaes
 De que é do Bom-Jesus,
 D'esse filho que buscaes.
 Esse innocente cordeiro,
 Esse vosso Bom-Jesus,
 Los malvados dos judeus
 Lo querem levar á cruz!
 «Oh vós, que tendes parido,
 Que sabeis lo que são dores,
 Vós ajudae-me a carpir
 Lo meu filho, meus amores.

—E las que não sabem tanto
 Adorem la bella-Cruz,
 Lo real sangue de Deus,
 Para sempre, amen, Jesus.

Sexta Feira santa

(Versão da Calheta)

Era Sexta feira santa,
 Las horas correndo vão;
 E novas de mui quebrantò
 Traz á Virgem San João:

—É grande minha amargura,
 E maior vós la tereis,
 Se n'estas vozes choradas,
 Senhora, vós me entendeis.

Que estaes vós aqui, Senhora,
 Aqui sósinha a chorar?
 Vosso filho, Jesus Christo,
 Já lo vão crucificar.
 La cruz tamanha que leva
 Nem sete a levarão;
 Cada passada que dá,
 Vae de giolhos ao chão:

- «Simão, (diz elle) ajudae,
 Eu c'o pezo não pod'rei.
 =Forças todas da minh'alma,
 Todas, Senhor, vos darei.
 — «N'essa ajuda que me daes,
 A esta cruz tão pezada,
 Bem hajaes vós. Simão,
 Vossa alma já 'stá salvada.

La Virgem, que tal ouviu,
 Vae a correr, a chorar,
 Pelos altos, pelos baixos,
 Sem lo filho encontrar.
 Pela rua da Amargura,
 Pelas outras onde ia,
 Quem na vê tambem chorava,
 E quem chorava, dizia:

- «Coitada de ti, mulher,
 Que dor que levas contigo!
 Corre, corre; se não corres,
 Não no acharás tu vivo.

Foi, e viu tres em tres cruces,
 Nenhum ella conhecia:
 De tão chagado que estava,
 Quem conhecel-o podia?

Viu João e Madanella
Que lhe apontaram p'r'a cruz ;
Ouvia então dizer : «Mãe ?
—«Ai, meu filho, meu Jesus !

Pela cruz da Redempção,
Que era de páo olivo,
Corriam lagrimas santas,
Com divino sangue vivo.

21

AS ALMAS SANTAS

(Versão da Calheta)

Á porta das almas santas
Bate Jesus cada hora ;
Las alminhas lhe respondem :

«Bom-Jesus, que qu'reis agora ?
—Quero que vades commigo
Ao rei da gloria cantar,
P'ra que d'este purgatorio
Eu vos possa libertar.
«Senhor, que muito nos pesa
E muito hade pesar
Não termos apparelhado
P'ra comvosco caminhar.

22

NOSSA SENHORA DA LUZ*(Versão da Ponta do Sol)*

—Vinde vê lo vosso filho,
 Minha Senhora da Luz,
 Com tres cravos cravejado
 Lo teu amado Jesus!
 Vinde vel lo vosso filho,
 Minha Senhora da Luz;
 Ali 'stá crucificado
 N'aquella tamanha cruz!

«Ai meu filho, meu amor,
 Meu tão amado Jesus,
 Por amor dos peccadores
 Ahi morres n'essa cruz!

Quem esta oração disser
 Um anno, dia por dia,
 Tres dias antes que morra
 Verá la Virgem Maria.

23

SAN PEDRO*(Versão de Camara de Lobos)*

—Meu San Pedro, sois velho,
 Mas isso não desfaz nada;
 Moço ou velho, soubestes
 Puchar da vossa espada.
 Vinham los pèrros judeus
 A Jesus Christo buscar,

E vós, de um golpe, lograstes
 Um pèrro desorelhar.
 Mas onde vos ficou, Pedro,
 Essa tanta valentia,
 Que medo d'uma mulher
 Vos encheu de cobardia?!
 Antes do cantar do gallo,
 Da meia noite p'r'o dia,
 Negastes lo vosso Mestre
 Por tres vezes, á porfia!

San Pedro com ter peccado,
 Foi de santidade espanto.
 Oh, que milagre tamanho,
 Ser peccador e ser santo!

(Variante do Funchal)

San Pedro foi peccador,
 E de santidade espanto,
 Oh, que tamanho milagre,
 Tão peccador e tão santo!
 E foi tambem pescador,
 Para depois subir tanto!
 Oh que milagre tamanho,
 Pescador e Padre santo!

— Dizem, santo, que sois velho,
 Isso não importa nada;
 Que com ânimo soubestes,
 Santo, puchar da espada.
 « Vinha Judas c'os judeus,
 Vinham p'ra Jesus levar;
 E vós, de espada na mão,
 Fostes um desorelhar.

Mas la vossa valentia
Hi la deixastes ficar ;
Que bastou uma mulher
Para vos acobardar :
Na noite d'aquelle dia,
Antes do gallo cantar,
Tres vezes negastes Christo,
Tres vezes, a porfiar.
Quem tal dissera, meu santo,
Quem tal houvera cuidar !
Nem nos santinhos do céo
Ningnem se póde fiar.

Fez-se vermelho San Pedro,
E respondeu-me em segredo :

— « Com ser santo, tenho costas,
E quem tem costas tem medo ;
Tinha que ir prègar em Roma,
Não qu'ria morrer tão cedo.
« Se tambem peccastes, santo,
Tende dó do peccador ;
Pescae-me no mar da culpa,
Pedro, santo pescador.

24

PREGAÇÃO DE SAN JOÃO

(Versão do Funchal)

Lo Baptista no deserto,
Entre flores assentado,
Nuncia p'ra toda a terra :
« Gloria! que Deus é nado. »

João Baptista pregôa
 Voz do Verbo increado:
 E' lo propheta do céu,
 Por quem Christo foi mostrado.

- Meu San João, d'onde vindes,
 Que vindes tão orvalhado?
 «Venho do rio Jordão,
 De fazer um baptisado.
- E a que vindes aqui,
 A tamanho povoado?
 «Venho d'além do deserto,
 A prégar lo não prégado.
- E que vindes ensinar,
 Que já não fosse ensinado?
 «Que já temos Redemptor
 A nos remir do peccado.
- A máo logar vindes, santo,
 Trazel lo vosso recado;
 Fugi, santo, não vos matem,
 Que tudo aqui 'stá damnado.

San João não quiz fugir,
 Foi na côrte degollado.
 Por causa das tentações,
 Las mulheres que não farão?
 Uma delata San Pedro,
 Outra mata San João!
 Quem sete dias resar
 Dia a dia esta oração,
 Na hora da sua morte
 Lhe valerá San João.

(*Variante da Santo Antonio*)

San João vem do deserto,
D'entre flores escondido,
Vem a prègar pelo mundo
Que Jesus já é nacido.
San João foi voz do Verbo,
Que do deserto sôou ;
Foi como santo propheta,
A todos Christo mostrou.

—Ai, santo, vós d'onde vindes,
Que vindes tão orvalhado? -

«Venho do rio Jordão,
De fazer um baptisado.

—E a que vindes aqui,
N'esta noite sem luar?

«Venho d'álem do deserto
Por esta côrte prègar.

—E que vindes, San João,
Que vindes cá ensinar?

«Eu venho da Nova Lei
Verdades annunciar.

—A máo logar vindes vós
Essas verdades prégando ;
Trazer verdades á côrte
E' traficar contrabando.

Por causa das tentações
Las mulheres que não farão?
Uma fez cahir San Pedro,
Outra, morrer San João.

25

NOSSA SENHORA CUIDOSA*(Versão da Calheta)*

La Virgem Nossa Senhora
 Está sentada na varanda,
 Não espera só cuidados
 Que lo seu Jesus lhe manda ;
 Espera tambem lo filho,
 Mas lo filho nunca vem ;
 Vae-se ter com elle então
 A' cidade de Belem :

—Ai, quem me dera em tempo
 Em que tu eras menino !
 Ora eu a te cuidar,
 E ora tu para mim rindo.
 Hoje não sei que te diga :
 Em Dezembro fazem annos,
 Que nasceste entre dois brutos,
 E vêjo-te entre tyrannos.



ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

26

PRESENTIMENTO DA PAIXÃO*(Versão da Ilha de S. Jorge)*

Senhora Santa Maria,
 Seu cabelo de ouro fino !
 Perguntou seu bento filho :
 «Se velava, se dormia ?
 Respondeu Nossa Senhora :

—Filho, perguntas se vélo?
 Eu não velo e não durmo,
 Pela vossa vinda espero!
 Sonhei esta noite um sonho,
 Mais valera não sonhal-o:
 Que o meu filho era morto
 N'uma cruz crucificado.
 Seus sagrados pés e mãos
 N'uma cruz estão pregados!
 A sua sagrada bocca,
 Cheia de fel e vinagre!
 «Calae-vos, oh minha minha mãe,
 Senhora Santa Maria!
 Não valera não sonhar,
 Que isso verdade seria!

Quem esta oração souber,
 Quando este mundo largar,
 As portas do céu abertas
 De par em par achará;
 Pelas portas do inferno
 Nunca por lá passará.

Véspera do sacrificio

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Fallou a Senhora a Christo,
 Grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,
 Parece que ouvi dizer,
 Que andavam os Phariseus,
 Meu filho, p'ra vos prender!
 Assim andaes demudado...
 Filho, a semana que vem,

Vos hãode vir buscar prêzo
P'ra ir a Jerusalem.
Meu filho, não vades lá,
Filho da minha alegria!
Eu não posso ficar no mundo
Sem a vossa companhia.
—Lgrimas de minha mãe,
Que bem as vejo correr!
Antes da Festa chegar,
Tambem vos quero dizer:
Que terei crueis martyrios
Pelas ruas e caminhos;
Na cabeça me porão
Uma corôa de espinhos,
E a corôa é toda feita
Feita de juncos marinhos.
Corra verdadeiramente,
Corra o sangue do meu lado,
Para abrandar o meu povo
Que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber
É por um anno a rezar,
Jesus lhe manda dizer
A hora em que hade acabar.

27

A PAIXÃO

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Estando a Virgem Maria
N'uma santa sexta feira,
Esperando San João
Com grande, nova tristeza:

—Que fazeis aqui, Senhora,
N'este triste desamparo?
Os judeus e gentios
'Stão cegos por seus peccados,
Já o vosso bento filho
Já o tem crucificado!
Se o queres achar vivo
Começae de caminhar.

A logar de máo quebranto,
Chegando a um tal logar,
Vira estar o seu filho,
Estando elle semelhado,
Com chagas e açoutes
Que os judeus lhe tinham dado.
Abraçou-se n'uma cruz
Que era de páo de limo;
Por uma banda corre agua,
Por outra sangue divino.

«Oh Jesus, que fico só
Em tristes enganadores,
Que é que foram causantes
De haverem veadores;
Peço ao meu bento filho
Por todos os peccadores.

Quem minha oração souber
A sua alma será salva,
Com cem annos de perdão
Para sua mãe e seu pae.

28

PLANTO DA SENHORA

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Alto Deus omnipotente,
 Rei dos céos e flôr da palma,
 Toda a vida andei cuidando
 De salvar a nossa alma.
 Em nome de Deus, amen,
 E a Virgem Santa Maria,
 Ella chorava dizendo
 Que o seu filho abrandaria :

«Oh meu filho bem amado,
 Que mal fizeste aos judeus?
 Rei dos judeus vos chamaram
 Antes do gallo primeiro!
 Cavalleiros traz consigo
 Judas, vosso despenseiro!
 Entre bispos e escrivães
 Vos levaram a dinheiro.
 Que mal fizeste aos judeus
 Que tanto mal vos julgaram?
 O ataram á columna,
 Seus cabellos arrancaram,
 Cordas lhe fiaram d'elles
 Com que de rasto o levaram.
 Sentaram-no n'uma cadeira,
 Á morte o condemnaram.
 Antes do gallo primeiro
 No vosso rosto escarraram!
 Já vem a mulher Verónica:
 —Que é que por aqui buscaes?

«Busco a esse homem, que está preso
Amarrado á columna!
—Quanto sangue por 'hi está,
Olha bem por essa rua.
«Vosso sangue derramado,
Meu Deus, sem culpa nenhuma!
Oh Jesus, que leva a Cruz,
Tão pezada que ella é!
Nem sete homens a levaram,
Filho, sósinho é que a levas.

Passos que dava Jesus
Todo o chão ajoelhava,
Logo o Senhor se levanta
Com açoutes que lhe davam.
Lá vem a nossa Senhora
Toda cheia de tristura,
Que ella no planto dizia
Pela rua da Amargura :

«Oh sangue tão precioso,
Gerado em minhas entranhas,
Um pingo d'elle bastava
P'ra remir culpas tamanhas.
—Onde vás, por essa rua,
Onde vás, mulher tão pura,
Fartae-vos bem de me vêr
Pela rua da Amargura.
Morto me vereis levar
A'manhã á sepultura.
Ahi fica San João,
Que é o vosso sobrinho,
Ell' vos tomará por mãe,
Vós o amareis por filho.
«Como é que posso trocar,
Fazendo o vosso mandado,

Filho de Deus verdadeiro
Pelo filho de um vassallo?

Foi-se a Senhora embora
A andar de rua em rua,
Com o planto que fazia
Té chegar á da Amargura,
Quando viu estar seu filho
Prêso e atado á columna :

«Oh falsos, enganadores,
Que escrevestes aos phariseus!
Soltem a Christo por nós
Que não fez mal aos judeus.
Oh mulheres, oh mulheres,
Que tendes filhos criados,
Que sabeis a dôr que é
A morte de um filho amado,
Ajudae-me a carpir
Que o meu planto é acabado.
Quem o meu planto souber
E escripto o trazer tambem,
Ganhará tantos perdões
Como areias o mar tem ;
Como ervas tem o campo,
Como areias tem o prado.
Quem o souber que o diga,
Quem o ouvir que o aprenda,
Lá no Dia do Juizo
Verá o que elle defende.
Quem minha oração souber
Todo o anno a dirá,
Se no sentido a trazer
Má morte não morrerá,
Nem de agua será vencido,
Nem terá medo ou pavor ;

E nem dos Mouros cativo,
E quando do mundo fôr
Um côro de anjos o guia
Ao pé de Nosso Senhor.

29

PASSOS DO SENHOR*(Versão da Ilha de S. Jorge)*

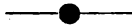
Ai Jesus da minha alma,
Senhor do meu coração,
Quem soubera imitar
Passos da vossa Paixão!
Quinta feira de Endoenças
Vos deram sacramentado
P'ra livrar do cativo
O que está em peccado.
Tambem lavastes os pés
A'quelles judeus malvados,
Vos destes por convencido
De vos terem condemnado.
Ai Filho, não me deixeis
Em tamanho desamparo:
Fico coberta de lucto
A' falta de sol mais claro.
Filho haveis de morrer,
O que se não pôde escusar;
As prophcias sagradas
Se não hão de quebrantar;
Filho haveis de viver
Para o mundo se salvar!
Pedro e João enleiraram,
Que dormiam descançados;

Acordae, amigo meu,
Acordae, tende cuidado,
Vêde que lá vem Judas
C'os judeus acompanhado,
P'ra fazer uma prisão
A este innocente culpado.
Já lá vem o Senhor prezo
Em tão injusta prisão ;
Vem prezo por nos livrar
Do cativeiro de Adão.
Já lá vem o Senhor prezo,
Meu verdadeiro Jesus !
Por amor de nós o cravam
No alto d'aquella cruz.
E os judeus lhe fizeram
A justiça com rigor,
Jogaram a pata-cega
Com meu Deos, pae e senhor :
O levaram a Caiphás,
Foi a primeira estação
Onde padeceu sem culpa
O senhor do coração.
Oh lenço mais inferior,
Ditoso rosto coberto !
Grande é o vosso amor,
Maior o vosso affecto.
Rigorosa bofetada
Levou o ditoso rosto,
Bem dita e louvada seja
A paixão do Redemptor.
Já que te dizes Messias
Que és só um Deos verdadeiro,
Dizem que és adivinhão,
Adivinha quem te deu ?
O levaram a Annaz,
Para tanto padecer,

Feiticeiro lhe chamaram
Por maior desprezo ser.
O levaram á varanda,
Botaram capa de louro,
Na mão uma cana verde
Lhe puzeram em desdouro.
Lá vem o Senhor prezo.
Pela rua da Amargura ;
Elle era o sol mais brilhante
Mas já vem sem luz nenhuma.
Lá vem Simão Cyreneu,
Que á cruz o vem ajudar,
Vem a dispôr nos seus hombros
Para o não mortificar.
Lá vem os dois varões santos
Que á cruz o vem despregar,
Nos braços da mãe magoada
Para o irem lançar.
Que encontro tão cruel
Tiveram dois corações,
Quando a mãe viu o filho
Mudado em suas feições.

— Isto não é o meu filho,
Alguem aí o trocou ;
Quem isto fez a meu filho
Minha alma traspassou.
Lá vem mulher valorosa,
Cheia de todo o valor,
Com a mais alva toalha
Para alimpar o Senhor.
Muito vos custa, Senhor,
Lograr o vosso thesouro ;
Descançar já no sepulchro
Que é mais fino que o ouro.
Filhas de Jerusalem,

Chorae por vossos peccados,
 Permitta o Padre Eterno
 Que torne a resuscitar,
 Para na vida eterna
 Comnosco ires cantar.
 Quem esta oração souber,
 E a disser com attenção,
 No meu reino seja salvo
 E toda a sua geração.



Oração diante da Corôa do Espirito Santo

(Versão de Flores e Corvo)

Ascendeu o Espirito Santo
 Sua santa monarchia,
 Desceu do céu á terra
 Com prazer e alegria.
 No ár, como pomba branca,
 Coroada a Virgem Maria,
 Com treze chamas de fogo
 Todas ardentes, ardia.
 Com seus Doze Apostolos
 Para a sua Companhia,
 Entraram a prégar
 Por aquella heresia;
 Pela vontade de Deus
 Tudo se lhe convertia.

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Caminham as tres Marias,
 Todas trez vão pelo ár,
 Em cata do bom Jesus,
 Sem o poderem achar;

Foram achal-o em Roma,
Revestido no altar.

—Bom Jesus, tão pequenino,
Missa nova ia cantar.
Eu aqui a quero ouvir
Para minha alma salvar.
Bom Jesus está cá dentro,
Vamos agora adorar,
Elle é o nosso Rei da Gloria,
Elle nos hade salvar.

§ II — *Cyclo Marial*

(Milagres da Virgem)

1

A SENHORA DAS ANGUSTIAS

(*Versão do Algarve*)

Estando nossa Senhora
Na sua cella assentada,
Sobre as suas amarguras
A triste nova chegava :
De que era morto seu filho,
Rico penhor de sua alma.
Pelas ruas corre a Virgem,
E a quem via perguntava :
Se morto era seu filho,
Rico penhor da sua alma ?
Diziam uns, que amarrado
A uma columna estava,
Outros, que pela cidade
Sob uma cruz caminhava.

Indo a Virgem mais ávante,
Uma mulher encontrava ;
Vae-se logo a perguntar-lhe
Pelo que ella não achava.
A mulher era judia,
E assim mesmo a consolava :

— Por aqui passou um homem
Com uma cruz, que arrastava

A cada passo que déra
 Toda a terra se abalava ;
 O lenho como era verde
 Até o chão tormentava ;
 Como fosse grande o pezo,
 A cada instante ajoelhava ;
 O barão da garganta
 Era o que mais o magoava ;
 Elle me pediu um lenço
 Para alimpar suas chagas,
 Eu lhe dei a minha touca
 Com que a cabeça toucava.

Tudo isto ouvia a Virgem
 E cada vez mais chorava ;
 Indo a volver os seus olhos,
 No chão caíu desmaiada.
 San João, por bom sobrinho,
 Pela mão a levantava :

— Levante-se, oh minha tia,
 Que o que ouviu não será nada.

Indo lá mais adiante,
 Com o Senhor se encontrava.

« Porque chora, minha Mãe,
 Oh minha Mãe da minh'alma ?
 — « Não choro as almas perdidas,
 Que por ti serão ganhadas ;
 Choro por ver tuas carnes
 Tão doridas e rasgadas ;
 Choro por ver do teu sangue
 Estas ruas ensanguadas !
 « Ai minha Mãe, minha Mãe,
 Que esta gente vae ser salva

Suba além áquellè outeiro,
Onde a cruz é já cravada ;
Quando o meu sangue correr,
Toda a culpa será paga.

Fez o Senhor testamento.
N'elle a todos se deixava ;
E deixá a San Pedro a chave
Para que o céo governára,
A San'Miguel a balança
Para que as almas pesára,
A San João o deserto
Para que logo habitara ;
O coração deixa á Virgem
Com que a elle adorava.
De todos já despedido,
Subindo á cruz expirara !

Vendo a Mãe já morto o Filho
Com tamanha angustia d'alma,
De Angustias lhe dão o nome,
Por' elle fica adorada.

2

A FONTE DAS ALMAS

(Versão do Algarve)

Era de maio uma tarde,
De taes flores perfumada,
Que a Virgem Mãe do Rosario
De tanto enlêvo enlevada,
Junto á margem de um ribeiro
Céu e terra contemplava.

Nas aguas que ali corriam,
Via-se ella retratada,
E dos myrtaes e roseiras
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecêra
Para a Senhora da Orada.
Tecida que era a capella
Logo d'ali se ausentára,
Levando no seu regaço
O Filhinho de sua alma.
Indo em meio do caminho
Grande calor apertava ;
Agua o Menino pedia,
Mas sua Mãe l'ha não dava,
Que d'entre aquellas restêvas
Olho d'agua não brotava.
Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parara,
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava em íace
Com tal ardor, que crestava !
Palavras que a Virgem disse,
Logo pelo céu entraram,
E o rochedo que as ouvira,
Em fonte se transformara.
O caso é que em bem pouco
Agua tão fresca jorrava,
Que aos pés da santa corria
Como quem lhe os pés beijava.
Bebendo que era o Menino,
Toda a fonte se cercava
De alecrins e mangeronas,
E rosas dé toda a casta.
Desde então ficou a fonte
Chamada = A fonte fadada,

Déra-lhe a Virgem tres chaves,
 Uma de oiro e as mais de prata,
 Uma para ser aberta,
 Outra para ser fechada,
 E outra para ali guardar
 Almas puras como a agua.
 Das almas que a Santa Virgem
 Muitas vezes lá guardava,
 Ficou o povo chamando
 À fonte == a Fonte das Almas.

3

A SENHORA DA PIEDADE

(Versão do Algarve)

Em nome de Deus bemdito,
 Saiba toda a christandade,
 Que está o mundo assombrado
 De vêr um santo milagre,
 Que a uma casta donzella
 De seus quinze annos de idade,
 Que n'uma serra morava,
 Chamada serra do Algarve,
 Por sua graça infinita
 Fez a Virgem da Piedade.

Com seu pae e mãe estava,
 Com elles ia á cidade,
 Escrever e lèr sabia
 Desde tenra mocidade.
 Sua mãe á Virgem déra
 Um altar ao pé de um valle.
 Estando ali a donzella
 N'aquella gruta uma tarde,

Offerecendo umas resas
A' sua divina imagem,
Passou, que não ao acaso,
Um fidalgo de linhagem,
Que havia muito mirava,
Para a sua virgindade.
Ameigando a donzella
Com seu damnado semblante,
Estas palavras lhe disse
Com amorosa humildade :

—Guarde Deus a ermitanita.
Nunca vi tanta beldade!
Entre as rosas que Deus cria
Não ha uma que te eguale!
Se o meu amor te merece,
Ai, vamos para a idade:
Vestir-te-hei de prata fina,
Terás quanto desejares,
Andarás entre senhoras
Que hão de vir a visitar-te:
Quando a passear tu fôres,
Levarás contigo pagem.
Rosa linda, vem commigo,
Isto que te peço, faze.
«Não gaste, senhor fidalgo,
Não gaste o tempo de balde,
Que o meu pensamento é outro
Mais proprio da minha idade.
A minha alma só a entrego
À Virgem Mãe da Piedade.

Elle quando aquillo ouvira,
Bem que começou a irar-se;
Da gruta logo a arrancara,
Se lhe ella não gritasse.

Com pranto a triste pedia
Que d'ali a não levasse.
Torna-lhe inda em altas vozes,
Que se fôsse, que a deixasse,
Que pelo sangue de Christo
Mais pranto não lhe arrancasse.
Elle sem querer ouvil-a,
Segue com seu rogo avante ;
Quanto mais ella chorava,
Mais se lhe rendia amante ;
Nem tinha já que pedir-lhe,
Que elle estava delirante.
N'uma volta que lhe déra.
Pôde a donzella escapar-lhe,
E aos pés do altar prostrada
Com fervorosa humildade,
Já não pede ao cavalleiro,
Pede á Virgem da Piedade,
Que outro amparo ali não tinha
Para a sua vingindade.
Encheu-se a gruta de flores
Da mais pura castidade ;
Do céo desceram donzellas
Da sua mesma beldade,
Com palmas bentas na mão
Em signal de santidade,
E entre todas a levaram
Para a celeste Cidade.
Elle que vê tal prodigio,
Fica em grande anciedade ;
D'ali se parte sósinho,
Vae-se logo a metter frade.
Dizem que o mundo esquecêra
Depois d'aquelle milagré,
E que morrêra tão santo
Como a Virgem da Piedade.

4

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES

(Versão de Castromarim—ALGARVE).

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria;
Estrella do céu fulgente
Clara luz do claro dia,
Contar todos seus milagres
Quem contal-os poderia?
De todos o mais patente
Acha-se ahí n'essa villa
De Castro-Marim chamada,
Que já foi da mouraria.
É este santo milagre
De tal poder e valia,
Que em Portugal e Castella,
E mais ainda em Berberia,
A quantos bem o conhecem
Faz espanto e maravilha:

Era um christão, que passava
Negra vida que tenia
Debaixo de duros ferros,
Lá para as bandas de Arzilla.
Cativeiro mais penoso
Outro christão não havia;
O pèrro mouro infiel,
Que o comprara em Almeria,
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria.
Sempre o maldito do pèrro,
Que receioso vivia,

Maltratar o pobre escravo
Com ferrenha mão sohia.
Já invenção lhe faltava
De como elle o guardaria :
Mandou fazer um caixão
Muito forte em demasia,
E n'elle sem mais detença
O triste christão mettia ;
Mas por certo inda o não dava,
Apesar do que fazia ;
Aquella mente maldita
Em mil receios ardia.
Nova ideia de tormento
Alma lhe enche de alegria ;
Com uma grossa corrente
De pés e mãos prendia,
E ainda sobre o caixão
O indino pèrro dormia !
Negro pão e agua turva
Era o manjar que tenia ;
Mas uma ardente esperança
Que na Virgem Santa havia,
Vida nova lhe apontava
Sobre a que já lhe fugia.
A Virgem Mãe soberana
Invocava noite e dia,
Para que lhe dêsse n'alma
Vigor que se lhe extinguiã,
E de todo o livrasse
De tão dura escravaria.
A Santa Virgem dos Martyres,
Que todo o seu rogo ouvia,
D'aquelle espirito afflicto
Muito bem se condola ;
O caixão, que em terra estava,
Cercado de agua se via,

E com o pèrro do mouro
Que em cima d'elle dormia,
A tona de agua boiando
Tres dias assim corria.
Já despontava a manhã,
A manhã de um claro dia ;
Novas areias se mostram,
Outros céos, outra alegria !
Da torre o gallo tres vezes
Este milagre annuncia :
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia
Sem que ninguem os tangesse,
Porque tudo inda dormia.
O ladrar de muitos cães,
Em todo o mar percutia.
Quando o pèrro ouviu os sinos
Sobre tudo se doria,
Que junto de terra extranha,
Terra que não conhecia,
Por sua desventura
Com seu escravo se via !
Encalhado em fina areia
O mesmo caixão se abria,
Com rosto mais que magoado
O mouro ao escravo dizia :

—Christão, que paiz é este
De tão alta senhoria ?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães
Logo ao despontar do dia ?
«Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia ;
Na minha terra, senhor,

Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia.

Assombrado o sarraceno
Do que do christão ouvia,
Sem mais pergunta fazer-lhe
Da corrente o desprendia.

—Ergue-te, christão, perdôa-me
Todo o mal que eu te fazia;
Até hoje eras meu escravo,
Teu escravo sou n'este dia!

Para vêr este milagre
Toda a gente ali corria:
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem,
Caminho da santa ermida;
O mouro com viva crença
O baptismo requeria.
Eis que aos pés da Virgem Santa
De agua uma fonte se abria,
Tão cristallina e tão pura,
Que a todos pasmar fazia.
Com esta agua bemdita.
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptizado
O mouro da Berbaria.
Baptizado o agareno,
Ao pé da fresca fontinha
Se formára um lindo mar
D'aquella agua que corria.
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias,

Mesmo no meio das aguas
 Um verde freixo nascia,
 Que o que mais maravilhava
 Era o vér como crescia!
 Desde então ficou a Virgem
 Tendo grande romaria;
 De Portugal e Castella
 Tudo ali corre em seu dia.

5

A DEVOTA DA ERMIDA

(Versão de *Tras-os-Montes*)

No alto d'aquella serra
 Está uma bella ermida;
 Uma devota está n'ella,¹
 Serva da Virgem Maria.
 Uma visinha da porta
 Mão testemunho lhe erguia:
 Ella que andava de amores
 Com um sacerdote de missa!
 Sacerdote se agastava,
 E ella pena não tinha.
 Veiu o marido de fóra:²

¹ Na versão de *Oliveira de Azemeis*:

Morava lá uma mulher
 Que se chamava Cecilia.
 Cada vez que amanhece
 Seu rosario offerencia.

² Chegou o marido de fóra
 E ella lhe estimou a vinda;
 E ella lhe perguntou
 O que era passado na villa.

«Boa seja a vossa vinda,
 Que vos quero perguntar
 Que vae lá por essa villa?
 —Que te confesses, traidora,
 Que te vou tirar a vida.
 «Quer m'a tires, quer m'a deixes,
 Eu confessar-me queria.
 Marido, se me matares,
 Enterra-me na Ermida
 Aos pés da Nossa Senhora,
 Aos pés da Virgem Maria.

Prenhadinha de oito mezes
 Para os nove corria;
 No cabo dos nove mezes
 Um lindo cantar se ouvia,
 Abriram a sepultura
 Onde a encontraram parida,
 Com uma menina nos braços,
 Que se chamava Maria. ¹

—Perdôa-me, oh Mariquinhas,
 Perdôa-me, oh mulher minha!
 «Ccomo te heide perdoar,
 Se a tua alma está perdida?
 A minha está na gloria,
 Dos anjos hem assistida.

¹ Os Anjos foram padrinhos,
 Nossa Senhora Madrinha.

O testemunho da porta

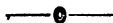
(S. João de Airão — MINHO)

No alto d'aquelle monte
 Está uma linda ermida,
 'Stá uma devota n'ella
 Servindo a Virgem Maria.
 Uma visinha da porta
 Um testemunho l'erguia,
 Que ella que andava d'amores
 Com sacerdote de missa.
 Sacerdote apaixonava-se,
 Ella paixão não a tinha.
 Chega o marido de fóra :

- Que vae lá por essa villa?
 «Prepara-te tu, mulher,
 Que te vou tirar a vida.
 — Se me matares, oh traidor,
 Enterra-me na ermida
 N'aquella de Santa Anna
 Aos pés da Virgem Maria.

Prenhadinha de oito mezes
 Já para os nove corria,
 No fim dos nove mezes
 Um lindo cantar se ouvia;
 Foram dar á sepultura,
 Acharam-na lá parida,
 Com uma menina nos braços
 Que se chamada Maria.
 O Senhor era padrinho,
 A Senhora era madrinha.
 Chegou o marido á beira
 E depois que le dizia :

«Perdoa-me tu, mulher,
 Perdôa-me cousa minha,
 — Como te heide perdoar?
 Tua alma está perdida;
 A minha está na gloria
 Pelos anjos bem assistida.



A Pastorinha

(Versão de Elvas, da Devota da Ermida)

«Inda agora vim da Lapa,
 Quem me déra lá tornar;
 E ora, valha-me Deus,
 Valha-me a Virgem sagrada.
 Só por vêr a Pastorinha,
 Que lá ficava a fiar;
 E ora, valha-me Deus,
 Valha-me a Virgem sagrada.
 Com uma roquinha á cintura,
 Uma cestinha á ilharga.
 E ora valha-me Deus
 Valha-me a Virgem Sagrada.

Foram dizer ao marido
 Que ella andava namorada,
 Ora valha-me Deus,
 Valha-me a Virgem sagrada.
 Com um sacerdote de missa,
 E elle missa não dizia.
 E ora, valha-me Deus,
 Valha-me a Virgem Maria.

— Confessa-te, mulher minha,
 Que hoje te tiro a vida;

E ora, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
«Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Essa tenção era a minha;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Peço-te, marido meu,
Que me enterres na ermida;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
La cima, ao altar mór;
Aos pés de Santa Cath'rina.
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá no fim de nove mezes,
Um lindo cantar se ouvia;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria,
Quer por dentro, quer por fóra,
A ermida retinia.
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Foram dizer ao marido:
Menina, que era nascida.
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
San José a batisava,
Nossa Senhora era a madrinha,
E ora valha-me Deus.
Valha-me a Virgem Maria.
«Aqui tens, oh meu marido,
A vida em que eu andava.
Ai Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem sagrada.

Quem a Virgem serve bem,
Sempre lhe dá boa paga.
Ai Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

A devota da Ermida

(Versão de Loulé — ALGARVE)

—D'onde vindes, mulher minha,
Qual foi a vossa jornada?
«Venho da Virgem da Lapa,
Mais forte do que cansada;
Se eu tivesse companhia,
Inda hoje lá tornava,
Só p'ra vêr a pastorinha,
Que lá vi tão bem pintada.

—Confessa-te, mulher minha,
Que a vida tens acabada.
«Quer me mates, quer me deixes,
Eu já confessar-me qu'ria;
Só te peço, oh marido,
Que me enterres na ermida,
Aos pés de Nossa Senhora,
Aos pés da Virgem Maria.

Occupada de oito mezes,
Para os nove já corria,
Ao cabo de nove mezes
A ermida retinha.
Foram vêr a sepultura:
Menina, que era nascida;
Quem a tinha em seus braços?
Senhora Santa Catharina.

Quem a estava a batizar?
 San João! Virgem Maria.
 Foram chamar o marido,
 Logo a morta assim dizia:

«Vê tu, oh marido meu,
 Qual a vida em que eu andava;
 A maldita da visinha
 Continuo me protestava,
 Que dizer a ti iria
 Que eu andava namorada
 Lá por um padre de missa,
 E era o meu Anjo da Guarda.
 —Perdôa-me, oh mulher minha,
 Perdôa-me, mulher querida!
 «Perdoar-te eu já não posso,
 Tens a tua alma perdida;
 A minha está na gloria,
 Dos anjos bem assistida.

—●—

Santa Cecilia

(Versão do ALGARVE)

Acolá n'aquelle oiteiro
 Ha uma linda ermidinha;
 E junto d'ella morava
 Uma gentil pastorinha.
 Todos que a viam, pensavam
 Que fôsse uma donzelinha.
 Malquerenças não tivéra,
 Só de uma perra visinha,

Que bem jurou de perdê-la
 Por inveja que lhe tinha.
 Cecilia, assim se chamava,
 Que assim lhe pôz su' madrinha,
 Do mundo nada quizêra,
 Nem tinha ella outra vida
 Mais do que rezar suas rezas
 Desde que alvorava o dia.
 Uma vez, sem mais nem menos
 A traidora da visinha
 Vae-se a ter com seu marido,
 Que ella d'elle gostaria.

«O que vae por vossa casa,
 Quem dizel-o poderia!
 Ai, valha-me a mãe do Carmo,
 Valha-me a Virgem Maria!
 Assim que vos ausentaes,
 Não ha mais do que alegria!
 A mulher que Deus vos deu
 A fallar emprega o dia:
 De amores toda se rende
 Com um Dom de Fidalguia.

O marido que tal ouve,
 A casa logo corria:

— Bem te podes confessar:
 Confessa-te, mulher minha,
 Que mulher que é tão errada
 Pagar só deve co' a vida,
 — Quer me mates, quer me deixes,
 Eu confessar-me queria;
 Se me matares, enterra-me
 Aos pés da Virgem Maria.

D'enraivado que elle estava,
 Logo ali a mataria.
 Ao cabo de sete mezes
 Grande cantar se ouvia.
 Foram chamar o marido
 Para vêr tal maravilha.

—Mal haja todo o casado
 Que acreditar em visinhas!
 Perdoae-me, oh minha santa,
 Perdôa-me, oh mulher minha!
 —«Como te heide eu perdoar,
 Se tu'alma está perdida?
 A minha, que hoje é dos anjos,
 Pelos anjos foi remida;
 No mundo andarás em penas,
 No céo não terás cabida!

Dizem que elle ouvindo aquillo,
 Morto logo ali caíra,
 E que a soterral-o fôram
 Lá baixo ao adro da ermida.

6

A SENHORA DA ORADA

(Versão de Albufeira — ALGARVE)

Má sentença um homem teve,
 Em hora triste e mingoadá;
 Por ella andava perdido,
 Sua mulher desterrada.
 Sentado estava chorando
 Sua vida tão airada;
 Quando seu pranto em torrentes
 A falla já lhe tomava,

Uma voz ao longe ouvira,
Que mui alto lhe bradava :

- Caminha, vae a Lisboa,
Não temas essa jornada ;
Que a sentença que tiveste
Foi por bem que te foi dada.
«Como póde assim ter sido,
Se contra mim foi lavrada?»
—Corre a casa do *notario*,
Acharás que não é nada ;
Vae-té a casa do juiz,
Onde se fez a ajuntada ;
Depois volta á *escrivania*,
Verás a letra mudada.

Seguindo, vae 'té Lisboa,
Como quem bem caminhava ;
Chega a casa do *notario*,
E viu que não era nada ;
Chega a casa do juiz,
Onde se fez a ajuntada,
E procurando a sentença,
Achou-a toda riscada.

- Homem, quem aqui te trouxe
A seguir esta jornada?
«Mandou-me o Senhor da Pedra,
Mais a Virgem Mãe da Orada;
Que a consolar-me vieram
Quando los eu invocara.
—Oh, quem tal dita tivéra,
Que para traz já voltara!
«Eu por mim sim voltaria,
Mas não mais os encontrara.

Indo pelo seu caminho
Com a sentença mudada,
Uma mulher vira morta
N'um esquite amortalhada.
A mulher logo se erguera,
Que a vida então redobrava.
Vendo passar seu marido
Pelo nome lhe bradava :

— «Homem, se estás em peccado,
Confissão te seja dada,
Já que eu morri n'este mundo
Sem ver ostia consagrada.
Depois de te confessares
Tu'alma será ganhada ;
Chega pois á confissão,
Que não precisas mais nada.
«Tambem tu, oh mulher minha,
Que ora estás resuscitada,
Antes que recáias morta,
Faze por ser confessada ;
A Deus pede que te salve,
Mais á Virgem Mãe da Orada.

Em oração se pozeram,
Anjos á terra baixaram ;
Depois de oração fazerem,
Ambos para o céu voaram.

Bom Jesus de Padrão

(Variante de Loulé)

Má sentença um homem teve
Em hora triste e minguada ;

Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada,
Sentado estava chorando
À beira de certa estrada,
Quando uma voz elle ouviu,
Que mui alto lhe bradava :

— Oh homem, vae a Lisboa,
Vae fazer essa jornada,
Que a sentença que tiveste
Bem a teu favor foi dada.

Seguindo vae a Lisboa,
Como quem bem caminhava,
Chega a casa do escrivão
Acha a letra demudada ;
Deu outra volta á sentença,
Achou letra ensanguentada.
Deu-lhe volta á outra banda,
Para traz cahiu sem falla.

«Homem, quem te trouxe aqui,
A seguir esta jornada?

— Mandou-me o Senhor da Pedra,
Lá da beira da estrada,
Que a consolar-me viera
Quando lo eu invocava.
Vejo agora que a sentença
Bem a meu favor foi dada.

Voltando p'lo seu caminho,
Grande milagre se obrava,
À sua mulher já na tumba
Deu-lhe o Senhor vida e falla :

— «Homem, se andas em peccado,
Chega-te á confissão ;

Depois de estar confessado
 Pede ao Senhor teu perdão ;
 Depois de estar perdoado
 Chega logo á communhão ;
 Depois de ter commungado
 Os anjos te levarão.

Em confissão se puzeram,
 Ambos logo commungaram,
 Rodeados pelos anjos
 Ambos para o céo voaram.

8

A FILHA DO REI DE ROMA

(Versão de San João de Airão)

Lá no alto de Castilha
 Tinha o rei uma filha,
 Que resava trez rosarios,
 Trez rosarios cada dia ;
 Um era pela manhã,
 O outro ao meio dia,
 O outro era á noite,
 Quando o seu pae dormia.
 Estava um dia a resar,
 Chegou-lhe a Virgem Maria :

- Que fazes tu, oh devota,
 Que fazes, devota minha ?
 «Eu, Senhora, estou aqui,
 Reso á Virgem Santa Maria.
 —Se quizesse vir cõmnigo
 A uma santa romaria ?

«Eu quero, Senhora, quero,
 Eu era o que mais pretendia,
 —Pede licença a teu pae,
 Vae na minha companhia.

«Acorde, meu pae, acorde,
 Tenha muito boa vinda,
 Temos esta noite em casa
 A Virgem Santa Maria,
 Que me quer levar com ella
 Para a santa romaria.
 —Eu por ser tão bom senhor,
 Quitar-te não poderia ;
 Vae, segue tua jornada,
 Que vás dar a Fonte Fria.

Depois de chegarem lá,
 A Virgem que lhe dizia :

—Ficas aqui, oh devota,
 Ficas-te, devota minha,
 Fechadinha n'esta casa
 Sete annos e um dia.
 Ao cabo de sete annos,
 Os sete annos e um dia,
 Tornará a apparecer
 A Virgem Santa Maria :

—Como estás tu, devota,
 Como estás, devota minha ?
 «Senhora, aqui estou bem,
 Não me pareceu nem um dia.

—Trez caminhos te vou dar,
 A qual d'elles 'scolherias :
 Se quizeres ser casada
 Marido t'eu buscaria ;

Se queres ir para teu pae,
 P'ra teu pae te levaria.
 «Isso não, senhora, não,
 Já me não conheceria.
 — Se quizeres ir para o céu,
 Para o céu te levaria.
 «Ai quero, senhora, quero,
 Que era o mais que pretendia.

Tocam os sinos no céu
 Com prazeres de alegria,
 Que saiu um corpo santo
 Agora de Fonte Frida.

Quem esta oração disser
 Um anno continuado,
 N'este mundo será rei,
 No outro será coroadado.
 Trez sabbados, antes que morra,
 Nossa Senhora lhe virá
 Dizendo: — Filho ou filha,
 Confessa te dos peccados
 Que tens para confessar,
 Que eu sou a Virgem Maria,
 Que te venho a nembrar;
 Vou pedir a Jesus Christo
 Que te venha perdoar.

(Variante de Tras os Montes)

El rei tinha uma filha,
 A quem queria como a vida,
 Resava o seu rosario
 Duas, tres horas ao dia.
 Um dia, á meia noite,
 A meia noite seria,

Resando o seu rosario
Saiu-lhe a Virgem Maria :

—Se queria ser casada,
Bom marido lhe daria ;
Ou se queria ser freira,
Em bom convento a metteria ;
Se queria ir para o céo,
Fosse em sua companhia.

«Oh meu pae, da minha alma,
Minha mãe, da minha vida,
Resando em o meu rosario
Saiu-me a Virgem Maria :
Se queria ser casada,
Bom marido me daria ;
Ou se queria ser freira
Bom convento me daria,
Se queria ir para o céo,
Fosse em sua companhia.

—«Oh filha da minha alma,
Quem tivesse a tua dfta !

9

NOSSA SENHORA DO PRADO

(Versão alemtejana)

De volta de Além do mar,
Caminha p'ra a sua terra
Um pobre e triste soldado
Que lá tinha feito a guerra.
Além, da serra no alto,
Quando a noite vae já meia,

O pobre e triste invalido
Vae indo p'ra sua aldeia.
Côxo de um pé, da mão manco,
Lá vae o pobre aleijado,
Caminando muito a custo
A um bordão encostado.
No alto da serra parou,
Poz a mão no coração :
E' que ouviu uns sons tremendos
Que lhe dão grande afflicção ;
Sinos de Nossa Senhora
Lá da Igreja do Prado,
'Stão chamando á oração
Pela alma de um finado.

—Quando te dexei, minha terra,
E me prenderam p'ra soldado,
Tambem os sinos tocavam
Pela alma de um finado.
O finado era o meu pae,
Que d'esta vida se passava,
E só deixava a minha mãe,
Que eu sem querer abandonava.
Aqui n'este mesmo sitio
Eu resei uma oração,
Pedindo a Deus pelo morto,
Pobre pae do coração.
Tambem pedi á Virgem
P'la vida da mãe velhinha,
Que eu voltasse a vê-la em breve
Mail-a irmã pequerruchinha.
Seis annos já são passados,
Agora minha mãe vou vêr,
Mas quero primeiro resar
Antes de á aldeia descer.

Quando de manhã, o triste
 Na sua aldeia entrava,
 Deu com os olhos n'uma velhinha
 Que então se sepultava.
 Os gritos que dá são tantos,
 E as lagrimas tantas são,
 Que mete medo, faz dó,
 Faz partir o coração.
 Se vires na Igreja do Prado,
 Margarida e seu irmão,
 Respeite sua tristeza,
 'Stão rezando o oração;
 'Stão pedindo á Virgem santa
 P'las almas dos seus finados;
 E que Deus livre os rapazes
 De cahirem p'ra soldados.

10

NOSSA SENHORA DO MONTE

(Versão de Nossa Senhora do Monte — MADEIRA)

No correr d'este ribeiro,
 Longe d'esta fonte fria,
 Uma pastora mocinha
 Com seu pae além vivia:
 Seu gado a pastorar
 Ainda manhã mal rompia,
 A' hora do pôr do sol
 Com seu gado recolhia.
 Voltando ella p'ra casa
 Pela noitinha d'um dia,
 No regaço do saiote
 Confeitos, maçãs trazia:

E nem maçãs, nem confeitos
 Na ilha não nos havia ;
 Tudo era sertão bravo,
 Rara casa moradia.

- Que coisas são estas, filha?
 Ninguém aqui las teria!
 «Linda senhora m'as deu,
 Que outras tantas trazia:
 E' certa todas las tardes,
 'Li além, á fonte fria;
 Falla e resa commigo,
 E' la minha companhia.
- Filha, essa maravilha
 Só por encanto seria.

No outro dia vindouro,
 Elle se poz de vigia;
 E seus mesmos olhos viram
 Que la filha não mentia:
 Viram divina imagem
 Da Virgem Santa Maria;
 La imagem a sorrir,
 E la filha que comia.
 Lo pae viu la Virgem Santa
 Em imagem que sorria;
 Mas la filha, innocente,
 Em viva carne la via.

Diz lo pastor: — Oh milagre!
 Venham todos a porfia;
 Appar'ceu aqui no Monte
 La Virgem Santa Maria!

Gonçallo Ayres, mal o soube,
 Uma capella fazia,

E na capella devota
Nossa Senhora mettia.
Mas la Senhora, soidosa,
P'ra sua fonte fugia,
A fallar á pastorinha,
Sua fiel companhia.
Vae então todo lo povo,
Sem faltar la fidalguia,
Melhor egreja levantam,
Cada qual como podia :
E em procissão levaram
La Santa Virgem Maria,
Que, vendo tamanha fé,
Lá ficou de moradia.

Em prova d'este milagre,
Vêde ahi la fonte fria ;
La Senhora na egreja,
E cada anno em romaria.

11

SENHORA DO MONTE

(*Versão de N. S. do Monte*)

Fuge, fuge dos cossarios,
Oh, herejes, que elles são !
Não ha egreja, mosteiro,
Nem altar onde não vão !
Los cossarios herejes
São diabos, homens não !
Lá vem um por 'hi arriba,
E lá se vae ao altar ;

Minha Senhora do Monte,
 De lá vos vae arrancar,
 E na pedra dos degráos
 Vos joga, p'ra vos quebrar!
 Vossa egreja tremeu
 D'este tamanho peccado;
 Los sinos d'ella dobraram,
 Tocando desentoadado;
 Agua benta seccou.
 Apagou lume sagrado!
 E vós, Senhora do Monte,
 A rir no céo, sem cuidado!
 Vossa imagem, inteira:
 Lo degráo, esmigalhado;
 E lo hereje maldito
 No inferno abrazado!
 Oh Senhora milagrosa,
 No mundo tão venerada,
 Nenhum hereje se atreva
 Contra vós, que sois sagrada.

 12

ORAÇÃO DO ROSARIO

(Versão de Alqueidão das Olalhas)

«Virgem santa do Rosario,
 Ouvi a minha oração,
 Tomae conta da minha alma,
 Tende-a da vossa mão.
 'Té agora tenho andado
 Errado com desatinos,
 Atentado do peccado,
 Muito mais do inimigo,

Espertae o meu sentido
Para que eu o não perca ;
Alta Rainha da gloria,
Tende-me a arca aberta,
Porta de Misericordia.

—Filho, para que nasceste ?
Nasceste p'ra ser varão ;
Para subires ao céu
No termo de San João.
Lá haveis de passar
No rio do Jordão.
O sentido que levava
O corderinho sagrado,
O sangue que lhe saía
No calix é consagrado.
Quem d'este sangue beber
Será bem aventurado,
N'este mundo será rei,
No outro será coroado.
Pela santa rua vou
Chorando e lagrimejando :
Triste de ti coitado
Que pesar levas comtigo !
Cheguei ao cimo da rua
O Filho morto achei.
Abracei-me com a cruz,
A cruz é de palma viva ;
De uma banda corria agua,
E da outro sangue vivo ;
D'onde ella foi nada
Luzia mais que o sol ;
As estrellas e a lua
A cercavam de redor.
Quando eu me acordei
D'esta grande acórdão,

Achei só ao pé de mim
A meu primo San João.
Estava dizendo: — Oh donzella,
Cá deixaste teu condão,
Com cem annos de perdão,
Para tua salvação.
Confessa-te, peccador.
Que já Deus te quer levar,
Tres dias antes que morras
Deus te manda avisar.
Quem esta oração disser
Um anno de dia a dia,
Fallará com a Virgem Maria,
A's portas do céu irá.
Abertas as achará,
No inferno não caberá ;
Quem a souber que a diga,
Quem não souber que a apprenda,
Lá no dia do Juizo
Saberá o que lhe compete.

13

A CONFESSÃO DA VIRGEM

(Variante da Foz do Douro)

—Oh, senhor padre de missa,
Confissão me hade ouvir,
Que eu ando occupada,
Em horas de me assistir.

O padre se assentou,
A donzella ajoelhou ;

O ventre que ella trazia
Todo o mundo allumiou.

—O primeiro, que eu amei,
Oh meu divino Senhor,
Por tanto que o amei
O trago a meu favor.
O segundo, é chorar,
Sempre chorei de contino ;
Em vinte e cinco de março
Padeceu o Verbo divino.
O terceiro, é guardar
As cousas que de Dens são ;
Dias de Nossa Senhora
São dias de occupação.
O quarto, é honrar
A nosso pae mais que a nós ;
Não sei se farei offensa
Chamar a Jesus por vós.
O quinto, me atentaste,
Oh diabo infernal,
Que padeceu, meu filho
Sem peccado original.
Atimei a confissão,
Não tenho mais que dizer ;
Peço por caridade
Se me pode absolver.
«Vae-te embora, pomba branca,
Oh arreliquia divina,
Onde se encerra o bem todo
A mail-o Verbo divino.
Vae-te embora, pomba branca,
Antre as espinhas da salsa,
Por isso sejas louvada,
Ave Maria ! de graça.

Confissão de Nossa Senhora

(Versão de Abrantes)

A confissão da Senhora
Foi de manhã ao domingo,
Não foi por fazer peccados,
Nem pelos ter commettido;
Foi por guardar respeito
A o seu amado Filho.
O Padre se assentou,
A donzella ajoelhou;
O que trazia no ventre
Toda a terra alumiou.
Padre que não vê pensamento,
Da virtude duvidou.

«Não duvides, padre, de mim,
Nem tenhas que duvidar,
Que isto são os mysterios
Da Santissima Trindade:
O primeiro, que eu amei,
Heide amal-o de continuo;
A vinte e cinco de março
Encarnou o Verbo divino.
O segundo, que eu amei,
Estes dias que bons são,
A vinte e cinco de Março
Tive grande occupação.
O terceiro, que eu amei,
Foi a Deus nosso senhor,
Cá o trago no meu peito,
Creado a meu favor.
Padre, aqui tenho feito
Toda a minha confissão,

Por caridade te peço
 Me dês a absolvição.
 —Levanta-te, oh minha pomba,
 Meu espelho cristalino,
 Que tudo em vós se encerra,
 Até o Verbo divino.
 «Confessa-te agora, filho,
 Que eu sou Nossa Senhora,
 Que te venho avisar.
 Que vou pedir a meu Filho
 Que te leve para bom logar.
 Eu caminho para Belem
 Aonde hade naacer
 Meu todo querido bem



Confissão da Virgem

(Versão de Elvas e Loulé)

A Virgem se confessou,
 Amanhecendo, um domingo,
 Não foi lá por ter peccado
 Nem por ter promettido;
 Foi só por guardar preceito
 Do seu augusto e qu'rido Filho.

«Vinde cá, padre da missa,
 Confissão me haveis de ouvir,
 Que aqui venho embaraçada
 Dos peccados me remirdes.

O padre, que se sentava,
 A donzella enjoelhava:
 O ventre que ella trazia
 Todo o mundo alumiava;

O padre, que aquillo via,
Por momentos duvidava.

«Cala-te, padre de missa,
Cala-te, não digas nada;
Tudo isto são mysterios
Da Santissima Trindade,
Principio p'los Mandamentos,
Vamos a remir peccados:
O primeiro, é que eu amei
O meu divino Senhor;
Cá o trago no meu ventre
E criado em meu favor.
O segundo, é que eu jurei
Uma jura de contino:
A vinte e cinco de Março
Encarnou Verbo divino.
O terceiro, é que eu guardei
Os dias que de Deus são,
A vinte e cinco de Março
É a santa Encarnação.
O quarto, é que sempre louvei
Pae e mãe mais do que vós,
Não sei se farei offensa
O levar Jesus por vós.
O quinto, é que matei
A Serpente infernal,
Que levou á cruz Jesus Christo
Sem ter culpa original.
Oh meu padre de missa,
Já está feita a confissão;
Peço-vos por caridade
Me deis a absolvição.

—Levantae-vos, pomba branca,
Meu espelho! es tão lindo!

Vae caminho de Belem
 P'ra nascer Verbo divino.
 «Ficae-vos com Deus, oh padre,
 Que eu com Deus me vou embora,
 Queira Deus nos encontremos
 Bem lá no reino da gloria.

14

ORAÇÕES DA AMARGURA

(Versão de Loulé)

Estando Nossa Senhora
 Uma sexta feira á missa,
 Resando no seu livrinho,
 Vem santa Magdalena
 Muito triste e muito afflicta :

—Que fazeis aqui, Senhora?

«Eu a missa eston resando.

—Vosso precioso Filho

Na cruz estão açoitando.

«Ai, que novas tão levadas

Castigam os meus sentidos!

Mulheres que têm filhos,

Ajudem-me a chorar;

Pois aquellas que os não têm

Não teem dor nem pesar.

Quem esta oração disser

Um anno de dia a dia,

A Virgem lhe apparecerá

Ante da morte tres dias.

Ella lhe virá dizendo :

«Filho, vae-te confessar,
Que o meu precioso filho
P'ra gloria o quero levar,
Com a sua divina luz,
Para sempre. Amen. Jesus.

(Versão de Loulé)

Estando Nossa Senhora
Uma manhã de domingo,
Com sua bemdita mão
Lavando o seu rosto divino,
Ella se foi a dizer
Ao seu precioso filho :

«Que as almas do santo Céu
Se sorriam e cantavam,
As do santo Purgatorio
Gemiam e até choravam.
—Deixe-as 'star, oh minha mãe,
Que ellas o têm merecido;
Ha cem annos que me pedem
E não me tenho esquecido;
Deixe vir o santo sabbado
Que subirão ao juizo,
Deixe vir o bom domingo,
Que entrarão no Paraizo.

15

VIRGEM DA CONCEIÇÃO*(Versão do Minho)*

Ergui-me de madrugada
Em faixinhas e mantéu,
Fui correr a via sacra
Pelo caminho do céu ;
Encontrei Nossa Senhora
Com ramo de ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não.
Eu tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.

—Oh meu Padre San Francisco,
Aqui está este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Domingo da Resurreição,
Que me desse sete voltas
Ao redor do coração ;
Que me desse outras sete
Que chegasse até ao chão.

De um lado está San Pedro,
De outro lado San João ;
No meio está o retrato
Da Virgem da Conceição.
A Virgem da Conceição
Tem um menino Jesus,
Que foi pela barra fóra
Domingo de Santa Cruz.
Vinde vêr a barca nova
Que se vae deitar ao mar ;

Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar,
San José vae por piloto,
Nosso Senhor por general.
Arrearam-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal.

Senhora da Conceição

(Versão de Loulé)

Fui por uma rua abaixo
À busca da salvação,
Encontrei Nossa Senhora
C'um ramalhete na mão;
Eu pedi-lhe uma folhinha,
Ella disse-me que não;
Eu tornei-lhe a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.

Isabelinha tecedeira,
Vá tecer-me este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Com sua bemdita mão,
Quando em Sexta feira santa
Eu buscava a salvação.

(Variante de Campo Maior)

Levantei-me de madrugada
A ouvir missa e sermão,
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramalhete na mão;
Eu lhe pedi uma folhinha,
Ella me disse que não.

Eu lh'a tornei a pedir,
Ella me deu o seu cordão :

«Vae além áquell' castello,
Que lá está um mouro pèrro,
Procura-lhe se é christão?
Se elle disser que não,
Pucha pelo teu cutello,
Arrinca-lhe o coração.

— Oh cutello tão estimado,
Onde foste baptisado?
— «Nas pias de San João,
Martyr San Sebastião.

(Variante de Villa Boim)

Ergui-me de madrugada
Só por ir á Surreição;
Encontrei Nossa Senhora
Com raminho de ouro na mão;
Eu pedi-lhe uma folhinha,
E ella me disse que não;
Eu lh'a tornei a pedir,
E ella deu-me o seu cordão,
Que me dava sete voltas
E um nó no coração,
E a pontinha que sobrava
Chegava do céo ao chão.
Santo Antonio, San Francisco,
Acceitae-n.e este cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora
Domingo da Surreição.

16

RÔMAGEM DE SAN THIAGO

(Versão de Ourilhe)

Alma, vae a San Thiago,
 Vae cumprir a romaria;
 A companhia que levava
 Era a Virgem Maria;
 O Peccado ia atraz
 A vêr se a tentaria.

—Vae-te d'ahi, oh demonio,
 Deixa-me a alma, que é minha!
 Que me deram de alviçaras
 Por um filho que eu tinha.

Chegou mais adiante,
 Cahiu em pôço sem fundo,
 D'onde sahir não podia;
 Todos os gritos que dava
 Todos o Senhor ouvia,
 Do palacio d'onde estava
 De lá lhe respondia:

«Se és cousa minha, ajudar-te-hei;
 Se és cousa má, esconjurar-te-hei
 —«Senhor, cousa ruim não sou,
 Sou uma alma peccadora
 Que d'esse sangue se gerou.
 «Apega-te aos rosarios que resaste,
 Aos jejuns que jejuaste.
 —Eu jejuar não podia;
 Apego-me aos rosarios
 Que resava cada dia.

Estava outra alma de banda,
 Que lhe disse: = Eu me apego
 A sete quarentenas que jejuei;
 Uma por ti offerecerei!
 Encostado á columna
 Uma vela te accenderei.

—●—

Dia de Juizo

(Versão do Porto)

Por aquella noite escura,
 Morreu uma creatura
 Com grande arrependimento,
 Sem receber sacramento;
 Suas culpas e peccados
 Foram á face de Christo:

- Oh meu senhor Jesus Christo,
 Aqui visitar-vos venho!
 Sou a alma mais perdida
 Que tem o vosso rebanho.
 «Escuta, oh alma zelosa,
 Que primeiro te escutei;
 Ensinei-te a benzer,
 Não quizeste apprender;
 Lá te deixei meus jejuns,
 Sempre passaste comendo;
 Lá te deixei meu Calvario,
 Sempre passaste correndo.
- «Oh meu filho, tão amado!
 Oh meu filho, tão querido!
 Filho, salva-me aquella alma,
 Pois que se me vae perdendo.

«Pois a minha mãe o manda,
Faço o seu mando correndo.
San Miguel, pezae as almas,
Ponde pezos na balança,

Os peccados eram tantos
Que foram com elles ao chão!
Poz Nossa Senhora o manto,
Ficaram pezos suspensos;
Com a graça de Maria
Ficou a alminha contente.

Quem esta oração disser
Um anno continuamente,
Terá por certo viver
Lá no céo eternamente.
Quem a sabe e não a diz,
Quem a ouve e não a apprende,
Lá no Dia de Juizo
Saberá o bem que perde.

Alma peccadora

(Versão de Porto da Cruz — MADEIRA)

Ai, que triste noite escura,
Ai, que noite de tormento;
Morreu uma creatura
Sem receber sacramento!
Com seus peccados tamanhos,
Cae aos pés do bom Jesus;
Ajoelha arrependida
E faz lo sinal da Cruz.

—Ai, meu Deus, meu Senhor,
Pedir perdão aqui venho;

Que eu sou ovelha perdida,
 Desgarrada do rebanho.
 «Alma precita, escuta,
 Que tambem eu te escutei:
 Sempre te quiz desviar,
 Sempre na culpa te achei;
 Quando ias para a egreja
 Sempre te vi retardada;
 Quando tu de lá sahias
 Sempre te vi apressada;
 Quando eram os meus jejuns,
 Sempre te vi comendo;
 Quando eram minhas festas
 Sempre te foste esquecendo.
 Quando levantava a Deus
 Nunca te vi penitente;
 Vae agora p'r'o inferno,
 Em penas eternamente.

Acudiu Nossa Senhora
 Com palavras d'Avangelho,
 E pediu-lhe por taes artes,
 Que no pedir deu conselho:

—«Peço-te, meu bento Filho,
 Pelo leite que mamaste,
 Salva-me essa alma perdida,
 Que tu mesmo la creaste.
 «San Miguel, pezae as almas,
 Pois que minha Mãe lo manda;
 Ponde d'aqui merecimentos,
 Peccados da outra banda.

Do lado dos mer'cimentos
 Poz la Senhora seu manto;
 Los peccados do outro lado,

Não puderam pezar tanto.
 Foi lo manto da Senhora
 Que deu lo pezo corrente;
 Pela graça de Maria
 Salvou-se la penitente.

Rogae por nós peccadores,
 Oh Virgem da Conceição,
 N'esta e na hora da morte
 Valei-nos p'ra salvação.

Quem disser esta oração
 E los mysterios resar,
 Livrará almas penadas
 E la sua de penar.
 Quem la souber, que la diga,
 Quem não saiba, que l'apprenda,
 Que no dia de Juizo
 Lá terá lo que pretenda.

 17

A SENHORA DA CONCEIÇÃO

(Versão do Minho)

Senhora da Conceição,
 Ouvi minha devoção;
 Lembrae-vos da minha alma,
 Ponde-me da vossa mão:
 Que até aqui andei errada
 Sem nunca atinar caminho,
 Em tamanho desatino,
 Me perdia!
 Peço-vos, Virgem Maria,
 Que me ouças meu coração,

Em vós ponho a afflicção,
E sempre por vós chamo,
Quando me vir atentado
Na tentação do peccado
E do inimigo!
Espertae o meu sentido,
Que minha alma se não perca,
Pois vós sois a Arca aberta,
A porta da Misericordia.
Virgem, olhae que ando em guerra,
No mundo atentador;
Pois não dá bom galardão
Nem menos consolação,
Mas antes guerra!
Virgem, não queiraes que eu perca
Gloria para que eu nasci.
Virgem, lembrae-vos de mim,
Sède minha advogada.
Dae-me até á morte falla
E coração forte,
Contra os meus pensamentos,
P'ra guardar os Mandamentos
Até á hora da morte.

§ III—*Cyclo santoral*

(Lendas piedosas)

1

SANTA IRIA

(*Versão de Santarem*)

Estando eu á janella, co'a minha almofada,
Minha agulha de ouro, meu dedal de prata,
Passa um cavalleiro, pedia pousada :
Meu pae lh'a negou. Quanto me custava !

« Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae não digam tal da nossa casa,
Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.

Roguei e pedi, muito lhe pezava ;
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.
Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava ;
Ao lar o levei, logo se assentava.
As mãos lhe dei agua, elle se lavava ;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.
Poucas as palavras, que mal me fallava ;
Mas eu bem sentia que elle me mirava.
Fui erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus olhos lindos na terra os pregava.
Fui-lhe pôr a cca. muito bem ceava ;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava,

Dei-lhe as boas noites, não me replicava ;
 Tam má cortezia nunca a vi usada !

Lá por meia noite, que me eu suffocava,
 Sinto que me levam com a bocca tapada . . .
 Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
 Correndo, correndo sempre á desfilada,
 Sem abrir os olhos, vi quem me roubava ;
 Calei-me e chorei, elle não fallava.
 D'ali muito longe, que me perguntava :

—Eu na minha terra como me chamava ?

«Chamava-me Iria. Iria a fidalga ;
 Por aqui agora Iria a cansada.

Andando, andando, toda a noite andava ;
 Lá por madrugada que me attentava . . .
 Horas esquecidas que por mim luctava ;
 Nem força, nem rogos, tudo lhe mancava.
 Tirou do alfange . . . ali me matava,
 Abriu uma cova onde me enterrava,

No fim de sette annos passa o cavalleiro,
 Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

—Minha santa Iria, meu amor primeiro,
 Se me perdoares serei teu romeiro.

«Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
 Que me degollaste que nem um cordeiro.



Santa Iria

(Versão de Villa Nova de Gaya)

Estando eu a coser
 Na minha almofada,
 Minha agulha de ouro,
 Meu dedal de prata,

Passou um cavalleiro,
Pediú-me pousada.
Se meu pae lh'a desse,
Estava mui bem dada ;
Deu lh'a minha mãe
Por ser confiada.
Subiu para cima,
Elle se assentou ;
Puz-lhe a meza,
Elle ceou ;
Fiz-lhe a cama,
Elle se deitou.
Era meia noite dada,
Elle em mim pegou,
Levou-me p'r'o monte,
Lá me perguntou
Como me chamava ?

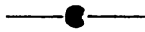
«Em cas' de meu pae
Iria fidalga ;
No meio d'estes montes
Iria coitada.

—Por esta palavra
Serás degolada.

Puchou do alfauge
E a degollou ;
Coberta de rosas
Alli a deixou.
D'alli a sete annos
Por alli passou :

—Pastorinhos novos,
Que guardaes o gado,
Que Santa é aquella.
Que está n'aquelle adro ?

— «É a Santa `Iria ;
 Morreu degollada !
 — Oh Santa Iria,
 Meu amor primeiro,
 Perdôa-me a morte,
 Serei teu romeiro.
 «Não perdôo, não,
 Vilão carniceiro,
 Da minha garganta
 Fizeste carneiro :
 Do meu cabellino
 Fizeste dinheiro.
 Veste-te de azul
 E mais de amarello ;
 Se Deus te perdoar.
 Perdoar-te quero.



Santa Iria

(*Variante da Covilhã* — BEIRA BAIXA)

«Estando eu a coser na minha almofada,
 Com agulha de ouro e dedal de prata,
 Veiu o cavalleiro pedindo pousada,
 Se lh'a meu pae dera, estava bem dada ;
 Deu-lh'a minha mãe, que mui me custava.
 Fui fazer a cama no meio da sala.
 Era meia noite, a casa roubada !
 De tres que nós éramos só a mim levava.
 Eram sete leguas, nem falla me dava,
 Lá para as oito é que me perguntava :
 — Lá na tua terra como te chamavam ?
 «Lá na minha terra era eu morgada ;
 Cá n'estas montanhas serei desgraçada.

- Por essa palavra serás degollada.
 Ao pé de um penedo serás enterrada,
 Coberta de rama bem ramalhada.
- No fim de sete annos por alli passava,
 E a todos que via lhe perguntava:
- Dizei-me pastores, que guardaes o gado,
 Que ermida é aquella que além branquejava?
 =É de Santa Iria bemaventurada,
 Que ao pé de um penedo morreu degollada.
- Oh minha santa Iria, meu amor primeiro,
 Perdôa-me a morte, serei teu romeiro.
 «Não te perdôo, ladrão carniceiro,
 Que me degollaste, que nem um carneiro.
 Veste-te de azul, que é a côr do céu,
 Se elle te perdoar, perdoar-te quero.



Santa Helena

(Variante do MINHO)

'Stando santa Helena
 Á porta assentada,
 Cosendo mui linda
 Na sua almofada,
 Sua agulha de ouro,
 Seu dedal de prata,
 Veiu um cavalleiro,
 Pediu-lhe pousada.

«Se meu pae lh'a dera,
 Está mui bem dada.

Entrou para dentro,
 Logo se assentou ;

Fizeram-lhe a cèa,
 Elle não ceiou;
 Fizeram-lhe a cama,
 Então se deitou.
 Lá por meio noite
 Se alevantou;
 De tres irmãs que eram
 Só n'ella pegou.
 Levou-a p'r'o monte
 E lhe perguntou;
 Lá em sua casa
 Como a chamavam?

«Em caz' de meu pae
 Helena fidalga;
 Agora na tua
 Serei desgraçada.

Puchou pelo alfange
 E logo a matou,
 Cobriu-a de ramos,
 Ali a deixou.
 Findos sete annos
 Por alli tornou;

—Pastorinhos novos,
 Que guardaes o gado,
 Que ermida é aquella
 Que está n'aquelle adro?
 =É da Santa Helena;
 Morreu degolada.
 —Minha Santa Helena,
 Meu amor primeiro,
 Perdôa-me a morte,
 Serei teu romeiro.

Santa Iria

(Versão de Celorico de Basto)

.....
 Veiu um cavalleiro e pediu pousada,
 Meu pae era velho, e disse que lh'a dava.
 De tres que nós eramos, só em mim pegou:
 Para o monte Espinhal para lá me levou,
 Lá mesmo no monte, lá me perguntou:

—Na tua terra como és chamada?
 «Eu na minha terra, Iria a fidalga,
 Pela terra alheia, triste, malfadada.

Puchou um alfange, lá me degolou,
 Coberta de feto no monte me deixou.
 D'alli a sete annos por lá passou:

—Pastores de gado, que o gado guardaes,
 Que Santa é essa que vós adoraes?

—«É Santa Iria, que traidor matou;
 Coberta de flores no monte a deixou.

—Iria! Iria, meu amor primeiro,
 Dá-me saude no braço direito,
 Que eu te jejuarei sete annos a oito.
 «Não darei nada, cruel carniceiro,
 Que o meu pescôço fizeste talheiro.



Santa Iria

(Versão do Fundão)

Estando eu cosendo
 Com um dedal de prata,
 Passou um passageiro
 Pedindo pousada;

Se meu pae lh'a desse,
 Estava mui bem dada ;
 Deu-lh'a minha mãe,
 Do que eu não gostei nada.
 Pela noite adiante
 Casa roubada ;
 Tres que nós eramos
 Só eu faltava.
 Lá no meio do caminho
 Elle me perguntou :

—Menina honrada,
 Lá na sua terra
 Como se chamava ?
 «Lá na minha terra
 Era Iria aventurada ;
 E n'estas montanhas
 Serei desgraçada.
 —Por essas palavras
 Será degolada,
 Entre dois penedos
 Será enterrada.

D'ahi a sete annos
 Elle por alli passou :

—Linda pastorinha,
 Que ermida é aquella ?
 —É de Santa Iria ;
 Morreu degolada,
 Entre dois penedos
 Foi enterrada.
 —Santa Iria,
 Meu amor primeiro :
 Perdôa-me a morte,
 Serei teu romeiro.

«Como te heide perdoar,
 Cruel carniceiro,
 Se tu me degolaste
 Como um carneiro?!
 —Santa Iria,
 Meu amor primeiro,
 Perdôa-me a morte,
 Serei teu romeiro.
 «Reveste-te de azul,
 Que é a côr do céu:
 Se Deus te perdoar,
 Eu perdoar-te quero.

—●—

Santa Iria

(*Versão de Loulé — ALGARVE*)

Estando eu bordando
 Na minha almofada,
 Com agulha de ouro
 E dedal de prata,
 Veiu um cavalleiro,
 Me pediu pousada.

«Se meu pae lh'a der,
 Está mui bem dada.

Deu-lh'a minha mãe,
 Muito me pesava.
 Lá, noite afóra,
 Elle me pegava;
 Na anca do cavallo
 Elle me montava.
 Findas sete legoas,
 Elle perguntava:

—Como vos chamavam
Lá na vossa casa?
«Lá na minha casa,
Iria fidalga;
Em terras alheias
Serei desgraçada.

Elle me pegando,
Elle me matava;
Entre dois madeiros
Fiquei degolada.
Ao fim de sete annos,
Elle alli passava;
A uns pastorinhos
Elle assim fallava:

—Dizei, pastorinhos,
Dizei, por minh' alma,
Que ermida é aquella
Além levantada?
—«É de Santa Iria,
Bemaventurada,
Uma santa Virgem
Aqui degolada.
—Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte,
Serei teu romeiro.
«Não perdôo a morte,
Cruel carniceiro,
Que me degolaste
Que nem um cordeiro.
Faze reverencia,
Tira o teu chapéo.
Fica ahi, cruel,
Que eu vou para o céo.

(Variante de Loulé)

Estando Dona Iria
A porta assentada,
Bordando a fio de ouro
Na sua almofada,
Veiu um cavalleiro
Pedir-lhe pousada.

«Se meu pae lh'a der,
Está mui bem dada ;
Se lh'a recusar
Não fico zangada.»

Seu pae veiu á noite,
Pousada lhe dava ;
Na sala da casa
Prompto se deitava.
Era meia noite,
Se alevantava ;
Das tres irmãs que eram,
Iria levava.
Caminho andado,
Elle perguntava :

—Em sua casa, Iria,
O que almoçava ?
«Em casa almoçava
Sopinhas de mel ;
Meu almôço aqui
Sopinhas de fel.

Andou sete leguas.
Elle perguntava :

—Em sua casa, Iria,
O que é que jantava ?

«Em casa comia
Carne bem guisada ;
Meu jantar, aqui
Sardinha salgada.

Andou sete leguas,
Elle perguntava :

—Em sua casa, Iria,
Como era chamada?
«Lá me chamariam
Iria fidalga ;
Cá, n'estes penedos,
Sou : a desgraçada,

Tirou do alfange,
E logo a matava ;
Cobriu-a de ramos,
E lá a deixava !
Findos os sete annos,
Por alli tornava.

— Pastores dos bosques,
Que guardaes o gado,
Que ermida é aquella
Que está n'aquelle adro ?
— «É de Santa Iria,
Da santa fidalga,
Que ao pé de um penedo
Morreu degolada.
— Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte,
Serei teu romeiro.
«Perdoar não quero,
Cruel carniceiro,

Que me degolaste
 Como a um carneiro.
 —Perdôa-me, Iria,
 Em nome do céo,
 Serei teu romeiro
 Ser romeiro quero.
 «Veste-te de azul,
 Pede a Deus d'Arcelo,
 Se Deus perdoar,
 Perdoar-te quero.

—●—

Santa Iria

(Versão do ALGARVE)

Achava-se dona Iria
 Na sua sala assentada,
 Bordando de agulha de oiro,
 E com seu dedal de prata;
 Bate á porta um eavalleiro,
 Que lhe pedira pousada;
 Dona Iria lhe respondeu,
 Muito triste e magoada;

«Que sua casa não era
 Estalagem de accoitada;
 Que se sua mãe lh'a dêsse,
 Estava mui bem dada.

Elle quando aquillo ouvira,
 Muito triste que ficára;
 Picando no seu cavallo
 Sósinho se retirara.
 Ella de compadecida
 Do seu balcão lhe acenava,

Que a sua mãe foi pedir
 Para lhe dar accoitada.
 Volve atrás o cavalleiro
 Com má tenção que levava ;
 Mandára-lhe a pôr a mesa,
 Muito bem que elle ceava ;
 Mandou a fazer-lhe a cama,
 Para que se elle deitára,
 Negro somno ella dormia ;
 Elle sómente velava ;
 Pezado corria o somno,
 Meia noite era já dada.
 Lá dor essa noite velha,
 Cavalleiro em pé na casa. ¹
 Já sellado é seu cavallo,
 Que á luz da lua alvejava ;
 Á cama de dona Iria
 Corria que não andava ; ²
 Pouco tempo era passado,
 Já com ella cavalgava,
 Levando a triste donzella ³
 Em seus braços desmaiada.
 Longo caminho corrido,
 Nem um nem outro fallava ;
 Mas a donzella em seus braços
 A chorar se delatava.
 Ao cabo de sete léguas
 Para amor a requestava ;
 Mas só pranto eram as vozes
 Com que lhe ella tornava.
 Cavalleiro com brandura
 Suas fallas lhe voltava :

-
- 1 Elle da cama saltava.
 2 Prestes d'alli se marchava.
 3 Levando a donzella.

—Como vos chamaes, donzella,
Como vos chamaes, minh'alma?
«Eu lá pela minha terra
Fui dona Iria, a fidalga,
Agora n'estes montios ¹
Sou Iria, a desgraçada!

Elle, que aquillo ouvira,
Alma lhe ficou damnada,
E quer já vencer por força
O que não vence a palavra;
Mas a Virge' era do céo,
Pelo céo era guardada.
Com a espada que trazia,
Logo alli a degolara,
E lá mesmo abre uma cova
Em que mal a soterrára;
Pois co' a pressa seus cabellos
Fóra da cova deixara.

Alli se fórma uma ermida,
Que a todos bem que pasmava,
C'um letreiro que dizia:
«A Santa Iria — a fidalga.»
Ao cabo de bons sete annos
Cavalleiro que passava;
A um pastor perguntava:

—Dize-me, oh pastor da serra,
Pastorinho da minh'alma,
Ai, que ermidinha é aquella,
Que além vejo armada?
=Aquella é de Santa Iria.

1

Agora cá por montanhas

De Santa Iria, a fidalga,
 Que por mão de um cavalleiro
 Alli fôra degolada :
 A ermida cresceu, cresceu,
 Sem de ninguem ser tocada.

Cavalleiro que tal ouve,
 De joelhos se prostrára :

—Minha linda Santa Iria,
 Santa Iria da minh'alma,
 Perdoae-me a dura morte
 Que vos fiz com esta esta espada,
 Que já partida aqui fica,
 Para sempre sepultada.
 Eu serei vosso romeiro
 Em longa peregrinada !

Uma voz saíu da ermida,
 Que parecia encantada :

«Ergue-te d'ahi, cavalleiro,
 Mais a tua dura espada,
 Que a tua alma n'este mundo
 Não póde ser perdoada ;
 Tua alma não é do céo,
 Pelo céo foi condemnada.

D'alli parte o cavalleiro,
 Vae fazer longa jornada ;
 Chegando ás portas de Roma,
 Vira a Santa degolada.

«Atraz, atraz, cavalleiro,
 Tua alma é já perdoada.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Santa Irena*(Versão da Calheta)*

Brocado de oiro
E prata lavrada,
Estava eu bordando,
À minha almofada
Quando um cavalleiro
Vem pedir pousada ;
Que por noite escura,
Má é la estrada.
Se meu pae lh'a nega,
Fôra eu penada ;
Se não fôra eu,
Lhe fôra negada.
Lo mal qu'eu fazia
Eu mal lo cuidava !
Que, já noite velha,
Elle me furtava.
E, lá pol las serras,
Me chacoteava :

- De teu pae na casa
Como és chamada ?
«Chamavam-me Irena,
Fidalga fadada.
—Agora és mulher
Minha mancebada.
«Nunca lo será
Irena, cuitada !

E, sem mais porquê,
Alli me matava,
E fez uma cova.
E lá me enterrava.

No fim de sete annos,
Elle que passava,
E, vendo um pastor,
Assim lhe fallava :

—Que pedra é aquella
Alli ajuntada ?
=«É la sepultura
De Irena cuitada ;
De santa Irena,
Alli degolada ;
De santa Irena,
Alli enterrada.

Então de gíolhos,
Lo máo cavalleiro :

—«Oh santa Irena,
Amor derradeiro,
Se tu me perdôas,
Serei teu romeiro.
«Perdoar-te, como,
Saião carniceiro,
Se do meu pescôço
Fizeste madeiro ?
Eu não te perdôo,
Vilão cavalleiro ;
Maldito amor. . . .
Meu amor primeiro.

Morte de Santa Iria

(Versão da Ponta da Cruz)

Eu estava cosendo á minha almofada,
 Vem um cavalleiro, e pede pousada.
 Se meu pae lh'a nega, bem me pesaria;
 Se ali eu não fôra, meu pae negaria.
 Eu lhe abri la porta, e elle me saudou;
 Aberta la porta, logo elle entrou;
 Puzera-lhe a ceia, a elle ceiou;
 Fizera-lhe a cama, elle se deitou.
 Lo mal que eu fazia, eu mal lo cuidava!
 Que ao cabo da noite, treidor me furtava;
 E lá polas serras, a mim perguntava;

—Teu pae, lá em casa, que nome te dava?

«Iria fidalga d'elle era ehamada;

Agora, me chamo Iria cuitada.

Então a cutello, hi fui degolada;

Hi fez uma cova, lá fui enterrada.

No fin de sete annos, elle que passava,

E a um pastor assim demandava:

—Que ermida é aquella, ali levantada?

Lo pastor lhe disse: — «De Iria, cuitada;

De santa Iria, ali degolada;

De santa Iria, ali enterrada.

—Oh santa Iria, meu amor primeiro,

Se tu me perdôas, serei teu romeiro.

«Eu não t'ô perdôo, ladrão carniceiro,

Que do meu pescôço fizeste madeiro.

Se tu assim matas lo amor primeiro,

Vae ter ao inferno lo teu derradeiro.

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

Santa Iria

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Estando cosendo na minha almofada,
 Minha agulha de ouro, meu dedal de prata,
 Chegara um cavalleiro a pedir pousada.
 Meu pae lh'a dera; a mim bem pesara.
 Entrara p'ra dentro, elle se assentara,
 Botara-lhe agua, elle se lavava,
 Fizera-lhe a cama, elle se deitara.
 Lá por meia noite elle se levantara,
 De trez que nós eramos só a mim levará.
 Lá por longes terras a mim perguntava :

—Como te chamavam em cas' de teu pae?

«Chamavam-me Iria, Iria fidalga...

Por terras alheias Iria coitada.

Ao pé de um pinheiro a mim degolára,

Fizera uma cova, a mim me enterrára.

D'alli a sete annos por ali passára :

—Que ermida é aquella, ou casa caiada?

«Não é ermida, nem casa caiada,

É a santa Iria bemaventurada.

—Oh santa Iria, meu amor primeiro,

Se me perdoares, serei teu romeiro.

«Não te perdôo; a um cão carniceiro,

Que me degolastes que nem um cordeiro!

Da minha garganta fez um picadeiro,

Da minha cabeça fez um machadeiro.

Entrára p'ra dentro mui apaixonado,
Saíra p'ra fóra já bem perdoado:

«Vestiste-te de verde, tambem de amarello,
Assim Deus me queira, como eu te quero.



BRASIL

Irfa-a-fidalga

(Versão do Rio de Janeiro)

Estando assentada,
Na minha costura.
Passou um cavalleiro
Pedindo pousada.
Si meu pae não dera,
Muito me pesara.
Botou-se a meza
Para o jantar;
Muita comedia,
Pratas lavradas.
Si fez a cama
Com lençóes de renda,
Cobertas bordadas.
Lá p'ra a meia noite
Elle levantou-se,
Ninguem achou,
Só a mim levou.
A cabo de sete leguas,
Elle me perguntou:

—Na minha terra
Como me chamava?
«Na minha terra
Iria a fidalga;

Na terra extranha
Iria a coitada.

.....

—Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro.

“.....

Me degolaram
Que nem um carneiro:



GALLIZA

—
Santa Irena

(*Versão de Lugo*)

Estando cosendo
Na miãa almofada,
Miãa aguella d'ouro
Meu dedal de prata,
Miãa tixeiriãa
De folla de lata;
Pasa un caballero,
Pideme pousada;
Meu pae era vello,
Non me dixo nada,

.....

De tres irmãs qu'eramos,
A min me levou;
No medio do monte
El me perguntou:

—Que nome me puxo
Quen me bautizou?

«Ay! na miãa terra
Irena me chaman,
Agora na casa
Triste e malfadada.

.....

Sacou ó puñal
E ali a matou ;
Coberta de toxos
Ali á deixou,
D'ali a sete anos
Por ali pasou :

- Pastoriños novos,
Qu'andaes c'o gaudo,
Qu'imagen é aquela
Qu'está nese adro?
—«Esa a Santa Irena,
Qu' o traidor matou,
Coberta de toxos
Ali a deixou.
—Miãa Santa Irena,
Meu amor primeiro,
Dadme saude
No brazo direito. ¹
«Como ch' a ei dar,
Tirano e traidor,

¹ Na versão de Mondim da Beira :

—Oh Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Dá-me, tu, saude
Ao meu braço Jireito.
«Como t'a heide dar,
Algoz carniceiro.
Se me tu mataste
Como a um carneiro.

Si tu me mataches
Sin pena e sin dor?

2

SANTO ANTONIO E A PRINCEZA DE LEÃO

(Versão da Ilha de S. Jorge — AÇÔRES)

Era el-rei de Leão
Casado c'uma princeza
Devota de Portugal
De Santo Antonio varão ;
Tinha uma só rainha,
Uma filha já mulher,
Ella só lhe convém
Pelo muito que lhe quer ;
Tres dias chegou a estar
Morta e por enterrar.
O rei mais e mais a còrte
Para a sepultura se ajuntam ;
A mãe em continuo pranto,
Com grande fé no seu santo
Que lh'a hade resuscitar,
Ergueu seu rosto choroso
Ao céo com fé verdadeira :

«Vós que sois universal
Dos milagres que fazeis,
Dae-me a minha filha viva,
A verdade a não negueis.

Ainda não tinha feito
Sua oração santa,
O santo lhe poz a mão,
A môça se alevanta.

Aggravada, offendida,
Contra a mãe responderia :

—Deus vol-o perdoe, senhora,
D'entre as virgens me tirastes
Do côro celeste, santo,
Onde eu estava agora ;
Tres dias trago dispensa
P'ra estar em vossa presença
E tornar a subir á gloria.

Oh que ditoso recado
Traz a ditosa menina ;
É o tempo acabado
De ir p'ra pratica divina.



Santo Antonio e a Princeza

(Versão do ALGARVE)

Achava-se em Realmonte
Com sua côrte real,
Casada uma princeza,
Princeza de Portugal.
D' Antonio, santo varão,
Do seu paiz natural,
Devota a princeza era,
Por crença a mais singular.
Filha infante ella tinha,
Mais formosa que o luar ;
Mais a infante era um anjo,
E ao céu se foi parar.
Toda a côrte lá se ajunta
Para lhe o corpo levar ;

Mas não consente a princeza
 Que o levem a soterrar.
 Tres dias eram passados
 E ainda por sepultar ;
 A mãe em continuo pranto,
 Mas a filha a regelar ;
 Sómente ella não chorava,
 Que estava a bom resar
 Ao santo varão Antonio,
 Que tanto soubera amar ;
 A infante encommendava
 Para lhe a resuscitar ;
 Com grande fé verdadeira
 Assim começa a orar :

«Santo, que sois de mi terra,
 Onde não ha outro equal,
 Que por todo o mundo andavas
 Noite e dia a milagrar !
 A esta vossa devota
 Vinde por Deus escutar ;
 Aquella que vêdes morta
 Mandae-a resuscitar,
 Mais sete dia de vida
 Depois fazei-a expirar :
 Afugentae-me esta ausencia,
 Que a não posso supportar :

Inda a oração era em meio,
 Já no céu ia a entrar :

—Sete dias tens de vida,
 Podes á terra voltar.—
 Disse Deus e santo padre,
 A vida lhe foi a dar.

Do atahude se erguera
A infante de Portugal,
E com divinal semblante
Á princeza foi fallar :

«Senhora mãe, que choraes,
Onde me quereis guardar?
Aqui me tendes na terra
Onde já não sei estar.
D'entre as virgens me arrancastes,
Sem saber, por meu pesar;
Deixae-me, senhora mãe,
Que eu no céo tenho um altar:
Eu apenas vim ao mundo
Para vos vir consolar.
Prometteis, senhora mãe,
De não mais por mim chorar?
—«Assim o prometto, oh filha.
Podes para Deus voltar:
Ora por mim, tu, que és anjo,
E que no céo tens altar.

Os sete dias findavam
Ao nascer de o luar,
A alma da bella infante
Para o céo se viu voar;
O corpo que era de terra,
Á terra o foram levar.
Toda a côrte se espantava
De não vér a mãe chorar.

O Fradinho pedinte

(Versão de Santarem)

Por uma estrada fóra
 Um fradinho vem a andar,
 Ao seu bordão encostado,
 Pobrinho e a mendigar.
 Tem os olhos encovados,
 Mas não os tem de peccar;
 Tem a cara adormecida,
 Mas não a tem de brincar,
 Mas apenas só a tem
 De se elle mortificar.
 O pão lhe dão nas pousadas,
 Agua a fonte lhe hade dar,
 N'isto encontra em seu caminho
 Pobre mulher a chorar :

- O que tens, pobre mulher?
 «Meu homem quer-me matar,
 Por que sou vossa devota,
 Porque vos quero adorar.
 —Que vos fez o vosso homem?
 «Veiu-me os braços quebrar.
 —E que elle mais vos fez?
 «Poude-me descostellar.
 —Ainda mais alguma cousa?
 «Veiu os dentes me arrincar.

Tudo o fradinho pedinte
 Poz então no seu logar.
 A mulher ficou a rir
 E o marido a chorar.
 E cahiram de gíolhos
 Os que alli eram a olhar.

Quanto póde Santo Antonio
Se lhe dá p'ra milagrar!
Oh mulheres! que levae
Taes pauladas a faltar,
Quando fôrdes tão batidas,
Não tendes mais que chamar
O bom de Sant'Antoninho
Para elle vos concertar.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Santo Antonio*(Versão de Ponta do Sol)*

Em Padua está Sant'Antonio,
No seu sermão a prégar,
Quando vem do céo um anjo
Mandado lo avisar:

—Depressa, ide a Lisboa,
Tende mão no que lá vae;
Ide vós livrar da fôrca
Lo justo do vosso pae.

Lo santo que tal ouviu,
No pulpito joelhou,
E, resando um padre-nosso,
Logo a Lisboa chegou.
Já nas ruas da cidade,
La Justiça vae andando;
Lo triste vae padecer;
Lomeirinho, pregoando:

—Vae morrer morte na fôrca
 Quem matou por sua mão
 Um innocente sem culpa.
 Sem mais porquê nem rasão.

Palavras não eram ditas,
 Sant'Antonio que apar'ceu,
 E, com estas santas fallas,
 Da parte de Deus requ'reu :

«Oh vós, gente da Justiça,
 Oh vós, padres do altar,
 Da parte de Deus vos digo :
 Um justo ides matar.
 E a todos vós requeiro
 Que d'aqui não vades mais ;
 Aqui mostrarei sem crime
 Esse justo que levaes.

Veiu então lo juiz
 Contra lo Santo dizer :

—«Quem por sua mão matou
 Vá por ello padecer ;
 Aqui. aberta la cova,
 Lo morto veiu metter ;
 Testemunhas bem juradas
 Lo provaram, pol o ver.

Mas Sant'Antonio desata
 Sem detença a responder :

«Los vivos juraram falso ;
 Lo morto... vamos a ver.
 Homem morto ! homem morto !
 Pol o Deus assim lo qu'rer,

Alevanta-te d'ahi;
 Quem te matou? Vem dizer.

Então da cova lo morto
 Logo se ergueu e fallou:

«—Esse triste padecente
 Não fez crime, nem peccou;
 Não me tirou elle a vida;
 Por minha vida tirou.
 Justiça, não lo mandeis
 Degráos da fôrca subir;
 Soltae-m'ó já d'essas cordas,
 Soltae-m'ó, deixae-lo ir.
 Quem me matou vae ahi,
 Mas foi outro, que não elle;
 Quer Deus que eu salve lo justo,
 E lo crime não revele.

Todos, menos um, disseram:

—«Oh grã milagre patente!
 Vamos dar parte a el-rei;
 Não morra este innocente.

E logo vieram promptas
 Las reaes ordens d'el-rei:

«Cumpra-se lo que Deus manda;
 É minha e vossa lei.

«—Amen, amen!» — dizem todos.
 Menos um, que foi calado:
 Foi lo que deu la sentença,
 Lo juiz excommungado.

E logo lo padecente,
 Das cordas desamarrado,
 E a rir e a chorar,
 Assim fallou engasgado :

- «Oh meu bom rev'rendo padre,
 Já que não sirvo p'ra mais,
 Quero servir-vos de rastos ;
 Dizei d'onde e quem sejaes ?
 — «Sou vosso filho Fernando ;
 Tomei lo nome de Antonio,
 Quando p'ra Deus passei
 D'este mundo do demonio.
 P'ra vos salvar aqui vim,
 A meio do meu sermão ;
 Quero lo ir acabar ;
 Dae-me, pae, vossa bénção.
 «Eu te la dou, filho meu,
 Vae de Deus abençoado ;
 Salvaste teu pae da fôrca,
 Vae combatel lo peccado.

— ● —

Santo Antonio de Lisboa

(Versão de Santo Antonio)

Santo Antonio estava em Padua
 A prégar lo seu sermão,
 Um anjo lhe foi dizer,
 Com grande tribulação :

- Avia-te já, depressa ;
 Vé, santo, lo que lá vae ;
 Vae a morrer em Lisboa
 Lo innocente teu pae.

Lo santo ajoelhou,
 E fez da cruz lo signal;
 Pediu uma Ave Maria,
 E se foi a Portugal;
 E nas ruas de Lisboa
 Côm la Justiça topou.
 Ia seu pae padecer;
 Lo meirinho pregôu:

— «Vae morrer morte p'ra sempre
 Quem por sua mesma mão
 Um innocente matou
 Sem mais què, nem mais razão.

«Oh senhores da Justiça,
 Oh senhores do altar,
 Da parte de Deus vos digo:
 Um justo ides matar.
 Justiça, eu vos requeiro
 Que d'aqui não andeis mais;
 Que se mostrará sem culpa
 Esse homem que levaes.

Veiu então lo juiz,
 E começou a dizer:

— «Este matou; tem sentença;
 Vae por ello já morrer:
 Testemunhas lo juraram;
 Aqui elle o enterrou
 N'este cerrado visinho,
 Hu lo morto se encontrou.

Palavras não eram ditas,
 Lo santo a responder:

—«Los vivos juraram falso,
 Lo morto... vamos a vér.
 Vinde commigo, senhores,
 A dentro d'este cerrado ;
 Que fallará como vivo
 Lo morto hi enterrado.
 Da parte de Deus, oh morto,
 Pelo Deus que te creou,
 Alevanta-te d'ahi,
 E dize quem te matou ?
 =Esse homem que ahi vejo
 Não fez crime nem peccou ;
 Não me tirou elle a vida ;
 Por minha vida tirou,
 Quem me matou ahi vae,
 Mas foi outro, que não elle :
 Quer Deus que eu só diga isto,
 E lo crime não revele.

Todos menos um, disseram :

—«Oh grão milagre evidente !
 Diga-se já a el-rei :
 Não morra este innocente.

Las reaes ordens d'el-rei .
 Não delongaram a vir :

«Soltem-no já d'essas cordas,
 Soltem-m'ó, deixem-no ir.

E todos dizem : -- bem haja !
 Menos um, que nada diz :
 Foi lo que deu la sentença,
 Lo que vinha por juiz.

Logo foi lo padecente
 Das cordas desamarrado :
 E, na força da alegria,
 A chorar diz joelhado :

- «Oh meu bom rev'rendo Padre,
 Dizei d'hu e quem sejaes ;
 Quero beijar vol los pés,
 Já que não sirvo p'ra mais.»
- «Sou' vósso filho Antonio ;
 Deitae-me vossa benção ,
 Quero mè ir para Italia,
 Acabal lo meu sermão.

Comenos, vem la mulher,
 Coberta de dó e pranto :

- «Mulher minha, cá vou salvo
 Polo nosso filho santo.

— ● —

Alvorada

(*Flores e Corvo* — AÇÔRES)

- Oh meu padre Santo Antonio,
 Que das almas fostes Rei,
 Nascestes da flor da palma.
 Para remedio da nossa lei.
 Oh meu padre Santo Antonio,
 Ide longe d'essa gente,
 Ide livrar vosso pae
 Que vae preso e innocente.
 Está preso e estará,
 Irá do Rei á presença,
 Sua morte sentenciada,

Tendo elle mulher e filhos
Seus orfãos estão perdidos.

Santo Antonio ajoelhondo,
Ave-Maria rezou,
E enquanto elle a resava
Onze mil leguas andou.
Chegou a longe cidade,
Com a Justiça topou :

«Justiça tão rigorosa,
Esse homem em que peccou ?
—Este homem que aqui vae prezo
Por um outro que matou,
No seu quintal enterrado,
Como ali já se achou.
«Escutae e fallae pouco,
Se elle alli está enterrado,
Hade dizer á justiça
Por quem foi esfaqueado :
«Levanta-te, oh homem morto ?
Pelo Deus que te creou :
Vem dizer a esta gente
Se este homem te matou ?

O homem se levantava,
No coval se assentou,
Bem vestido e calçado
Como n'este mundo andou :

==Esse homem é innocente ;
Não foi elle que me matou,
Antes sim me protegeu,
Como pae que me criou.
O homem que me matou
Na companhia o levaes ;

Por mim seja perseguido
Para que não mate mais.

Justiça, que tal ouviu
Pela terra se deitou,
Como sendo criminosa,
A seus pés se abraçou :

=Oh meu padre Santo Antonio,
Em que cidade moraes?
Que eu quero ir visitar-vos
Uma vez e muitas mais.

«Bem me admira, meu pae,
Não conheças a Antonio,
Mudei nome de Fernando,
Para me livrar do demonio.

=Mil benções te boto, filho.
De Deus sejas abençoado ;
Sejas um bom confessor
Das almas do céo sagrado.

«Oh meu Pae, oh minha mãe,
Deitae-me vossa benção,
Que eu d'aquí vou para Padua
Acabar o meu sermão ;
Se eu não o fôr acabar,
Ai de mim, o que dirão !

Santo Antonio

(Arredores de Lisboa)

Estando Santo Antonio em Padua
A prégar o seu sermão,
Um anjo lhe segredou,
Que n'aquella occasião,

Fosse acudir a seu pae,
 Que ia morrer enforcado.
 Admirado fica o santo,
 Para o povo olha admirado,
 Pediu uma ave-maria;
 Parte; a Lisboa é chegado.

Em meio da Rua Nova
 Viu Justiça, toda a gente:

— Onde levas esse homem
 A morrer tão innocente?
 «Este homem matou outro,
 No... quintal o enterrou, frade!
 — Vamos á cova do morto
 Que elle dirá a verdade.

— Alevanta-te, homem morto,
 De mando do Omnipotente!
 Diz aqui quem te matou,
 Desengana esta gente.
 — «Esse homem não me matou,
 Nem d'elle tenho signaes.
 O homem que me matou
 Na companhia o levas.
 O meu sagrado Messias
 Não quer que eu descubra mais.
 — Deite-me a benção, meu pae,
 Que eu sou seu filho Fernando;
 Vou para Padua acabar
 O sermão que estou prégando.
 Por me andar a perseguir
 A toda a hora o Demonio,
 Para me livrar mudei
 O meu nome para Antonio.

Santo Antonio

(Versão de Elvas — ALENTEJO)

Estando o Padre Santo Antonio
 Apregando o seu sermão,
 Veiu um anjo lá do céu,
 Que o vinha converter :

— Tu, Antonio, estás aqui,
 E tu não quererás crêr ;
 Christo te manda dizer :
 O teu pae vae a morrer.

Santo Antonio, que isto ouviu,
 Para o seu povo olhou,
 A ave-maria pediu,
 Foi logo direito á côrte.

.....
 «Justiça, com toda a gente,
 Onde levas esse homem
 Padecer tão innocente?

— «Este homem vae a morrer
 Por outro que elle matou ;
 Testemunhas o juraram,
 No quintal o enterrou.

«Vamos a esse quintal
 Onde esse homem morto está.

Santo Antonio benzeu a terra...

«Levanta-te, homem morto,
 Com graça do Omnipotente !
 Diz' lá quem te matou,
 Desengana esta gente.

O morto se levantou,
 Deitou olhos ao Senado :

- Esse homem não me matou,
 Nem d'elle dou signal;
 Na companhia levaes
 Quem me fez todo o mal.
 »Peço pelo Virgem Sagrada,
 Que não descubras mais,
 Que venho aqui p'ra salvar,
 Não venho p'ra condemnar.
- Dizei-me, oh rev'rendo padre,
 Onde é o vosso convento,
 Que vos quero ir visitar

- «O meu convento é em Padua,
 Não podeis lá chegar;
 Mas quero que reconheças
 O vosso filho Fernando,
 Que mudou nome p'ra Antonio
 P'ra se livrar do demonio,
 Que sempre o andava attentando.
 Deixae-me ir, oh meu pae,
 Acabar o meu sermão,
 Que deixei aquella gente
 Toda posta em oração.
- «Ditoso de um tal pae,
 Que tem um um filho d'esta sorte,
 Vem de Padua a Lisboa
 A livrar o pae da morte. ¹

¹ Na versão do Porto, termina em fôrma de Oração :

Santo Antonio é bom santo,
 Que livrou seu pae da morte ;
 Tambem nos hade livrar
 D'esta batalha tão forte.

Na tradição de Elvas, o Reponso a Santo Antonio tem a fôrma narrativa.

Santo Antonio se levantou,
 Suas santas mãos lavou,

Resposos a Santo Antonio

(Versão da ilha de S. Jorge)

Oh beato Santo Antonio,
 Pelo habito que vestistes
 Pelo cordão que cingistes,
 Já que vosso pae quizestes
 A graça de Deus houvesse;
 Dizei-me esses nove mezes
 Que andastes pelo dezerto
 Procurando Jesus Christo,
 E perguntastes: «Que lança
 Foi a que mais lhe doeu?»
 (Disse): — Foi a de Longuinhos,
 Que no coração me deu;
 O qual botou leite e agua
 Na hora da salvação. —

Seus santos pés calçou,
 Seu santo caminho andou;
 No campo de Lucifér
 Jesus Christo encontrou:

—Aonde vaes, Antonio?
 «Eu, Senhor, p'r'o céu me vou.
 —Tu para o céu não irás:
 Quantas cousas se perderem
 Todas tu depararás.

Oh meu glorioso Antonio,
 P'lo habito que vestistes,
 Pelo cordão que cingistes
 Vistes estar vosso pae
 Com sete sentenças de força;
 Não dormistes, não descansastes
 Enquanto o não livrastes.
 Assim vos peço, Santo bemdito,
 Que não durmaes, nem descanséis,
 Enquanto não apparecer
 O que vos peço me depareis.

Salvae-me a mim, Santo Antenio,
E a todo o fiel christão.

*

Oh beato Santo Antonio,
Oh santo conformidote
Da santa contemplação,
Rogae por este varão.
Santo Antonio confessor,
Peço-te por teu amor,
Sejas meu advogado
Por mim a nosso Senhor.
Glorié padre, piedoso
Com o filho glorificado.
Em Lisboa te é dado
Doutrina dos Talianos,
Com prezos e africanos
Morte e vida favoravel.
Sóndes nosso padroeiro,
De christão forte arnez;
Santo bemaventurado,
Se alguma cousa é perdida,
A seu dono é bem achada
Com alegria crescida.
Oh eschola da verdade,
Cofre da santa bondade,
Blsamo tão milagroso
Em toda a enfermidade
Sois de Lisboa patrão,
Da Christandade victoria;
Alcançae de Deus perdão
E na outra vida gloria.

3

SANTA THEREZA

(Versão de Beja—ALEMTEJO)

Dáe-nos, supremo Senhor,
Vossa graça com tristeza;
Ouvi do céo uma flor,
Cheia de vosso amor,
Da amada Santa Thereza.
Santa que foi procedida,
De uma illustre geração ;
Da nobre parte é nascida,
E por Deus escolhida,
Mestra na santa oração,
Com viva fê e humildade,
Fez voto de castidade,
E se empregava de contino
A Deus, ao Esposo divino
Linda flor religiosa,
Teve amores verdadeiros,
Fundadora e protectora
É de trinta e dois mosteiros.
À suas santas habitações
Lhe vieram mil relações
Lá dos imperios do céo ;
E o Senhor, por encobrir alteza,
À portaria bateu
Pedindo esmola a Thereza.
Thereza compadecida,
Pesa-lhe n'alma e na vida
Este pobre vir tão tarde,
E em ter dado o que havia :
Mas ó coração lhe dizia
Que ao refeitório tornasse

P'ra vêr se tinha algum pão
 Para dar áquelle irmão.
 Devo começar pela verdade:
 Achou cheio o refeitorio
 De comer em quantidade.
 Ella o regaço enchia
 De mantimento que havia,
 E ao seu irmão dizia :

—Tomae, que Deus vol-o dá.
 Só vos peço com humildade,
 Que vindes aqui cada dia
 Aqui a esta portaria,
 Que vos quero na verdade
 Dâr a vossa caridade.

O Senhor, por não faltar ;

«Por quem heide perguntar?
 —Por Thereza de Jesus.
 «E eu sou Jesus de Thereza.

O Senhor desapareceu ;
 Thereza com gloria tanta
 Ficou enlevada ao céo.
 Quem d'isto tiver memoria
 De Jesus alcançará a gloria.



Santa Thereza

(Versão de Evora — ALEMTEJO)

Santa Thereza de Jesus
 Fez voto de castidade,
 Teve amores verdadeiros
 Jesus com quem fallava.

O Senhor lhe appareceu,
Em pobre se converteu,
À portaria bateu,
Pedindo uma esmola a Thereza.
A santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Pesou-lhe n'alma e na vida,
Em o pobre vir tão tarde.
O seu coração lhe dizia,
Que ao refeitório tornasse,
Para vêr se havia pão
Para dar áquelle irmão.
Correu Thereza ao refeitório,
Achou-o cheio em quantidade,
Escolhendo da melhoria
O seu regaço enchia.
Disse a Santa com alegria :
— Tomae, tomae, irmão meu,
Já que Deus vos deu,
Mais a sagrada Maria.
Eu vos peço por humanidade,
Que venhaes aqui cada dia,
Que vos quero na verdade
Dar a vossa caridade
Aqui n'esta portaria.

O Senhor lhe respondeu,
Encobrimdo a sua alteza :

« Quando eu aqui tornar,
Por quem heide perguntar ?

A Santa, por não faltar :

— Por Thereza de Jesus.

O Senhor lhe respondeu,
Descobrimdo sua alteza :

«Vós sois Thereza de Jesus,
E eu sou Jesus de Thereza.
Ditas as santas palavras,
O Senhor desapareceu ;
A Santa ficou em gloria
Toda enlevada ao céo.



ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Santa Thereza

(Versão de Porto da Cruz)

Cantae, anjos do Senhor,
Da sua graça n'alteza ;
Tendes no céo grande santa,
La madre Santa Thereza.
Essa esposa de Christo
Foi de amores verdadeiros ;
Madre Santa protectora
De vinte e oito mosteiros.
Chegada á portaria,
Vem um velho da pobreza.
Que logo assim lhe falla :

—Esmola, Madre Thereza.
«Ai, irmão, muito me pesa,
Mas, com dor d'alma sentida,
Vos digo, chegastes tarde,
Já dei toda la comida.

E logo uma voz lhe diz,
Que p'ra dar áquelle irmão,
Se volvesse ao refeitório,
Inda havera de achar pão.
É n'essa voz confiada,
Ao refeitório voltou ;

Tanta comida lá viu,
 Que lo regaço fartou!
 Thereza, com gracia tanta,
 Ao pohre diz: «Irmão meu,
 Tomae lá, levae, irmão;
 Vossa é que Deus la deu.
 E de mim, irmão, vos rogo,
 Aqui venhaes, cada dia,
 Vossa esmola receber
 N'esta mesma portaria.

—Cá virei todol los dias,
 Emquanto Deus vos dér luz,
 Por quem heide perguntar?

«Por Thereza de Jesus.

Em cada dia despois,
 Nunca lo velho faltou;
 Mas, no dia derradeiro
 Thereza lhe perguntou:

«Sou Thereza de Jesus,
 De Jesus sou com certeza;
 E vós, irmão. vós, quem sois?
 —Eu sou Jesus de Thereza,

Tomemos d'isto memoria:
 Que la divina grandeza
 A gente dê mer'cimentos,
 Como los deu a Thereza.
 Oh Madre Santa Thereza,
 Do jardim do céo la frol,
 Seja eu erva rasteira
 Ao pé d'esse gira-sol.

ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES

Santa Thereza*(Versão da Ilha de S. Jorge)*

Dae, altissimo Senhor,
Vossa graça com presteza,
Do céo desceu uma estrella,
A madre Santa Thereza:
Santa que era procedida
De uma illustre geração,
Por ser por Deus escolhida
Para mestra da Oraçãõ.
Esta era a gloriosa,
Que tinha amor verdadeiro ;
Santa que era fundadora
De trinta e dois mosteiros.
Com humildade e mór fé,
Fez voto de castidade ;
Era esposa divina
Da Santissima Trindade.
Appareceu-lhe o Senhor,
N'um velho se convertera,
A pedir esmola a Thereza ;
Santa Thereza, lhe dissera :

« Ai, muito, muito me pesa,
Pesa na alma e na vida,
Não lhe fazer caridade,
Já ter dado a comida.

Mas nõ coração lhe pediu
Que ao refeitorio tornasse,
A vêr se achava algum pão
Que áquelle irmão offertasse.

Achou o refeitorio cheio,
A comida em quantidade ;
Com excesso de alegria
Enchia o seu arregaçõ.
D'esta maneira dizia :

«Irmão, irmão, tomae lá.
Pois já que Deus vol-o deu,
Peço-vos que aqui venhaes ;
Quero-vos em cada dia
Fazer uma caridade.

—Eu a esta portaria
Por ter occasião e luz,
Por quem heide perguntar?
«Por Thereza de Jesus.

Em breve se foi o pobre,
Ao outro dia tornou,
Com caridade e certeza
Thereza lhe perguntou :

«Meu velho, como se chama?
—Chamo-me Jesus de Thereza,

Quem d'isto tiver memoria,
Receberá divina alteza.

4

ROMANCE DO POBRE PRESO

(Versão da Ilha de S. Jorge)

—Senhora santa Catherina,
Senhora Catherina santa,
Que era tanto cantadeira,
E porque agora não canta?

«Não canto. nem cantarei,
Tenho o meu marido preso
No Limoeiro do Rei!
Talhei lhe sete camizas,
Todas sete lh'as mandei;
Acceitou-as e beijou-as
E tornou-m'as a mandar:

— «Para que quero eu camisas,
Se as não posso lograr!
Se meu corpo está disposto
Para depois do jantar.
Dizei-lhe aos meus filhinhos,
Que orfãos se podem chamar;
E dizei aos meus visinhos
Que me podem perdoar.
Dizei á minha mulher
Que se trate de casar;
E dizei ao thezoureiro
Que me toque o meu signal,
E dizei aos padres santos
Que venham-me acompanhar;
Que tragam as cruzes todas
Mais o habito saial.—

«Heide escrever uma carta
Ao rei de Inglaterra,
Que me mande o meu marido
De saude, conforme era;
Se m'o elle não mandar
Fortes guerras heide armar;
Vinte soldados em terra,
Trinta navios no mar!
Se as espadas forem poucas
Eu serei da dianteira,

Minha roca será lança,
 Minha mantilha bandeira.
 E todos hão de dizer :
 =Forte mulher de guerreira !
 Por amor do seu marido
 Bota rosto á barreira.=
 Cavalleiros vão por terra,
 E as cartas pelo mar,
 Dar novas a el-rei que mande
 O meu marido soltar !
 Irão pelo mar as cartas,
 Cavalleiros vão por terra ;
 Que me solte o meu marido,
 Senão, que eu lhe armarei guerra.

5

ORAÇÃO DE S. BERTHOLAMEU

(*Versão de Porto da Cruz—MADEIRA*)

Bertholameu poz-se em pé,
 Seu bordão logo tomou ;
 Seu pé direito alçando,
 Seu caminho longe andou.
 E Jesus que o encontra :
 —Onde vaes, Bertholameu ?
 «Ia em procura de vós,
 Meu Jesus e Senhor meu.
 —Bertholameu, torna atraz,
 Eu te darei um condão ;
 Com elle não ha quebranto.
 Pr'a mulher, nem p'ra varão
 Los quatro cantos da casa
 Quatro anjos guardarão ;

Com elles não ha quebranto
 P'ra mulher. nem p'ra varão.
 Vinde homens e mulheres,
 Vinde abaixo vêr lo mar;
 Como San Lucas, Matheus,
 Vinde los hens entregar.

- «Palominhas do Senhor,
 No bico lo que levas?
 «—Levamos los santos oleos
 Com que christãos vós chamaes.

Quem esta Oração disser
 Tres na noite. tres no dia,
 Assiste-lhe o Bom-Jesus,
 Filho da Virgem Maria.
 De rocha não cahirá.
 De parto não p'rigará;
 No mar não se afogará;
 Lume não no queimará,
 Mão finada não verá,
 Má morte não morrerá;
 Tres dias antes que morra
 La Virgem Maria verá.

*

(Variante da ilha de S. Jorge — Açôres)

San Bartholomeu me disse:
 Quer dormisse, quer velasse,
 Que nenhum medo tomasse,
 Nem da onda, nem do mar,
 Nem d'aquella malfadada
 Que tem uma mão furada,
 E a boaca esfarrapada.
 Cruz em monte, cruz em ponte,
 Que o diabo não me affronte,

6

ORAÇÃO DE S. THOMÉ*(Versão de Santa Maria Maior—MADEIRA)*

San Thomé andando, por côxo parou ;
Logo Jesus Christo com elle topou.

- Tu ahi que fazes, que fazes Thomé ?
«Senhor, eu estou côxo, cambado d'um pé.
—Levanta-te, anda. «Senhor, que não posso,
—Caminha, (Ihe manda Jesus, Senhor nosso).

San Thomé levantou-se, andou de caminho,
Seu pé escorreito, que não cambadinho.

- Quem da minha morte e paixão s'alembrou,
La carne quebrada aberta sarou ;
Quem da minha morte e Paixão se alembrou
Membro, que era tôrto, logo direitou.

7

ORAÇÃO DE S. PEDRO E S. PAULO*(Versão de Santa Luízia)*

Pedro e Paulo estão em Roma,
E Jesus los encontrou :

- Dizei-me, que vae por cá ?
(Lo bom Jesus perguntou.)
«Ha malinas, er'sipélas.
—Pedro e Paulo ! voltae,
Eu vos darei lo remedio ;
Ide vós, vêde, curae,

Talhae lo mal das doenças
Com las ervinhas do monte,
E com agua de mistura,
Agua purinha da fonte ;
E não falteis com azeite,
Mas que seja azeite bento
Da lampada que alumia
Lo altar do Sacramento.

8

ORAÇÃO DE SANTA BARBARA

(Ilha de S. Jorge — Açôres)

Oh senhora Santa Barbora,
Perola tão estimada,
Desde que nasceu no mundo
Logo por devoção tomaste
Sempre como um gentio
Rocinava e dizia
Que Barbora, que era santa
Que ao céu assubiria.
Mandou fazer uma torrê
Para meter Santa Barbora
Onde havia sol nem lua. não
Se não sempre a mirar.
No cabo de sete annos
Lhe quisera perguntar:
—Dize-me, tu, minha filha,
Com quem queres ser esposada?
Liberalmente lhe disse:
«Com Jesus, pae da minha alma.

D'aquella hora em diante
 A queria degollar,
 Ella não quiz obedecer,
 Sem vir um anjo do céu,
 Se havia morrer por gloria,
 Se por estrear o véo.

Veiu do céu um anjo :

—Oh Barbora santa! padece,
 Deixa-te ir a degollar,
 Na hora em que tu morrere
 Jesus te hade salvar.
 Trovões e flexas de fogo,
 Doenças e enfermidades.
 Todos estes trez milagres
 Santa Barbora quiz obrar.

Vieram os Anjos do céu
 A Santa Barbora levaram ;
 Os demonios do infernos
 Todos no pae agarraram.



Oração de Santa Barbara

(Versão da ilha de S. Jorge)

Santa Barbara Ludovina,
 Pérola mui estimada ;
 Quando nascestes no mundo
 Logo devoção tomastes,
 Co' filho de Deus fallastes,
 Com elle vos saudastes;
 Vosso pae, como gentio,
 Rouxinol, que lhe diria?
 A menina, que era santa,
 Para o céu assubiria.

Jurou o mouro acabar,
 Se ella o céu fosse gosar,
 Debaixo da mesma fé.
 Quizera-a degolar;
 Ella não obedeceu
 Sem vir do céu embaixada.
 Vem um anjo com cuidado
 A trazer a embaixada:

— Santa Barbara, padece
 Até santa luminar;
 Que depois de padecer
 Bom Jesus te hade salvar.
 Trovão, faiscas dê fogo
 A teu pae hãode abraçar.

Logo ao primeiro trovão
 Santa Barbara foi coroada;
 Desceram os anjos todos,
 Milagre de Santa Barbara!
 Santa Barbara Ludovina,
 Escutae nossa oração;
 Alcançae do bom Jesus
 Para nossa salvação.

9

SANTA CATHERINA

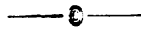
(Versão de Valdigem)

Lá na cidade de Roma,
 Cidade tão celebrada,
 Havia uma creatura
 Catherina chamada

Assim que amanhecia
 Um rosario offerecia ;
 Sua mãe a castigava,
 Que deixasse a fé de Christo,
 E fosse perra malvada.
 Quando seu pae soube d'isto,
 Não lhe tornou a dar nada ;
 Mandou fazer uma roda
 De cutellos e navalhas,
 P'ra castigar Catherininha,
 A vér se a atormentava.
 Um anjo veiu do céo,
 Toda roda espedaçou,
 E lhe disse :

—Alto, alto!

Catherina, Deus te chamou.
 Venha papel e tinteiro,
 Quero fazer minha manda,
 Quero deixar quanto tenho
 A uma pobre christiana ;
 O meu cabello entrancado
 Espalhado pela rua...
 Que saiba o pèrro de meu pae
 Ao que chegou minha ventura.



Oração de Santa Catharina

(Versão da ilha de S. Jorge — AÇÓRES)

Beata Santa Catherina,
 Clara, branca e dina!
 Seu pae era o rei Cosme,
 A mãe era Constantina,
 E lhe pozeram por nome
 Beata santa Catherina,

Nada fostes vós, senhora,
Cidade de Alexandria;
Jesus Christo avistastes
Com muita grande alegria.
Treze dias, treze noites
Em vossa casa estivestes
Sem comer e sem beber,
Aos Doutores convertestes
Com phantasias e flores,
Com navalhas de redór;
Que passasses mais tormentos
Já não quiz o Redemptor.
Mandou os anjos á terra
Quebrar rodas de navalhas,
E d'aquella vez morreram
Onze mil quinhentas almas.
Quando o Salvador tal viu
Seus joelhos põe em terra;
Suas mãos alçou ao céo,
E diz :

«Senhores. senhoras!
Quem minha oração souber,
Será livre, se a disser,
De carceres e prizões,
E de falsos testemunhos,
Para sempre, e Amen.

10

SANTA CLARA

(Versão de Porto da Cruz—MADEIRA)

Santa Clara da minh'alma,
Santa do meu coração,
Soil la mais perfeita joia
Da nossa religião :

Não vos dobrou vosso pae
 Nem a ferro da espada,
 Que vos não mettesseis freira,
 Santa bem-aventurada.

Santa Clara, escrevestes
 Uma carta a Jesus Christo ;
 Portador que vol la leva
 É lo Padre San Francisco,
 Vestidinho de burel ;
 Logo recebe las chagas
 Do divino Manoel.
 Por amor de Santa Clara
 O' divino Manuel
 Estas chagas sararão,
 Cada qual la mais cruel.

 11

ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

(*Versão da ilha de S. Jorge — Açôres*)

A Virgem santa Apollonia
 Pelos calhãos do mar ia,
 E com a dor dos seus dentes
 Encontra a Virgem Maria.
 E perguntou-lhe a Senhora :

- Santa Apollonia; aonde ia?
 (Respondeu ella): «Senhora,
 Em cata de vós me ia.
- Torna atraz, santa Apollonia,
 Que por esses nove mezes
 Que andei com o filho no ventre,
 Que os teus dentes se adormentem.

12

ORAÇÃO CONTRA OS CÔBROS*(Versão da ilha de S. Jorge)*

Jesus ía mais José,
 Por um caminho iam ambos ;
 Jesus perguntou a José :

- Oh José, porque não andas ?
 « Senhor, porque vou doente
 De um fogo e de um cõbro !
 — Anda, que eu te curarei
 Co'agua da fonte que corre,
 E com a folha do monte,
 E tambem com o pó da guia,
 Em nome de Deus
 E da Virgem Maria,
 E o cõbro se secaria.

13

JESUS MENDIGO*(Versão do MINHO e BEIRA BAIXA)*

Indo um lavrador p'ra arada
 Ai, Jesus !
 Encontrou um pobresinho,
 Ai, Jesus !
 E o pobresinho lhe disse :
 Ai, Jesus !
 « Leva-me n'esse carrinho.
 Ai, Jesus !

Levantou-se o lavrador
Ai, Jesus!
A pôr o pobre no carro;
Ai, Jesus!
Levou-o p'ra sua casa,
Ai, Jesus!
P'ra melhor sala que tinha;
Ai, Jesus!
Mandou-lhe fazer a cêa
Ai, Jesus!
Do melhor manjar que havia,
Ai Jesus!
E depois da meza posta
Ai Jesus!
O pobre nada comia.
Ai Jesus!
Mandou-lhe fazer a cama
Ai Jesus!
Da melhor roupa que tinha;
Ai Jesus!
Por baixo damasco rôxo,
Ai Jesus!
Por cima cambraia fina.
Ai Jesus!

Era meia noite em ponto,
Ai Jesus!
O pobresinho gemia.
Ai Jesus!
Levantou-se o lavrador
Ai Jesus!
A vêr o que o pobre tinha;
Ai Jesus!
Achou-o crucificado
Ai Jesus!
N'uma cruz de prata fina.
Ai Jesus!

—Meu Senhor, quem tal soubera,
 Ai Jesus!
 Que em minha casa vos tinha,
 Ai Jesus!
 Mandava fazer preparos
 Ai Jesus!
 Que a minha casa não tinha.
 A! Jesus!
 «Cala-te, oh lavrador,
 Ai Jesus!
 Não te enchas de phantasia;
 Ai Jesus!
 No céu te tinha guardado
 Ai Jesus!
 Cadeira de prata fina;
 Ai Jesus!
 Outra p'ra tua mulher
 Ai Jesus!
 Que também a merecia.
 Ai Jesus! ¹

¹ Na versão de Coimbra vem este final :

«Se soubera, oh meu Deus,
 Ai, meu Jesus!
 Que em minha casa vos tinha,
 Mandava dourar a casa,
 Ai, meu Jesus!
 Tornal-a de prata fina.
 Atirei com o pensamento
 Ai, meu Jesus!
 Lá acima ao altar mór;
 Caiu aos pés do Senhor.
 Ai, meu Jesus!
 Nunca fiz cousa melhor.
 A' porta das almas sentas
 Ai, meu Jesus!
 Bate Christo a toda a hora;
 Vem uma alma á janella,
 Ai, meu Jesus!

O Pobresinho

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Indo um lavrador de arado
P'ra casa no seu carrinho,
Um pobresinho encontrou,
E lhe disse o pobresinho:

—Deixae-me ir n'esse carrinho.

Apeou-se o lavrador,
E subiu o pobresinho;
Levou-o p'ra sua casa
P'ra melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a ceia
Dos melhores manjares que havia.
A ceia já estava feita,
Pobresinho não comia.
Mandou-lhe fazer a cama.
Da melhor roupa que tinha;
A cama já era feita
E o pobre não dormia.
Era meia noite em ponto
E o pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador
P'ra vêr o que o pobre tinha;
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

«Se eu soubera quem vós ereis,
Outro agasalho vos dera,

«Vós, Senhor, que quereis agora
—Quero que deixeis o mundo,
Ai, meu Jesus!
E vos vindes para a gloria.

Dera-vos sala de prata
 Forrada de primavera. ¹

—●—
Jesus Peregrino

(Versão da Ilha Terceira — Açores)

Vindo o lavrador da arada,
 Encontrou um pobresinho;
 O pobresinho lhe disse :

—Leva-me no teu carrinho.

O lavrador se desceu
 E subiu o pobresinho;
 Levou-o p'ra sua casa,
 P'ra melhor sala que tinha ;
 Mandou-lhe fazer a ceia
 De capão e de gallinha ;
 Mandou-lhe fazer a cama,
 Oh, que rica cama tinha !
 Por cima lençóis de renda,
 Por baixo cambraia fina.
 Lá pela noute adiante
 O pobresinho gemia ,

¹ Em outra versão de Elvas, vem este final :

—Escuta, lavrador, escuta,
 Porque amanhã é o teu dia.
 A tua mulher nos infernos,
 Tu na minha companhia.

E na versão de Resende :

—Apronta-te, lavrador,
 Está tua hora chegada,
 E lá no reino da gloria
 Está tua alma salvada.

Levantou-se o lavrador
 A vêr o que o pobre tinha,
 Achou-o crucificado
 N'uma cruz de prata fina.

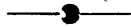
«Se eu soubera, oh meu Jesus,
 Que em minha casa vos tinha,
 Vos teria outros preparos
 Que a minha casa precisa.
 Cala-te, oh lavrador,
 Deixa-te d'essa porfia ;
 Lá no reino de Deus Padre
 Uma cadeira te tinha
 P'ra teu pae, p'ra tua mãe,
 P'ra toda a tua familia.
 Amanhã por estas horas
 Cá te mandarei buscar ;
 Sete anjos e nove archanjos
 Te virão acompanhar.

 14

ORAÇÃO DO JUSTO JUIZ

Justo Juiz regedor,
 Sois direito rei senhor !
 Senhor de tempo antigo ;
 Fostes prezo e amarrado
 De mão de vosso inimigo.
 Fazei, fazei, meu Senhor,
 Por vosso morte e paixão,
 Que se quebrante o inferno ;
 E pela vossa ascensão,
 Os espiritos malignos

De mim queiram-se affastar,
 Sem me poder fazer mal.
 Com a vossa santa paz
 O descuido foi bem forte ;
 Livrae. Senhor, da má morte,
 Da morte da amargura,
 Aquella que sempre dura,
 Dae-nol-a. sim, se pudieses,
 Aquelles que mal nos querem !
 Oh meu senhor bom Jesus,
 P'lo signal da santa Cruz,
 Mais clara de que um espelho,
 Ajudae nos vós, Senhor.
 Com verdadeiro conselho.



Oração da Cruz da Vida

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Deus vos salve. Cruz sagrada,
 Porta do remedio humano !
 P'ra no céo termos entrada
 Fazeis o caminho plano.
 Deito-me aos vossos pés
 Humildemente rendida ;
 O consolo que acho em Deus
 É levar a Cruz da vida.
 Quem a leva mais pezada
 N'ella tem maior partido.
 Acaba, alma, de entender,
 O que mundo não explica :
 Na outra vida é a gloria,
 Nos trabalhos é a dita.
 Peccador, olha que tens
 Muitas culpas contra ti ;

Olha que tens só uma alma,
Se a perdes, ai de ti!
Olha que a morte é só uma,
Só uma vez hasde morrer;
E não tornas a vêr Deus,
Eternamente hasde arder.
Nem tornas a vêr Deus,
Nem acabas de penar!
Chega-te aos Sacramentos,
Faze oração mental;
Reza o Rozario á Virgem,
Que as almas vae visitar.
A musica de um anjo,
Enche o mundo de alegria;
Que farão os anjos todos
De meu Deus em companhia?
Oh alma, despresa o mundo,
Que é uma grande immundicia,
Faze por ganhar a gloria,
Que é uma grande delicia.

15

ORAÇÃO DO PECCADOR

(Versão da Ilha de S. Jorge)

— Vinde para mim,
Meu Deus e Senhor;
Salvae a minha alma,
Que eu sou peccador.
Que eu sou peccador,
Não vos sei pedir;
Em vos não amar
Penas me assistiram.

Penas me assistiram,
 Vou continuando,
 Que a minha alma é triste,
 Pelo chão anda.
 Pelo chão anda,
 Não s póde erguer:
 Meu Deus e Senhor,
 Vinde-me valer.
 «Quizera valer-te,
 Mas tens-me offendido;
 Dá-me aqui um beijo,
 Cerra-me esta ferida.
 —Beijo tão cruel,
 Sem graça nenhuma,
 Reparti. Senhor.
 Commigo alguma.
 «Quizera; não posso
 Tirar do meu peito;
 Eis aqui as chagas
 Que tu me tens feito.
 Se tu queres saber
 O meu sangue divino,
 Vae-te áquelle fonte
 Beber um pinguinho.
 —Se me daes licença,
 Quero ajoelhar;
 Da vossa lindeza
 Quem se hade apartar?
 Da nossa lindeza?
 Do seu esplendor?
 Vinde para mim,
 Meu Deus e Senhor.

16

ORAÇÃO DO PENITENTE*(Versão da Ilha de S. Jorge)*

Jesus Christo, meu conforto,
 Crucificado e bem morto;
 Perdoaste a vossa morte,
 Sendo cruel e tão forte,
 Perdoae os meus peccados
 Esquecidos e lembrados;
 Como aos pés do confessor
 Não os soube confessar,
 Os confesso a vós, Senhor,
 Que bem o sabeis contar.
 Minha alma se não perca,
 Nem morra sem confissão.
 Oh meu senlor Jesus Christo,
 Christo do meu coração,
 Perdoae os meus peccados,
 Pois sabeis quantos são,
 D'elles eu arrependido
 Vos peço absolvição:
 E me deis a vossa graça
 E a eterna salvação.

17

O PADRE NOSSO (Farsi)*(Versão de Elvas)*

Padre nosso, que estaes nos céos,
Abre os teus braços a Deus.
Santificado seja o teu nome:
Chama o morto pelo seu nome.

*Venha a nós o nosso reino,
Dá-lhe um logar inda que pequeno.
Seja feita a vossa vontade.
Tende d'elle piedade;
Assim na terra como nos céos,
Esteja co'elle o bom Deus.
O pão nosso de cada dia
Enche-lhe a alma de alegria.
Nos dae hoje.
Não lhe negues o monge.
Perdôa-nos as nossas dividas,
Perdôa as almas perdidas.
Assim como nós perdoamos
Aquelles que inda na terra andamos.
Aos nossos devedores.
Perdoa, tu, aos peccadores,
Não nos deixeis cahir,
Deixa os pobres ao céo subir.
Em tentação
Tira-os da afflicção;
Mas livra-nos de todo o mal.
Os mortos do demo infernal.
Amen! Jesus, Maria José,
Tem nas almas sempre o teu pé.*

INDICE

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

II

ROMANCES DE AVENTURAS

§ II—*Cyclo da Esposa infiel*

	Pag.
1—Conde de Alemanha (Versão da Beira-Alta)	1
— (Versão da Beira Baixa)	4
— (Versão de Traz-os-Montes) ..	6
— (Versão de Celorico de Bastos) ..	8
— (Versão de Elvas—Alemtejo)	10
<i>A Rainha descoberta</i> (Versão de Elvas)	12
<i>Conde de Alemanha</i> (Versão de Loulé—Algarve) ..	14
ARQUIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Conde Germano</i> (Versão da Camacha)	16
<i>Conde de Germanha</i> (Versão de Campanario)	19
<i>O Conde de Alemanha</i> (Versão de Caniço)	21
<i>Conde de Alemanha</i> (Variante de S. Gonçalo)	24
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Conde de Alemanha</i> (Versão da Ilha de S. Jorge) ..	27
2—Dona Alda (Versão da Calheta—Madeira)	29
<i>Dom Aldonso</i> (Versão de S. Roque)	31
ARQUIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dom Alberto</i> (Variante de Rosaes—Ilha de S. Jorge) ..	33
<i>Flôr de Marília</i> —(Variante de S. Jorge)	34
3—Bernal Francez (Versão alemtejana)	36
<i>Dom Francisco</i> (Versão d'Airão—Minho)	40
<i>Bernal Francez</i> (Versão da Foz e Villa Nova de Gaya)	42
— (Versão de Elvas—Alemtejo)	45
— (Versão de Loulé—Algarve)	48
— (Versão de Estoi—Id.)	50
— (Versão de Faro—Id.)	53

	<u>Pag.</u>
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Bernal Francez</i> (Versão de Camara de Lobos)	55
<i>Dom Francisco</i> (Versão do Funchal)	58
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Bernal Françoilo</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	62
<i>Dom Pedro Françoilo</i> (Versão dos Rosaes)	65
<i>O caso da Francisquinha</i> (Versão de Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel)	68
<i>Bernaldo Francez</i> (Variante de Ponta Delgada)	72
BRASIL	
<i>O Bernaldo Francez</i> (Versão de Rio de Janeiro) . .	74
GALLIZA	
<i>Chegando á ver</i>	77
4—A Morena (Versão de Castello Branco)	78
<i>A Moreninha</i> (Versão do Porto)	81
<i>Frei João</i> (Versão de Rebordainhos — Traz-os-Montes)	83
— (Versão de Oliveira de Azemeis)	85
<i>Mulher falsa</i> (Versão de Mondim da Beira)	87
<i>Frei João</i> (Versão de Elvas — Alemtejo)	88
— (Versão de Loulé — Algarve)	90
<i>A Morena</i> (Versão de Faro)	92
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Frei João</i> (Versão de Ponta da Cruz)	94
<i>Morena</i> (Versão de Machico)	97
<i>Morena e Frei João</i> (Versão do Funchal)	100
<i>Frei João Sem cuidados</i> (Idem)	103
<i>Marianna</i> (Versão do Funchal)	104
<i>O Frade caçador</i> (Versão de Caniço)	105
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Xacara da Morena</i> (Versão da Ilha de S. Jorge) . . .	105
<i>Frei João</i> (Variante, idem)	108
5—O Cordão de Ouro (Versão ribatejana)	110
<i>O Soldadinho</i> (Versão de Urros — Traz-os-Montes) .	112
<i>Entrada de Maio</i> (Versão de Traz-os-Montes)	114
— (Versão abreviada: Duas Igrejas)	116
GALLIZA	
<i>Xeneroso capitán</i> (Versão da Coruña)	117

	Pag.
<i>§ III—Cyclo de Peregrinos e Cativos</i>	
1—Conde Prezo (Versão de Traz-os-Montes) ...	119
<i>Dom Garfos</i> (Variante de Covilhã — Beira Baixa) ..	120
<i>Justiça de Deus</i> (Variante da Beira Alta).....	123
2—A Romeira (Versão de Duas Igrejas — Traz-os-Montes)	126.
3—Branca Flôr (Versão da Extremadura)	128
<i>A Cativa</i> (Versão de Loulé — Algarve)	131
<i>As Duas Irmãs</i> (Versão de Lagos)	134
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>A Cativa rainha</i> (Versão de Funchal).....	136
BRASIL	
<i>Flores-Bella</i> (Versão de Ceará)	144
4—O Cativo (Lição garrettiana : Versão de Lisboa)	147
<i>Cativo de Argel</i> (Lição manuscrita do seculo XVII) ..	150
<i>O Cativo</i> (Versão de Tavira — Algarve)	152
<i>O Christiano</i> (Versão de Lagos)	156
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Historia do Cativo</i> (Versão do Funchal)	159
<i>O Cativo</i> (Versão de S. Gonçalo)	162
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>O Cativo de Argel</i> (Versão de Vellas — Ilha de S. Jorge).....	166
<i>O Cativo</i> (Versão de Ribeira de Areias).....	169
5—Vida alegre (Versão de Valpassos).....	171
<i>§ IV—Cyclo de Xácaras e Coplas de burlas</i>	
1—O Cego (Lição garrettiana — Minho)	173
<i>O Cego fingido</i> (Versão de Celorico de Basto) ...	174
<i>Cego andante</i> (Versão da Covilhã — Beira Baixa) ..	176
<i>O Cego de amor</i> (Versão de Elvas)	179
<i>O Cego pedinte</i> (Versão de Loulé e Lagos — Algarve).....	180
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Historia do Cego</i> (Versão de S. Roque).....	183
— (Variante de Santa Maria Maior).....	184
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>O Cego</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	185

	Pag.
BRASIL	
<i>O Cego</i> (Versão de Sergipe).....	186
— (Versão de Ceará)	188
GALLIZA	
— (Versão da Coruña).....	190
2—Linda a Pastora (Versão de Lisboa)	191
<i>Rosa</i> (Versão do Porto)	193
<i>Linda Pastorinha</i> (Versão de Covilhã — Beira Baixa) ..	196
<i>A Pastorinha</i> (Versão de Elvas — Alemtejo).....	200
<i>Os dois Irmãos</i> (Versão de Elvas).....	202
<i>A Pastorinha</i> (Versão de Campo Maior)	203
<i>Linda Pastorinha</i> (Versão de Loulé e Lagôa — Algarve).....	204
<i>A Pastorinha</i> (Versão de Lagos).....	208
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Pastora Linda</i> (Versão de Ponta Delgada).....	209
— (Variante de Ponta de Sol).....	212
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Rosa Pastorinha</i> (Versão da Ilha de S. Jorge).....	213
<i>A Pastora</i> (Versão do Bom Despacho — Ilha de Santa Maria)	215
BRASIL	
<i>A Pastorinha</i> (Versão de Sergipe).....	218
GALLIZA	
<i>Mariquiña</i> (Versão da Coruña)	219
3—Dona Ausenda (Versão garrettiana — Minho) ..	222
4—Flôr do dia (Versão da Ilha de S. Jorge — Açores) ..	226
5—O Toureiro namorado (Versão da Covilhã) ..	228
6—O Comboio (Versão da Beira)	229
7—A Freira arrependida (Versão da Covilhã — Beira Baixa)	230
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>A vida da Freira</i> (Versão de Funchal)	233
— (Variante de Santa Maria Maior) ..	225
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Vida da Freira</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	237
<i>Vida do Frade</i> (Idem)	240
<i>Queixas de um Frade</i> (Versão de Setubal de 1790) ..	241

	Pag.
8—Confissão do Pastor (Versão da Ribeira de Areias — Ilha de S. Jorge).....	242
9—A doente (Cabeço das Mós — Sardoal)	244
10—Carta do Soldado (Versão de Lisboa)...	245
11—Carta da Mulher (Idem)	247
12—Alvoradas (Versão da Ilha do Pico)	248
13—Real Caçador (Versão de Santo Antonio—Madeira)	249
14—A Mulher do Almoceve (Versão de Funchal — Madeira)	250
<i>O tio Jorge Coutinho</i> (Versão de Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel)	252
15—O Cabelleira (Versão de Pernambuco—Brasil)	254
16—Mal de amores (Versão de Sergipe—Brasil).....	255
17—O Marido Pastor (Versão do Campo de Vitorias — Traz-os-Montes).....	256
18—Mal casada (Versão de Campanario—Madeira)	257
19—O Viuvo (Idem)	259
20—O Velho gaiteiro (Versão de Beja—Alemtejo)	260
<i>Maravilhas do meu Velho</i> (Versão de Moimenta da Beira).....	261
<i>A viuva casadeira</i> (Versão de Loulé—Algarve) ...	262
— (Versão de Beja — Alemtejo).....	263
<i>Viuva resignada</i> (Versão do Minho).....	264
<i>Pranto da Viuva</i> (Versão de Loulé)	265
21—Redondo Sinhá (Versão de Sergipe).....	266
22—O Frade Loyo e o Franciscano (Lição do seculo XVIII)..	268
23—Mulatinha (Versão de Caniço — Madeiras) ..	270
<i>A Mulatinha</i> (Versão de Sergipe — Brasil).....	272
24—Quero bem á mulatinha (Versão de Sergipe).....	274
25—A Villóa (Versão de S. Roque — Madeira) ...	275
26—O Galante (Versão de S. Jorge — Açores)..	276
27—Missã do Gallo (Versão de Ponta Delgada — Madeira)	277
28—Chama Rita (Versão do Porto da Cruz — Idem)	279
29—Amor do Soldado (Versão de S. Martinho — Madeira)	280

	Pag.
30—Morenita (Versão de Motella e Vimioso— Traz-os-Montes).....	281
31—O Laranjal (Versão da Junqueira—Traz-os Montés).....	282
32—Sim e não (Versão de Lisboa)..	283
33—Os Frades (Versão de Thomar, do secu- lo XVIII).....	284
<i>Os Frades da Graça</i> (Versão da Ilha da Madeira)..	»
34—O Passaro (Versão de Abrantes).....	285
<i>O Canario</i> (Variante de Loulé).....	286
35—Bandeira de guerra (Versão da Calheta, Ilha de S. Jorge).....	287
36—Campezinhas (Idem).....	288
37—Candidinha (Versão da Ilha de Santa Maria —Açores).....	289
<i>Fragmentos de Romances</i> (Idem).....	290
<i>Letreiro de uma sepultura</i> (Seculo XVI).....	291
38—Gallinha Pinta (Versão de Penafiel).....	»
<i>Gallinha Pintada</i> (Versão do Cano—Alemtejo)...	293
39—O Gato Bella-Saude (Versão de Ponta Delgada—Açores).....	294
<i>O Senhor Dom Gato</i> (Versão de Villa do Cano— Alemtejo).....	295
<i>O Gato da Velha</i> (Idem).....	»
40—Romances de Cegos (Fragmentos de Porto e Coimbra).....	296
41—Amphiguri (Versão de Lagos).....	297
42—Disparates (Versão de Lagos).....	299
— (Versão de Cuba—Alemtejo).....	300
<i>Amphiguri</i> (Versão de Loulé).....	301

III

ROMANCES HISTORICOS E LENDARIOS

§ 1—Cyclo Neo-Godò e Mosarabe

1—Monte Medulio (Galliza).....	303
2—O Velho Maioral (Versão de Tábua—Serra da Estrella).....	304
3—Dom Julião (Versão de Silves—Algarve)...	306
4—Dom Rodrigo (Versão de Tavira, Fuzeta— Idem).....	308
<i>Penitencia do Rei Dom Rodrigo</i> (Versão de Lugo— Galliza).....	311

	Pag.
<i>Lenda de Castro de Avelãs — (Bragança)</i>	312
5—Poder da Moirama (Ms. de Celanova — Galliza)	313
6—Figueiral (Lição Ms. do seculo XV)	315
<i>Santhiago</i> (Lição Ms. do seculo XV).....	317
7—O Cavalleiro da Silva (Versão do Algarve)	"
8—Ruy Cid (Versão de S. Martinho — Madeira) ..	320
<i>O Moiro atraçoado</i> (Versão da Ilha de S. Jorge— Açores)	325
<i>Guai Valença</i> (Lição de Gil Vicente).....	326
9—Le Moro (Versão de Miranda — Traz-os-Montes).....	327
10—Mouro Pêro (Versão de Duas Igrejas — Traz os-Montes)	329
11—Don Vela (Versão Ms. do seculo XIV)	330

§ II — *Cyclo portuguez tradicional e semi-litterario*

1—Rainha Santa Isabel (Versão de Campo Maior — Alemtejo)	334
<i>Rainha Santa</i> (Versão de Funchal — Madeira).....	336
2—Canticos das Freiras de Santa Clara —(Lição Ms. do seculo XV)	338
3—Dona Inez de Castro (Lição Ms. do seculo XVIII)	340
4—Tonadilha dos Pobres , ao Condestavel	342
5—Endechas ao Condestavel (Lição do seculo XV)	343
<i>Epitaphio do Condestavel</i>	346
6—Padeira de Aljubarrota	347
7—Oh noite má (Rifão de 1460).....	347

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

8—Triste noivo (Versão de Campanario)	348
<i>Má nova</i> (Variante de Caniço)	349

ARCHIPELAGO DOS AÇORES

<i>A má nova</i> (Versão de Urzelina — Ilha de S. Jorge).....	351
<i>O Casamento mallogrado</i> (Idem)	352
<i>Novas ruins</i> (Versão de Sergipe — Brasil)	354
9—La Cantiga del Mirandum (Traz-os-Montes)	356
10—A victoria de Salsete (Lição de Diogo de Couto).....	"

	Pag.
11—Despedida de Lisboa (Versão de Coimbra).....	356
<i>Dom Joaquim</i> (Versão do Algarve).....	358
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Não que vae a guerra</i> (Versão de Porto da Cruz).	360
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
<i>Dom João da Armada</i> (Versão da Ribeira do Nabo, S. Jorge).....	352
<i>Dom João, Rei da Armada</i> (Versão da Ribeira de Areias — Idem).....	365
<i>Batalha de Lepanto</i> (Variante de Vellas — Idem) ..	367
<i>A Náo de Dom João</i> (Versão da Ilha de S. Miguel).	370
11—Terremoto de Villa Franca do Campo (Lição de Gaspar Fructuoso).....	373
12—Derrota de Alcaacer-Kibir	375
13—Trovaa do Ramalhão (Versão de Lisboa).....	377

IV

ROMANCES SACROS E DEVOTOS

§ I — *Cyclo evangelico popular*

1—Principio do Mundo (Versão de Porto da Cruz — Madeira).....	373
2—Os sete Sacramentos (Versão de Lagos)	380
3—Angelina gloriosa (Versão de Porto da Cruz — Madeira).....	382
— (Versão de Carrazeira de Anciães).....	383
4—Noite de Natal (Versão de Castello de Neiva, — Minho) ..	384
— (Versão de Amarante).....	386
— (Versão gallega).....	387
— (Versão alemtejana).....	388
— (Versão de Traz-os-Montes).....	390
<i>O Presepio</i> (Versão de Atrão).....	391
<i>Caminho de Belem</i> (Versão de Loulé).....	392
5—A Adoração dos Pastores (Versão de Gaia).....	395
6—Infancia de Jesus (Versão de Loulé)....	304
— (Variante de Coimbra).....	395
— (Variante do Alemtejo).....	396
7—Nascimento do Senhor (Versão de Celorico de Basto).....	397

	Pag.
<i>Jesus pequenino</i> (Versão de Coimbra)	308
8—Offertas ao Menino (Idem).....	»
<i>O meu Menino</i> (Idem).....	399
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
9—O Natal (Versão de Machico)	400
<i>A meia noite</i> (Versão de Porto da Cruz)	401
10—O Menino Deus (Versão do Funchal)	402
<i>Os Pastores</i> (Versão de Machico)	403
11—Oração de San José (Versão da Calheta)	405
<i>Nossa Senhora tecedeira</i> (Versão de Porto da Cruz)	406
ARCHIPELAGO DOS AÇORES	
12—Noite de Natal (Versão da Ilha de S. Jorge)	»
<i>Natal</i> (Idem).....	407
— (Idem)	408
13—Fugida para Belem (Versão de Velas	
— Idem).....	409
— Variante (Idem).....	410
14—Os Santos Reis (Versão de Airão — Mi-	
nho)	»
<i>Os Reis Magos</i> (Idem)	413
<i>Os Santos Reis</i> (Arredores do Porto).....	»
<i>Dia de Reis</i> (Variante de Airão).....	415
<i>Visitação dos Pastores</i> (Idem).....	417
<i>Os Reis</i> (Versão de Villa Nova de Gaya).....	418
<i>Santos Reis</i> (Versão de Loulé) ..	420
— Variante de Elvas).....	421
<i>Os Reis Magos</i> (Versão da Ilha de S. Jorge — Açores)	423
— (Idem)	424
15—Oração das Endoneças (Versão de	
Airão).....	425
— (Versões de Campo Maior — S. Vicente, Villa Fernando, Elvas)	227
16—As doze petições (Versão de Elvas)	430
17—Martyrios do Senhor (Versão de Juro-	
menha).....	433
18—A Resurreição (Versão de Celorico de	
Basto)	434
19—As tres Marias (Versão de Villa Boim)...	435
<i>A Eucharistia</i> (Versão de Elvas).....	436
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
20—Endoenças (Versão de Porto da Cruz)	437
<i>Sexta Feira Santa</i> (Versão da Calheta).....	438

	Pag.
21—As Almas Santas (Versão da Calheta) . . .	440
22—Nossa Senhora da Luz (Versão da Ponta do Sol)	441
23—San Pedro (Versão de Camara de Lobos) . . .	»
(Variante de Funchal)	442
24—Pregação de San João (Idem)	443
(Variante de Santo Antonio)	445
25—Nossa Senhora Cuidosa (Versão da Calheta)	446
ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES	
26—Presentimento da Paixão (Versão da Ilha de S. Jorge)	»
<i>Véspera do Sacrificio</i> (Idem)	447
27—A Paixão (Idem)	448
28—Planto da Senhora (Idem)	450
29—Passos do Senhor (Idem)	453
<i>Oração diante da Coróa do Espirito Santo</i> (Versão de Flores e Corvo)	456
— (Versão da Ilha de S. Jorge)	»
§ II— <i>Cyclo Marial</i> —Milagres da Virgem	
1—A Senhora das Angustias (Versão do Algarve)	458
2—A fonte das Almas (Idem)	460
3—A Senhora da Piedade (Idem)	462
4—Nossa Senhora dos Martyres (Versão de Castromarim—Algarve)	465
5—A devota da Ermida (Versão de Traz-os-Montes)	469
<i>O testemunho da porta</i> (Versão de Airão—Minho)	471
<i>A Pastorinha</i> (Versão de Elvas)	472
<i>A Devota da Ermida</i> (Versão de Loulé)	474
<i>Santa Cecilia</i> (Versão do Algarve)	475
6—A Senhora da Qrada (Versão de Albufeira—Algarve)	477
<i>Bom Jesus de Padrão</i> (Variante de Loulé)	479
8—A filha do Rei de Roma (Versão de Airão)	481
— (Variante de Traz-os-Montes)	483
9—Nossa Senhora do Prado (Versão alem-tejana)	484
10—Nossa Senhora do Monte (Versão de Nossa Senhora do Monte—Madeira)	486
11—Senhora do Monte (Idem)	488

	Pag.
12—Oração do Rosario (Versão de Alqueidão das Olalhas)	489
13—A confissão da Virgem (Variante da Foz do Douro)	491
<i>Confissão de Nossa Senhora</i> (Versão de Abrantes) ..	493
<i>Confissão da Virgem</i> (Versão de Elvas e Loulé) ..	494
14—Orações da Amargura (Versão de Loulé)	496
15—Virgem da Conceição (Versão do Minho)	498
<i>Senhora da Conceição</i> (Versão de Loulé)	499
— (Variante de Campo Maior)	"
— (Variante de Villa Boim)	500
16—Romagem de San Thiago (Versão de Ourilhe)	501
<i>Dia de Juízo</i> (Versão do Porto) ..	502
<i>Alma peccadora</i> (Versão do Porto da Cruz — Madeira)	503
17—A Senhora da Conceição (Versão do Minho)	505
§ III — <i>Cyclo Santoral</i> — Lendas piedosas	
1—Santa Iria (Versão de Santarem)	507
— (Versão da Villa Nova de Gaya) ..	500
— (Variante da Covilhã — Beira Baixa)	510
<i>Santa Helena</i> (Variante do Minho)	511
<i>Santa Iria</i> (Versão de Celorico de Basto)	513
— (Versão do Fundão)	"
— (Versão de Loulé)	515
— (Variante de Loulé)	517
— (Versão do Algarve)	519
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Santa Irena</i> (Versão da Calheta)	523
<i>Morte de Santa Iria</i> (Versão de Porto da Cruz) ..	525
ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES	
<i>Santa Iria</i> (Versão de S. Jorge)	526
BRASIL	
<i>Iria-a-fidalga</i> (Versão de Rio de Janeiro)	527
GALLIZA	
<i>Santa Irena</i> (Versão de Lugo)	528
2—Santo Antonio e a Princeza de Leão (Versão da Ilha dos Açores)	530

	Pag.
<i>Santo Antonio e a Princesa</i> (Versão do Algarve) ..	531
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
<i>Santo Antonio</i> (Versão de Ponta do Sol).....	535
<i>Santo Antonio de Lisboa</i> (Versão de Santo Antonio)	538
<i>Alvorada</i> (Flores e Corvo — Açores)	541
<i>Santo Antonio</i> (Arredores de Lisboa).....	543
<i>Resposos a S.^{to} Antonio</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	547
3—Santa Thereza (Versão de Beja — Alemtejo)	549
— (Versão de Evora — Idem)	550
ARCHIPELAGO DA MADEIRA	
— (Versão de Porto da Cruz)	552
ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES	
— (Versão da Ilha de S. Jorge).....	554
4—Romance do Pobre prezo (Idem)....	555
5—Oração de S. Bertholameu (Versão de Porto da Cruz — Madeira)	557
— (Variante da Ilha de S. Jorge)....	558
6—Oração de S. Thomé (Versão de Santa Maria Maior — Madeira).....	559
7—Oração de S. Pedro e S. Paulo (Versão de Santa Luzia)	”
8—Oração de Santa Barbara (Ilha de S. Jorge).....	560
— (Idem)	561
9—Santa Catherina (Versão de Valdigem)....	562
— (Versão de S. Jorge).....	563
10—Santa Clara (Versão de Porto da Cruz—Madeira)	564
11—Oração de Santa Apollonia (Versão da Ilha de S. Jorge — Açores)	565
12—Oração contra os Cöbros (Idem)	566
13—Jesus mendigo (Versão do Minho e Beira Baixa)	”
<i>O Pobresinho</i> (Versão de Elvas — Alemtejo).....	569
<i>Jesus Peregrino</i> (Versão da Ilha Terceira — Açores)	570
14—Oração do Justo Juiz (.)	571
<i>Oração da Cruz da Vida</i> (Versão da Ilha de S. Jorge)	572
15—Oração do peccador (Idem)	573
16—Oração do penitente (.)	575
17—O Padre Nosso (Versão de Elvas — Alemtejo)	”
<i>Indice</i>	577

RETURN TO the circulation desk of any
University of California Library
or to the

NORTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
Bldg. 400, Richmond Field Station
University of California
Richmond, CA 94804-4698

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS
2-month loans may be renewed by calling

510 (415) 642-6753

1-year loans may be recharged by bringing books
to NRLF

Renewals and recharges may be made 4 days
prior to due date

DUE AS STAMPED BELOW

APR 01 1992

Returned by

FEB 18 1992

George C. ...



U.C. BERKELEY LIBRARIES



C003302808



